

AUTORA BESTSELLER DA AMAZON

JÉSSICA MACEDO

Ela achou que tinha sido
abandonada...
Ele imaginou tê-la
perdido para sempre...



Eternamente
MINHA





Eternamente
MINHA
JÉSSICA MACEDO



Belo Horizonte | 2020

Copyright ©2019 by Editora Portal

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra - física ou eletrônica -, sem autorização prévia do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico de Capa e Miolo

Jéssica Macedo

Preparação de Texto

Aline Damaceno

Revisão

Ana Roen

Esta é uma obra de ficção. Nomes de pessoas, acontecimentos, e locais que existam ou que tenham verdadeiramente existido em algum período da história foram usados para ambientar o enredo. Qualquer semelhança com a realidade terá sido mera coincidência.

Para todos que acreditam no amor...

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Epílogo](#)

[*Sobre a autora*](#)

[**Outras obras**](#)

Sinopse

Vitor Doneli era um playboy e o herdeiro de um império, mas ele decidiu desafiar o pai e traçar o próprio caminho, antes que o destino pesasse sobre ele e fosse obrigado a se tornar o CEO da empresa da família. Cursando Direito em uma faculdade pública, cercado de amigos e mulheres de vários níveis sociais abaixo do dele, terá a sua realidade de cafajeste virada de cabeça para baixo quando uma caloura atravessar o seu caminho.

Cíntia deixou sua casa, sua família e seu namorado e foi estudar em uma cidade grande. Determinada a se tornar uma advogada, ela não queria um relacionamento, mas o destino estava prestes a surpreendê-la. Cíntia tentou e lutou com todas as forças para não se aproximar, não se apaixonar... Vitor era o completo oposto de tudo o que desejava. Um jovem mimado e rico, que a provocou, enlouqueceu e roubou seu coração.

Uma gravidez inesperada apenas intensificou o amor entre eles. Eram o destino um do outro, ou acreditavam nisso. Porém, o coração deles será partido, promessas serão quebradas, e todo o amor que viveram se tornará uma triste lembrança do passado na qual se negarão a desistir...

Nota da autora

Quando eu escrevi o livro *Nunca te esqueci* há alguns anos, era para ser apenas um *spin off* da série *Outro lado de mim*, voltado para um público adolescente. Era um livro que eu não havia planejado, mas que todos os dias atormentava os meus pensamentos até ser escrito. Eu dormia e acordava com o Vitor falando comigo e me fazendo enxergar cenas do que ele viveu com a Cíntia. O livro finalmente saiu, numa abordagem voltada para um público mais jovem, sem cenas eróticas, porque eu queria que os adolescentes que tivessem lido a série *Outro lado de mim* pudessem ler esse também.

Geralmente, quando um livro sai de mim e eu o entrego para os leitores, os personagens me dão sossego, mas, há algum tempo, esse livro voltou a me chamar; os personagens queriam mais de mim. Eu não sou de voltar a livros antigos e reescrever, já tem tanta coisa nova fervilhando na minha mente rsrsrs; quero dar voz a outros personagens, mas, dessa vez, o Vitor e a Cíntia queriam mais de mim, então, precisei voltar para esse livro e dar a ele novas cenas e uma pegada *hot* que a versão original não tinha.

Dei um título diferente porque o espírito e a pegada desse livro mudaram em relação ao *Nunca te esqueci*. Decidi manter a primeira versão do livro, que ainda está disponível na Amazon, para que os leitores *teens* da série *Outro lado de mim* tivessem acesso a ele. Então, se você quer ler algo mais “florzinha”, recomendo que leia o *Nunca te esqueci*. *Eternamente minha* é *hot* e possui cenas a mais do que o *Nunca te esqueci*, mas ambos contam a história de amor do Vitor e da Cíntia.

Para quem já leu o *Nunca te esqueci*, espero que gostem da releitura e de descobrir coisas novas e mais íntimas sobre eles.

Beijos e boa leitura!

Jéssica Macedo.



CÍNTIA

Prólogo

Dei um passo hesitante na direção do ônibus. O coração batia apertado, minhas pernas estavam bambas. Ainda podia ouvir a respiração pesada dele alguns metros atrás de mim.

— Cíntia? — Ouvi a voz grave sussurrar meu nome.

Engoli em seco e apertei as alças da bolsa que eu segurava entre meus dedos, escorregadios pelo suor gelado. Virei devagar e o encontrei parado próximo ao meio-fio, com as mãos dentro dos bolsos, olhando para baixo. Os olhos cor-de-mel estavam vermelhos; ele continha as lágrimas, assim como eu.

Meus pais estavam um pouco atrás dele e apenas nos observavam. Era noite e as únicas fontes de luz vinham dos postes da praça, mas alguns estavam queimados, então pareciam desaparecer nas sombras.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia ir? — Ele engoliu um soluço e uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

Ver aquilo estilhaçou meu coração em vários pedaços. Era a minha oportunidade de ouro, mas eu não queria deixar o Leonardo para trás.

— Sim... — Fui breve para não gaguejar. — Eu preciso estudar; quero ser advogada, Léo. É o meu sonho! Se eu ficar aqui, não poderei realizá-lo.

— Mas...

— Léo, não! — impedi que ele continuasse. Tinha medo de que, se ele dissesse qualquer coisa, eu mudaria de ideia.

— Cíntia...

— Por favor, não faz isso.

— Não vá!

Ele deu alguns passos até mim e segurou o meu pulso. Meu coração disparou naquele instante; senti um gosto amargo na boca e todas as lágrimas, que eu havia segurado até o momento, caíram de uma única vez.

— Cíntia, por favor...

Ele enterrou os dedos em meu cabelo e afundei o rosto em seu peito.

— Eu preciso ir. — Tentei me afastar, relutante, mas ele me segurou e me puxou de volta.

Quando seus lábios tocaram os meus, o mundo à minha volta parou. Deixei de ouvir o irritante barulho dos grilos e das cigarras e do motor do ônibus ligado. Eu dizia para mim mesma, muitas vezes, que não queria aquele beijo. O que, no fundo, não passava de uma mera ilusão; porém, o beijo poderia mudar toda a minha determinação de partir.

Eu precisei de toda a força do mundo para empurrá-lo e fazê-lo parar, porque tudo o que eu não queria era parar de beijá-lo.

— Léo, chega. Nós terminamos.

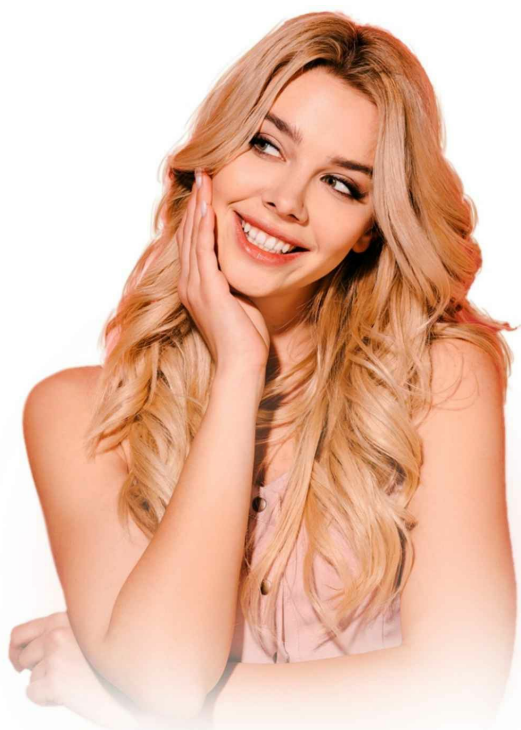
— Mas não é porque deixamos de gostar um do outro. Você só cismou que vai embora.

— Eu preciso ir. — Dei passos cambaleantes para trás.

— Cíntia, espera!

Sai correndo na direção do ônibus.

— Adeus, Léo.



CÍNTIA

Capítulo 1

Bela Vista, 2002

Ainda com o gosto amargo do choro, desci diante da república, que seria minha casa pelos próximos cinco anos. O dia estava nublado, assim como os meus olhos, e o lugar parecia estranhamente sombrio, mesmo com os muros pintados de um amarelo alegre.

Ajeitei a pequena, porém pesada, bagagem sobre o meu ombro, antes de dar um vacilante passo para frente. Dentro dela estavam todas as minhas roupas, amontoadas do jeito mais espremido possível, pois eu não tinha outra mala.

Ouvi o chiado do portão ser aberto e cambaleei para trás. Uma garota de cabelos cacheados, presos em um rabo de cavalo, e pele morena abriu o portão. Custei a identificar os olhos castanhos dela atrás dos grossos óculos. Também estava com dificuldade de enxergar pela ausência dos meus próprios óculos. Abri a bolsa para procurá-los, quando ela me puxou pela mão.

— Ah, você deve ser a caloura. Finalmente chegou! Estou te esperando desde cedo.

— Me desculpe. — Ajeitei os óculos sobre o nariz. — O ônibus quebrou na estrada e o motorista levou um tempo para arrumar.

— Tudo bem. O importante é que você chegou aqui. Meu nome é Beatriz, mas pode me chamar de Bia; serei sua colega de quarto enquanto estiver aqui na moradia estudantil.

— É um prazer conhecê-la. — Estendi a mão trêmula enquanto ainda

equilibrava a mala.

— O prazer é meu. Você deve estar cansada da viagem; vamos entrar. Algumas das outras meninas também chegaram hoje. Vamos colocar suas coisas lá no quarto.

Eu a segui para dentro da moradia. Depois do portão, tinha um pequeno jardim, ou o que restara dele, pois a maioria das plantas estavam secas e isso me deu um aperto no coração. A pequena sala tinha uma televisão, um sofá e estava abarrotada com malas e mais malas, que deveriam pertencer às recém-chegadas.

— Vem, por aqui. — Beatriz fez um sinal para que subíssemos por uma escada que levava aos andares superiores.

O nosso quarto ficava no terceiro andar, de frente para outros dois, em um corredor apertado. Beatriz abriu a porta, revelando um cômodo com dois armários pequenos e duas camas. Era um lugar simples, mas eu não estava acostumada com luxo, então iria servir.

— A cama perto da janela é minha!

— Tudo bem. — Dei de ombros e deixei a bagagem sobre a cama perto da porta.

— Vou deixar você organizar suas coisas. Pode usar o armário perto da cama, a chave está debaixo do guarda-roupa. Qualquer coisa, é só me chamar.

— Muito obrigada, Bia.

— Sinta-se à vontade. — Sumiu de vista antes que eu pudesse agradecer.

Deixei que meu corpo caísse sobre a mala. Estava exausta e, talvez, precisasse dormir um pouco. Abri minha bolsa de mão e tirei de lá uma foto

dos meus pais e suspirei com saudades. Seria difícil ficar tanto tempo sem eles.



Naquela tarde haveria uma palestra para calouros no auditório da reitoria. Tal evento daria início ao ano letivo na faculdade. Eu não queria perder nada.

Passei os dedos pelos meus cabelos loiros e os penteei mais uma vez antes de pegar um bloco de anotações e me insinuar para fora do quarto.

— Ei, onde você vai? — Bia se revirou na cama.

— Ué, para a palestra.

— Se eu fosse você, não iria, não.

— Mas é uma atividade obrigatória. Está aqui no manual do aluno. — Puxei um livrinho da bolsa para mostrar para ela.

— Você leu isso? — Beatriz caiu na gargalhada.

— Mas é claro! — Cruzei os braços.

— Está começando errado, caloura. — Ela balançou a cabeça em negativa.

— Por quê? — Arqueei as sobrancelhas sem entender.

— Querida, as regras nunca funcionam muito bem por aqui. Além disso, o primeiro dia é sempre dos trotes. Todo mundo sabe disso.

— Achei que tinham proibido os trotes.

Beatriz respirou fundo ao apoiar a mão na parede.

— Você é muito inocente.

— É só eu dizer que não quero participar das brincadeiras. — Dei as costas, não queria começar com uma falta logo no meu primeiro dia.

— Boa sorte. — Beatriz deu de ombros, como se não se responsabilizasse por qualquer coisa que acontecesse comigo.

Apertei o bloco de anotações junto ao peito e sai porta afora.

A palestra começava às duas da tarde e havia um ônibus que levava da moradia ao campus da universidade. Sentada no banco, apoiei minha testa na janela do ônibus e fiquei olhando para fora. O campus da faculdade era enorme. Ouvira muito a respeito, mas os comentários pareceram muito modestos diante de todos aqueles prédios. A cidade inteirinha que eu morava cabia ali dentro.

— Moça, o ponto da reitoria é o próximo.

— Obrigada, motorista. — Eu me levantei e desci do ônibus.

Não era a única diante do prédio sob o sol escaldante do meio da tarde. Havia muitos calouros, tão empolgados como eu. Não vi mal algum por estar ali; Beatriz deveria ter exagerado um pouco.

— Olá, seja bem-vinda. — Sorriu para mim uma mulher parada diante da portaria. — O auditório fica à direita.

— Obrigada!

Eu olhava em volta, observando cada coluna, cada lâmpada, placa, ou decoração, como se quisesse memorizar cada pedaço do lugar. Minha mente ainda se negava a aceitar que tudo era real.

— Sai da frente, garota! — Alguém passou esbarrando em mim e cambaleei para frente. — Foi mal.

Entrei no auditório e escolhi um lugar entre os desconhecidos para assistir a palestra, que logo começou. Foi algo introdutório sobre a universidade para todos os cursos. Levou pouco mais de uma hora e, quando acabou, eu segui o fluxo com o restante dos novos alunos.

— Quem aí é calouro do curso de direito? — Ouvi alguém gritar no jardim do meio de um pequeno grupo.

— Eu sou! — Fui até eles empolgada para conhecer meus novos colegas.

— Seja bem-vinda, caloura! — Ouvi uma voz masculina antes de me dar conta que haviam jogado algo contra mim.

Coloquei as mãos na frente do rosto, tentando me proteger do que quer que fosse, mas elas não impediram o impacto de algo viscoso e frio contra o meu rosto.

Cuspi um pouco da *coisa* que entrara pela minha boca e puxei os óculos que estavam cobertos com algo laranja. *Tinta!* Passei a mão pelo rosto tentando me livrar, mas só grudava ainda mais. Enquanto isso, o grupo responsável ria cada vez mais alto do que havia acontecido comigo.

Passei os óculos numa parte limpa da minha blusa e os coloquei de volta, a fim de enxergar o responsável pela tinta.

— Quem fez isso?! — Eu piscava os olhos de forma frenética tentando enxergar, até que, aos poucos, um indivíduo foi tomando forma à minha frente.

Era um cara alto, de pele clara, olhos verdes e cabelos curtos e negros. Ele estava de braços cruzados e ria muito da brincadeira, sem graça alguma, que havia feito comigo.

— Seu idiota! Por que fez isso?

— É só o início dos trotes, caloura.

— Eu não aceitei participar disso.

Ele ouviu o que eu disse e começou a rir ainda mais. As pessoas ao lado dele acompanharam as gargalhadas.

— Quem disse que tem que aceitar algo? Faz parte do ritual de iniciação.

Cerrei os dentes e bufei como um animal furioso.

— Ela está com raivinha, gente.

Fechei as mãos em punhos e cravei os dedos nas palmas das mãos, tentando conter o rompante de raiva que me consumiu. *Como alguém poderia ser tão babaca?*

— Fica brava não, poderia ter sido pior.

— Cala a boca, seu... — Fui para cima dele e dei alguns murros no seu peito, sujando de tinta a camisa preta que ele usava.

— Calma! — Ele me segurou pelos cotovelos, me impedindo de continuar. — Não sabe brincar, não desce pro *play*.

— Eu não desci para coisa nenhuma!

Ergui a cabeça para encará-lo e meus olhos se prenderam aos dele. Eu estremeci inteira com o calafrio que me varreu. Seu olhar me deixou sem fôlego e completamente desnorreada. O filho da mãe era muito bonito, mas por que agia como imbecil? O questionamento me fez retomar o controle sobre mim.

— Me solta! — Puxei meus pulsos; ele soltou e eu cambaleei para trás, e pouco não caí de bunda sobre a grama.

— Ah, vai embora, sem graça!

— A sua brincadeira é que não teve graça nenhuma! Não tinha o direito de jogar tinta em mim.

— Vamos embora, Cíntia.

Olhei para o lado e vi a Beatriz parada ali.

— Uai, o que está fazendo aqui?

— Imaginei que ia acabar se metendo em encrenca. Vamos embora! — Ela me puxou pelo braço, se sujando um pouco no processo.

— *Pera*, ele me sujou, isso não pode ficar assim!

— Vem, Cíntia! — Ela saiu me arrastando contra a minha vontade.



VITOR

Capítulo 2

observei a caloura sair de vista, batendo o pé como uma menina irritada. Isso só me fez rir ainda mais. Se não fosse pela Beatriz, uma garota do meu período, que saiu a arrastando, talvez eu ainda pudesse me divertir bastante. Fiquei lembrando do sotaque dela brigando comigo, o que tornou tudo ainda melhor. Qual era a graça de pregar um trote se o alvo não ficava irritado?

— Viu, Vitor, falei que valeria a pena vir para cá hoje. — Renato, um dos meus amigos desde o primeiro período, colocou a mão sobre o meu ombro.

— Confesso que foi divertido. — Coloquei as mãos dentro dos bolsos, esquecendo que elas estavam sujas de tinta.

— O que acha de irmos no Custódio tomar uma cerveja?

— Cara, eu tô de carro. — Torci os lábios.

— Como se você se importasse com isso.

— Mas depois a minha mãe torra a minha paciência.

— E você liga?

— Não. — Dei de ombros e caímos na gargalhada.

— Então vamos lá.

Segui com o pessoal pela avenida principal da faculdade até o bar que ficava do outro lado da rua, depois da portaria. Era um *copo-sujo*, que sempre estava cheio. Bem diferente de qualquer festa da empresa ou outro lugar que meu pai me levava.

— Pega aí um copo. — Ele me estendeu um enquanto abria a garrafa

para servir a nós dois.

— Valeu. — Tomei um gole. — Isso continua horrível!

— Ah, seu mimado da porra, da próxima vez, traz para gente um daqueles uísques caros da adega do seu pai.

— Não é tão melhor.

— Fraco!

Tomei o copo de uma vez e fiz uma careta. Renato riu ainda mais.

— Ah, vá te catar!

Ele deu de ombros e encheu meu copo outra vez.

— E aquela caloura, Vi, não pareceu gostar nem um pouco do trote.

— E quem liga? Se tivesse gostado, não seria tão divertido.

— Tomara que ela não vá até o reitor; depois das novas regras, podemos nos encrencar.

— Nada que um cheque do meu pai não resolva. — Dei de ombros e tomei mais um gole da cerveja.

— Cíntia, não faz isso!

Ouvi o grito, me virei para a porta e dei de cara com a caloura bufando como um touro. Ela roubou o copo da minha mão e jogou no meu rosto antes que eu pudesse reagir.

— Foi divertido agora, babaca?

— Ficou louca?! — Cuspi a cerveja gelada que escorria pelo meu rosto.

— Desculpa, Vitor. Ela é nova por aqui.

— Ela é louca! — Sequei o rosto na minha camisa.

— Vamos nessa, Cíntia! — Ela saiu arrastando a caloura outra vez.

Minha vontade foi esfolar as duas. Mas não fiz nada.

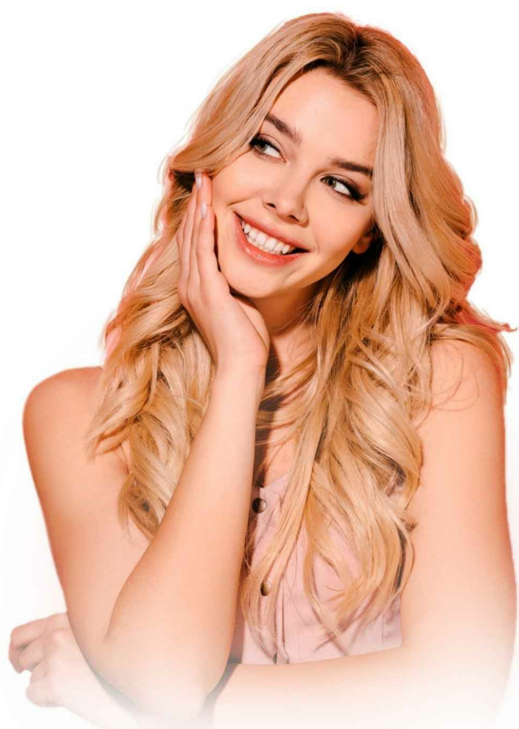
— Nervosinha essa daí. — Renato se contorcia para engolir o riso.

— Fica na sua ou vai sobrar pra você. — Fuzilei-o com o canto de olho.

— Não tá mais aqui quem falou.

— Vou nessa. Preciso de um banho. — Saí bar afora.

— Ei, Vitor, é você quem tem dinheiro. — Ele deveria estar falando da conta, mas não dei a mínima. Precisava de um banho ou voaria em alguém.



CÍNTIA

Capítulo 3

Ainda estava uma pilha de nervos quando cheguei ao meu quarto na moradia estudantil, com Bia logo atrás de mim, para garantir que eu não sumisse de sua vista, como tinha acontecido minutos antes, quando aproveitei para ir atrás do cara e dar o troco. Minha nova colega de quarto estava furiosa, mas eu ria por dentro, mesmo suja de tinta. Havia dado o troco e estava satisfeita. Havia deixado claro ao garoto nojento que nem tudo é como ele queria.

— Não deveria ter feito isso, Cíntia! Não com o Vitor.

— Por que não? — Dei de ombros. — Ele precisava de uma lição.

— Ele organiza os trotes desde o semestre passado.

— Fez trote com você?

— Não. Os veteranos antes dele. *Tô* no mesmo período que o Vitor.

— Se acha só porque é bonito. — Limpei bem a mão na calça antes de mexer na minha bagagem à procura de roupas limpas.

— Não sei o que mais chama a atenção das meninas, a cara ou o bolso.

— Ele tem dinheiro?

— O pai dele é dono de uma multinacional que o Vitor vai herdar.

— Por isso é tão babaca. Tenho dó de quem for trabalhar para ele.

— Calma, ele só jogou tinta em você.

— Só? — Cerrei os dentes. — Você tem uma queda por ele?

— Não só uma queda, tenho uma cachoeira inteira. Você também vai ter.

— Eu não! — Torci os lábios. — Deus me livre!

— Ah, mas quem me dera! — Beatriz suspirou ao apoiar o queixo nas mãos.

— Eu tenho um namorado... bom, eu tinha.

— Como assim, tinha? — Beatriz girou na cama para me olhar melhor.

— Meio que terminei. — Suspirei fundo e meus olhos caíram tristes. Senti um aperto desconfortável no peito ao lembrar do Léo.

— Meio não existe, terminaram ou não?

— Eu acabei com as coisas vindo para cá, mas precisava estudar.

— Entendo. Ele era bonito?

— Sim... — Contive o impulso para não sentar na cama e sujar ela de tinta. — Namorávamos desde os meus quinze anos.

— Ele é da sua cidade?

Fiz que sim.

— Quando você se formar, pode voltar para ele; enquanto isso, podem se ver nas férias.

— É... — Minha voz se perdeu no meio, demonstrando a minha incerteza.

— Ah, deixa ele pra lá — ela mudou de assunto, assim que percebeu a tristeza no meu rosto. — Vai conhecer outros caras aqui. A faculdade tem muita gente bonita. Festas...

— Não vim aqui para namorar. — Fechei a cara. — Bom, vou tomar banho. — Peguei minhas coisas e fui para o banheiro. Não queria pensar nisso.



VITOR

Capítulo 4

cheguei em casa com o cheiro horrível de cerveja impregnado no meu corpo. *Aquela...* Cerrei os dentes para conter o palavrão.

Joguei a chave do carro sobre o móvel da sala e tirei a camisa. Respirei aliviado por estar finalmente sozinho. A melhor coisa que havia feito foi pegar parte da grana do meu fundo quando fiz dezoito anos e comprar um apartamento. Morar na mansão com meus pais, muitas vezes, era um porre. A desculpa de ficar mais perto da faculdade havia bastado para minha mãe, mas, como meu pai me queria pela manhã todos os dias na empresa, não gostou muito; porém, desde que eu cumprisse meus compromissos, ele tolerava minha escolha.

Joguei a roupa suja no cesto do banheiro e entrei no box. A água quente escorrendo pelo meu corpo aliviou um pouco meu estresse. Ainda estava com raiva da caloura que havia jogado cerveja em mim.

Poucas pessoas me desafiaram na vida, e elas eram os meus pais. *Quem aquela caloura pensava que era?*

Respirei fundo e enfiei a cabeça debaixo da água quente. Não valia a pena dar o troco. Era melhor simplesmente deixar tudo para lá. Renato com certeza iria colocar lenha na fogueira, mas, para manter a boa relação com o meu pai, preferia evitar confusões desnecessárias na faculdade.

Eu tinha dezenove anos; qualquer outro cara na minha idade estaria preocupado com uma infinidade de outras coisas e não em assumir um império milionário, construído por outros membros da família antes dele. Como filho único, as coisas eram ainda piores; o tanto que minha mãe me

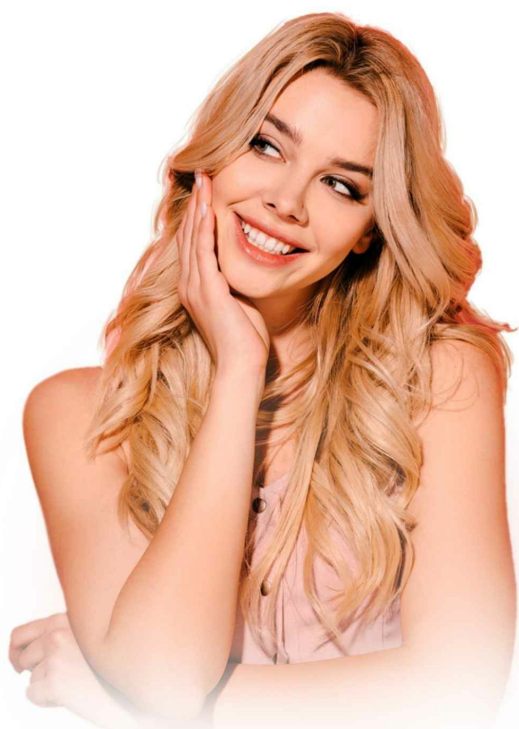
mimou, meu pai cobrou de mim na mesma medida.

Ficar no Brasil e fazer a faculdade de direito havia sido uma grande queda de braço. Para o meu pai, eu deveria estar em alguma das melhores universidades do mundo. Chegou a me matricular em Chicago, mas eu não fui. Para um mestrado, talvez, mas, por ora, ainda gostava de me iludir com a possibilidade de escolher meu próprio futuro, como qualquer outra pessoa. Não seria um advogado; teria que assumir a Alfazema em algum momento da minha vida, mas, enquanto esse momento não chegava, experimentava um pouco do meu sonho.

Fechei o registro e saí do chuveiro. Cheirei a mim mesmo algumas vezes, para ter a certeza de não estar mais impregnado com o cheiro da cerveja barata.

Sai enrolado em uma toalha enquanto secava os meus cabelos em outra. Meus pés deixavam pegadas molhadas pelo caminho, mas não me importei. Só queria me atirar na cama e jogar videogame até a manhã seguinte, enquanto a aula não começava de verdade e eu tinha que engolir os livros de Direito Penal. Torcia para que não fosse o mesmo professor do semestre passado.

Liguei o videogame e me desliguei do mundo pelas próximas horas.



CÍNTIA

Capítulo 5

Acordei com o meu despertador tocando; o puxei do móvel ao lado da minha cama e por pouco não o joguei no chão.

— Credo, Cíntia! Que troço mais barulhento. — Beatriz se levantou, coçando os olhos pesados de sono.

— Desculpa. — Pulei da cama. — Ele é a garantia de que não vou me atrasar.

— Você é certinha demais. — Ela gargalhou. — Vamos ver quanto tempo isso vai durar.

— O que quer dizer com isso? — Comecei a arrumar a cama.

— Ninguém sobrevive cem por cento à faculdade, querida. Uma ora, começamos a matar aulas, esse tipo de coisa.

— Não vou fazer isso.

— Veremos daqui a alguns períodos, quando as coisas começarem a pesar.

— Você não motiva ninguém, sabia?

— Para isso existem os livros de autoajuda.

A cara que ela fez acabou arrancando de mim uma risada.

— Ah, por falar em coisas que precisamos fazer durante a faculdade, hoje à noite tem a calourada. E você vai.

— Não vou, não. Não tenho dinheiro para desperdiçar com festa e bebida.

— Não se preocupa com isso. Fiquei uma época com um dos caras da organização e ele sempre descola ingressos para mim. O evento é *open bar*, não vai ter que pagar bebida lá dentro.

— Eu não bebo, Bia! — Cruzei os braços.

— Ainda temos tempo para rever esses seus conceitos.

Apenas balancei a cabeça em negativa.

— Vamos, Cíntia, é só uma festinha; não tem mal algum em irmos lá.

— Não.

— Por favorzinho? — Ela apoiou o queixo nas costas das mãos e piscou os olhos repetidas vezes, como se aquela cena cômica fosse capaz de me fazer mudar de ideia.

— Não, Bia!

— Cara, por que eu fiquei com a colega de quarto mais chata de todas?!

— Para de chorar e me diz onde eu encontro um orelhão para poder ligar para casa. Meus pais devem estar desesperados por notícias.

— Cara, quantos anos você tem mesmo?

— Dezoito. — Franzi o cenho. — O que isso tem a ver?

— Parece uma menina.

— Ah, dá um tempo! Sabe ou não me dizer onde fica um orelhão?

— Tem um perto do supermercado, na esquina, três quarteirões para cima.

— Obrigada.

Troquei de roupa, ignorando os resmungos dela, e fui escovar os dentes, me preparando para sair. Prendi meus cabelos em um rabo de cavalo e coloquei uma camiseta fresca, pois se de manhã já estava quente, era bem

provável que durante o dia virasse uma sucursal do inferno.

— Tchau, Bia. Nos encontramos no bandeirão depois da aula, pode ser?

— Tudo bem, sua chata. — Ela estava com um bico enorme, o que só me fez rir ainda mais.

Sai da moradia sem delongar o drama dela; não havia motivos para ir a tal festa, entrando de graça ou não; lembrar de casa reforçava os meus objetivos de estar ali. Precisava formar o quanto antes e ir para perto dos meus pais.

Não foi difícil encontrar o orelhão e usei uma das fichas que minha mãe tinha me dado para ligar para uma vizinha, uma das poucas que possuía telefone na cidade onde eu morava. Depois de alguns toques, a senhora do outro lado atendeu.

— Oi, Dona Júlia.

— Menina Cíntia, está tudo bem aí? Gostando da faculdade?

— A minha primeira aula é hoje, mas tudo aqui é fantástico.

— Fico contente. Quer que eu vá chamar a sua mãe?

— Sim, por favor.

Ela saiu gritando e eu pude ouvir a voz dela reverberando por toda a casa, como se a minha mãe morasse ao lado e não a vários metros. Precisei esperar um pouco e fiquei com medo da ligação cair por saldo insuficiente.

— Filha! Como você está?

— Bem, mãe.

— Está conseguindo comer direito? E a tal moradia, não é uma confusão não, né?

— Não, mãe. É um prédio muito arrumado, com duas garotas por

quarto.

— Nada de inventar de levar garotos para lá.

— Mãe!

— Só estou avisando. Mas fico muito contente em ouvir que você está bem. Tem alguém aqui do meu lado que quer falar com você, vou passar para ele.

Por um minuto eu torci para que fosse o meu pai, um tio, qualquer pessoa do mundo, *menos ele...*

— Oi, Cíntia.

— Léo... — Engoli em seco como se uma bola tivesse entalado na minha garganta. Me senti como os gatos que se engasgavam com pelos.

— Como você está? — Ele quebrou o silêncio interminável minutos depois.

Senti o telefone escorregar da minha mão de tanto que eu estava suando frio.

— Eu estou bem, e você?

— Com saudades, mas bem. Queria você aqui comigo.

— Olha, Léo...

— Relaxa, Cíntia, não precisa se explicar. Eu sei que essa faculdade é mais importante para você do que eu, mas espero que acabe logo e volte para mim.

— Obrigada por entender, Léo. — Ainda me lembrava do quanto fora difícil me despedir dele e entrar naquele ônibus.

— Sei que não quer manter um relacionamento a distância, mas ainda somos amigos, não é?

— Somos, sim. — Ele conseguiu tirar de mim um sorriso.

— Ouvi você conversando com a sua mãe; parece que está gostando do lugar. Fico contente com isso.

— Obrigada, Léo! — Olhei no relógio de pulso;

faltavam quinze minutos para a primeira aula; iria acabar chegando atrasada. — Olha, Léo, eu preciso ir ou vou acabar me atrasando para a primeira aula.

— Tudo bem, vai lá. Conversamos mais em um outro dia. Boa aula para você!

— Obrigada. — Suspirei profundamente antes de desligar a ligação.

Ainda éramos amigos... Pensar nisso me deixava feliz, pois Léo, desde criança, fora o meu melhor amigo.

Sai suspirando para a primeira aula, sabendo que estava tudo bem em casa e com as pessoas mais importantes para mim.



VITOR

Capítulo 6

Lá estava eu, de novo, em mais uma das festas que Renato achava incrível e eu via tudo como, no máximo, divertido. Mas, se comparadas a todos os coquetéis com velhos ranzinzas que era obrigado a ir com meu pai, até que as calouradas eram mais interessantes, principalmente pela parte das calouras bêbadas.

— *Pô*, amigo, bem que poderia me descolar um quarto naquele seu *loft* para levar uma gata, caso eu fature essa noite.

— Renato! — Revirei os olhos. — *Loft* não tem quartos, só um. Está louco se acha que vou te emprestar a minha cama para usar de motel.

— Nossa cara, achei que éramos amigos.

— As coisas têm limites.

— Olha lá quem você poderia levar para o seu *loft*. — Ele tirou onda com a pronúncia enquanto me cutucava com o cotovelo.

Soltei o copo de cerveja e me virei por puro reflexo, e acabei me deparando com ela entrando... *A caloura*.

— Não acredito que ela está aqui. — Torci os lábios.

— É uma calourada. Era de se esperar que ela viesse. — Renato deu de ombros.

— Achei que fosse certinha demais para esse tipo de festa.

— Pensei que podia deixar ela para lá. Tirando esses óculos, até que ela é bem gatinha.

— Cara, você acha gata tudo que se mexe e pode usar saias. — Cruzei

os braços e me escorei na parede de cimento.

— Não seja exagerado. — Renato fechou a cara antes de tomar mais um gole da sua cerveja.

Fiquei a observando seguir Beatriz. Com um vestido florido em tons pastéis, eu acharia ela linda, se não estivesse tão irritado pela cerveja que ela tinha jogado no meu rosto. Os cabelos loiros estavam enrolados sob uma trança feita com os próprios fios e caiam sobre os ombros. A caloura era baixa, uns quinze ou vinte centímetros mais baixa do que eu, uma altura que eu achava perfeita. Ela era magra, mas tinha um corpo chamativo, com seios grandes o suficiente para se destacar, mas proporcionais ao corpo delicado; as coxas também chamavam atenção, mesmo com a roupa de beata.

Peguei meu copo e tomei um bom gole do líquido amargo que chamavam de cerveja e tentei olhar em outra direção. Era melhor que ela não percebesse que eu a encarava tanto.

— Oi, Vitor!

Olhei para o lado e vi uma garota encostar em mim. Eu não fazia ideia de quem era, mas não a afastei.

— Estou contente em ver você aqui. — Ela chupava um pirulito e enrolava o cabelo na ponta do dedo.

— Obrigado. — Dei de ombros.

Estava tão fixado na caloura que não dei a mínima para a outra garota, até que ela sumiu de vista com a Beatriz para um lugar onde eu não conseguia a distinguir tão bem.

— Está passando mal, Vitor? — A garota apoiou a mão no meu ombro e eu a encarei.

Balancei a cabeça algumas vezes, tentando me livrar da fixação dos

meus olhos com a caloura.

— Não, eu não estou.

— Que bom. — Ela abriu um grande sorriso e se debruçou em cima de mim, deixando o decote bem na altura dos meus olhos, ao ponto de me fazer pensar que veria a auréola do seu seio a qualquer momento.

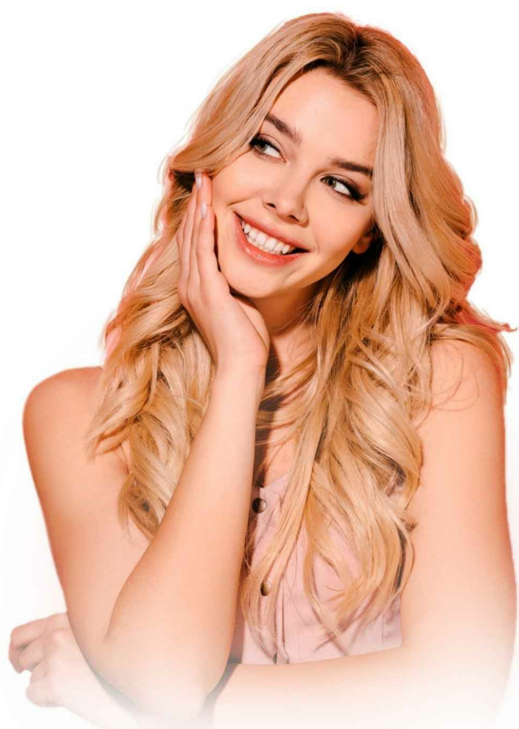
— Vitor!

Logo que me dei conta, havia umas três garotas em cima de mim. Não que eu achasse ruim. Uma das vantagens de ter nascido em uma família rica é que as coisas vinham muito fácil, principalmente festas e mulheres.

— Por que não vem dançar com a gente? — Elas começaram a me puxar, uma em cada mão.

Por que não? Estava sem nada importante para fazer. Além disso, algumas delas eram até bem bonitinhas.

Instintivamente, olhei em volta a procura da caloura, mas não a encontrei. Ainda queria que ela pagasse pelo incidente da cerveja.



CÍNTIA

Capítulo 7

Eu ainda estava xingando a mim mesma por ter deixado Beatriz me convencer a ir na tal festa. Esse, definitivamente, não era o tipo de lugar para mim. Fiquei assombrada com coisas que não tinha certeza se estava pronta para ver.

— O que foi aquilo? — Cobri a boca com as mãos enquanto me esgueirava atrás de Beatriz em um corredor lotado. — Desculpa... Com licença... Desculpa. — Era difícil andar dez centímetros sem esbarrar em alguém.

— Um casal se pegando, oras. — Ela fez careta como se eu tivesse feito a pergunta mais idiota do mundo.

— Mas, assim, numa festa, na frente de todo mundo?

— Mulher, você saiu de onde? De um convento?

— Não!

— Pois *tá* parecendo. Só relaxa e curte a festa. — Ela pegou dois copos e ofereceu um para mim. — Toma.

— Não vou beber isso, não.

— Ah, qual é, Cíntia?! Não vai morrer se tomar uns goles, sua careta.

— Não. — Torci os lábios. — Não tem suco ou refrigerante?

— Só água, sua careta.

— Serve. — Estendi a mão esperando pelo meu copo.

A contragosto, Beatriz foi até o cara no bar e trouxe um copo de água gelada para mim.

— Você é a pior colega de quarto que eu poderia ganhar.

— Você vai mudar de ideia na época das provas.

— Tá, fica calada para não piorar as coisas. — Ela torceu as sobrancelhas.

Balancei a cabeça em negativa enquanto bebericava a água. Estava muito gelada, mas preferi não reclamar; Bia não estava nos seus melhores momentos comigo.

— Vem, vamos dançar. — Ela me puxou pelo pulso e saiu me arrastando.

— Ei, calma! — Quase bati em um ou dois caras pelo caminho e, por fim, tropecei em outro, mas Bia me segurou antes que eu desse de cara no chão. — Ficou louca!?

— Foi mal! — Ela se encolheu, sem graça. — Bom que vai se acostumando comigo.

— Ainda consigo trocar de quatro?

— Ah, não vem com essa! Sou uma garota legal.

— Estou começando a duvidar.

— Olha isso! — Beatriz quase quebrou meu pescoço ao puxar meu rosto. — Ai, meus céus! Como ele é lindo. — Ela suspirou.

— Ele quem?... Ah, tá!

Olhei para frente e vi Vitor no meio da pista de dança improvisada no quintal da casa. Ele estava rodeado de, ao menos, três meninas. Elas se esfregavam nele, dançando de um jeito muito impróprio. Coloquei as mãos sobre a boca para cobrir minha expressão de surpresa.

— Elas estão colocando a mão dentro da camisa dele!?

— É, se eu estivesse tão perto assim, também iria querer tirar uma casquinha. Olha o tanquinho que ele tem!

— Não exagera, Beatriz. Ele é um galinha arrogante. Deus me livre de um cara assim.

— Mas, quem me dera... — Beatriz suspirou.

Que efeito esse cara tinha sobre as mulheres? Ele era bonito, sim, não podia negar isso... Balancei a cabeça em negativa, não queria perder meu tempo pensando nesse cara. Ele não merecia isso.

— Vamos embora, Beatriz. — A puxei pela mão.

— Nós acabamos de chegar, Cíntia.

— Nem deveríamos ter vindo.

— Você é muito chata, sabia?

— Vamos logo. — Saí arrastando-a pelo braço.

— Sério! Nunca mais eu chamo você para vir comigo em festa nenhuma. — Beatriz fez um bico enorme.

— Obrigada! Agora, vamos!



VITOR

Capítulo 8

— Onde está ela? — Olhei em volta e não encontrei a garota.

— Quem, Vitor? — Renato franziu o cenho, sem entender minha pergunta.

— A caloura. Vi ela entrar na casa, mas não estou vendo ela.

— A loirinha? Ela foi embora.

— Foi? — Não consegui conter a decepção no meu rosto.

— Por quê? Não imaginei que quisesse falar com ela depois de ter tomado um banho de cerveja.

— Tem razão, eu não quero. — Olhei em volta na esperança de vê-la, mas realmente não estava ali.

— Oi, Vitor. — Uma garota se aproximou de mim. Lembrava vagamente de ter dançado com ela, ou talvez o álcool já tivesse subido um pouco e eu não distinguisse as cinco últimas garotas.

— Oi...?

— Monique. — Ela completou o próprio nome ao ver que eu me esforçava para lembrar.

— Disse que me levaria para dar uma volta. O que acha de irmos agora?
— Ela mordeu os lábios de um jeito sexy enquanto estufava o peito em minha direção.

Olhei bem para ela; era uma mulher morena, alta, e bonita o suficiente para chamar a minha atenção.

— Eu falei que levaria você para um passeio, é?

Monique fez que sim.

— Eu nunca andei de conversível antes. Não é todo mundo que tem um carro importado.

— Ele é melhor ainda por dentro. — Eu me curvei para dizer ao pé do ouvido dela.

— Tenho certeza que sim.

— Por que você sempre fica com as mais gatas? — choramingou Renato.

— Tchau, *brother*. Vou nessa; nos vemos amanhã. — Estendi a mão para Monique, que me acompanhou, sem hesitar.

Segui com ela até a rua e a sentia cada vez mais grudada em mim a cada passo que dava. Sabia que o passeio no meu carro era uma mera desculpa para ficar a sós comigo.

— O que acha de ir conhecer o meu apartamento?

— Você tem um só seu? — Ela ficou boquiaberta.

— Sim, só meu. Podemos ficar bem à vontade lá. — Beije-i-a na base do pescoço, sentindo-a estremecer, e a empurrei contra a lataria do carro. Minhas mãos caíram da sua cintura e deslizaram pela lateral do corpo até apertar sua bunda.

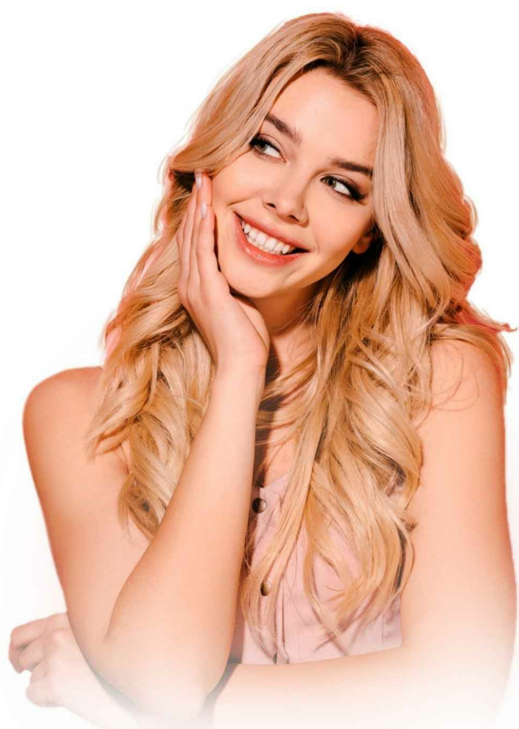
Monique se esfregou em mim e eu arfei ao ficar duro.

— Eu adoraria. — Ela me puxou pelo colarinho da camisa e me beijou.

Nossas línguas se encontraram e eu enfiei as mãos dentro da saia dela, fazendo-a estremecer. Estava prestes a colocar minha mão dentro da sua calcinha, quando ela empurrou os meus ombros e me fez encará-la.

— Na rua, não; vamos para o seu apartamento.

— Tudo bem. — Pulei para dentro do carro e abri a porta para ela.
Sorri ao ajustar o retrovisor. Iria ser uma boa noite.



CÍNTIA

Capítulo 9

Acordei com o despertador fazendo tremer as paredes do pequeno quarto. Cobri minha cabeça com o travesseiro, sentindo-a latejar. Eu não tinha bebido nada na noite passada, mas me sentia numa ressaca terrível; talvez fosse por causa da música alta.

— Vamos, levanta, senhorita certinha! — Beatriz jogou o travesseiro em mim. — Vai acabar se atrasando para a aula.

— *Tá!* — Levantei meio resmungona, de braços abertos para não perder o equilíbrio.

— Credo, Cíntia! Parece que um caminhão passou em cima de você.

— Eu não nasci para esse tipo de festa.

— Foi só a primeira, sua chata. Vai acabar se acostumando.

— Quem disse que vou a outras festas como essa? De jeito nenhum!

— Veremos. — Ela abriu um sorriso maldoso.

— Nem pensa nisso. — Peguei minhas roupas no armário para me trocar.

— Você é tão chata que nem me deixou desfrutar da visão daquela delícia que é o Vitor, dançando. Fiquei torcendo para ele tirar a camisa... — Ela mordeu os lábios e eu fiquei grata por ter interrompido as besteiras dela.

— Na minha cidade, chamamos caras assim de galinha.

— E quem liga? Isso não deixa ele menos gostoso.

Apenas balancei a cabeça em negativa, porém não disse nada. Estava

cansada de ouvir Beatriz dizer a mesma coisa. *Ele era bonito, e daí?*

Mordi os lábios enquanto penteava meus cabelos louros diante do pequeno espelho do banheiro. Coloquei o pente num suporte ao lado da pia e joguei a mochila sobre o meu ombro

— Vamos, Cíntia?!

— Eu estou torcendo para que ainda tenha aquele bolinho de laranja.

— Atrasada como estamos, duvido muito.

— Não custa nada torcer um pouco, né? — Dei de ombros.

— Então vamos correr. — Ela saiu na minha frente porta afora.

Com passos velozes, seguimos pelo caminho de pedras sobre a grama até o bandeirão. Engolimos o café da manhã e fomos correndo para a aula.

Assim que chegamos no prédio de Direito, minutos antes do início da aula, eu o vi chegar. Meu coração congelou no peito e senti um gosto amargo na boca. *Por que um desconhecido provocava aquela reação em mim?*

Vitor estacionou o carro numa vaga bem em frente, como se essa estivesse reservada para ele. O mauricinho desceu do carro preto pulando a porta sem se dar ao trabalho de abri-la. Pegou uma mochila no banco de trás e acionou o alarme, fechando a capota. Ele tirou os óculos escuros do rosto e pendurou na gola da camisa azul-marinho. Com a mochila pendurada em um dos ombros, ele enfiou as mãos nos bolsos.

Beatriz estava suspirando de boca aberta, e não era a única.

— Olá, caloura! — Ele passou por mim com um meio sorriso e seguiu para o interior do prédio, deixando um rastro de perfume pelo caminho.

— Como ele é cheiroso! — Beatriz suspirou. — Isso não é justo!

— O que não é justo? — Fingi que nem havia notado a presença dele.

— Isso! Ele cumprimentar você. Faço quatro matérias com ele e o cara nem sabe que eu existo. Agora, passa por você com um sorrisinho e diz: *oi, caloura!*

— Ele estava debochando de mim. — Ajeitei o caderno nos braços.

— Ele podia debochar de mim. Nem ia ligar. — Fez bico, como se estivesse segurando o choro.

— Não exagere, Beatriz. Eu vou para aula. Nos vemos depois.

— Até.

Segui andando até a escada. Minha primeira aula era a Introdução a Ciência do Direito, numa sala no segundo andar.

Sentei num canto da parede, mas bem na frente; queria ficar o mais perto do professor possível. Do ângulo em que eu estava, conseguia ver o corredor e parte da sala à frente, mais precisamente os primeiros lugares. Engoli em seco ao ver que Vitor estava sentado em um deles. Desviei o olhar de imediato, na esperança de que ele não houvesse notado a minha presença.

Era só o que me faltava... Respirei fundo.

Assim que o professor entrou na sala, deixou sua maleta na mesa à minha frente e cumprimentou os novos alunos, desejando sorte.

Abri o caderno e coloquei uma caneta do lado, pronta para dar minha total atenção ao professor, ou ao menos tentar.

Ora ou outra pegava meus olhos tomando caminho até o Vitor. Era mais forte do que eu.

Ele sorriu para mim e eu virei o rosto de imediato. *Idiota!* Acabou ficando na cara que eu estava olhando para ele, o que só piorou tudo, por que passei a aula toda me perguntando o que ele estaria pensando.

Ergui a mão e fiz uma pergunta boba para o professor; quis passar por interessada, mas só acabei parecendo ridícula

Por fim, estava envergonhada, mas não tinha onde esconder meu rosto.

O que será que ele estava pensando? Mordi meus lábios e virei só um pouco o rosto, tentando identificá-lo entre as formas e sombras da outra sala. Senti minha caneta escorregar entre os meus dedos pelo suor de ansiedade.

Olhei e dei de cara com o par de olhos verdes me fitando profundamente. Virei de uma vez de novo e pude jurar ter ouvido uma risadinha, mesmo que ele estivesse longe.

Por mais que eu não estivesse prestando a mínima atenção na aula, ela pareceu demorar uma eternidade para acabar.

Eu não conseguia parar de olhar para ele e o maldito parecia estar se divertindo com isso, pois não tirava o sorrisinho debochado dos lábios, como se tirasse sarro da minha inquietação.

— Leiam as páginas de dez a trinta e os dois textos que vou disponibilizar no xerox para que possamos discutir na próxima aula. — O professor guardou suas coisas na bolsa e saiu da sala.

Respirei aliviada por não ter que ficar mais no raio de visão de Vitor.

Peguei minhas coisas e segui o fluxo para fora da sala e, assim que pisei além da porta, senti uma mão puxar meu braço. Estava prestes a brigar com Beatriz quando me dei conta de que a mão era grande e pesada demais para ser dela.

— Me solta!

Fui jogada contra a parede do corredor e estremeci com o calafrio das mãos firmes me segurando. Perdi o controle por alguns segundos, surpresa demais para saber como reagir.

— Eu vi você olhando para mim a aula inteira. — Abaixou a cabeça, quase encostando a sua testa na minha e prendeu o meu olhar. Eu não conseguia respirar direito e estava ofegando. Meu coração batia tão acelerado, que fiquei com medo de fazer um buraco na blusa. Como um cara que eu havia conhecido há um punhado de dias poderia me causar todas aquelas reações?

— Não viu nada. — Dei de ombros. Estava disposta a negar, mas todo o meu corpo estava me traindo.

— Vai dizer que estou mentindo? — Ele me segurou pelos ombros, fazendo com que eu não conseguisse desviar meus olhos dos dele. Aquilo não era justo, eu estava sem controle.

Minha boca ficou seca e minhas pernas bambas, porém, eu não conseguia compreender o motivo disso.

— Está.

— Ah, fala sério, caloura.

— Eu tenho um nome, seu idiota.

— Cíntia... — A forma como ele sussurrou pausadamente meu nome, fez com que eu estremecesse inteira.

— Então, por que me chama de caloura?

— Porque eu gosto de ver essa ruguinha que você forma entre as sobrancelhas quando está nervosa. Adorei te ver olhando para mim.

— Eu não estava olhando para você, seu esnobe convencido. — Tentei levantar as mãos e empurrá-lo pelos ombros, no entanto, minhas forças pareciam nulas diante dele.

— Por que não admite logo?

— Eu jamais olharia para alguém como você.

— Alguém como eu?

— Um almofadinha, galinha, arrogante, metido, prepotente, insolente, presunçoso... — Eu me debati tentando me soltar, usando toda a força que ainda restava em mim. Contudo, não parecia ser o suficiente para vencer aquele magnetismo insano. — Seu metido, me solta!

— Cansou?

Eu estava ofegante, mas fiz que não.

— Eu cansei.

Ele desceu as mãos dos meus ombros até a minha cintura e curvou o corpo na direção do meu.

Estendi as mãos na direção dele tentando o impedir, porém ele era bem mais forte do que parecia.



VITOR

Capítulo 10

Eu estava disposto a tomar uns tapas por aquilo. Eu não era o único esnobe ali; ela poderia negar o quanto quisesse, mas não havia desgrudado os olhos de mim a aula toda. Admito, gostei demais disso.

— Seu imbecil, me sol...

— Cala a boca.

Curvei meu corpo sobre o dela, pressionando-a contra a parede. Suas curvas se moldaram ao meu corpo e a proximidade, somada ao calor dos nossos corpos, fez o meu pau acordar dentro da calça jeans e eu o pressionei nela. Senti as palmas das mãos da Cíntia baterem contra meu peito, mas pararam no momento que rocei meus lábios nos dela. Queria aquela boca desde o dia em que joguei tinta nela e a vi irritada, fazendo bico.

Os lábios eram mais macios do que eu imaginava. Tirei uma das mãos da cintura dela e segurei seu rosto. Pressionei minha língua contra os lábios dela, pedindo passagem. Queria que ela parasse de marra e me deixasse sentir o seu sabor.

— Abra a boca, gatinha — murmurei contra os lábios da caloura.

Achei que ela iria se negar, mas no momento em que abriu a boca, eu a invadi com a minha língua. Poderia levar uma dentada por aquilo, mas valeria a pena. O sabor dela era doce, quase angelical. Eu a senti estremecer em meus braços e aos poucos ir se entregando ao beijo.

Eu me esqueci das pessoas ao redor ou até mesmo de qualquer professor que pudesse estar nos assistindo e intensifiquei o beijo. Era melhor do que eu imaginava e eu poderia ficar ali para sempre, ou até que tivesse fôlego. Desci

com as mãos da sua cintura até as suas coxas, depois indo até a sua bunda. Quanto mais eu a sentia, mais queria tocar. Era um desejo insano que ultrapassava muito qualquer um dos meus padrões. Queria tirar a roupa dela e foi muito difícil me lembrar que estávamos no meio do corredor.

Assim que me afastei em busca de ar, a mão dela passou como um relâmpago pelos meus olhos e eu ouvi um estalo, seguido de uma ardência na minha bochecha. Dei um passo cambaleante para trás e massageei a região atingida.

— Seu louco! Por que fez isso?

Abri um sorriso debochado.

— Porque eu queria e você também.

— Quem disse isso? — Ela apoiou as mãos na cintura, furiosa.

— Seus olhos. — Fiz carinho no rosto dela e tomei um tapa na mão.

— Seu louco! Fica longe de mim.

Ela saiu correndo e eu fiquei observando-a se afastar. Quis ir atrás, mas achei que talvez fosse melhor deixá-la ir, ao menos por enquanto.

Passei os dedos pelos meus lábios. Eu havia a beijado por simples birra, mas o gosto dela se mostrara melhor do que eu imaginava. Queria mais e não apenas beijos...

— Eu estava te esperando na lanchonete, o que ainda está fazendo aqui?

Me virei e vi Renato caminhando na minha direção pelo longo corredor.

— Eu estava ocupado.

— Estou vendo. Seu rosto está vermelho, o que aconteceu? Se meteu numa briga?

— Não, tomei um tapa.

Renato arregalou os olhos castanhos e ficou boquiaberto.

— Um tapa? Tapa de quem?

— Da caloura.

— Mas ela ficou louca? Por que faria isso? Ainda está com raiva pelo trote? Achei que a cerveja tinha sido o bastante.

— Não foi pelo trote, Rena.

— Então por que ela bateria em você?

— Porque eu a beijei.

Renato ficou boquiaberto outra vez e eu caí na gargalhada.

— Vamos para a lanchonete; eu estou com fome.

Sai andando e Renato me seguiu, quase correndo.

— Pera aí, Vitor! Você não me contou direito o que aconteceu. Achei que ela odiasse você.

— Talvez odeie.

— Então, como se beijaram?

— Eu roubei um beijo dela. Ela olhou para mim a aula toda e eu achei que precisava de um.

— Você não vale nada. — Renato começou a rir.

— Nem foi ruim.

— Uma gracinha como ela é, posso apostar que não.

Caminhamos até a lanchonete; puxei uma cadeira e me esparramei no encosto. Renato fez mil perguntas e um milhão de piadinhas, mas mal o ouvia. A ardência no meu rosto me recordava que o beijo havia sido real.

Era estranho eu estar pensando mais nela do que na garota da noite

anterior que havia dormido no meu apartamento. *Qual era o nome dela mesmo?*

Peguei um guardanapo sobre a mesa e comecei a dobrá-lo entre os meus dedos.

Tinha sido só um beijo. Mas os lábios dela eram tão macios, o perfume era tão delicado e marcante, e o corpo... Queria a acariciar toda, tirar a sua roupa e ouvir ela gemendo o meu nome.

— Segura! — Renato me jogou uma lata de refrigerante e por pouco eu não deixei cair. — Você está bem, amigo?

Pisquei os olhos algumas vezes.

— O que temos agora? Direito Constitucional?

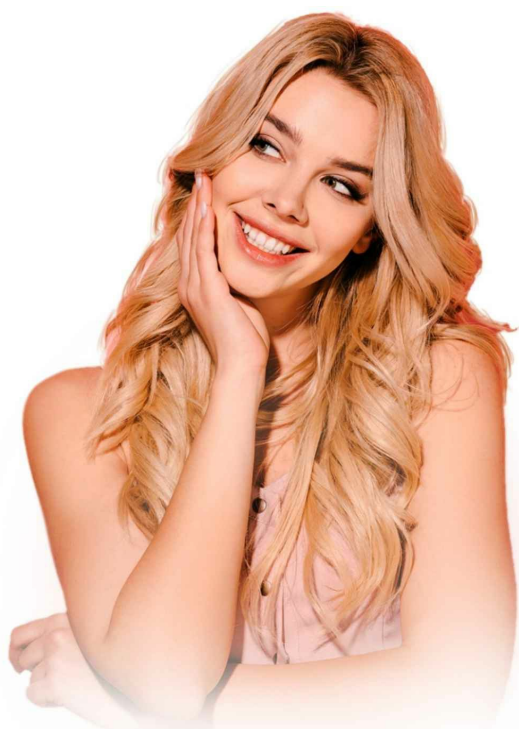
— Acho que é.

— Então, vamos.

— Uai, cara, pera aí! Nem comemos ainda.

— Pega um pão de queijo aí e vamos.

— Cara, você está estranho. — Renato pegou a mochila que havia jogado na cadeira ao lado e me seguiu o mais rápido que pôde.



CÍNTIA

Capítulo 11

— Cíntia, está tudo bem com você? Parece tão pálida quanto um fantasma. — Beatriz deixou o pesado livro de Direito sobre a cama assim que entrou no quarto.

— Sim. — Balancei a cabeça em afirmativa, rápido demais.

— Não é o que parece. — Ela se sentou ao meu lado e colocou o travesseiro sobre o colo.

— É uma bobagem.

Ela torceu os lábios e fechou a cara.

— Sabe que não vou desistir até me contar o que aconteceu.

— Aquele galinha do Vitor me agarrou.

— VOCÊ BEIJOU O VITOR?!

Eu me encolhi contra a cabeceira da cama, tentando esconder meu rosto da reação histérica da minha nova amiga.

— Não. — Respirei fundo. — Ele me agarrou.

— F... — Ela mordeu a língua para conter o palavrão. — E daí, quem começou, Cíntia? Você beijou aquele deus grego.

— Acho que estamos vendo a coisa com perspectivas diferentes aqui. Primeiro, ele me beijou sem a minha autorização, o que por si só, já é bem horrível e o torna ainda mais idiota. Segundo, eu tenho o Léo.

— Tem ou tinha? Até onde me lembro, vocês não estavam mais juntos desde que veio para cá.

— Não. — Engoli em seco. — Terminei com o Léo antes de vir para cá. — Desviei o olhar para não ter que ficar encarando-a.

— Então, qual o problema? Tem ideia de quão sortuda você é? Todo o *campus* quer dar uns pegas no Vitor.

— Eu não vim para cá procurando um namorado, Bia. — Abracei o travesseiro.

— Não se preocupe, fofa. O Vitor não é o tipo de cara que namora. Ele tem rolos, passatempos, mas não é do tipo *namorado*.

— Então, brincar comigo é um passatempo para ele? — Mordi os lábios e apertei ainda mais o travesseiro para conter a raiva que senti daquele idiota.

— Não fica com essa cara. Deve ter valido a pena. Dizem que ele tem uma pegada sensacional. Eu adoraria experimentar. — Os olhos dela brilharam de empolgação.

— Eu não sou número, estatística, nem passatempo de ninguém.

— Ei, calma! Foi só um beijo... Não foi?

— Como assim só um beijo?

— Bom, vocês nem transaram, ou transaram?

— Não! — berrei, mas fiquei vermelha de imediato ao lembrar das mãos e da sensação dele me tocando. O Léo não fazia aquilo, mas o Vitor me despertou um calor estranho.

— Ah, que fofa! Você é virgem. — Ela tentou apertar as minhas bochechas, mas me esquivei.

— Vamos mudar de assunto. Eu tenho umas cem páginas para ler.

— Toma cuidado com o Vitor. Ele é do tipo de cara que pega e não se apega. Ele vai tirar a sua virgindade e largar você feito um brinquedo.

— Eu não quero nada com ele.

— Melhor assim. Mas aqui, ele beija mesmo tão bem como todo mundo diz? Porque ele já é bonito e rico, ter boa pegada eu já acho meio exagerado.

— Beatriz, chega! Eu preciso estudar. — Peguei meu livro e saí do quarto a caminho do xerox da faculdade, para pegar as páginas dos artigos que precisava ler para a próxima semana. Tudo bem que era para a próxima semana, mas era uma boa desculpa para sair da vista da Beatriz até que ela esquecesse o assunto.

— Boa tarde. — Sorri para a mulher atrás do balcão. — Eu queria o material que o professor de Introdução a Ciência do Direito deixou aqui.

— Só um minuto que vou pegar para você. — Ela sorriu de volta e sumiu de vista.

Eu debrucei sobre o balcão e respirei fundo. *Era culpa da Beatriz!* Foi a desculpa que dei a sequência de pensamentos sobre Vitor que tomaram a minha mente. Ela me perguntou tanto que acabou me fazendo pensar. Era isso, eu tinha certeza!

O coração disparado e a boca seca, que nunca senti quando beijava o Léo, era devido ao susto de ser beijada de surpresa. Foi a melhor justificativa que encontrei. Quanto ao tremor e a falta de equilíbrio, procuraria outra justificativa depois.

Eu não... De forma nenhuma tinha tempo ou espaço para me envolver com um cara. Ainda mais alguém como o Vitor. Tinha o Léo na minha vida e no meu coração; não tinha espaço para outro cara. Mas, se Beatriz estivesse certa sobre ele, me deixaria em paz depois daquele beijo.

O beijo, as mãos, o calor... Suspirei e esfreguei as coxas umas nas outras. *Que sensação era aquela?*

— Tudo bem, moça? — A mulher do xerox me entregou os papéis que pedi.

— Claro! Estou sim, muito obrigada.

— Por nada.

Peguei os papéis e fui para uma praça em frente a moradia feminina. Sentei no banco de concreto e observei a luz do sol, que aos poucos ia se despedindo no horizonte, mas os postes já estavam acesos. Comecei a ler o primeiro texto, ou pelo menos tentei. Tudo bem, talvez estivesse me importando demais com o beijo. Ele só tinha me roubado um beijo. Iria ficar por isso mesmo. Eu esperava que sim.

Abracei meus joelhos e respirei fundo. *Ah, Léo, por que tudo não é tão simples como na época em que éramos crianças?*

Fiquei ali até que o vento gelado me empurrasse para dentro. O dia seguinte seria um novo dia.



VITOR

Capítulo 12

Assim que fechei a porta do meu apartamento, me escorei nela e passei a língua pelos lábios, ainda sentindo o gosto dos lábios da Cíntia, ou me lembrando dele. Senti um aperto estranho no peito. Não era o tipo de coisa pela qual eu costumava passar. Era uma garota como várias outras que eu já havia beijado antes. *Então, por que eu não conseguia parar de pensar nela?*

Meu celular começou a tocar no bolso e eu pensei umas duas vezes se realmente estava disposto a atendê-lo.

— Alô!

— Vitor, filho. A festa já começou, você está a caminho?

— Festa? — Engoli em seco.

— Sim, da empresa. Eu e seu pai estamos aqui.

— Ah, claro, mãe! Só preciso resolver algumas coisas da faculdade e já estou a caminho.

— Que bom! Vem logo, porque estamos esperando por você.

— Tudo bem, mãe. Até logo. — Desliguei o telefone e corri para o banheiro, torcendo para que no meu guarda-roupa tivesse algum terno passado.

Estava tão concentrado pensando na Cíntia que nem me lembrei da festa para os acionistas. Como futuro dono da empresa, era imprescindível que eu estivesse lá. Precisavam ver a minha cara e eu tinha que pousar de comprometido e responsável.

Peguei o primeiro terno que vi no meu guarda-roupa e o vesti às pressas.

Saí porta afora dando nó na gravata e com os cabelos pretos ainda molhados. Por sorte, a mansão onde meus pais moravam não ficava muito longe. Dirigi cerca de dez minutos num trânsito tranquilo até chegar aos grandes portões negros. Sensores reconheceram meu carro e as grades se abriram para que eu pudesse passar.

Assim que desci, fui recepcionado por um manobrista.

— Pode colocar na minha vaga no subsolo. — Joguei a chave para ele.
— Devo passar a noite por aqui.

— Sim, senhor.

Passei por ele e segui pelo caminho de paralelepípedos no meio do jardim até a entrada principal da mansão. Passei por um segurança, que me cumprimentou com um aceno de cabeça e abriu a porta para que eu entrasse. O local já estava cheio. Alguns rostos eram conhecidos, outros nem tanto.

— Vitor, filho. Está atrasado. — Uma mulher num vestido azul com fenda lateral se aproximou de mim. Ela tinha cabelos castanhos e olhos verde-escuros. Ela ajeitou minha gravata e passou as mãos pelos meus ombros.

— Eu sei, mas já estou aqui.

— Seu pai está conversando com os investidores europeus. Por que não vai até eles, diz um *oi*, e pareça gentil?

— Claro! — Abri um meio sorriso.

Enfiei as mãos nos bolsos e me aproximei de forma sorrateira do círculo num canto da sala.

— Boa noite a todos! — Projetei minha voz para que notassem a minha presença.

— Vitor — o homem grisalho, que segurava um copo de uísque, se

virou para mim, porém não se deu o trabalho de sorrir. Não esperava algo diferente dele, — Está atrasado.

— Eu sei.

— Estava mesmo perguntando ao seu pai sobre você. Contava para ele como nos divertimos no jogo de vôlei que fomos ver na semana passada. — Philip se aproximou para me dar um abraço. Ele era filho de um dos sócios do meu pai, mas, aos vinte e cinco anos, estava assumindo os negócios da família. De toda a corja, era, sem dúvidas, um dos caras que eu me dava melhor.

— Trouxe a foto do seu filho para que eu pudesse ver? Não parou de falar dele durante o jogo.

— Sim, Peter me deixa cada vez mais babão. — Ele pegou o celular e me mostrou a foto de um menininho.

— Daqui a pouco vai estar jogando bola com você.

— Pode acreditar que já me coloca para correr bastante e ainda nem começou a andar.

Todos riram.

— Voltando aos negócios. O que acham da implantação da filial no Japão?

— Acho que a mão de obra e a tecnologia de lá podem ser muito bem-vindas para a evolução da empresa. Além disso, é uma boa abertura de mercado. — Philip guardou o celular no bolso quando o assunto deixou de ser seu filho.

A conversa se seguiu de burocracia a empreendedorismo por horas a fio. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, seria eu quem deveria lidar com tais assuntos, mas, por ora, gostava de ser um bom ouvinte.

Assim que, aos poucos, os sócios começaram a ir embora, Philip e eu fomos até o bar pegar algumas doses de uísque.

— Gostando da faculdade? — Ele se apoiou no balcão e virou-se pra mim.

— É mais um passatempo, já que todos sabemos que nunca serei um advogado de verdade.

— Acredite, vai precisar bastante desses conhecimentos quando assumir a empresa.

— Vou estar bem assessorado. — Dei um tapinha no ombro dele.

— E as namoradas?

— Cara, está parecendo uma tia chata.

Nós dois rimos juntos.

— Mas, respondendo a sua pergunta, tenho alguns casos, mas nada sério.

— Nenhuma delas tira seu sono ainda?

— Não...

— Demorou demais para responder. Conhecer a Cristal foi incrível. Estar com ela mexeu comigo. E quando o Peter nasceu, eu me tornei outro homem; você vai entender quando a sua hora chegar.

— É, veremos. Por ora, eu preciso estar preparado para gerir uma multinacional.

— Não tenha pressa; seu pai não está tão pé na cova assim.

— Seu pai também não estava e decidiu deixá-lo tomar conta de tudo.

— Ele é um velho sensato. — Philip riu. — Vamos nos dar bem, meu caro, nessa nova fase da empresa.

— Eu espero que sim. — Ergui o copo de uísque. — Um brinde a nós e ao futuro.

— Ao futuro e aos nossos filhos.

— Eu nem estou me prendendo a ninguém, quanto mais tendo filhos. — Ri.

— Precisa ter uma menina.

— Você acha que eu vou deixar o seu moleque ficar com a minha filha? — Franzi o cenho. Ter filhos não estava nos meus planos, mas conhecendo bem o Philip, sabia que ele estava brincando.

— Ele tem os meus olhos azuis; tenho certeza de que não será nenhum sacrifício para ela — disse, debochado e convencido. Talvez fosse por isso que nos dávamos tão bem; eu não era o único com o ego inflado.

A presença do Philip tornou minha noite menos tediosa do que eu imaginava. Foi bom conversar com ele sobre os planos para a empresa e para nós mesmos. Apesar de eu não ter muitos, gostei de ouvi-lo falar sobre a família que havia construído há três anos. O filho era, sem dúvidas, a maior paixão dele, porém era algo que eu não me via tendo tão cedo.

Nós ríamos enquanto ele pensava na possibilidade de uma filha minha se casando com o menino dele que mal tinha um ano. Era uma brincadeira, mas possuía um tom premonitório que eu não percebi no momento.

Quando a festa acabou, fui para o meu quarto na mansão. Havia um bom tempo que eu não dormia ali, mas a cama, o guarda-roupa e a escrivaninha continuavam impecavelmente limpos, como se a minha mãe fizesse os empregados limparem o cômodo todos os dias, mesmo que eu não morasse mais ali.

Tirei o paletó e a gravata e joguei em um suporte. Deitei na cama com o

restante da roupa, cansado demais para me trocar.

Embora o sono pesasse meus olhos, não consegui dormir profundamente. Revirei na cama de um lado para o outro. Toda vez que fechava meus olhos, eu me lembrava do beijo, do seu cheiro, o que era uma péssima ideia, levando em consideração como as coisas haviam acontecido.

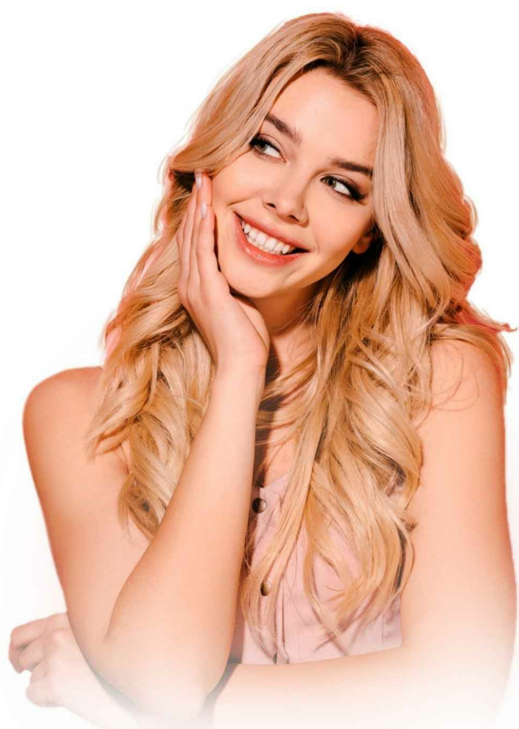
Talvez eu não devesse tê-la beijado, porém, conhecendo a mim mesmo, sabia como eram os meus próprios impulsos.

Ah, Cíntia! Que fixação era essa? Eu sentia algo incomum ao pensar nela. Estava vidrado naquela garota e não sabia o motivo.

Peguei o travesseiro e coloquei sobre a cabeça, tentando de alguma forma começar a dormir, mas não adiantou nada.

Virei para o lado; seria uma noite bem longa.

Philip estava certo... Elas não nos deixam dormir.



CÍNTIA

Capítulo 13

Foi uma noite estranha. Queria dizer que dormi bem, que não pensei nele um único segundo a noite inteira, porém, não foi bem assim. Não foi nem um pouco como eu queria. Pensei o tempo todo no maldito beijo. Vitor não deveria ter feito aquilo; eu não era um brinquedinho dele para que fizesse o que bem entendesse comigo.

— Bom dia! — Beatriz se revirou na cama e me olhou sentada na minha. — Está tudo bem?

— Sim.

— Você é uma péssima mentirosa, sabia?

— Dá um tempo, Bia!

— Vou deixar você com seus pensamentos. Se tiver algo que eu possa ajudar, sabe que pode me encontrar aqui.

— Obrigada. — Abri um meio sorriso e fui me arrumar para a aula.

Enquanto colocava o pesado livro na minha mochila, fiquei me questionando se veria o Vitor. Ao mesmo tempo que torcia para não cruzar com ele, estava ansiosa para vê-lo. Isso era horrível. Sentia meu estômago revirar. Esperava que aquela estranha sensação acabasse logo. Torcia por isso.

Estava estranhamente frio naquela manhã e eu me agasalhei com um casaco de tricô feito pela minha mãe. Peguei minhas coisas e fui seguida por Beatriz até o bandeirão da moradia.

— Eu fico aqui me perguntando se o professor de Direito Civil não joga

no outro time. Todo mundo diz isso. O que acha?

Eu mal ouvia as palavras ditas por ela e minha colega de quarto percebeu isso.

— Cíntia, eu estou falando com você.

— Ah, oi! E daí se ele gosta de caras ou não?

— Não é isso. Apenas faço parte da massa de curiosos.

— Deveriam deixar o cara para lá. — Balancei a cabeça em negativa.

— Eu estou apenas curiosa, sua chata.

— Deixa o cara. — Dei de ombros ao fincar o garfo num pedaço de mamão.

— É você quem tá precisando deixar o cara. É óbvio que não para de pensar no Vitor.

— Você está sendo exagerada.

— Tudo bem. Vou fingir que não vejo.

— Acabei, vamos! — Empurrei a cadeira e me coloquei de pé.

— Mal comecei.

— Não quero me atrasar. Posso ir na frente?

— Poder pode, mas ainda faltam quase vinte minutos para o início do primeiro horário.

— Nos vemos depois, Bia.

— Vai lá. — Ela deu de ombros. Peguei minhas coisas e me adiantei porta afora.

Queria garantir que chegaria cedo e me sentaria bem no fundo, para que a situação anterior não se repetisse.

Passei na entrada do prédio e engoli em seco, abraçando o caderno ao ver que o carro do Vitor já estava estacionado na vaga de sempre.

Respirei fundo e tentei entrar de cabeça erguida. *Foi só um beijo, Cíntia*, repeti a mim mesma, várias vezes. Eu tinha que me preocupar com a aula de História do Direito.

Dei um passo hesitante para a sala, que estava vazia. Beatriz estava certa, era cedo demais. Ao menos eu estava longe das vistas de Vitor, ou era assim que eu imaginava pouco segundos antes de ouvir a voz dele reverberar pelas paredes da sala.

— Cíntia, será que nós podemos conversar por alguns minutos? Prometo que não vai se atrasar para aula.

Mordi os lábios. Deveria odiar ele depois daquele beijo que me fez perder o sono, não deveria? Minha pergunta foi silenciada pelos traços dos lábios dele, quando Vitor os umedeceu. *Tão bonito...* Com uma camiseta polo cinza de botões abertos e uma calça jeans azul, simples, tinha algo nele que saltava aos olhos. Eu não conseguia parar de encará-lo. Não admitiria isso para Beatriz nunca, mas Vitor era a visão do céu e do inferno em um único homem. O que só piorava as coisas.

— Eu não quero falar com você, Vitor. — Me mantive firme, por mais que as palavras arranhassem na minha garganta.

— Por favor, são só alguns minutos. — Ele deu um passo para dentro da sala e eu me encolhi por reflexo, porém logo me coloquei de pé.

— Já disse que não quero! O que vai fazer? Me agarrar de novo?

— Diz para mim que não gostou? — Ele se curvou na minha direção e eu retribui com um olhar furioso.

— Não gostei.

— Ah, Cíntia, francamente...

— Se queria só se exhibir, já pode ir embora. — Cruzei os braços e estufei o peito.

— Não é isso. Eu...

Não deixei que terminasse. Estava de saco cheio dele.

— Já sou um número na sua lista. Me beijou. Se contente com isso e vai dar em cima da próxima garota.

— Acha que sou assim? — Ele riu com amargor.

— E não é?

— Não.

— Pois sua fama o precede, seu galinha. Eu não vou cair nessa, Vitor, chega! Me deixa em paz! Não vai tirar mais nada de mim do que aquele beijo.

— Achei que talvez pudéssemos ter alguma coisa.

— Eu não sou suas *minas*, Vitor. Se acha que estou a fim de um casinho com você, está muito enganado.

— Cíntia...

— Me deixa em paz.

— Tem alguma coisa acontecendo aqui? — O professor surgiu atrás de Vitor e ele cambaleou para dentro da sala.

— Não. Eu já estou indo para a minha sala, senhor. — Vitor assentiu e sumiu de vista.

Eu apoiei as mãos sobre a mesa e respirei fundo.

— Está tudo bem, garota?

— Sim, professor. Só foi um mal-entendido.

— Assim espero. Essa aula não tem muitos alunos. Prefiro todos mais a frente para os momentos de debate.

— Certo, professor. — Peguei minhas coisas e sentei bem perto dele.

Logo a sala estava cheia e a aula começou. Eu me atrevi a olhar para a porta várias vezes, mas não vi nenhum sinal do Vitor. Por mais que eu sentisse um estranho aperto no peito, sabia que era melhor assim. Algum tempo depois, dediquei toda a minha atenção ao que realmente importava, a aula.



VITOR

Capítulo 14

— Que cara é essa, Vitor? — Renato arregalou os olhos, assim que eu joguei a mochila sobre a mesa da lanchonete.

Eu não respondi à pergunta dele. Apenas me sentei, puxando uma cadeira.

— Querem alguma coisa? — A garçonete se aproximou de nós, mas eu a ignorei até que Renato me desse uma cotovelada.

— Para mim, só um café preto.

— Eu quero um café com leite e um misto quente. — Renato sorriu para ela.

— Já vou buscar para vocês.

Apoiei os cotovelos sobre a mesa e fiquei em completo silêncio. Precisava ficar a sós comigo mesmo até que a raiva se esvaísse.

— Aqui está. — A garçonete voltou com uma bandeja, a qual ela lutava para equilibrar nos braços finos, e nos serviu. Depois de me entregar o copo de café, ela me estendeu um papel. — É o telefone da moça na outra mesa — sussurrou, antes de se afastar.

Olhei para o papel sob meu copo por longos segundos até que o peguei, fiz uma bolinha e arremessei na lixeira mais próxima.

— O que foi isso?! — Renato se engasgou com seu café com leite e quase cuspiu em mim.

— Joguei o telefone fora.

— Isso eu vi, mas por quê? Ela é mó gata, podia deixar o número para

mim.

— Estou de saco cheio de mulheres por hoje.

— *Eita!* O que houve, brigou com a sua mãe?

— Antes fosse. — Bufeí, fazendo o café borbulhar no copo.

— Então o que aconteceu?

Pensei por um bom tempo se deveria contar para o Renato. Ele era meu amigo, mas adorava debochar das coisas e eu não estava num bom momento para tirarem sarro de mim. Por fim, decidi que podia lidar com algumas chacotas; precisava colocar para fora o que estava me corroendo por dentro, nunca tinha passado por isso antes.

— Sabe... não consigo parar de pensar na Cíntia.

— Isso está meio na cara. — Renato gargalhou.

— Tentei falar com ela antes da aula, mas ela não queria papo.

— Sério? Por que será? — Ele riu ainda mais. — Acontece, meu amigo. Não se pode ter todas, mas você já tem a maioria delas. Aos menos deu uns pegas na caloura.

— Só que não é bem assim, Renato.

— Como não? Acabou, não é? Só beijou ela... ou estava sonhando com isso?

— Beijeí! — Bati com as mãos na mesa, porém eu me encolhi quando todos no local começaram a olhar para mim.

— Então ótimo, agora é só partir para próxima. A gatinha ali pode ser uma boa pedida. — Ele apontou para a menina que sorria e acenava para mim. Provavelmente, a do número do telefone. — Você tem um monte de transa fácil, cara. Desencana da loirinha e trepa com outra.

— Não é tão simples assim, Renato... — Fechei os olhos e respirei fundo, buscando as melhores palavras para dizer aquilo, porém, não precisei, porque Renato acabou adivinhando.

— Não me diz que tá gamado nela?

Fiquei em silêncio. *Quem cala consente...* Eu não era de gostar de ninguém, mas, desde que a Cíntia havia revidado, jogando a cerveja em mim, ela tinha me tirado do meu normal.

Renato bateu as duas mãos na testa e balançou a cabeça em negativa.

— Não está falando sério, não é?

Permaneci em silêncio.

— Porra, Vitor, me responde!

— Bom, não é bem assim. — Cruzei os braços e apoiei as costas no encosto da cadeira. — Mas não consigo parar de pensar nela. Quero mais dela...

— Ah, tá gamadão. — Renato riu de mim por quase uns cinco minutos e eu fiquei encarando o nada. — Ou só precisa de uma trepada louca com ela no banco do seu carro, para pular fora.

— Talvez seja isso. — Fiz bico.

— Certo! Vou parar de rir. — Ele cobriu a boca com as mãos, mas se contorceu com o riso por mais algum tempo. — Por que não pega ela, ora?

— Já disse, tentei falar com ela hoje no início da aula, mas nem quis conversar comigo. Quanto mais deixar que eu a beijasse.

— Vitor Doneli sendo rejeitado por uma mulher? Em que mundo eu estou?

— Cala boca, Renato! Ou eu vou calar para você.

— Calma, não precisa me ameaçar. — Ele se encolheu na cadeira. — Estou apenas constatando os fatos. Nunca vi mulher que não quisesse abrir as pernas no primeiro sorriso seu. Queria que as coisas fossem assim tão fáceis para mim.

— Tem algo de diferente nela...

— Ela te desafiou, foi isso?

— Talvez. — Cocei a barba que começava a crescer no rosto.

— Esperta! Deixou você louco. Quem não gosta de um bom desafio?

— Mas quero sair com ela, levar ela para o meu apartamento...

— Trepar com ela. — Renato deu uma risadinha.

— Sim. — Não consegui evitar os pensamentos que tomaram a minha mente. Pensar na Cíntia me excitava. Meu desejo não me deixaria em paz até arrancar a roupa dela e traçar o corpo dela com a boca. Queria vê-la revirando os olhos e ouvi-la gemer meu nome enquanto estivéssemos fazendo sexo. Eu tinha todas e queria aquela também.

— Agarra ela de novo.

Olhei torto para o Renato.

— Ainda nem sei por que perco meu tempo falando com você.

— Uai, não funcionou uma vez?

— Ela me deu um tapa na cara.

— Pois é! Além de linda, ela é valentona. — Renato voltou a dar gargalhadas.

Respirei fundo para não perder a paciência e acabar dando uns socos bem no meio do rosto dele.

— Eu quero que ela queira estar comigo.

— Então, vai ter que conquistar ela, meu amigo. Ela deve fazer o tipo garota romântica que gosta de dificultar um pouco o nosso caminho para sua calcinha. Fazem um certo cu doce antes de abrir as pernas, sabe como é...

— Conquistar? — Franzi o cenho. Eu nunca tinha tentado conquistar alguém antes. Com frequência, as mulheres se atiravam aos meus pés sem que eu precisasse ir atrás de qualquer uma delas.

— Flores e presentes costumam funcionar. Por sorte, você tem dinheiro de sobra para isso.

— Não vou parecer ridículo? — Cocei a cabeça, pensativo.

— Mulheres adoram homens românticos, quanto mais, melhor. Pareça minimamente apaixonado e dê presentes para ela; vai ver que rapidinho ela cede.

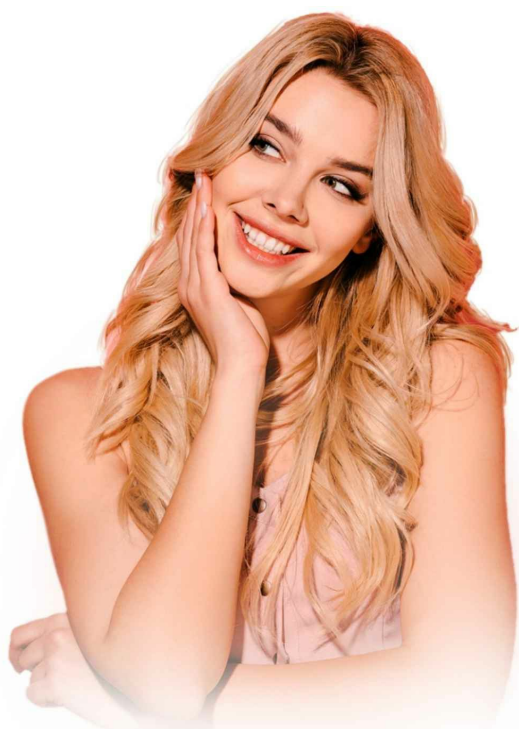
Renato não me parecia o melhor conselheiro amoroso do mundo, mas eu me vi disposto a tentar, sinal de que eu estava mais desesperado do que imaginava.

— Nos vemos depois. — Levantei, puxando a mochila pela alça.

— Aonde você vai? — Ele torceu o corpo na cadeira para me acompanhar com o olhar.

— Na floricultura, ora? — Tirei uma nota de vinte reais e coloquei na mesa. — Deixa o troco para a garçonete.

— Boa sorte. — Ele acenou enquanto eu me afastava.



CÍNTIA

Capítulo 15

cheguei no quarto e coloquei a mochila sobre a cama. Eu havia conseguido me concentrar na aula e estava contente com isso.

— Como foi a aula? — Beatriz chegou logo atrás de mim.

— Foi boa. — Dei meu melhor sorriso.

— E o Vitor?

Revirei os olhos e fechei a cara.

— Não precisa me olhar assim. — Ela fez bico. — Não está mais aqui quem falou.

— Melhor assim.

— Mas aqui, rolou outros beijos?

— Beatriz!!!

— Pelo visto, não.

— Não tem outro assunto, não? Como foi a sua aula?

— Foi normal. Nunca tem nada de espetacular na aula.

— Gosto assim.

— Cíntia, você é muito estranha.

— Sou nada! — Peguei minha toalha e um jogo de pijama e fui para o banheiro. — Espero que, quando eu voltar, você tenha inventado outro assunto para conversarmos.

— Sua chata!

Bati com a porta do banheiro na cara dela. Pendurei as roupas e a toalha

em alguns ganchos na parede e entrei para o chuveiro, molhando os cabelos. Batia aquela dorzinha de arrependimento por ter enxotado o Vitor daquela forma e eu não me conformava com isso. Eu deveria estar feliz por aquele cara estar bem longe de mim. Ser o caso passageiro de um *playboy* mimado era tudo o que eu não precisava naquele momento. O mais prudente era mantê-lo bem longe de mim, sem me deixar levar pela atração física inegável. Ele era bonito, mas só isso.

Fechei o registro do chuveiro e me sequei, para depois enrolar o cabelo na toalha. Sai do banheiro de pijama, seguida por uma aconchegante fumaça quente.

Eu me deparei com Beatriz cheirando um grande buquê de rosas vermelhas. Eram lindas.

— Que buquê lindo, Bia.

— Não acha? — Ela cheirou as flores.

— Humhum.

— É seu. — Ela estendeu para mim.

— Está de brincadeira? — Comecei a rir.

— Não. O entregador passou aqui e disse que era para você. Não abri o cartão para não ser enxerida demais. Mas o buquê é seu.

— Me dá aqui. — Peguei as flores ainda incrédula. Léo nunca tinha me mandado flores antes, não faria isso de um lugar tão longe.

Abri o cartão e gelei ao lê-lo.

Com carinho,

Vitor.

— Não gostei nem um pouco da piadinha, Beatriz. — Joguei o buquê para ela.

— Piadinha? — Ela arregalou os olhos.

— Claro, piadinha. Aposto que foi você quem comprou esse buquê para me provocar.

— Ficou doida? Eu nem tenho a grana para comprar um buquê desses. Deve custar pelo menos uns cem reais.

— Se não foi você, quem foi?

— Quem assinou o cartão, oras! E quem foi?

— Vitor.

Ela arregalou os olhos e a boca, se preparando para um grito.

— Eu não acredito! Ele te mandou flores. — Ela se abanou como se estivesse tentando respirar.

— Ele, não. Tenho certeza de que foi alguém querendo tirar sarro da minha cara.

— E quem iria querer tirar com a sua cara? Pensa, Cíntia.

— É... Quase ninguém me conhece por aqui. — Dei de ombros.

— Ninguém gasta umas cem pratas num buquê desse para tirar com a cara de alguém. É o buquê mais lindo que já vi de tão perto.

— É bonito mesmo. — Precisei admitir, sentindo o perfume delicioso.

— Então. É claro que as flores são dele, por mais surpresa que isso me deixe. Vocês andaram se pegando hoje de novo? Seja sincera.

— Não. Ele veio conversar comigo, mas eu não deixei. Sinceramente, Bia, não estou aqui para ser mais um passatempo dele.

— Pelas flores, acho que ele está bem interessado.

— Você mesma não disse que ele é o tipo de cara que pega e não se apega?

— Disse, entretanto, nunca ouvi ninguém falar que recebeu flores do Vitor. É algo romântico demais para o que eu esperava dele.

— São só flores, Bia.

— Só!? Como assim, só!? Não, Cíntia, são flores. A não ser que o seu namorado na sua cidade desse para você buquês o tempo todo.

— Não.

— Então!

Ao contrário de Bia, eu não estava tão empolgada com o buquê. Achava que Vitor estava armando para mim. Por qual outro motivo ele me daria flores? Acabei ficando curiosa com o que ele tinha a me dizer mais cedo, porém, talvez nunca soubesse.

— Vou arrumar um vaso para colocar essas flores. Ah, Cíntia, são tão lindas!

Enquanto Beatriz saía do quarto atrás do vaso, sentei sobre a minha cama, com as mãos nos joelhos, e olhei para o buquê. Sim, era muito bonito. Rosas vermelhas e flores do campo sempre eram. Mas por qual motivo Vitor as tinha mandado para mim? Para me provocar? Era bem provável que sim. O pior era que isso estava me corroendo por dentro.

— Achei o vaso perfeito. — Beatriz voltou com um copo azul nas mãos, balançando, ofegante e histérica.

Ela desfez o laço que prendia as flores e colocou elas na água, depois respirou profundamente o perfume que elas exalavam.

— Bem que eu queria que as flores fossem para mim, sua mal-
agradecida.

— Pode ficar com elas para você.

— Está falando sério?

Apenas fiz que sim.

— Ah! Obrigada! Acha que Vitor não vai ficar nervoso?

— Ele nem entra aqui.

— É, nisso você está certa.

Continuei olhando para as flores, por mais que não quisesse fazê-lo. Não queria permitir que Vitor brincasse comigo, mas parecia que eu não tinha a menor escolha.

Fui estúpida ao pensar que poderia vir para cá, estudar, e voltar para casa sem nenhuma perda ou algo modificado em mim.

Mas por que eu? Por que perseguir a mim, dentre todas as outras garotas na faculdade, que estavam muito mais a fim dele?

Eu tinha o Léo, então por que meu coração disparava quando eu pensava no Vitor? Ele era diferente de tudo o que eu esperava em um cara; mesmo assim, conseguia bagunçar a minha cabeça daquele jeito.

Eu não podia me iludir, me deixar levar por aquele sentimento passageiro, pois sabia que iria acabar me magoando. Entretanto, mesmo lutando com todas as minhas forças para não me iludir, uma parte tola de mim ainda queria provar dos lábios dele. Quanto mais eu lutava, mais eu queria.

— Cíntia? — Beatriz me chamou, interrompendo meus pensamentos. —
Está tudo bem?

Apenas fiz que sim com um movimento de cabeça.

— Acho que poderia ser menos certinha e se divertir um pouco.

— O que quer dizer com isso? — Arqueei a sobrancelhas.

— Ué, dar mais uns pegas no Vitor.

— Bia, chega disso!

— Ah, nem, viu! Tem gente que simplesmente não faz ideia da sorte que tem. Muitas mulheres fazem de tudo para que o Vitor as note, inclusive eu. Aí o cara parece *super a fim* de você e você simplesmente dá um toco nele.

— Já disse que vim aqui para estudar. — Cruzei os braços.

— Como se não fosse possível fazer os dois. Fala sério! Cansei de você, Cíntia. Vou ler os artigos para amanhã. Pode ficar aí com a sua caretice.

Ela pegou uns papéis e sentou na sua cama. Eu tentei fazer o mesmo, ao menos tentei.



VITOR

Capítulo 16

Eu mal a conheço... foi um pensamento que tomou minha cabeça enquanto eu jogava o capuz do moletom sobre a cabeça e colocava os fones de ouvido, me preparando para correr. Iniciei a minha *playlist* do *Ipod* jogado no meu bolso e comecei a correr. O céu estava nublado e eu mal conseguia ver o sol que se escondia atrás do meu prédio.

Depois de uma tarde inteira na empresa, entulhado em processos e burocracia, eu precisava esfriar a mente um pouco. Mas, logo deixei de ver isso como uma boa ideia quando os meus pensamentos voltaram para a Cíntia. Não pensava nela desde o momento em que comprara as flores e mandara entregar para ela. Talvez me afundar na papelada da Alfazema tivesse lá suas vantagens. Cosméticos e medicamentos poderiam ser mais interessantes do que pareciam... *Estava querendo enganar quem?* Já estive mais interessado nos negócios da família, mas, definitivamente, não naquele dia.

Dobrei a esquina, seguindo pela pista de corrida até uma praça, enquanto minha mente era tomada por *flashes* e sensações. Era impossível lutar contra a vontade de ter as minhas mãos passeando pelas curvas da Cíntia. Me recordava de como ela reagiu com a minha proximidade: ofegando e estremecendo. Tive todas as mulheres que quis ao longo da minha vida, mas estava apaixonado por aquela.

Pensar que mal conhecia a Cíntia não era tão terrível como pareceu nos dois primeiros segundos. Não... só aumentou em mim a vontade de conhecê-la melhor. Pelo sotaque e o fato de estar na moradia estudantil da faculdade, deixava claro que ela não era daqui. De um lugar do interior? Outro estado?

Queria perguntar a ela. Nunca tive tanta vontade de conversar com uma mulher e saber mais sobre ela como estava sentindo naquele momento. Se ela aceitasse um pedido para jantar, poderíamos conversar um pouco, nos conhecer melhor, e terminar na cama.

Parei a corrida no meio da pista e tirei o meu celular do bolso. Iria ligar para ela, porém me deparei com o fato de que nem todo mundo possuía celular. Mesmo se ela tivesse um, eu não saberia o número para ligar. Guardei a pequena caneta que acionava o *touch* da tela e bufei.

Eu queria ouvir a voz dela e acabei rindo disso. *Garota, o que você está fazendo comigo?* Nem na época do colegial eu havia ficado assim por causa de uma mulher. Pensei no que o Renato havia dito, sobre eu estar apaixonado por ela. Talvez houvesse um pouco de verdade nisso, pois eu não parava de pensar naquela garota um único segundo. O jeito meigo, o sorriso gentil, e até mesmo a ruga de raiva quando ela queria me esbofetear.

Sim, eu queria ouvir a voz dela...

Peguei meu celular e liguei para um amigo importador que conhecia.

— Vitor, boa noite! O que precisa essa hora, algumas bebidas para uma festinha? Eu tenho umas vodcas sensacionais, você vai adorar.

— Não, cara, nada de bebidas dessa vez. Estava me perguntando se você teria aí um celular como o meu.

— Aquele *smartphone* com câmera e *touch*? Acho que tenho mais um aqui.

— Posso passar aí e pegar com você?

— Pode, sim. Estragou o seu?

— Não, quero dar de presente.

— Ah, posso saber para qual sortudo? — Ele deu uma risadinha.

— É uma garota.

— Presentão, hein! Pode passar aqui e pegar comigo. Fico na firma até umas oito da noite.

— Combinado!

Voltei correndo para o meu prédio. Tomei um banho e me arrumei para sair.



Eu segurava a caixa com o telefone, embrulhado às pressas, equilibrada em uma mão, enquanto com a outra batia na porta três vezes. Estava ansioso por uma resposta. Iria bater de novo, quando uma garota de cabelos cacheados escuros e óculos abriu a porta. Beatriz, acho que tínhamos feito algumas matérias juntos nos últimos semestres.

— Oi! — Sorri para ela. — Está tudo bem?

A garota ficou tão pálida ao olhar para mim, que foi como se tivesse visto um fantasma.

— Ah, sim, está tudo bem, sim! Cíntia, o g... o Vitor está aqui.

— Fala pra ele que eu não estou!

— Ah, para com isso! Vem cá. — Ela se voltou para mim e deu um sorrisinho. — Eu já volto.

Apenas assenti com um movimento de cabeça. Senti um aperto no peito ao ouvi-la dizer aquilo. Tudo bem que eu tinha roubado um beijo, mas era

razão para ela estar tão furiosa assim? Era óbvio que eu não tinha a menor prática em lidar com rejeição, tampouco em gostar de alguém.

Ela apareceu na porta praticamente empurrada pela colega de quarto.

— Oi! — Ela cruzou os braços na frente do corpo. — O que está fazendo aqui? Achei que tivesse sido bem clara da última vez que nos vimos.

Eu respirei fundo. Se fosse qualquer outra garota no mundo, eu teria batido a porta e ido embora. Mas os olhos castanhos dela me fizeram ficar.

— O que achou das flores? — Vi o vaso em uma mesa atrás dela.

— São bonitas.

— Bom, achei que talvez pudesse ter mudado de ideia.

— Eu não...

— Ela vai, sim. — Beatriz a empurrou do quarto e fechou a porta, deixando-a sozinha comigo no corredor minúsculo. Ela estava tão perto que eu podia jurar ouvir sua respiração.

Contive os meus olhos o máximo possível para que ela não percebesse que eu estava a esquadrinhando com o olhar. Estava com um short apertado e uma camiseta de alcinha. *Linda...* estranhamente sensual sem estar de lingerie. Só conseguia pensar em uma hora sozinho com ela, podendo despi-la... Balancei a cabeça, afastando aqueles pensamentos por um momento.

— Vamos para a praça lá embaixo? Vamos poder conversar melhor.

— Certo. — Segui ela pela escada, acenei para as garotas na sala e saímos do pequeno prédio.

— Como conseguiu entrar aqui? É um prédio só para mulheres. — Ela parou debaixo de um poste e se virou para me encarar, de braços cruzados e cara fechada.

— As meninas na sala foram muito gentis comigo.

— Eu deveria ter imaginado. — Ela bufou.

Não consegui parar de olhar para ela um único segundo. Seus cabelos loiros estavam parcialmente presos em um rabo de cavalo desgrehado, e as curvas do seu rosto eram ressaltadas pelas sombras duras provocadas pelo poste. A curva dos seios saltava para fora do decote da camiseta e as curvas eram acentuadas pelo seu short apertado. Poderia estar vestida da forma mais simples possível, mas ela estava linda demais.

— O que queria tanto falar comigo?

Eu sabia que bateria de frente com um vespeiro, porém, talvez, não estivesse tão preparado assim para lidar com as ferroadas.

— Desde que nos beijamos...

— Desde que você me agarrou...

— Que seja! Eu não consigo parar de pensar em você. — Tentei segurar a mão dela, mas Cíntia se esquivou.

— Para quantas garotas já disse isso? — Ela deu alguns passos cambaleantes para longe de mim.

Ouvir aquela pergunta foi como levar um soco na boca do estômago. Tudo se revirou com uma dor terrível.

— Nunca disse para ninguém. Por que essa pergunta?

— Posso estar há pouco tempo aqui, mas já ouvi muito sobre a sua fama.

— Geralmente, são elas que pensam em mim — retruquei, sendo mais grosso do que gostaria.

— Então, por que perder seu tempo comigo?

Fiquei em silêncio. Odiava ser colocado contra a parede daquela forma. Ela estava me testando mais do que eu gostaria.

— Para ser sincero, eu não entendo direito o que estou sentindo. Só uma necessidade enorme de ter você. Eu acho que você tinha que ficar comigo, de uma forma que não sei explicar.

— Eu tenho um namorado.

Respirei fundo. Nunca imaginei que uma simples conversa pudesse fazer meu peito doer tanto. Não estava nem um pouco acostumado com aquele tipo de situação.

— Está me dizendo isso por que é verdade ou só como uma desculpa para que eu fique longe?

— Isso importa?

— Sim, porque eu preciso saber contra o que eu estou lutando.

Foi a vez dela de ficar em silêncio. Minha frase desmoronou a postura de durona, que ela estava se esforçando para manter.

— Eu tenho um cara na minha cidade, mas terminamos para que eu viesse para cá. Eu vim para estudar e não para ficar de rolo com ninguém.

— De rolo? — Arqueei as sobrancelhas.

— Sim. — Ela voltou a cruzar os braços. — Você não é do tipo de cara que namora.

— Então sabe mais de mim do que eu mesmo?

— Não foi isso o que eu disse. — Ela engoliu em seco.

— Eu nunca senti que precisava de uma garota como preciso de você. — Fiquei surpreso quando aquela frase saiu da minha boca, mas era verdade. Talvez estivesse passando tempo demais com o Philip e o espírito de homem

compromissado dele houvesse me afetado. — É como se uma parte de mim tivesse escolhido você. Deixar você escapar talvez seja a maior burrada que posso fazer na minha vida. E olha que já fiz muitas.

Coloquei a minha mão sobre a bochecha dela e ficamos nos encarando por alguns minutos em completo silêncio. Tentei me aproximar e beijá-la outra vez, mas Cíntia escapou por entre meus dedos como farinha.

— Tem uma bela lábia.

Verdade... Deveria ter funcionado, porque nunca precisei ir tão longe para ter uma mulher.

— Por que não acredita em mim? — Minha voz estava trêmula; eu estava confuso e muito incomodado. Tinha certeza de que o que estava falando não era da boca para fora, e isso era o que me deixava mais incomodado.

— Não vou deixar que me distraia dos meus objetivos e acabe apenas partindo o meu coração.

Foi a minha vez de engolir em seco. Tinha de admitir que havia feito isso algumas vezes, muitas vezes. Porém, estava me sentindo diferente, de algum jeito que não conseguia explicar.

— Comprei isso para você. — Estendi a caixa com o telefone. — Queria ouvir a sua voz, então imaginei que seria bom se você tivesse um celular.

Ela empurrou a caixa de volta com uma força que me fez recuar um passo.

— Acha que pode me comprar com o seu dinheiro?!

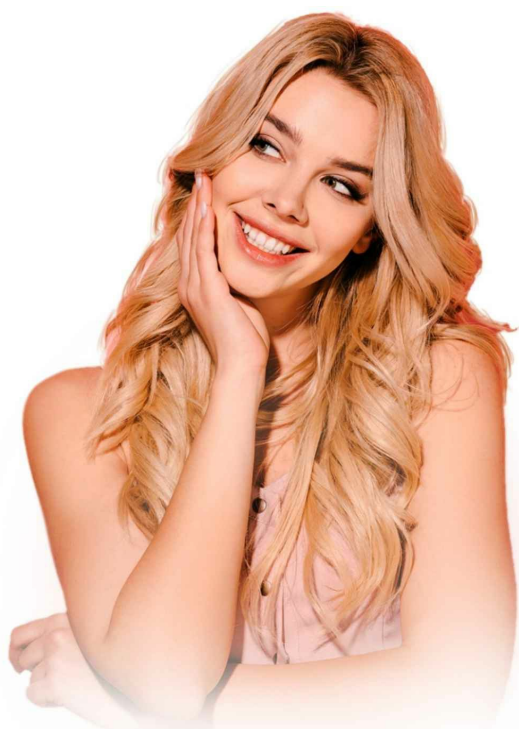
— Não! — Mordi os lábios ao me dar conta do tamanho da besteira que havia feito. Fiz uma nota mental sobre não aceitar conselhos do Renato. — A minha intenção nunca foi essa.

— Vai embora, Vitor! Nunca deveria ter vindo aqui.

— Cíntia, espera!

— Vai embora! — Ela correu para o interior do prédio e eu fiquei falando sozinho.

Por que com ela tudo saía do meu controle? Era para a Cíntia ser apenas mais uma garota com a qual eu transava e esquecia o nome no dia seguinte. Foi surpreendente e doloroso perceber que, pela primeira vez, o controle da situação não era meu. O impulso que tomou conta de mim me dizia para eu me afastar, para pegar aquele celular e o tacar em algum lugar, e para seguir a minha vida, esquecendo-me da caloura de uma vez por todas. Gostando disso ou não, infelizmente, minha vida nunca mais seria a mesma desde que nossos caminhos haviam se cruzado.



CÍNTIA

Capítulo 17

corri com toda a força em meus pulmões para o meu quarto e fechei a porta com força, fazendo com que a Bia pulasse da cama.

— Ei, por que voltou tão cedo?

— Nunca mais, nunca mais me obrigue a fazer alguma coisa que eu não queira fazer! Está me ouvindo?

— Nossa. — Ela abaixou o rosto em uma expressão triste. — Não imaginei que pudesse ser assim tão horrível.

— Para que me iludir com um monte de mentiras, se ele vai me chutar na primeira oportunidade?

— Pera lá! Não acha que está exagerando um pouco?

— Não, não acho. Ele trouxe um celular para mim, achando que podia me comprar. Você acredita?

— Por que não pegou e deu para mim?

— Ah, Beatriz, me erra! — Deixei meu corpo cair sobre a cama. Estava exausta de tudo aquilo.

— Ainda não sacou que ele está muito a fim de você? Primeiro, o beijo, depois as flores, e agora isso.

— Quanto tempo até que essa magia toda acabe? Terminei com o Léo para não sofrer com a distância, mas é dele que eu gosto.

— Tem certeza? Pode negar o quanto quiser, mas está na sua cara o quanto o Vitor mexe com você.

— Ele é só um pesadelo do qual vou acordar rápido. Daqui a pouco, ele

me esquece e parte para outra.

— Vai se arrepender de deixá-lo escapar.

— Boa noite, Beatriz. — Deitei na cama, virada para a parede e cobri o rosto com um cobertor.

Fingi ter dormido até que ela apagasse a luz, porém, no fundo eu não sentia o menor sono. Não conseguia pensar em outra coisa que não fosse a conversa que tivemos. Da boca pra fora ou não, ele havia mexido comigo.

Jamais admitiria isso para a Beatriz, mas ela estava certa. O que eu sentia pelo Léo não era o suficiente para me manter afastada do Vitor; era como se o que ele estivesse despertando em mim fosse incontrollável, e eu estava tentando de tudo para suprimir.

Por que você me assombra, Vitor? Por que me enlouquece? Estava tudo indo muito bem antes dele aparecer.

Puxei o cobertor com ainda mais força, na esperança que sufocasse o que eu estava sentindo. *Foco, Cíntia! Foco!* Eu ainda nem estava no meio do primeiro período... Eu não podia me deparar com uma distração dessa proporção.



Não dormi nada naquela noite e fiquei agradecida por Beatriz não me encher de perguntas pela manhã, pois eu não estava nem um pouco disposta a respondê-las. Sob uma chuva fina e fria, eu segui para a minha primeira aula

daquela manhã: Teoria do Estado I.

Por mais que eu tentasse, não conseguia evitar procurar por Vitor em cada canto do *campus*, mas eu não o via. Tentava enxergar o lado positivo disso: ele não estava mais me perseguindo. Porém, foi inegável a pitada de angústia.

Beatriz e eu nos encontramos no bandeirão na hora do almoço. Coloquei meu prato ao lado dela e me sentei.

— O Vitor sumiu.

— Também, pudera. Depois do toco gigantesco que deu nele. — Beatriz soltou o garfo sobre o prato e se virou para mim.

— Assim você faz parecer mais ruim do que foi de verdade.

— Foi ruim de verdade, Cíntia.

Torci os lábios. Beatriz costumava ser bem exagerada quanto as coisas.

— Mas, como você nem queria nada com ele, é melhor assim.

— Tem razão. — Coloquei um pedaço de tomate na boca acabando de vez com o assunto. Era melhor não dar motivos para Beatriz me encher o saco.

Ele iria dar as caras logo e com outra garota, pensei, enquanto mastigava minha comida. Era o que eu pensava, até uma semana se passar sem que ele desse as caras de novo.

Será que ele tinha desistido da faculdade por minha causa? Isso fez com que eu me sentisse horrível.

Tentei me concentrar na faculdade nos dias que se seguiram, afinal, eu estava ali por ela. Porém, ainda que fosse incapaz de admitir, havia sentido falta do Vitor e isso me corroeu de formas inimagináveis e fez com que eu

me perguntasse por que havia feito aquilo.

Mas as provas logo chegariam e eu tinha que estar pronta para elas.



VITOR

Capítulo 18

Eu me sentia um idiota. Ela preferia acreditar no que ouvira sobre mim do que nas minhas próprias palavras. Nunca tinha aberto meu coração para uma garota antes e me senti um estúpido por ter feito isso. Com certeza ela não dava a mínima para os meus sentimentos.

Bem feito! Isso era para eu aprender que nada deveria ser diferente do que realmente era.

Meu celular tocou sobre o móvel de cabeceira, mas eu ignorei e continuei focado no videogame. Ao menos havia zerado três jogos novos aos quais dera pouca importância quando comprei.

Quem estava ligando foi insistente ao ponto de que eu fosse obrigado a pegar o aparelho para desligá-lo. Olhei para o número no visor e revirei os olhos. Sabia que se não atendesse, ele ia acabar batendo na minha porta.

— Oi, Renato, o que foi?

— Como assim o que foi!? Meu irmão, você desapareceu tem uma semana.

— Estava ocupado com umas coisas na empresa.

— Poxa! Fiquei preocupado e os professores perguntaram sobre você.

— Não sei quando vou voltar. As coisas andam conturbadas.

— Mas você está bem, né? E a Cíntia, como foi que ela recebeu as flores?

— Ela me chutou como um cachorro morto. Sinceramente, não quero falar sobre ela.

— Poxa! Você ficou mesmo bolado com isso.

— Serviu de lição sobre o que gostar de uma garota pode significar.

— Não seja tão cruel consigo mesmo. Ela pode só estar se fazendo de difícil. Sabe que as garotas têm disso. Ficam fazendo joguinhos.

— Você não estava lá para ver como ela me tratou, Renato.

— Eu sinto muito. Mas o que acha de irmos para a balada hoje e pegarmos todas as possíveis?

— Não estou a fim. Comprei o novo homem-aranha, quero virar a noite jogando.

— Cara! O que essa mulher fez com você? Não estou acreditando!

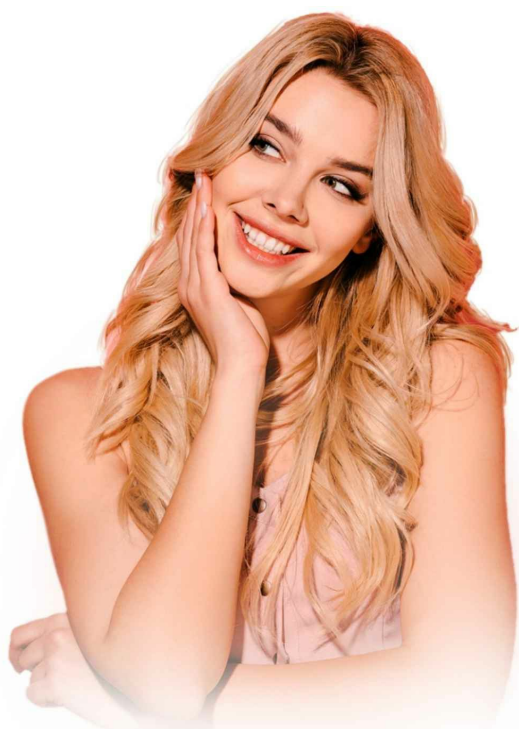
— Renato, não enche. — Desliguei o telefone.

Respirei fundo. Não estava com saco para ouvir ninguém falando na minha cabeça naquele dia. Ainda bem que morava sozinho e não precisava dar satisfações a ninguém.

Se Cíntia achava que eu não passava de um cara superficial e galinha, iria dar razão às palavras dela, assim que tivesse disposição de sair por aí pegando todas que me dessem mole. Nunca deixei que uma mulher me fizesse de tapete e não seria daquela vez.

Era mais simples na teoria do que parecia na prática, mas eu não estava nem aí. Havia brigado tanto comigo mesmo nos últimos dias... Que se danem Cíntia e todas as outras mulheres! Iria dar um tempo em todas elas para que aquilo não acontecesse outra vez.

Dei *play* no jogo e voltei a me concentrar em algo que eu conhecia bem e tinha controle.



CÍNTIA

Capítulo 19

Beatriz havia saído para beber com algumas das outras meninas da moradia e eu, *cafona como sempre*, segundo ela, havia ficado. Estava sentada diante da escrivaninha, debruçada sobre alguns artigos de História do Direito quando ouvi uma batida na porta.

— Ah, Beatriz! Não acredito que esqueceu alguma coisa.

Eu me levantei para abrir a porta e dei de cara com a última pessoa que imaginava ver. Eu nem sabia o nome dele, só que andava com o Vitor.

— O que está fazendo aqui? — Estava prestes a fechar a porta quando ele a segurou com a mão.

— Eu precisava falar com você sobre o Vitor.

— Olha, nem sei seu nome e, sinceramente, veio perder seu tempo se acha que possa dizer algo que eu não saiba.

— Espera, Cíntia! Meu nome é Renato. Sou o melhor amigo do Vitor e não acho que ele tenha falado que está apaixonado por você.

— Sério, dá o fora! Não vou cair nessa.

— Faz isso porque não acredita nele. É isso?

— Por que eu acreditaria? — Soltei a porta e cruzei os braços.

— Olha, garota. Eu conheço o Vitor há mais tempo do que você e, sim, ele não é do tipo que gosta de uma garota. Talvez por isso ele esteja desse jeito. Ele não atende as minhas ligações, diz que está atolado em trabalho, mas aposto que está trancado no apartamento jogando videogame. Porque é assim que ele age toda vez que está triste, se isola.

— Eu não posso fazer nada.

— Está enganada. Se sente alguma coisa por ele, dá uma chance *pro* cara.

— Para depois ser jogada de lado, como uma qualquer? — Eu podia ser da roça e inexperiente em muitas coisas, mas não havia deixado tudo para trás para ser feita de brinquedo.

— Olha, eu não conheço você. Mas ele não é bem o que dizem. Porém, serei sincero, eu nunca o vi assim, não posso garantir o que vai acontecer. Contudo, por favor, pense a respeito.

— Vou pensar. — Apontei para o corredor para que ele fosse embora.

Eu queria ter dito que ia pensar apenas da boca para fora, porém, as palavras realmente reviraram dentro de mim.

— Esse é o endereço dele. Se mudar de ideia, sabe onde encontrá-lo. — Renato me entregou um pedaço de papel.

— Não prometo nada.

— Apenas pense. Se sente alguma coisa por ele, pare de ignorar os sentimentos do cara.

Renato saiu pelo corredor e eu fechei a porta.



VITOR

Capítulo 20

sai do chuveiro, esfreguei o espelho que estava embaçado e olhei para mim mesmo. A barba já estava cobrindo o queixo, sinal de que eu não a fazia havia algum tempo. Se eu não tivesse que ir a uma importante reunião da empresa amanhã, passaria longe do barbeador por simples preguiça. Triste ou não, ainda tinha amor a minha vida e sabia que meu pai mandaria me matar caso eu deixasse de lado os compromissos com a empresa.

Respirei fundo e apoiei as duas mãos sobre a bancada da pia. Já tinham se passado quinze dias desde que eu a vira pela última vez, então por que eu simplesmente não conseguia tirar ela da cabeça?

Ouvi o interfone tocar e praguejei baixinho. Tinha certeza de que era o Renato. Pensei umas três vezes se deveria ou não abrir a porta, mas, por fim, decidi não o deixar do lado de fora. Enrolei-me em uma toalha e sai para abrir a porta.

Quando abri a porta, a surpresa que tive foi como se tivesse tomado um coice bem no meio do peito.

— Cíntia?... — O nome dela saiu trêmulo pelos meus lábios.

Ela me olhou dos pés à cabeça, ainda parcialmente molhado e coberto apenas por uma toalha e deu um passo hesitante para trás. Percebi que suas bochechas haviam corado e que meu abdômen tinha chamado sua atenção.

— Eu não deveria ter vindo... — A voz saiu trêmula pelos seus lábios aveludados. Seus olhos castanhos estavam arregalados. Me ver seminu havia a impactado.

— Calma, eu estava tomando banho. Só vim assim porque achei que era

o Renato. — Puxei ela para dentro e fechei a porta. Desconhecia o motivo de ela estar ali, mas não deixaria que escapasse. — Me dá um minuto que vou vestir alguma coisa. Não vai embora, fica aqui.

— Tá bom. — Ela assentiu.

Saí praticamente correndo e fui para o meu quarto. Coloquei a primeira camisa e bermuda que encontrei pelo caminho e voltei num fôlego só para a sala, onde ela permanecia de pé ao lado da porta.

— Pronto.

— Melhor assim. — Ela me deu um meio sorriso que abriu um sol no meu coração. *Por que aquela mulher mexia assim comigo?*

— Vem, senta. — Apontei para o sofá enquanto me sentava numa poltrona diante dela. — Não imaginei que viria aqui.

— Eu também não. — Ela cruzou os braços sobre os joelhos, cobertos por uma calça jeans.

Ficamos longos segundos nos encarando no silêncio. Até que ela ousou quebrá-lo.

— Você sumiu da faculdade.

— Eu estava ocupado.

— Imaginei que sim. Desculpa, foi um erro eu ter vindo aqui. — Ela começou a se levantar, mas a segurei pelos pulsos, impedindo-a.

— Não. Eu estou mentindo.

— Por quê? — Ela me encarou, finalmente havia conseguido a sua atenção.

— Não queria olhar para você depois do fora que me deu.

— Imaginei que fosse me esquecer fácil.

— Eu deveria, mas não esqueci. Não me pergunte o motivo, pois desconheço a resposta.

— Seu amigo foi conversar comigo tem uns dias.

— Quem, o Renato?

Ela apenas fez que sim.

— O que ele disse?

— O suficiente para me fazer vir aqui.

— Então, preciso agradecer a ele.

— O que disse para mim é verdade? — Ela me encarou, como se quisesse ver a minha alma além dos meus olhos.

— Se não fosse, eu não teria dito.

Ela engoliu em seco, mas ficou em silêncio. Vi aquilo como uma brecha para continuar.

— Admito que não sou um santo. Já tive mais casos do que posso contar nos dedos, mas nunca menti para nenhuma delas. Nunca precisei conquistar nenhuma mulher; elas simplesmente queriam ficar comigo. Você fugiu à regra e me mostrou que sou um fracasso para conquistar alguém.

Ela riu. Uma gargalhada, sutil e harmoniosa, que encheu meu coração de esperança.

— Talvez você não seja tão ruim assim.

— Não?

— Não..., Mas se brincar comigo, eu juro...

Me curvei sobre ela e a impedi que continuasse a falar com meus lábios cobrindo os seus. Dessa vez, não houve protesto por parte dela nem por um único segundo. Minha língua deslizou para dentro da boca de Cíntia enquanto

eu me sentava no sofá e a puxava para o meu colo.

Com uma mão em sua cintura, embrenhei a outra em seu cabelo, puxando os fios loiros.

Eu me senti no céu, podendo beijá-la daquela forma. Cíntia envolveu meu pescoço com os braços à medida que seu corpo delicado se moldava ao meu. A língua dela tinha um sabor doce no qual eu podia facilmente me viciar. Era um alucinógeno que disparava meu coração e fazia meus músculos tremerem.

Apertei a sua cintura e a fiz se esfregar em mim. A minha bermuda era fina e imagino que ela tivesse sentido a minha ereção, porque deu um pulinho, mas eu a mantive firme ali.

Cíntia me empurrou por falta de ar, mas eu prolonguei o beijo pelo máximo de tempo que consegui.

— Esse não era bem o jeito que me imaginei morrendo sufocada. — Ela riu enquanto balançava os cabelos selvagens.

— Você é tão linda. — Acariciei o rosto dela. — Quis aproveitar o máximo possível o beijo, vai que você muda de ideia.

— Não vai poder me beijar mais se eu morrer sufocada. — Ela se deu conta que estava sentada no meu colo, em cima do meu pau duro, e pulou de volta para o sofá.

— Pode deixar que vou cuidar de você. — Coloquei uma mecha do cabelo dela atrás da orelha. Queria mais, muito mais, porém, tentei não ir com sede demais ao pote para não a assustar. Aquele momento já era uma vitória.

— Não me machuque, Vitor. Não brinque comigo.

— Ei! Inocente até que se prove o contrário, senhora advogada. —

Passei as pontas dos dedos pelo queixo dela. — Confia em mim.

Ela apenas sorriu e eu pulei para o sofá ao lado dela para beijá-la.

— Sabia que é a primeira namorada que eu tenho? — Segurei seu rosto entre minhas mãos enquanto a encarava.

— Então, estamos namorando? — Cíntia franziu o cenho.

— Achei que você não fosse uma garota de rolos. — Usei os argumentos dela para reforçar o que eu queria. Não fazia ideia se isso daria certo, mas, naquele momento, queria estar com ela.

— E não sou. — Ela torceu os lábios de um jeito que me fez querer beijá-la outra vez.

— Então...

— Eu não planejava ter um namorado aqui.

— Nem eu que a minha primeira namorada fosse uma caloura briguenta. Mas aqui estamos nós. — Curvei-me na direção dela e Cíntia apoiou as costas no braço do sofá.

— É, aqui estamos nós...

Subi a mão pela nuca dela e enterrei meus dedos em seu macio cabelo loiro. Senti ela estremecer quando puxei sua cabeça para trás e beijei a base do seu pescoço. Subi com um caminho de beijos até a boca dela. Mordisquei seus lábios antes de me aventurar com a língua a procura da dela.

Apoiei minha mão livre no encosto macio do sofá e me debrucei ainda mais em cima dela, intensificando o beijo, tornando-o cada vez mais urgente e voraz. Tirei a mão do sofá e passei pela lateral do corpo dela, subindo por dentro da sua blusa até apertar o seu seio.

Cíntia puxou a minha mão, afastando-a, mas não deixei que parasse de

me beijar. Quanto mais eu me esfregava nela, mais o meu corpo pedia e não estava entendendo o motivo dela me afastar assim.

Eu me afastei um pouco apenas para que pudéssemos recuperar o ar.

— Eu poderia beijar você a noite inteira. — Segui com a boca para o seu pescoço e percebi que Cíntia se arrepiou inteira.

Iria tirar a blusa dela, quando, toda arisca, ela se esquivou.

— Não poderia, não. — Cíntia rolou para fora do sofá e ficou de pé.

— Por quê? — Estava ofegando e desapontado por ela ter fugido dos meus braços.

— Eu preciso voltar para moradia, amanhã tenho prova de História.

Levantei e abracei ela por trás, beijando seu ombro exposto pela alcinha da blusa.

— Pode estudar aqui. — Mordisquei seu pescoço. *Poderia estudar na minha cama...*

— Ambos sabemos que você não vai deixar.

— Tira muitas conclusões a respeito de mim.

— Você não é um santo, Vitor.

— Tudo bem. — Dei de ombros ao admitir. — Quero levar você para a minha cama, beijar você, te tocar...

— Vitor! — Ela balançou a cabeça em negativa e se afastou de mim. — Além disso, preciso ir antes que fique perigoso demais para voltar de ônibus sozinha.

— Acha que vou deixar minha namorada voltar para casa sozinha de ônibus? — Olhei para o relógio na parede atrás dela. — Oito horas da noite. De jeito nenhum! — Peguei a chave do carro, que estava jogada sobre um

dos móveis da sala.

— Vitor, não precisa.

— Pode não aceitar meus presentes, mas te levar em casa não é luxo, é segurança.

— É luxo quando o seu carro custa mais do que meus pais ganharam a vida inteira.

— Não faz isso. — Fechei a cara. — É só um carro.

— Tudo bem. — Ela cruzou os braços. — Só porque é mais seguro.

— Linda! — Eu a puxei pela cintura e a beijei num rápido selinho.

— Vamos?

— Já que vou te levar de carro, bem que você poderia ficar um pouco mais, né?

— Vitor, não!

— Ah, não custava tentar. — Dei de ombros.

— Vai me levar ou não?

— Vamos. — Estendi a mão pra Cíntia.

A minha vontade era ficar ao lado dela pra sempre, entretanto, esse era um dos poucos luxos que eu não tinha. Desci com a Cíntia até a garagem e abri a porta do carona para ela. Estava gostando mais daquilo do que poderia imaginar.

Eu a beijei o quanto pude antes de ligar o carro e sair da garagem. Fiquei com um olho nela e outro na rua durante todo o percurso. A luz dos postes reluzia em seu cabelo loiro e o fazia brilhar como se fosse feito de ouro. Eu achava Cíntia mais bonita a cada segundo que olhava para ela.

Parei o caro em frente a moradia e foi Cíntia quem se curvou para me

dar um beijo.

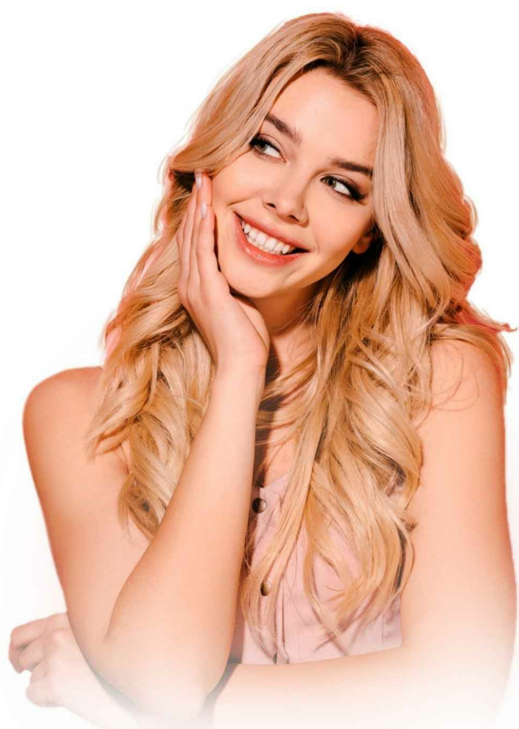
— Nos vemos amanhã?

— Depois da minha prova.

— Tudo bem! — Bufe e ela riu.

— Até amanhã, Vitor. — Ela fechou a porta do carro e se afastou.

Fiquei olhando para ela até que sumisse completamente, e só então liguei o carro e voltei para casa.



CÍNTIA

Capítulo 21

Eu me apoiei na porta com o coração palpitando e a respiração ofegante. Acendi a luz, me esquecendo da probabilidade de Beatriz já ter voltado.

— Cíntia, onde você estava?

— Eu saí. — Minha voz estava mais trêmula do que eu gostaria.

— Posso saber para onde? — Ela tirou os fones de ouvido e se sentou na cama, olhando fixamente para mim, deixando claro que eu tinha a sua total atenção.

Pensei um longo minuto se deveria ou não contar para ela e conclui que era melhor dizer logo, porque ela iria descobrir uma ora ou outra.

— Eu estava com o Vitor.

— Com o Vitor?! — O grito dela me deu um susto, que quase acertei as costas na porta. — Como assim?

— Bem, o Renato apareceu aqui... — Eu me sentei ao lado de Beatriz e comecei a contar pra ela tudo o que havia acontecido no meu dia.

— Eu não acredito! Depois de tudo, vocês estão juntos?

— Parece que sim. — Dei de ombros ao puxar o travesseiro para o meu colo.

— Ele realmente estava muito a fim de você, porque esse não é o Vitor que conheci a um ano atrás. Se eu não soubesse o quanto você é certinha, juro que não teria acreditado em uma palavra do que você disse. Namorando o Vitor?! Puta que pariu! — Ela mordeu os lábios para conter o palavrão. — Está para nascer uma pessoa mais sortuda do que você.

— Não sei se sou tão sortuda assim. — Desviei o olhar para a sombra que o abajur fazia na parede. — O Léo...

— Ah, não começa vai... Vocês nem estavam mais juntos.

— Ele não vai gostar de saber que estou com outro cara aqui.

— Você se preocupa demais; o que o Léo vai achar disso é problema dele e não seu.

— Isso não é justo, Bia. Fomos namorados por anos.

— Responda uma pergunta, mas seja sincera. Qual dos dois deixa as suas pernas mais bambas?

— Que pergunta é essa?

— Seja sincera.

Olhei para ela enquanto pensava por alguns minutos. Lembrei de todo o fogo que o Vitor atçou no meu corpo enquanto me tocava. Apertei uma coxa contra a outra, amenizando a pulsação que senti entre elas, e me revirei dentro de mim mesma ao constatar a resposta.

— Hein, Cíntia, me diz! Qual dos dois?

Respirei fundo, mordendo os lábios.

— O Vitor... — desabafei, sentindo vontade de esconder o rosto.

— EU SABIA!!! Ele deixa as minhas pernas trêmulas e eu nunca o beijei. — Ri de toda a empolgação dela.

Fechei os olhos e deixei que as imagens dos momentos que passamos juntos tomassem a minha mente. Era quase impossível negar o que ele provocava em mim. Meu coração disparava de um jeito incontrollável e todo o meu corpo aquecia como se ele tivesse ateado fogo em mim.

— A forma como ele me beija, me aperta, me toca...

— Tá, chega! Eu não tenho namorado e vou ficar na fossa só de ficar pensando naquele pedaço de mal caminho dando uma prensada em mim.

— É bom não pensar nele assim mesmo, não.

— Mal começaram a namorar e já está possessiva assim com o cara? Ah, nem, viu!

Comecei a rir e ela me deu uma *travesseirada*. Peguei o que estava no meu colo e bati de volta. Ela revidou e logo estávamos em uma disputa de travesseiros. Ficamos minutos batendo uma na outra enquanto ríamos muito.

— Chega! — Soltei meu corpo sobre o colchão. — Preciso estudar para a prova de amanhã.

— Tá, eu só vou deixar porque hoje você deu uns bons pegas no gostosíssimo do Vitor Doneli.

— Sabe até o sobrenome dele? — Fiquei boquiaberta.

— Só não sei a cor da cueca, nem o tamanho do pau, mas isso você pode me contar. — Piscou para mim.

— Beatriz!

— Tudo bem! Não está mais aqui quem falou.

— Melhor assim. — Joguei o travesseiro nela e fui pegar meus textos para voltar a estudar. Para que o que eu tinha com o Vitor funcionasse, era melhor não vacilar com a faculdade.



Acordei com um sol radiante, assim como o meu humor. Fiz a prova da melhor forma que pude e jurava que me dera bem. Assim que saí porta afora, segurando o caderno junto ao peito, tomei um susto.

— Já te disse que está linda? — Vitor estava escorado do lado de fora da porta, segurando em sua mão uma rosa vermelha.

— Hoje não. — Peguei a rosa e a cheirei.

— Como foi a prova? — Ele me ofereceu a mão para que eu entrelaçasse meus dedos aos dele.

— Acho que fui bem. — Sorri para ele enquanto caminhávamos pelo corredor de mãos dadas.

Vi várias meninas olhando torto para mim, mas Vitor pareceu nem perceber a presença delas e isso fez com que eu me sentisse bem. Comecei a levar a sério o que a Bia tanto falava: eu tinha sorte. Vitor não havia namorado ninguém, eu era a primeira. Só esperava que fosse sorte mesmo.

— Eu fico feliz. Quanto melhor for nas provas, menos vai se importar em me ter bem junto a você.

— Não sabia que era do tipo grudento.

— Confesso que nem eu. — Ele fez careta e rimos juntos. — Sabe, Cíntia, você revelou sentimentos em mim que eu nem sabia serem possíveis. A começar pela raiva.

— Raiva? — Arqueei as sobrancelhas.

— Sim, raiva. Ou acha que morri de amores por você quando jogou a cerveja em mim?

— Preciso lembrá-lo de que foi você quem começou quando jogou tinta em mim? — Parei no meio do corredor, encarando-o, e cruzei os braços, deixando a minha expressão fechada.

— Não foi a primeira caloura em quem eu joguei tinta. Mas a primeira a me desafiar por isso.

— Pelo visto sempre fez o que quis?

— Em partes.

— Vitor!? — Olhei torto para ele.

— Tudo bem, talvez a maior parte do tempo. Mas foi bom que tenha jogado a cerveja.

— Por quê? — Balancei a cabeça, confusa.

— Me fez olhar para você.

— Se eu não tivesse o desafiado, quer dizer que nunca teria olhado para mim? Estou começando a ver o tamanho da besteira que fiz.

— Sem arrependimentos, amor. — Ele me empurrou contra a parede, fazendo-me arquejar, e se curvou para me beijar, mas eu o puxei para um corredor lateral onde estávamos um pouco mais escondidos dos olhares curiosos e desdenhosos. Por mais que estivesse feliz por estar com ele, não queria que saíssem comentando por aí do que fazíamos em público.

Puxei ele pelo pescoço e Vitor me beijou. Ele apertou a minha cintura e eu senti as pernas bambas, exatamente como Beatriz havia perguntado. Era um frio no estômago que ia se transformando em calor à medida que a língua dele brincava com a minha. Ele escorregou os lábios até a base do meu pescoço e me arrepiei inteira. Meus olhos se fecharam por reflexo, mergulhando nas sensações novas e sedutoras que se apossavam do meu corpo. *Delicioso, quente, enlouquecedor...* Respirar ia se tornando cada vez mais difícil, porém, não queria que ele parasse.

Vitor subiu com a boca de volta para minha e mordiscou o meu lábio, arrancando de mim um gemidinho antes de levar a língua de volta para a

minha. Ele apertou mais o corpo contra o meu e me espichei na parede, sentindo um volume na calça dele ser pressionado entre as minhas pernas, aumentando a pulsação ali que havia começado com o beijo. Suas mãos apertaram com mais força a minha cintura, até que começaram a descer. Vitor apalpou a minha bunda e eu soltei um gritinho, sendo abafado pelos seus lábios nos meus.

A parte racional da minha mente me dizia para não deixar. Minha mãe falava que não era certo deixar um homem me tocar daquele jeito; Léo não fazia isso, porém, era bom, bom demais... A boca do Vitor escorregou pela minha, traçando um caminho de beijos pelo meu pescoço até parar na elevação dos meus seios no decote da blusa. Ele beijou e mordiscou, fazendo-me experimentar algo inimaginável e delicioso que me despertava um perigoso desejo por mais. Era enlouquecedor e difícil de resistir, mas quando a sua língua foi parar dentro do meu sutiã eu tive um estalo de racionalidade.

— Eu preciso voltar para a moradia e estudar. — Juntei toda a força que tinha para empurrá-lo para longe.

— Tudo bem. — Se afastou, sem protestar, mas ambos estávamos ofegantes. — Eu te deixo ir se prometer que sairá para jantar comigo. — Acariciou o meu rosto e me fez fitar os seus olhos verdes.

— Jantar com você?

— Sim...

Aqueles restaurantes caros e desconfortáveis infestaram a minha mente.

— Não. Jantar, não!

— Ah, Cíntia, por que não? — Ele fez uma cara de dó; se eu fosse um pouco mais coração mole, teria morrido de pena.

— Um piquenique, num parque, ou às margens da lagoa, o que acha?

Ele abriu um enorme sorriso.

— Pode ser. Eu te pego às oito?

— Combinado. — Dei um selinho nele e me afastei corredor afora.
Minha intenção era correr, mas era difícil fazer isso com as pernas bambas.



VITOR

Capítulo 22

— E esse sorriso todo, Vitor? — Philip me parou no corredor assim que saímos da reunião sobre o faturamento mensal.

— Nada. — Tentei desconversar ao dar de ombros.

— Não é o que parece.

Fiz um gesto para que ele me seguisse até um canto, fora da visão do meu pai e dos outros acionistas da Alfazema.

— Digamos que conheci uma garota e estamos nos entendendo. Ela é diferente de todas com que já estive. Faz com que eu me sinta diferente, bem, e feliz.

— Está dormindo com ela?

— Não, por incrível que pareça, não tenho a menor pressa com isso. Ela tem todo jeito de ser virgem.

— Você está doente?

— Não, nenhum pouco.

Philip riu enquanto balançava a cabeça em negativa.

— É, meu amigo, você foi fisgado. Achei que apenas eu tivesse caído nessa. — Ele me deu uns tapinhas no ombro. — Quando eu irei conhecê-la?

— Podemos combinar um dia.

— Perfeito.

— Agora, eu preciso ir, porque preciso planejar um jantar que não seja num restaurante.

— Ela é exigente assim?

— Não, só bem mais simples do que as garotas com quem eu estava acostumado a sair. Recusou o celular que eu comprei, mas aceitou um botão de rosa.

— Isso é um bom sinal, alguém que te quer pelo que você é e não pelo que tem. Eu já fui como você; dormia com uma diferente a cada dia, nunca sabia os nomes delas, mas quando a Cristal apareceu, tudo mudou. Não vou mentir, tive medo pra caralho. Abrir mão de todas por uma só parecia loucura, mas cada dia do meu casamento só me faz ter mais certeza de que fiz a melhor escolha. Eu a amo e amo o nosso filho mais do que qualquer coisa.

— Como soube que era ela? Eu senti vontade de namorar a Cíntia, como não tinha sentido com nenhuma outra mulher, mas ainda é tudo tão recente! Confesso, cara, que eu estou confuso. E se for só um momento?

— A gente não sabe, Vitor, a gente sente. — Ele deu um soquinho no meu peito de um jeito brincalhão. — Pela sua cara, acho que você pode estar sentindo.

— A certeza que eu tenho é que ela me tirou do eixo e me fez repensar tudo.

— Se aceita um conselho meu, agarre-a e não a deixe escapar, pois ela pode ser o seu feliz para sempre.

— Eu vou seguir o seu conselho. — Sorri.

— Bom jantar para vocês. — Ele se despediu de mim com um abraço.

— Obrigado!

Estava confuso, eu ainda estava tentando entender aquele sentimento. Achava que o amor era uma ideologia criada para vender livros, filmes, e presentes, mas Philip, um cara que cresceu cercado de tudo o que queria, assim como eu, estava casado e era pai. Ele era uma prova de que, talvez, o

amor fosse real. A experiência dele me fazia querer vivenciar ainda mais aquele momento e descobrir mais sobre aqueles novos sentimentos.

A minha hora de largar todas para escolher uma havia chegado?
Precisava de mais tempo para ter certeza, pois parecia que sim.

Estava prestes a sair pelo corredor quando fui parado por um chamado do meu pai.

— Vitor?

— Sim, o que foi, pai?

— Queria que fizesse uma análise especial dos dados nas planilhas desses relatórios. — Ele me estendeu uma pasta preta. — É para definirmos as metas para o próximo ano. Quero a sua opinião. — A ordem estava clara no tom de voz dele.

— Mas por que eu? — Segurei a pasta e abri, correndo os olhos nos relatórios.

— Como futuro presidente dessa empresa, é bom que comece logo a tomar decisões importantes.

— Entendo. Pode deixar que farei um relatório sobre o meu posicionamento.

— Relatório não, monte uma apresentação para os acionistas para segunda-feira.

Segunda-feira eu tinha prova. Respirei fundo.

— Certo, pai. Segunda-feira. Até amanhã. — Peguei a pasta, coloquei debaixo do braço e sai andando.

— Espera! Ainda não terminei com você. O que estava falando com o Philip?

Cerrei os dentes e voltei a encará-lo.

— Nada importante e não era sobre a empresa, caso isso o preocupe. — Não achei prudente falar para o meu pai sobre a Cíntia, muito menos que eu estava namorando. Ele nunca tinha visto com bons olhos as *distrações* que eu arrumava ao longo do tempo.

— Bom saber.

— Posso ir agora?

— Sim.

Dei as costas e continuei andando. Digamos que a relação com o meu pai nunca fora uma das melhores possíveis. Sempre dedicado a empresa, ele me via muito mais como um herdeiro do que um filho. Imaginava que fosse por isso que ele não teve mais filhos, só precisava de um para assumir a empresa quando ele estivesse velho demais.

Enquanto rumava para a saída do prédio, parei de pensar no meu pai e me preocupei em fazer algumas ligações para preparar minha noite com a Cíntia.



VITOR

Capítulo 23

A lua estava linda quando parei diante da moradia estudantil naquela noite de quarta-feira. O vento soprava forte e levava as gotas de água que ainda salpicavam o meu cabelo molhado.

Buzinei e não demorou para que ela descesse. *Ela estava linda!* Meu coração até disparou quando Cíntia entrou no meu raio de visão. Usando um singelo vestido cor-de-rosa que ressaltava suas curvas e os olhos castanhos. Ela tinha o cabelo solto, que emoldurava seu rosto, e usava um chamativo batom vermelho, que fazia seus lábios saltarem aos meus olhos, pedindo por mais beijos meus. Estava louco para tomá-la em meus braços e não deixar que se afastasse.

— Oi. — Ela abriu a porta do carro e se sentou ao meu lado.

— Você está deslumbrante.

— Estou? — Ela escondeu um pouco o rosto no meu ombro, envergonhada.

— Sim. — Peguei a mão dela e levei aos lábios. — Cheirosa também.

— Assim você me deixa sem graça.

— Estou falando apenas a verdade.

— Aonde vamos? — Ela mudou de assunto enquanto colocava o cinto.

— Para o parque central.

— Mas ele já não está fechado nesse horário?

— Digamos que dei meu jeito.

Ela balançou a cabeça em negativa, mas não disse nada.

Liguei o carro e dirigi rumo ao nosso destino daquela noite. Era a primeira vez que planejava um encontro; esperava que não houvesse me saído tão mal nessa tarefa.

Estacionei o carro na entrada principal do parque e caminhei até o portão de mãos dadas com a Cíntia. O segurança abriu o portão para nós e entramos. O caminho por entre as árvores estava completamente escuro e eu a senti se agarrar ao meu braço, para manter o equilíbrio.

— É um encontro às cegas, é?

— Não. — Ri do desespero dela. — Você é bonita demais para que eu não fique te olhando. — Dei nela um rápido beijo antes de darmos mais um passo e as luzes do coreto se acenderem, revelando uma mesa de madeira e sobre ela uma cesta de piquenique.

— Não era bem assim que eu esperava um piquenique, mas...

— Mas?

— É impossível não achar isso lindo.

— Que bom que gostou! — Acariciei o rosto dela, enrolando uma mecha do cabelo loiro no dedo.

— Sim, muito.

— Vem. Vamos provar a comida. — A puxei para que pudéssemos subir a escada do coreto.

Ela se equilibrou no pequeno salto até chegar a mesa e se sentar na cadeira diante de mim. O brilho das lâmpadas do coreto só fazia reluzir ainda mais o castanho intenso dos seus olhos.

— Você toma vinho?

— No natal... — Ela mordeu os lábios.

— Posso servir para nós?

— Uma taça — ponderou, pensativa.

Peguei o abridor, tirei a rolha da garrafa, e servi uma dose para cada. Depois, peguei uma porção de queijo e frutas que estavam em um refratário com repartições.

Finquei o garfo em uma uva e levei aos lábios vermelhos dela. Não era a intenção do momento, mas fiquei imaginando a boca dela envolvendo outra parte do meu corpo. Havia dito ao Philip que não estava com pressa para levá-la para cama, mas o desejo constante ainda estava ali. Cíntia era bonita e tinha um corpo atraente demais para que eu dissesse que não me deixava morrendo de vontade. Quem sabe eu não teria sorte naquela noite?

— Você é assim mesmo ou sou eu quem estou sonhando? — Ela olhou bem para mim.

— Se for um sonho, não me deixa acordar. — Me debrucei sobre a mesa para beijá-la.

Afastei-me devagar para aproveitar ao máximo o gosto doce dos seus lábios, da sua língua, e o perfume da sua pele.

— Por que não me fala um pouco mais sobre você? — Ela bebericou o vinho ao me encarar.

— O que quer saber de mim? — Apoiei as mãos na mesa, receoso.

— Por que não começa pela sua família? Tem irmãos?

— Não, sou filho único. Meu pai não é do tipo muito familiar; às vezes, eu chego a pensar que o casamento dele com a minha mãe foi mais um dos seus acordos de negócios, já que ela era herdeira de uma empresa que ele queria agregar à Alfazema.

— Nossa, lamento muito.

— Não lamente. — Segurei a mão dela que estava sobre a mesa. — Acho que os dois se acertam à sua maneira. E você?

— Eu? — Ela se engasgou.

— Sim, a sua família.

— Bom, eu tenho dois irmãos mais velhos, que estão casados. Nenhuma empresa no meio. — Ri dela. — Meu pai cuida de uma lavoura de café com mais de vinte hectares e minha mãe o ajuda como pode.

— Eles parecem bem gentis.

— Não sei se seriam com alguém como você.

— Alguém como eu? — Torci os lábios com uma pontada de irritação.

— Um tiquinho metido. — Ela deu de ombros. — Esnobe, talvez.

Peguei uma fruta e coloquei na boca dela, para que ficasse calada.

— Vamos esquecer a empresa e a minha família. Essa noite, somos só nós dois. — Acaricieei seu rosto; não iria deixar que o fato de ser um Doneli atrapalhasse o nosso relacionamento. — Posso gostar de jantares simples assim.

— Não é bem simples, mas digamos que você se saiu bem.

— Céus! Como é difícil agradar você. — Joguei a mãos para o alto, fingindo revolta.

Cíntia riu.

— É mais fácil do que imagina. — Ela colocou suas mãos sobre as minhas e eu não contive o sorriso.

— Eu sou um bom aprendiz; você pode me ensinar.

— Vou gostar disso.

Beberiquei o vinho enquanto a encarava. Eu ria de mim mesmo se

ouvisse alguém contar sobre aquele momento, pois jurava que a encarava com paixão, algo que certamente eu não fizera antes em nenhum outro momento. Philip estava certo; a gente simplesmente sentia quando era a garota certa.

Comemos uma torta de frango e depois voltamos para as frutas e o chocolate.

O céu sobre as nossas cabeças estava incrível, com estrelas de uma forma que não estava acostumado a ver. Talvez a poluição naquele lugar fosse menor do que no restante da cidade, graças às árvores.

— Vem, vamos olhar o céu. — Cíntia se levantou e me puxou pela mão.

Deitamos lado a lado sobre a grama. Cíntia encostou a cabeça na minha enquanto observávamos as estrelas. A puxei para mais perto, numa desculpa para que a minha pele mantivesse a dela aquecida. Na verdade, queria o seu contato, seu perfume, e seu calor.

— Que estrelas mais lindas — murmurou baixinho, admirada.

— Essas estrelas só não são mais bonitas do que uma coisa. — Rolei para cima dela, prensando-a na grama com o meu peso.

— Do que o quê?

— Você. — Mordisquei os lábios dela, fazendo-a estremecer, antes de começar a beijá-la. Seus lábios ainda estavam sujos com chocolate e os limpei com a minha língua. Estava ansioso por ter a minha boca passeando por todo o corpo dela.

Cíntia enterrou seus dedos nos meus cabelos e eu comecei a beijá-la mais intensamente, inebriado pelo sabor dos seus lábios, da sua boca, da sua língua. Coloquei uma mão na sua nuca e puxei a sua cabeça para o lado, deixando o seu pescoço a mostra. Beije a sua garganta, contornando com a

língua até a sua orelha, me excitando com a forma como ela se arrepiava.

Por instinto, coloquei a mão na cintura dela e fui deslizando-a para cima, subindo, acariciando a Cíntia, até que eu tocasse seus seios, envoltos pelo bojo do sutiã. Nosso beijo foi ganhando intensidade e urgência à medida que minhas carícias ficavam cada vez mais provocativas. Apalpei os seios dela em meio ao beijo e Cíntia mordeu meus lábios com um suave gemido. Os toques e os beijos estavam colocando fogo no meu sangue. A minha vontade de penetrá-la era cada vez maior e não havia qualquer racionalidade nisso. Estava apaixonado por aquela garota, e o desejo se tornava ainda maior. Era uma descoberta, uma ânsia por *fazer amor* pela primeira vez, diferente de qualquer foda que eu já tive. Queria explorar seu corpo lentamente, antes de torná-la minha por completo.

Desci os lábios até o seu pescoço e beijei seu decote. Roci nela a minha excitação enquanto mordida sua pele. Puxei o seu decote e fiz com que um dos seios dela saltasse para fora. Abocanhei o mamilo, faminto. Sorvi e suguei, enquanto uma das minhas mãos tomava caminho para o meio das suas pernas.

Dizia a mim mesmo que não estava com pressa, mas era difícil vencer a ansiedade. Toquei sua calcinha de algodão com a ponta do dedo, afoito para sentir a textura do seu sexo. Estava prestes a puxá-la para o lado quando a Cíntia gritou:

— Vitor, não! — Ela me empurrou e eu rolei para o lado um tanto confuso. Pelos gemidos, achei que não era o único que estava gostando.

Eu me sentei na grama e a observei se levantar e ajeitar rapidamente o vestido. A luz era pouca, mas não precisava enxergar direito para perceber o seu constrangimento.

— Desculpa. Eu não queria passar dos limites. — Olhei para o céu,

estranhamente envergonhado demais para encará-la. Fui tomado por surpresa ao perceber que estava com medo. Sempre conseguia sexo fácil, no entanto, o medo da minha fome assustá-la me apavorou.

— Tudo bem. Acho que já está na hora de irmos. Pode me levar em casa?

— Sim. — Acho que foi difícil esconder a decepção no meu rosto.

Eu estava mais furioso comigo mesmo. Por que precisava parecer um macho atrás de uma gata no cio? Me contive para não esmurrar o chão. Já fora difícil convencer Cíntia a ficar comigo, não podia espantá-la sendo precipitado com as coisas. Entretanto, era mais difícil conter os meus próprios impulsos do que eu imaginava. Não sabia ir devagar, mas teria que aprender.

Queria aquela garota e precisaria deixar que o sexo acontecesse no tempo dela, por maiores que fossem os meus instintos de arrancar a roupa dela e penetrá-la.

— Vem, amor. Eu vou levar você em casa. — Eu me levantei, batendo a grama da roupa e estendi a mão para ela.

Cíntia aceitou e a segurou.

— Adorei o jantar, Vitor.

O sorriso gentil nos lábios dela fez com que eu me martirizasse um pouco menos por ter avançado o limite.

— Que bom!

Ela apoiou as mãos nos meus ombros e me deu um beijo gentil, delicado, e respeitoso.

Voltamos para o carro e eu dirigi em silêncio de volta para a moradia estudantil.

Assim que a Cíntia abriu a porta para sair do carro, eu a segurei pelo pulso.

— Espera.

— Não, Vitor, está tudo bem! Eu sei como os desejos afloram sem que possamos controlar. Eu só acho que ainda estamos nos conhecendo...

— Não é isso — eu a interrompi.

Aquela noite, somada a minha breve conversa com o Philip, havia acabado com boa parte da minha confusão sobre o que estava sentindo. Poderia não ser para sempre, mas, naquele momento, vi que a Cíntia era a mulher que eu queria. Com as mãos trêmulas e o coração quase saltando pela boca, tive certeza do que estava prestes a dizer.

— O que foi? — insistiu ela, quebrando o pesado silêncio que se estabeleceu entre nós.

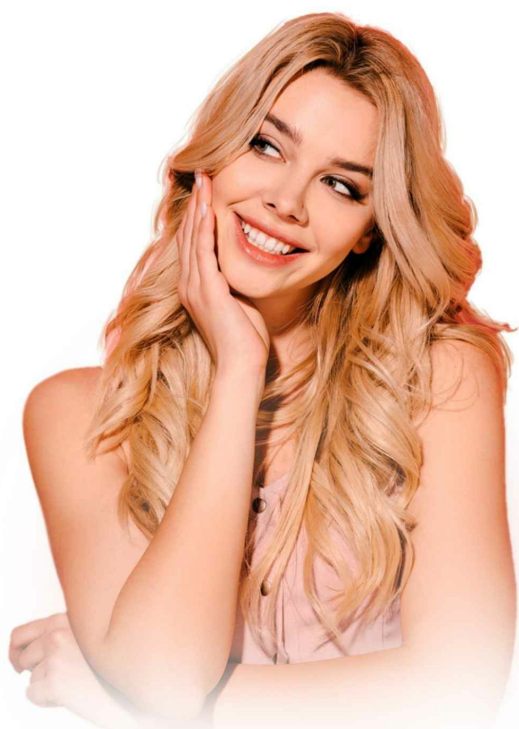
— Eu amo você. Acho que ninguém me ouviu dizer isso antes, nem meus pais. — Acabei rindo, mas de desespero, por me abrir daquela forma.

Cíntia sorriu e me puxou pela gola da camisa para um beijo. A abracei pela cintura e a mantive junto a mim o máximo de tempo que consegui.

— Nos vemos amanhã. — Ela se afastou com um sorriso nos lábios e correu até a entrada do prédio.

Liguei o carro e dirigi de volta para casa.

Desde aquela noite eu havia entregado o meu coração para ela de um jeito irremediável. A minha vida e meus sentimentos nunca mais seriam os mesmos. O Vitor que pegava e não se apegava nunca mais iria voltar.



CÍNTIA

Capítulo 24

Acordei de manhã com a Beatriz sentada aos pés da minha cama me olhando com uma grande curiosidade nos olhos castanhos. Ontem, havia dito que estava cansada demais e conseguira escapar da enxurrada de perguntas dela, porém, ao vê-la de pé aquele horário, tive certeza de que não teria a mesma sorte.

— E aí, como foi?

— Fizemos um piquenique no parque. Nada demais. — Dei de ombros enquanto levantava e pegava roupas limpas.

— O parque não fica fechado a noite?

— Vitor deu um jeito.

— Ah, disso eu tenho certeza. Mas estavam sozinhos, tipo, sozinhos? — Ela abriu um sorriso travesso e me olhou atravessado.

— É, estávamos sozinhos. — Revirei os olhos.

— E o que rolou?

— Nos beijamos.

— Mais nada?

Fiz que não. Não estava disposta a entrar em mais detalhes. Ficava constrangida e, ao mesmo tempo, ansiosa por mais quando pensava nas mãos dele passeando pelo meu corpo, a sua boca nos meus seios, a sua mão entre as minhas pernas...

— Poxa! Achava que o Vitor fosse um pouco mais safadinho. Estou decepcionada.

— Ah, não enche, Beatriz! Por que não vamos para a aula?

— Ah, fazer o que, né?

Comecei a me trocar enquanto ela me enchia de perguntas inapropriadas sobre a noite. Não queria contar a ela que, no momento em que Vitor começou a me tocar, eu havia o afastado. Não restava dúvidas do quanto ela me encheria o saco por isso. Agi por impulso e estava contente por ter sido assim; temia até onde poderíamos ter ido se eu tivesse me entregado a minha vontade, pois o meu sangue ferveu quando ele tocou a minha vagina. Era virgem, mas tinha alguma ideia do que acontecia quando um homem e uma mulher iam longe demais.

— Pode ir para o *campus*. Vou ligar para casa antes de ir. — Joguei a mochila no ombro e saí porta afora.

Segui até o orelhão na esquina e coloquei o cartão telefônico para ligar para a vizinha. Depois do segundo toque, alguém atendeu.

— Oi, Cíntia!

— Léo?! — Engoli em seco e meu sangue gelou de imediato. — Você está aí?

— Eu estou ajudando o Bruno a consertar a moto dele. Aí, quando o telefone começou a tocar, ele praticamente adivinhou que era você e eu vim atender. Como está aí?

— Bem.

Eu estava sentindo um aperto imensamente desconfortável no peito ao pensar nele. Era a última pessoa com que gostaria de falar.

— Meus pais estão bem?

— Sim. Estão na lavoura, eu acho, pois a casa está fechada.

— Diz para eles que estou bem.

— Sim, claro! Mas está bem mesmo? Sua voz está estranha.

— Eu estou bem.

— Certeza?

Eu me senti ainda pior, como se uma bola impedisse a minha respiração. Precisava contar a verdade para ele.

— Léo...

— Oi, linda?

— Eu estou saindo com um cara aqui.

— O quê!? — Ouvi uma sequência de palavrões do outro lado e me encolhi. — Achei que tivesse ido para aí para estudar.

— Eu vim, e estou estudando. Quase fechei a última prova.

— Achei que gostasse de mim, Cíntia. — A voz dele estava carregada de dor e pesar; imaginei que ele estivesse chorando. Isso partiu meu coração.

— Eu gosto...

— Então, por que está com outro?

— A forma como ele mexe comigo...

— Achei que me amasse...

— Léo, por favor, não faz isso. — Uma lágrima escorreu sem que eu conseguisse contê-la. Não queria magoá-lo, mas, dada a situação, era praticamente impossível.

— Não faz isso! — gritou do outro lado da linha. — Sério, Cíntia!? Tem alguma ideia de como eu estou me sentindo? Eu amo você! Achei que voltaria para mim. E agora, descubro que terminou comigo só para poder ficar com outros aí.

— Não é nada disso que você está imaginando. — Fiquei irritada com a acusação dele.

— Então, o que é? Porque, sinceramente, Cíntia, eu estou me sentindo um idiota.

— Eu não imaginei que conheceria o Vitor.

— Então esse é o nome do cara pelo qual está me dando um pé? Espero que seja feliz com o *playboy* da cidade grande, depois de jogar na minha cara que eu fui um bobo em achar que nós dois ainda teríamos um futuro.

— Léo, espera!

A linha ficou muda e eu deixei o telefone escapulir por entre meus dedos enquanto reprimia o choro e os soluços. Esperava não estar fazendo uma grande burrada ao trocar o Léo pelo Vitor, mas eu não podia ficar com os dois.

Coloquei o telefone no gancho e fui direto para aula, sem passar pelo bandeirão e correr o risco de esbarrar com a Beatriz por lá.



Assim que saí da sala, encontrei o Vitor esperando por mim. Ele estava escorado na parede do corredor, com os braços cruzados. Os cabelos negros, que já começavam a cair sobre os olhos verdes, voavam com a brisa que entrava pelas janelas abertas. Era óbvio o motivo da Beatriz e de todas as mulheres do *campus* darem em cima dele; além do fato de ser rico, Vitor era bonito demais. Um homem que se destacava sem fazer qualquer esforço.

— Oi, meu amor. Como foi a aula hoje?

Ouvi-lo me chamando daquele jeito me fazia suspirar.

— Preciso parecer inteligente ou posso ser sincera?

— Comigo? Sincera, sempre.

— O professor não parava de falar da vida dele; não via a hora de que a aula acabasse.

Vitor gargalhou.

— Vá se acostumando; isso acontece com muita frequência.

Tentei rir, mas foi um fracasso.

— Ei, o que foi? — Vitor ergueu meu rosto pelo queixo e me fez encará-lo.

Engoli em seco, sem saber se falava para ele ou não. Por fim, decidi que era melhor dizer a verdade.

— Eu liguei para casa e foi o Léo quem atendeu.

— Léo? — Vitor franziu o cenho.

— O namorado que eu tinha na minha cidade.

— Ah? — Vi um trovão cruzar o campo verde dos olhos dele. — E o que falaram?

— contei para ele sobre você.

— E o que ele disse? — Uma expressão de poucos amigos dominava o seu rosto.

— Não ficou muito contente.

— Alguém tinha que perder e fico contente que não seja eu.

— Isso me parece cruel. — Abaixei os olhos, fitando o chão, triste.

— Olha, sei que teve um passado com ele, mas quero que escreva um

futuro comigo. Estava falando sério quando disse que amo você. Não existe outra expressão para definir o que eu sinto.

Eu o abracei, como se quisesse interiorizar as palavras dele e acabar de vez com o medo que sentia de estar fazendo uma grande burrada.

— Pensei em passar em uma joalheria e trazer um colar para você com a minha inicial, mas como imaginei que jogaria ele em mim, então, trouxe isso.

— Vitor tirou um bombom do bolso e me entregou.

— Obrigada. — Sorri. — Adoro chocolate.

— Quem não gosta? — Ele desembulhou o bombom e colocou na minha boca, depois me beijou, partindo o bombom com os dentes.

Olhei para os lados, vi que o corredor estava vazio, e me entreguei ao beijo, passando os braços ao redor dos ombros dele. Vitor enrolou meu cabelo na mão e o puxou, me fazendo estremecer. Ele tinha um jeito que a Beatriz chamava de *pegada*, algo que me arrepiava e me fazia andar nas nuvens ao mesmo tempo. Foi inevitável não pensar na noite anterior, na forma como o Vitor me tocara, e, por mais inapropriado que parecesse, eu desejava mais, muito mais... Colei meu corpo ao dele enquanto Vitor segurava a minha cintura. Sua língua explorava a minha boca, derramando lava no meu sangue e o deixando fervendo.

Ele me girou, pressionando-me contra a parede, me fazendo tremer. Lambeu e mordeu os meus lábios, antes de deixar o beijo feroz. Minhas pernas vacilaram, ficando bambas; felizmente Vitor estava me segurando firme.

— Vitor... — Aproximei a minha boca da sua orelha.

— Quer que eu pare? — ele sussurrou contra a minha orelha, e eu estremeci inteira.

— Não. — Puxei-o pelos ombros.

Fui drenada pela necessidade de tê-lo tão junto a mim quanto possível. Era assustador, mas, ao mesmo tempo, eu estava tão feliz. Estava disposta a descobrir mais sobre aquele tipo de amor. Me deixei perder nas carícias das mãos dele, em delirar com o Vitor me tocando inteira de um jeito que disparava o meu coração e deixava a minha boca seca.

Senti as mãos dele escorregando até a minha bunda, me acariciando. Rebolei nas palmas dele, por reflexo, pedindo para que continuasse. Por mais que o pudor gritasse desesperadamente para que eu o afastasse, a sensação era tão inebriante que eu me recusei a ouvi-lo.

Prendi o fôlego, tentando prever o que ele faria a seguir. Era inexperiente naquele jogo, mas estava afoita para descobrir mais. Joguei a cabeça para trás, batendo-a na parede quando os seus lábios suaves encontraram o meu pescoço. Havia um impulso primário me guiando, me fazendo friccionar o corpo no dele.

Não pretendia deixar que o Vitor fosse muito longe, afinal, estávamos em um local público, mas queria desfrutar melhor do seu contato, do seu sabor, e da pressão de suas mãos desenhando minhas curvas.

Ele apertou sua ereção em mim enquanto sua língua saboreava a minha e suas mãos tomavam o caminho para os meus seios. Estava completamente seduzida por aquela névoa e não sabia se seria capaz de afastá-lo...

— Vitor, irmão, sabia que iria te encontrar aqui.

Por um instante tudo era desejo e calor, mas ao ouvir a voz de Renato, eu me afastei como um gato arisco atingido por um balde de água gelada.

— Acho que é mais fácil te encontrar nas turmas do primeiro período do que nas nossas.

— Não seja exagerado. — Vitor colocou as mãos nos bolsos.

— Estava pensando se queria sair para almoçar.

— O que acha, Cíntia? — Meu namorado olhou para mim. Gostei de finalmente usar aquelas palavras.

— Vamos ao bandejão?

— Ah, fala sério! — Renato revirou os olhos. — Você está saindo com um cara cheio da grana e quer almoçar no bandejão?

Vitor deu uma cotovelada no amigo e sorriu para mim.

— Pode ser lá, Cíntia.

— Hoje o cardápio é feijão tropeiro. Eu adoro.

— Vai rir de mim se eu disser que nunca comi?

— Na verdade, eu ficaria surpresa se me dissesse que come essas coisas. Mas acho que podemos mudar um pouco o seu cardápio.

— Duvido que eu não vá gostar de uma coisa que você gosta.

— Puxa saco! — Renato torceu os lábios e Vitor e eu rimos.

— Então vamos. — Estendi a mão para o Vitor.

Confesso que foi muito divertido ver aqueles dois no bandejão. Minhas gargalhadas começaram no momento em que enfrentamos a fila pra entrar. Depois, a fila para pegar a comida, que era servida num prato pelas cozinheiras que colocavam uma colher de cada coisa. Certamente o Vitor nunca tinha ido num restaurante assim na vida, porém, era evidente o quanto ele se esforçava para me agradar e isso fazia com que ele ganhasse muitos pontos comigo.

Vitor enfiou o garfo no meu prato e roubou de mim um pedaço de linguiça. Eu fechei a cara como uma criança que perdia um doce.

— Não vale isso!

— Ah, não? — Ele me provocou ainda mais para depois roubar um beijo de mim.

— Seu pilantra!

— Ei, eu estou aqui! Parem de se agarrar, por favor! — Renato cruzou os braços.

— Não te pedi para vir junto. — Vitor mostrou a língua para o amigo.

— Eu podia ter dormido sem essa. — Renato engoliu em seco.

Voltamos a comer; ora ou outra, Vitor me dava beijinhos carinhosos.

— Eu preciso ir para empresa antes que o meu pai mande alguém me buscar, mas amanhã é sábado. O que acha de ir ver uns filmes comigo lá em casa?

— Na sua casa? — Fiquei pálida de imediato.

— Eu prometo que eu vou me comportar. — Vitor me olhou com uma carinha de pidão que era difícil de resistir.

— Ele é bom em cumprir promessas. — Renato se curvou na minha direção.

— Cala a boca, cara! — Vitor brigou com ele por se intrometer.

— Pode me buscar à tarde? Quero estudar um pouco pela manhã.

— Claro! Como você preferir.

— Então, até amanhã. — Ele se despediu de mim e saiu, seguido de Renato.

Fiquei suspirando enquanto terminava o meu prato.



VITOR

Capítulo 25

olhei para o meu apartamento e pela primeira vez me perguntei se ele não estava bagunçado demais. Nunca me importei com esse tipo de coisa e já havia levado muitas garotas ali, mas com a Cíntia era tudo bem diferente. Então era isso o amor? Me preocupar em agradar, ficar ansioso, quase eufórico diante da presença dela?

Não fique nervoso ou vai acabar fazendo alguma besteira, disse a mim mesmo ao reforçar a ideia de que eu não era mais um adolescente; tinha que ter um controle maior sobre meus próprios sentimentos. Peguei a chave do carro e saí para buscar ela. O céu naquele dia estava nublado e se via um raio ou outro, sinal de que não tardaria a chover. Para passar a tarde namorando, como eu pretendia, a chuva era muito bem-vinda.

Estacionei na frente da moradia e buzinei para que ela descesse. Cíntia apareceu usando um shortinho branco e uma camiseta azul. Durante o tempo em que ela demorou para chegar no carro, eu fiquei a observando. Tinha certeza de que não era intencional, mas ela ficava muito sexy vestida daquele jeito. Permanecer comportado durante a nossa tarde juntos poderia ser bem mais difícil do que eu havia imaginado. Estava com um sorriso bobo, mas não dava a mínima para o quanto isso poderia parecer idiota. Não me lembrava de ter sido tão feliz na vida.

— Boa tarde, meu amor!

Ela abriu a porta do carro e eu a puxei para dentro, beijando-a.

— Você é pontual.

— Acredite, eu precisei me segurar muito para que não chegasse cedo demais.

— Tem uma boa lábia.

— Achei que, a essa altura, não duvidasse mais dos meus sentimentos.

— Estou começando a acreditar neles. — Ela se ajeitou no banco do carona e colocou o cinto. — O que faremos hoje?

— Separei alguns filmes de terror para assistirmos.

— Terror? — Cíntia fez uma careta de espanto. — Eu morro de medo de filmes de terror.

— Eu estava contando com isso! Quanto mais agarradinha ficar em mim, melhor.

— Seu bobo! — Ela me deu um tapa no ombro e eu gargalhei ao descobrir que também a achava linda quando estava brava.

— Não bate em mim. — Fiz o carro dar ziguezague na rua de propósito para que ela se assustasse.

— Presta atenção no carro!

— Estou tentando, mas com você me batendo fica difícil. — O meu jeito debochado ao falar, deixou claro para ela que eu estava brincando.

Estacionei na garagem do prédio e Cíntia foi a primeira a saltar para fora do carro, deixando clara a sua apreensão quanto ao meu jeito *divertido* de dirigir. Puxei ela pela cintura e a empurrei contra a lateral do carro. Segurei seu rosto macio entre meus dedos ao trazer seus lábios para os meus. Mergulhei no mel da boca dela enquanto a espremia contra a lataria. Apertei a bunda dela, mas antes que fosse mais longe, Cíntia se esquivou.

— Vamos subir. — Ela me empurrou assim que ficou sem ar.

Puxei ela pela mão e seguimos até o elevador, onde as luzes de acendimento automático ligaram com a nossa presença.

— Não consegue ficar meia hora sem me beijar? — Ela apoiou as mãos no meu peito enquanto me encarava com seus belos olhos castanhos.

— Realmente quer que eu faça esse sacrifício terrível que é resistir a essa sua boca?

— Não. — As bochechas dela coraram.

Estava prestes a beijá-la de novo quando o elevador abriu no meu andar. Procurei pela chave nos bolsos e abri a porta.

— Alguém fez faxina aqui hoje, está cheirando a alvejante. — Ela observou ao colocar a cabeça para dentro.

Fiquei envergonhado, sem saber o que dizer. Cíntia talvez fosse mais observadora do que eu gostaria.

— Senta no sofá. — Empurrei-a para dentro. — Vou fazer a pipoca e pegar algumas bebidas. O que prefere?

— Refrigerante ou suco... Espera, você sabe fazer pipoca?

Fechei a cara ao vê-la duvidar das minhas habilidades.

— É só colocar no micro-ondas por dois minutos. — Balancei o saquinho.

— Pilantra!

— Não mesmo! A tecnologia está aí para ser usada.

— Estou esperando. — Ela tirou as sapatilhas e se ajeitou no sofá com uma das almofadas no colo.

Fui para sala assim que a pipoca ficou pronta. Cheguei equilibrando o balde de pipoca, dois copos e uma garrafa de refrigerante. Assim que a Cíntia me viu, se levantou para me ajudar com as coisas. Coloquei tudo na mesa de centro e liguei a televisão. Coloquei um dos filmes que havia comprado no

home theater e me sentei ao lado de Cíntia, passando os braços atrás do pescoço dela enquanto esperava o filme começar.

Assim que aconteceu a primeira morte, Cíntia escondeu o rosto no meu peito e eu fiz carinho no cabelo dela. Levou alguns minutos para que ela voltasse a olhar para a tela. Coloquei algumas pipocas na sua boca e ela na minha. De vez em quando eu fazia carinho no ombro ou na coxa dela.

Num dos momentos mais sangrentos do filme, eu virei seu rosto para mim e a beijei.

— Beijinho com gosto de pipoca. — Passei a língua pelos lábios.

Pensei que voltaríamos a ver o filme, mas ela apoiou as mãos nos meus ombros e voltou a me beijar. A enlacei pela cintura e por puro reflexo a puxei para o meu colo, encaixando-a em mim. Senti um calafrio quando as unhas de Cíntia passaram no meu pescoço e isso me fez perder o juízo. Havia prometido a ela que me comportaria, porém, preferia tomar um tapa do que perder a oportunidade de passar as mãos pelo corpo dela.

Ela jogou a cabeça para trás e eu beijei seu pescoço; fui descendo, mordi, e beijei seus ombros. Subi com as mãos por dentro da sua blusa, conhecendo a sua pele com o tato. Cíntia rebolou no meu colo e eu fiquei duro de imediato, me lembrando do quanto eu queria mais do que apenas aqueles beijos. Puxei o seu cabelo para o lado e rocei a boca no seu pescoço até a sua orelha, eriçando cada pelo do seu corpo.

— Vitor... — sussurrou o meu nome com a voz baixa e abafada.

— Me desculpa, vamos voltar a ver o filme. — Me preparei para tirá-la do meu colo, mas Cíntia segurou os meus ombros.

— Não. — Ela me silenciou com os lábios. — É bom...

Fiquei surpreso com as palavras dela.

— Sim, é muito bom! — Lambi seus lábios, segurando a sua cintura para fazê-la roçar no meu pau. — Eu quero muito levar você para a minha cama, mas não vou fazer nada que você não queira.

— Eu quero... — Ela me fitou.

— Tem certeza? — Me senti um idiota por estar hesitante, mas não queria que Cíntia se arrependesse depois. Eu preferia ser rejeitado a me tornar uma lembrança ruim para ela. — Imagino que você seja virgem; podemos ir com mais calma.

— Sim, eu sou virgem. — Ela desviou o olhar. Percebi que admitir aquilo havia a deixado muito envergonhada.

— Não quero te pressionar.

— Você me ama? Ama mesmo? — Voltou a me encarar e a sua pergunta me surpreendeu.

— Com todo o meu coração. Como não imaginei que fosse capaz de amar um dia. — Era incrivelmente fácil admitir isso para ela.

— Então, eu quero. — O brilho de determinação nos olhos dela me convenceu.

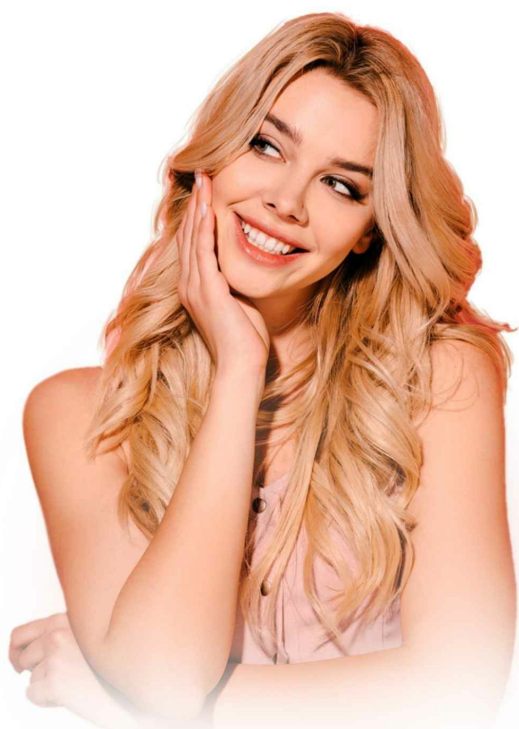
— Então, vamos para o meu quarto. Numa cama é mais confortável.

Ela assentiu e eu me levantei com ela nos braços.

— Você tem camisinha? — Ela escondeu o rosto envergonhado no meu peito.

— Sim, tenho.

Fui com ela para o meu quarto e fechei a porta com o pé.



CÍNTIA

Capítulo 26

Ouvi o som da porta se fechar e a aflição no meu peito se intensificou. Estava tomada por medo e curiosidade. Ao mesmo tempo que queria muito, temia as consequências do que estava prestes a acontecer. Estava disposta a entregar o meu corpo para o Vitor e não haveria como voltar atrás.

— Quer que eu deixe a luz acesa ou apagada? — Ainda estava no colo dele quando perguntou.

— Apagada. — Engoli em seco.

Vitor caminhou comigo e me deitou lentamente sobre os lençóis macios da cama dele. O colchão era infinitamente mais confortável do que o do dormitório estudantil onde eu estava morando.

— Cíntia, amor, você pode me pedir para parar a qualquer momento.

— *Tá!*

Antes que eu conseguisse voltar a pensar racionalmente sobre a decisão que havia tomado, Vitor se acomodou sobre o meu corpo e sua boca voltou até a minha com mais ferocidade. Seu corpo, sua camisa, e sua bermuda roçando em mim, acendiam fogueiras por todo o meu ser.

Várias vezes havia pensado em como seria fazer amor com um cara, mas nenhuma especulação havia me preparado para aquele dia. Estava apaixonada pelo Vitor e certa de que não me arrependeria de me entregar a ele.

Enquanto as suas mãos contornavam as minhas coxas, as pressionando e apertando, abracei a sua cintura com as minhas pernas, sem parar de beijá-lo, nem por falta de ar.

Vitor segurou a minha cintura e puxou a minha camiseta, separando o nosso beijo apenas para tirá-la pelos meus braços e a colocar sobre a mesa de cabeceira ao lado da cama. O quarto estava na penumbra do início da noite, mas a luz que entrava pela janela era o suficiente para que eu visse a silhueta do corpo do Vitor e imaginei que ele pudesse ver o meu também, mas estava me sentindo segura, apesar de envergonhada.

Ele me mordeu, e desceu os lábios beijando o meu pescoço, e enverguei

o meu corpo contra o dele, grudando os meus seios no seu peito. Vitor curvou o corpo para trás e tirou a camiseta, colocando-a sobre a minha blusa.

Segurei meu rosto com as duas mãos e os fios de racionalidade que eu ainda possuía foram completamente dissipados. Um gemido abafado escapou da minha garganta quando a sua língua úmida e quente encontrou um caminho pelo contorno do meu seio até o vale entre eles. Não fazia ideia de que ser beijada daquele jeito pudesse ser tão bom.

Vitor colocou as mãos entre as minhas costas e o colchão e abriu o fecho do meu sutiã, tirando-o lentamente enquanto seus dedos me faziam formigar por onde deslizavam. Fechei os olhos ao abrir bem as pernas e esfregar o meu sexo nele. O contato com a sua ereção não me afastou, pelo contrário, intensificou a minha vontade de fazer sexo com ele, de experimentar aquela parte do seu corpo dentro do meu.

Meu namorado voltou a me beijar e mordiscou meu mamilo, me fazendo dar um gritinho. Sentia uma pontada de dor, mas, ao mesmo tempo, foi delicioso.

Éramos apenas nós dois e o silêncio. Jurava que o Vitor poderia ouvir o meu coração batendo acelerado, quase saltando para fora do meu peito, enquanto os lábios dele escorregavam pelo meu ventre até perto do zíper do meu short. Vitor o abriu e removeu a peça, tirando junto a minha calcinha, me deixando nua diante dele. No entanto, o medo e a vergonha não venceram a ansiedade. Ele mordeu a face interna da minha coxa e eu revirei os olhos quando o seu hálito quente tocou a minha intimidade. Quando a boca do Vitor foi parar no meu clitóris e sua língua abriu caminho por entre meus grandes lábios, não quis pensar no quanto era obsceno; apenas queria sentir mais, naufragar naquele mar de efeitos que o Vitor estava desencadeando.

Ele afastou as minhas pernas com as duas mãos e mergulhou a cabeça em mim. Eu gemi, estremei, e ofeguei enquanto a sua língua me mostrava o que eu poderia sentir. Remexia sobre a cama, fascinada e arrebatada. Toquei a sua cabeça, puxando os fios do seu cabelo, mas mantive a cabeça dele ali; não queria que o Vitor se afastasse. Suplicava em pensamentos para que ele não parasse. Ele introduziu um dedo em mim e espichei meu corpo, batendo a cabeça na cabeceira da cama, mas rebolei, deixando que ele percebesse o quanto eu estava gostando. Vitor parecia muito confortável em me beijar

daquele jeito e não queria que ele parasse.

Ele introduziu outro dedo e deixei que um gemido mais agudo escapasse, quando senti uma leve dor. Porém, os estímulos continuaram e eu logo me esqueci dela. Uma onda forte se apoderou de mim, abalando cada parte do meu corpo, me desfazendo em espasmos. Tremia e gemia muito, bem mais do que antes da onda. A sensação era intensa e indescritível; ao mesmo tempo em que ela me derrubava, roubando de mim toda a minha energia e me deixando extasiada, ela era revigorante.

Vitor afastou a boca da minha vagina e a trouxe de volta para minha. Seus lábios tinham um gosto diferente, o gosto do meu sexo, mas não deixei que ele parasse de me beijar. Já havíamos ido longe demais para que ele parasse agora. Abracei os seus ombros, esfregado os pés pela lateral das suas pernas; me sentia como um vulcão em erupção.

Sem parar de me beijar, Vitor, se livrou do restante das roupas e a pequena parte que ainda raciocinava na minha mente, o ouviu abrir uma gaveta e pegar algo dentro dela. Vi um pacote pequeno na sua mão e me toquei que era uma camisinha. Ele a vestiu, antes de se acomodar entre as minhas pernas. Com uma mão, segurou o meu rosto, e usou a outra para se encaixar em mim.

— Dói! — Tentei fechar as pernas, mas com ele no meio, era impossível.

— Calma, amor. Eu vou mais devagar.

Vitor saiu de cima de mim e imaginei que pararia por ali, mas, ao invés disso, ele se deitou ao meu lado na cama, puxando-me para os seus braços e me colocando de conchinha. Pôs uma das minhas pernas em cima das suas, deixando-as distanciadas de um jeito que dava para ele livre acesso ao meu sexo. Ele tentou se encaixar em mim outra vez e eu me espichei com a dor. Não queria parar, mas nunca fui muito boa em lidar com a dor. Porém, enquanto Vitor me penetrava lentamente, com a outra mão, ele fazia movimentos circulares sobre o meu clitóris; o estímulo amenizou a dor e a tornou tolerável.

Ele se mexeu lentamente até que eu me acostumasse com a sua presença, mas não parou de me estimular e, quando a dor passou, voltei a

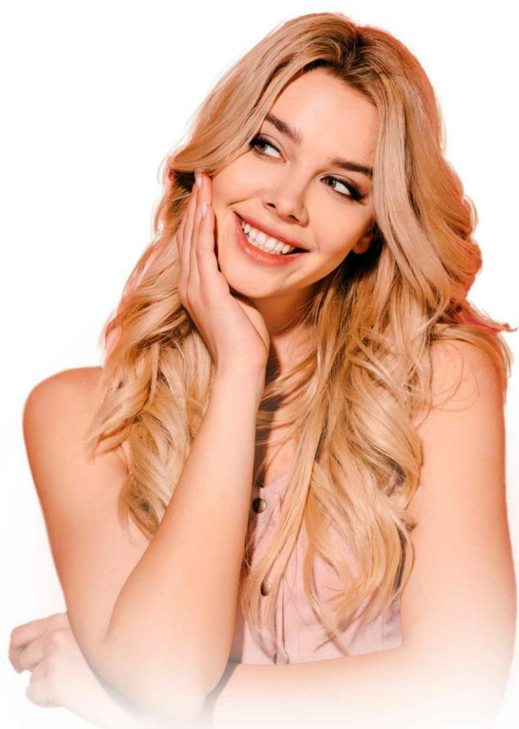
sentir um prazer semelhante ao que a sua língua havia provocado em mim.

— Eu amo você, Cíntia.

— Também amo — sussurrei enquanto experimentava a nossa relação em outro nível.

Vitor só afastou a mão quando ele me levou ao ápice novamente e se juntou a mim. Contudo, ele permaneceu abraçado a mim, envolvendo-me com o seu calor.

Não tinha mais volta, eu era dele e sentia que ele também era meu.



CÍNTIA

Capítulo 27

Assim que ouvi o som dos passos do Vitor, meu coração parou no peito e por pouco não deixei o prato cair no chão.

— Bom dia! — Seus braços me envolveram e Vitor beijou meu pescoço com carinho.

Suspirei ao me lembrar da última vez em que ele me segurou por trás daquela forma. Estávamos nus e ele tirava a minha virgindade. Havia muita vergonha no meu rosto, mas não arrependimento.

— Bom dia. — Minhas bochechas ardiam.

— Você está aqui, de manhã, e usando a minha camisa?

— Bom, eu dormi aqui. — Fiquei ainda mais envergonhada.

— Isso! — Beijou mais o meu pescoço e a sequência de calafrios me deixou completamente paralisada, mas era bom, muito bom. — Você dormiu comigo — murmurou ao pé do meu ouvido. — Eu estou muito feliz.

A alegria dele me contagiou e fez com que eu ficasse menos envergonhada.

— Foi muito bom, Vitor...

— Foi, sim. — Ele me girou para que eu o encarasse. — Quando acordei e você não estava do meu lado, fiquei preocupado.

— Só vim preparar o café. Você gosta de café, né?

— Sim, eu gosto de café. Eu amo você. — Ele acariciou meu rosto e me deu vários selinhos.

— Também amo você. — Depois da noite que tivemos, eu não tive mais dúvida alguma em dizer aquilo. — Eu te amo, Vitor.

Ele me pegou no colo e girou no ar, meus olhos se prenderam na imensidão verde dos dele. Não havia nada no mundo que eu quisesse mais do que aquele momento. Ele não era o único que estava sentindo algo que nunca havia sentido antes.

— Não quer que eu peça algo? Posso ligar na padaria, eles entregam aqui.

— Tem muita coisa na sua geladeira. Umas geleias que nunca vi antes.

— Ah, isso é coisa da minha mãe, que acha que eu preciso das mesmas coisas que ela. — Vitor torceu os lábios.

— Pensei em fazer umas torradas; podemos comer com essas geleias e frutas. Olha se gosta do meu café. — Estendi uma xícara para ele.

— Se tiver bom para você, está ótimo para mim.

A felicidade que brilhava nos olhos dele era sincera; não havia como fingir tal tipo de sentimento. E eu tive a certeza de o que estávamos sentindo ali era real. Vitor podia ter seus vários defeitos e uma lista interminável de casos antes de me conhecer, mas ele estava me amando assim como eu a ele.

Terminei as torradas e servi a nós dois. Enquanto comíamos, Vitor me puxou para o colo dele e ficou me fazendo carinho. Eu estava adorando ser tão mimada.

— Eu preciso voltar... — Odiei com todas as forças ter que dizer aquela frase.

— Não! — Ele fez bico e me abraçou apertado. — Não vou te deixar ir.

— Eu preciso. A Beatriz deve estar louca por eu não ter voltado para casa ainda.

— Ela pode enlouquecer mais até a hora do almoço? Por favor?

— Ah, não faz essa cara. Não consigo dizer não.

— Bom saber; eu vou fazê-la sempre.

— Sempre?

— Claro. — Ele me olhou sério. — Nunca mais vai se livrar de mim agora.

— Não?

— De jeito nenhum.

Sorri, toda boba, enquanto nos beijávamos.

— Vamos tomar café enquanto você me conta o que pretende fazer até o almoço.

— Sabe, o meu quarto... A minha cama... Adoro você na minha camisa, mas sem ela... — Umedeceu os lábios e me lançou um olhar cheio de malícia.

— Seu safado! — Dei alguns tapinhas no peito dele, mas Vitor me abraçou com força, impedindo os meus movimentos.

— A culpa é sua por me deixar tão louco. — Passou a língua pelo lóbulo da minha orelha. Isso não era justo e me fez voltar a sentir a pulsação entre as pernas. Sentia uma leve ardência na minha vagina e isso me fez lembrar que o Vitor esteve dentro dela na noite anterior.

— Vou tentar me comportar.

— Não precisa — sussurrou ao pé do meu ouvido, enquanto passava a mão pela minha bunda. — Adoro você assim.

— Vamos comer alguma coisa. — Desvencilhei-me dos seus braços indo para perto da bancada onde eu estava escorada.



— Oi, sumida! — Beatriz quase gritou quando eu entrei no quarto no fim daquela tarde. O almoço quase se tornara um jantar.

— Oi. — Sorri para ela com a cara mais lavada do mundo, como se não tivesse coisa alguma para esconder.

— É domingo à tarde. — Ela estava sentada na beirada da cama, balançando os pés no ar, me fitando de olhos semicerrados e lábios espremidos. Não estava disposta a largar do meu pé tão fácil.

— Eu sei.

— Você não dormiu aqui.

— É, eu não dormi. — Dei de ombros, como se não houvesse nada de relevante naquela informação.

— Você não dormiu aqui, está com os olhos brilhando, e cheirando a sabonete masculino. — Ela ficou boquiaberta. — Você abriu as pernas para o Vitor!

— Não usa essa expressão horrível! — A interrompi estendendo a mão. — Nós... Nós fizemos amor — confessei.

— E consegue me falar isso com essa cara lavada?!

— Ué, é a única que eu tenho. — Balancei as mãos, confusa.

— Eu não acredito! — Ela cobriu a boca com as mãos. — Estou boba. Levou menos tempo do que eu imaginava.

— Nossa... — Fiquei sem palavras diante da reação dela. — É tão ruim assim?

— Não! Claro que não! Mas é que você é tão santinha, que imaginei que

demoraria a rolar. Mas o Vitor é o Vitor. Nem você resistiu.

— Acha que ele teve tantas assim? — Mordi os lábios, receosa. Não queria pensar nisso, mas foi difícil.

— Não, não sei. Ah, deixa isso para lá! Passado é uma coisa que jogamos no abismo e não voltamos para verificar se está bem morto. Deixa quieto lá. Além do mais, agora ele está com você e, pela sua cara de quem viu um passarinho verde, literalmente, não precisa se preocupar com essas bobagens.

— Vou estudar agora.

— Vai lá, sua sortuda. Mas aqui... — Ela fez um gesto para que eu me aproximasse. — Agora pode me dizer qual a cor da cueca dele.

— Beatriz!

— Tá, não custava nada perguntar.

— ...Era preta.

Nós duas caímos na gargalhada.



VITOR

Capítulo 28

— Cara, você bebeu?

— Quê? — Parei no meio do corredor ao estranhar a pergunta do Renato.

— Você tá rindo e suspirando feito um bobo alegre. Não lembro de ver você assim nem quando estava muito bêbado.

— Eu não bebo nada tem vários dias.

— Então está usando alguma droga, certeza!

— Não viaja, Renato! — Dei um peteleco na cabeça dele.

— Então me diz o que está acontecendo.

— A Cíntia. Poxa, cara, eu nunca me senti tão feliz. — Respirei fundo e fechei os olhos ao lembrar dela.

— Ah, tá! — Renato bufou. — Vamos ver quanto tempo demora para você enjoar dela e partir para outra.

— Isso não vai acontecer. — Balancei a cabeça em negativa. — Se você tivesse ideia de como estou me sentindo...

— Irmão, você tá ouvindo o que você está falando? Porque, sério, se não tá, você precisa, pois esse não é o Vitor, meu melhor amigo há dois anos.

— Você vai lá, conversa com ela e aí, quando nós nos acertamos, você fica nessa. Sério, Renato, eu não te entendo.

— Tá, falou, vamos ver quanto tempo isso vai durar. — Ele revirou os olhos em deboche. — Depois que comer ela vai perder a magia e partir para a próxima. O segredo está no quanto ela vai conseguir segurar antes de dar para

você.

— Está enganado.

— Por quê? — Ele me empurrou para trás e eu cambaleei um passo. — Você já trepou com ela?

Fiz que sim.

— Só estou mais apaixonado depois da noite que passei com a Cíntia. Fui o mais paciente que consegui enquanto tirava a virgindade dela. Queria protegê-la, fazer com que se sentisse bem enquanto estava comigo. Depois do sexo, passamos a noite inteira abraçados e nunca foi assim com qualquer outra mulher.

— Então, ferrou. — Renato bateu com a mão na testa e fez uma careta; só consegui rir dele. — Achei que você nunca ia cair nessa.

— Como assim *nessa*? — Balancei a cabeça em negativa e coloquei as mãos nos bolsos.

— Essa de se apaixonar. Isso é coisa de bobo. Tomara que não dure muito.

— Sai com as suas pragas pra lá! — Foi a minha vez de empurrá-lo. — Eu estou muito feliz com a Cíntia e não quero que isso acabe.

— Bom, tomara que nessa brincadeira você não se machuque. Iria ser horrível ter que aguentar um chorão.

— Cala a boca, Renato! Vamos para aula, pois até agora você só falou besteira.

— Céus! O que ela fez com o meu melhor amigo?

Balancei a cabeça em negativa enquanto ia o empurrando na direção da sala onde teríamos a nossa primeira aula do dia. A reação do Renato me

incomodava, mas não era ilógica diante do meu comportamento nos últimos anos. Festas, farras, e mulheres a perder as contas, porém eu não queria mais isso. Percebi o quanto tudo era vazio. Tinha todas, mas, no fim das contas, eu estava sozinho.



Assim que a aula acabou, estava prestes a sair a procura da Cíntia nas turmas do primeiro período quando uma garota apareceu no meu caminho. Olhei para ela dos pés à cabeça, mas não me lembrei quem ela era.

— Oi, Vitor, nós ficamos aquele dia e você não me ligou depois. Achei que estivéssemos tendo um lance intenso.

— Olha, me dá licença, mas não lembro quem você é.

— Nos conhecemos na calourada, lembra? — Ela apoiou as mãos no meu peito, mas eu as tirei de imediato. — Você me levou para sua casa. Nós transamos no seu sofá...

— Vitor?! — Ouvi a voz de Cíntia e meu coração doeu como se eu tivesse levado uma facada. *Droga!* Fuzilei com o olhar a garota na minha frente.

— Olha, não quero nada com você. Por favor, dá licença porque a minha namorada está me esperando.

— Namorada? — A garota olhou para mim com uma grande interrogação no rosto. Porém, eu a ignorei, a empurrei para o lado e passei por ela para chegar até a Cíntia, que estava no meio do corredor, com uma expressão de poucos amigos.

— Cíntia. — Cheguei até ela, mas ela se esquivou de mim. — O que foi,

meu amor?

— Quem é aquela?

— Eu nem sei.

— Não foi o que me pareceu. Ela deu a entender que o conhecia muito bem. — Fechou a cara.

Respirei fundo para não ficar irritado ainda mais com aquela garota, que deixou Cíntia brava comigo por nada.

— Olha, amor, acho que dormi com ela depois da calourada, mas eu juro que não significou nada.

— Para você, talvez. Mas para ela...

Eu a puxei para o banheiro, porque as pessoas começaram a parar para prestar atenção na nossa conversa.

— Ei! — Cíntia deu um tapa no meu peito. — Por que me trouxe para cá?

— Não quero plateia para nossa *DR*.

— Aquela garota...

— Cíntia, — peguei ela e a sentei na bancada da pia, ficando entre suas pernas, impedindo que ela se distanciasse de mim — não vou dizer que era um santo, tampouco comportado. Já dormi com mais mulheres do que posso contar nos dedos. Eu não me arrependia, não antes de conhecer você. Fez de mim um homem diferente, mas eu lamento que o meu passado te assombre.

— Não sente nada por ela?

— Nem por ela, nem por nenhuma outra que possa aparecer.

— Posso conseguir lidar com elas. — Cíntia colocou as mãos sobre meus ombros e me deu um sorriso que fez com que eu respirasse aliviado.

Tudo o que eu não queria era que brigássemos por causa de qualquer caso passageiro meu.

Apoiei minha testa na dela enquanto acariciava seu rosto. Estava prestes a beijá-la quando Cíntia me empurrou.

— Vamos sair daqui! Estamos no banheiro masculino.

— E qual o problema? — Dei um selinho nela.

— Vitor, você não tem juízo?!

Mordi o lábio inferior da Cíntia, desfrutando do sabor dela. Estávamos sozinhos e não deixaria que ela escapasse.

— Perto de você? Prefiro não ter. — Apertei sua cintura e a puxei para a beirada da pia, trazendo-a para perto de mim.

— Vamos sair daqui! — Ela me empurrou e pulou da pia.

Torci os lábios, descontente.

— Você é muito sem graça.

— Um de nós dois precisa ser um pouco responsável.

— Tá. — Assenti a contragosto. — Deixo você sair se prometer que vai para minha casa mais tarde.

— Vitor, eu não posso.

— Ah, Cíntia, não faz isso comigo.

— Amanhã eu tenho prova.

— Então, amanhã você vai?

— Tá, amanhã, sim. — Ela me deu um sorriso. — Agora, me deixa ir.

— Espera. — Eu a empurrei contra a parede.

— Vitor... — A silencieei com os meus lábios.

Pressionei Cíntia contra a parede com o meu corpo enquanto intensificava o beijo. Ela parou de protestar e abriu os lábios para que a minha língua passasse por eles. Envolveu meu pescoço com os braços delicados assim que desci as mãos pela sua coxa e depois subi até apertar a sua bunda. Cíntia remexeu e eu mordi seus lábios, antes de começar um caminho de beijos pelo seu pescoço que terminaria nos seus seios. Quanto mais eu aprofundava o nosso amasso, mais desejava transar com ela ali mesmo.

Ouvimos um pigarrear e me virei para ver quem era.

— Vão para um motel!

— Ah, Renato, vai se fu...

— Vamos! — Cíntia me puxou pela mão, evitando que eu terminasse de xingar o meu amigo. — Não podemos ficar nos pegando assim.

— Não? Você não gosta? — Beije-i-a no ombro.

— Gosto, mas não é apropriado.

— Você se preocupa demais, meu amor. — Fiz carinho no rosto da Cíntia. — Preciso ir para empresa, mas, antes disso, preciso de mais uma coisa.

— Do quê? — Ela olhou para mim com um ar inocente, o que fez com que eu me apaixonasse ainda mais.

— Disso! — Roubei dela mais um beijo.

— Vitor!!!

— Eu amo você. — Coloquei uma mecha do cabelo loiro dela atrás da orelha.

— Também te amo, Vitor. — Ela acariciou meu rosto com seus dedos

delicados.

— Vejo você amanhã, então?

Ela fez que sim.

— Você bem que podia aceitar o celular. Iria adorar falar com você antes de dormir.

— Vitor, não começa...

— Tá bom, orgulhosa. — Dei mais um rápido beijo nela. — Até amanhã.

Saí andando pelo corredor e Renato veio atrás de mim.

— Aceito o celular que ela não quis.

— Não me amola!

— Por que está irritado?

— Adivinha? — Cerrei os dentes. — Precisava nos interromper?

— Ah, cara, poxa! Tem lugares melhores para dar uns pegas nela.

— Não cabe a você decidir isso.

— Tá, foi mal! Mas aqui, falou para ela do seu aniversário?

— Até eu queria esquecer isso. — Balancei a cabeça em negativa.

— Seus pais fazem questão. Além disso, não se faz vinte anos sempre.

— Nem qualquer outra idade. — Abri o carro e sentei no banco do motorista.

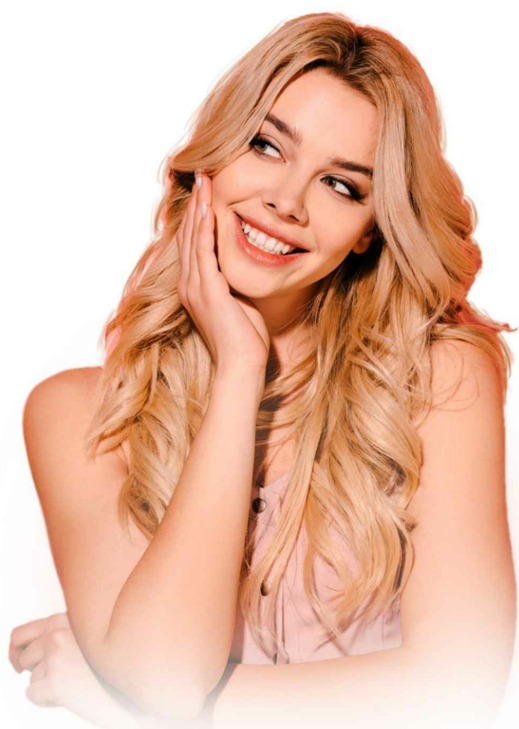
— Pode ser o momento de apresentar ela para sua família. — Renato se apoiou na porta.

— Não sei se conhecer meus pais vai ser uma boa experiência para a Cíntia.

— Mas vai formalizar o namoro.

— É. — Dei de ombros, imaginando se a ideia dele era algo a aderir ou descartar. — Nos falamos depois. — Liguei o carro e manobrei para sair do estacionamento.

Vi Renato acenar através do retrovisor e buzinei antes de sair pela portaria.



CÍNTIA

Capítulo 29

Encarei o espelho, ajeitando o meu cabelo e passando um batom rosado. Há muito tempo eu não me preocupava com a minha aparência como naquela noite. Mas eu estava inquieta com o friozinho angustiante na barriga ao pensar que logo Vitor passaria para me pegar.

— Vai dormir na casa dele de novo? — Beatriz apareceu na porta e se escorou no batente.

— Por que a pergunta? — desconversei, tentando evitar o assunto. Ainda não estava tão segura ao falar sobre aquilo.

— Já são quase oito da noite.

— Talvez... — Escondi o rosto para que Beatriz não notasse minhas bochechas rosadas.

— Se eu fosse você, levaria uma muda de roupa. Talvez mais do que isso.

— Não vou mudar para lá, Beatriz!

— De boba que você é. Aposto que é muito mais confortável do que aqui.

— Vou levar a muda de roupa.

— Estão se prevenindo, né?

Franzi a testa sem entender de imediato a pergunta dela.

— Camisinha, sua tonta!

— Ah, sim! Estamos. — Fiquei ainda mais envergonhada.

— É melhor mesmo. Não seja ingênua demais, querida.

— Beatriz, acabou?

Ela me mostrou os dentes, mas não disse mais nada.

— Então, até mais. — Acenei assim que ouvi a buzina do carro dele.

Meu coração saltava a galopes no peito enquanto eu descia pela escada. Não achava nada responsável o que eu estava fazendo, mas diante do Vitor, meu coração perdia o juízo e tomava conta do meu corpo. Por mim, parecia que tudo estava bem enquanto eu conseguisse conciliar nosso namoro com a faculdade.

Vitor estava parado ao lado do carro preto de braços cruzados, vestindo calça jeans e camisa branca. Eu conseguia achar ele mais bonito a cada minuto que olhava para ele.

— Cíntia. — Ele abriu um sorriso que iluminou a rua inteira.

Não me contive e corri para os braços dele. Vitor me apertou com força, enterrou o nariz no meu cabelo, sentindo o meu cheiro, enquanto eu desfrutava do perfume borrifado na sua camisa.

— Gosta de comida japonesa, amor?

— Nunca experimentei. Você quem cozinhou?

— Não. — Ele fez careta. — Não exija demais de mim. Eu comprei.

Dei uma gargalhada.

— Mas está gostoso, posso te garantir isso.

— Tudo bem. — Passei os dedos pelo rosto dele, sentindo alguns fios da barba que começava a crescer. — Você é lindo.

— Então, formamos um casal perfeito, porque você é maravilhosa.

Escondi o rosto no peito dele.

— Acho você ainda mais linda vermelhinha assim.

— Falando assim, me deixa mais envergonhada.

— Culpa sua!

— Por quê? — Eu me afastei para encará-lo.

— Fez com que eu me apaixonasse. Esse seu jeito, esse seu sorriso. Acho que não consigo mais viver sem eles.

— Não seja exagerado.

— Não duvide dos meus sentimentos. — Ele fez um bico no qual eu não resisti em beijar.

— Dramático.

— Apaixonado. — Ele apertou a minha cintura e eu estremeci.

Toda vez que sua mão tocava a minha pele, eu sentia como se pequenos curtos-circuitos se espalhassem por todo o meu corpo. Era uma sequência de choques que me estremeciam inteira.

Vitor me apertou contra a lataria do carro com o seu corpo.

— Aqui não. — O empurrei antes que começasse a me beijar.

— Por quê?

— Não quero que o pessoal da moradia veja e fale demais.

— Aqui não é uma cidade do interior, Cíntia.

— Mesmo assim. Quando chegarmos no seu apartamento, pode fazer o que quiser.

— Não abra precedentes para a minha interpretação. — Ele abriu um sorriso malicioso.

— Você me entendeu. — Mostrei a língua para ele e Vitor se curvou

para envolvê-la com os lábios.

— Entra no carro! — Eu o empurrei.

Ele assentiu e foi para o banco do motorista. Eu me sentei no do carona e coloquei o cinto.

Eu o via olhar para mim a cada minuto que a direção não exigia cem por cento da sua atenção. Vitor realmente estava apaixonado por mim, não havia como fingir aquilo, e eu me libertava cada vez mais dos meus medos para viver aquele momento mágico ao lado dele. O que vivi com o Léo foi muito bom, o melhor que eu pensava ser possível, entretanto, com o Vitor era inacreditável. Nós éramos peças tão diferentes, mas nos completávamos de uma forma improvável e intensa. Era difícil medir o quanto eu estava feliz.

Minha mãe costumava dizer que cada panela tinha a sua tampa; não achei que pudesse estar tão certa numa frase tão engraçada.

Descemos na garagem e seguimos para o apartamento, pegando o elevador. Tomei um susto quando ele parou no meio, entre os andares.

— O que você fez?! — Olhei em volta, aflita. Meu costume com elevadores era escasso o suficiente para que eu ficasse desesperada em uma situação como aquela.

— Calma... Eu só parei o elevador. — A voz dele era doce e cheia de descaso.

— Só?

— Sim, só.

— Mas por que fez isso?

— Para fazer isso. — Ele me empurrou contra a parede fria de metal e eu estremeci. Seus lábios tomaram os meus antes que eu pudesse protestar contra a loucura.

Por fim, deixei que a língua dele adentrasse a minha boca e me entreguei sem receios ao beijo. Ele desceu as mãos da minha cintura até as minhas coxas, puxou-as para cima fazendo-me abraçá-lo com as pernas. Bateu com as minhas costas contra a parede de metal do elevador e eu soltei um gemido de surpresa.

Delirava com o beijo que ia descendo pelo meu pescoço, quando o senti descendo até o meu decote, mordicando a elevação dos meus seios. Era quase impossível manter o juízo quando o meu corpo todo ansiava loucamente por mais. Era perigoso demais, mas delicioso na mesma proporção.

— Vitor, aqui não... — Ofeguei quando a língua dele desceu pelo vale entre os meus seios, fazendo-me estremecer.

— Disse que eu poderia fazer o que quisesse quando chegássemos. — Ele não parou de beijar os meus seios, o que era muito injusto, pois tornava-se cada vez mais difícil resistir a ele.

— Mas ainda não estamos lá e nem tem uma cama aqui...

— Não precisamos dela. — Ele abocanhou um dos meus mamilos e eu me retorci inteira. — Me deixa te mostrar.

— Vitor... — Meus protestos foram silenciados quando a sua boca retornou à minha. Qualquer pensamento pudico que estivesse passando pela minha mente foi derretido pelo fogo do seu beijo e a pressão das suas mãos nas minhas coxas.

Com as costas apoiadas na parede do elevador, e as pernas envolvendo a cintura dele, segurei os seus ombros quando Vitor afastou uma das mãos de mim para abrir a carteira à procura de uma camisinha. Ele abriu o zíper da calça e tirou o pênis de dentro da cueca. A ânsia me corroeu e apertei ainda mais as pernas contra ele. Já era impossível esconder a minha vontade, pois estava me esfregando nele.

Vitor colocou a mão dentro da saia do meu vestido e senti seus dedos roçarem a minha calcinha enquanto ele empurrava o elástico do tecido para o lado, tirando-a do caminho. Curvei meu corpo contra a parede do elevador, arquejando, quando o seu membro roçou a minha entrada.

Gemi o nome dele baixinho; era um protesto inútil, pois todo o meu corpo me entregava. Estava evidente em cada expressão minha que eu queria.

Sem calma ou aviso, Vitor me invadiu e eu joguei o corpo para frente, abraçando-o com pernas e braços. Depois da primeira vez que fizemos amor, o meu corpo já estava se adaptando a presença dele e já não sentia mais dor; pelo contrário, o prazer era cada vez maior.

Agarrada ao corpo dele, movendo o meu quadril para nos unirmos ao máximo, lembrei-me que estávamos no elevador do prédio dele, então, mordi o seu ombro, numa tentativa tola de conter os gemidos.

— Olha para mim. — Segurou o meu rosto, forçando-me a encará-lo e fui completamente dominada por seus olhos verdes enquanto ele não cessava as estocadas.

Estremecendo, com o coração a galopes, não saía um único som da minha boca que não fosse os gemidos.

Com uma mão no meu rosto, Vitor desceu a outra até a minha cintura e me puxou para ele com mais força. O impacto dos nossos corpos e a fricção intensa estavam me levando à loucura. Não demorou para que eu o sentisse se esvaindo dentro da camisinha e logo me juntei a ele, completamente em êxtase.

Vitor saiu de dentro de mim e me colocou no chão. Precisei apoiar-me nele para não desmoronar.

Logo o elevador abriu no seu andar e fui me equilibrando até a porta.

Vitor seguiu na minha frente e se desfez da camisinha no lixo do banheiro.

Minhas pernas ainda estavam bambas quando eu me sentei em um banco junto ao balcão da cozinha onde estava a tal comida japonesa que Vitor havia falado. Ele ainda sorria como um bobo, como se nós dois não tivéssemos feito nada de errado.

— Ah, céus! — Escondi meu rosto entre as mãos. — Só agora me lembrei que tem câmeras no elevador.

— Que bom que foi só agora. — Ele deu uma risada travessa que me deu vontade de esbofeteá-lo.

— Você é louco!

— Por você! — Me mandou um beijo enquanto abria as embalagens da comida. — Não se preocupe. Eu tenho acesso a todas as filmagens; ninguém vai nos ver no elevador.

— Por que isso não me deixa mais tranquila? — Apoiei as mãos no balcão e respirei fundo.

— Você se arrepende? — Ele me encarou.

— Vitor, como você joga sujo. — Cerrei os dentes.

Ele gargalhou.

— Vamos comer agora. Estou faminto. — Ele me entregou dois palitinhos de madeira.

— O que eu faço com isso? — Girei entre os dedos.

— Isso os orientais chamam de *hashi*. São os talheres que eles usam.

— E como conseguem comer com isso? — Fiz careta. — Parece só peixe cru e arroz.

Vitor segurou a gargalhada, mas não conseguiu por muito tempo.

— Espera, me deixa mostrar para você como faz.

Ele se sentou ao meu lado e me puxou para o seu colo. Segurou minha mão e colocou os palitinhos nos meus dedos num ângulo em que eles funcionavam como pinças.

— Acho que prefiro o feijão tropeiro. Ao menos posso comer com garfo e faca.

— Você também pode comer com garfo e faca, meu amor, mas qual a graça? Vamos, não é tão difícil.

Tentei pegar um dos enroladinhos, mas ele se partiu em dois.

— Calma, você só estragou um rolinho primavera.

— Ah, nem!

Ele pegou um dos pedaços como se fosse a coisa mais fácil do mundo e colocou na minha boca. Tinha um sabor agridoce de legumes e amêndoas, era gostoso.

— Me deixa tentar agora. — Empurrei os braços dele para trás.

— Vai lá. — Ele deu de ombros, como se lavasse as mãos.

Tentei e tentei de novo, mas os palitos sempre escorregavam dos meus dedos ou os sushis deles. Vitor ria descaradamente, mas não ousou me ajudar um único instante. Por fim, finquei o palito e comi como se estivessem num espeto.

— Se divertiu o suficiente? — Olhei torto para ele.

— Ah, meu amor, não me faz parecer o cara mau. Me deixe servir você.
— Ele pegou alguns e colocou na minha boca.

— Assim eu fico mal-acostumada.

— Eu adoro te deixar mal-acostumada. — Ele me encheu de beijinhos.

Estar com Vitor era um sonho que eu não queria que acabasse nunca.

— Vamos assistir filme de novo?

— Terror não, por favor... — choraminguei.

— Só não tenho comédia romântica.

— Chato!

Ele riu.

— Já viu o *Exterminador do Futuro*?

— É terror?

— Não, é ação.

— Então acho que pode ser esse.

— Vamos lá para o sofá.

Eu me levantei e ele veio atrás segurando a minha cintura.

— Cíntia, — eu senti o tom de voz dele mudar, deixando o típico carinhoso e ficar carregado de tensão — no fim do mês é meu aniversário.

— E por que não parece nem um pouco feliz com isso?

— Porque a minha mãe sempre dá uma festa maior do que eu gostaria, e repleta de pessoas as quais eu não dou a mínima.

— É, isso parece ruim.

— Digamos que meu pai não é a melhor pessoa do mundo.

Eu me contraí, tensa.

— Ele é algum tipo de mafioso ou algo assim?

— Não! — Consegui fazer Vitor rir e isso me deixou feliz. — Ele só acha que o dinheiro e a empresa são mais importantes do que qualquer coisa.

— Isso é horrível! — Nos sentamos no sofá e eu apoiei a cabeça no

ombro dele. — Nunca tive muito dinheiro, mas também não passávamos dificuldades. Meus pais sempre trabalharam muito. Mas nada era mais importante do que a família.

— Vai dizer isso para o meu pai. Acho que ele pensa que ainda vive na monarquia e a Alfazema é o reino dele. Sempre fui tratado muito mais como um herdeiro do que um filho. Era sempre tudo pela empresa.

— Nossa, Vitor, eu sinto muito.

— Amor é uma coisa que jamais imaginei que experimentaria. Todas as relações que eu tive sempre foram muito pautadas no interesse. Até você jogar aquela maldita cerveja barata na minha cara.

— Se apaixonou por mim porque eu revidei? — Ri ao me lembrar do que havia acontecido. — Você estaria perdido se tivesse crescido com os meus irmãos. Eles eram bem briguentos.

— Eu me apaixonei por você porque me surpreendeu. Me desafiou. Questionou toda a estrutura com a qual eu estava acostumado e virou meu mundo de cabeça para baixo.

Abri um sorriso na falta de saber o que dizer. Vitor às vezes me deixava assim, sem palavras.

— Tenho medo de que meu pai não goste de você, mas não se preocupe. Ele não é do tipo que gosta de alguém. Eu me pergunto se algum dia ele e minha mãe experimentaram o que estamos vivendo ou se foi um casamento de conveniências a vida toda.

— Talvez seja melhor eu não ir. — Eu me encolhi.

— Claro que não! — Ele me segurou pelo queixo e me fez encará-lo sem desviar o olhar. — A sua presença importa mais para mim do que qualquer outra.

— Eu nunca fui em festas desse tipo. Nem sei como me comportar.

— Apenas seja você mesma. — Ele me beijou.

Fiquei muito tensa com a possibilidade de conhecer os pais dele diante daquela situação. Já era difícil quando eles possivelmente poderiam gostar de você, imagina quando se tinha a certeza de que eles não seriam receptivos. Minha maior preocupação era decepcionar ele...

— Vamos mudar de assunto. Não quero estragar nossa noite com qualquer vislumbre do meu pai.

— E o filme...?

— Certo! — Ele se levantou para pegar o controle e iniciou o filme.

Eu me aconcheguei no peito dele e Vitor me abraçou com carinho. Passamos a noite toda assim, bem grudadinhos um no outro.



VITOR

Capítulo 30

Segurei firme no volante assim que estacionei o carro em frente a moradia estudantil da faculdade. Estive tanto ali no último mês que as pessoas já haviam se acostumando a minha presença e ao meu carro. Porém, aquele dia era diferente. Era capaz de confessar que o temor se revirava em minhas entranhas. Eu não temia por meus pais, nem por mim mesmo, e sim pelo o que aquele ambiente opressor poderia causar à Cíntia. Mas era o meu aniversário, e eu me sentia egoísta o suficiente para não querer ninguém mais ao meu lado que não fosse ela. Buzinei e respirei fundo. Talvez eu estivesse receoso por bobagem; já não era mais um menino, meu pai não tinha mais o direito de se impor na minha vida.

Quando a vi descer, fiquei sem fôlego e esqueci de todos os pensamentos que me perturbavam por um instante. Imaginei que não fosse possível Cíntia ficar ainda mais bonita, mas eu estava enganado.

Estonteante em um vestido prateado tomara-que-caia, com o cabelo loiro preso em um coque, de onde pendiam alguns fios em pequenos cachos. A maquiagem era leve, mas ressaltava seus olhos castanhos. Os lábios estavam tão vermelhos que eu tive ainda mais vontade de beijá-los. Por um momento, quis esquecer a festa e raptá-la para o meu apartamento, onde poderíamos ficar sozinhos. Queria poder tirar aquele vestido na minha cama enquanto o mundo se resumia a nós dois.

Sai do carro e dei a volta para abrir a porta para Cíntia.

— Você está muito linda.

— Obrigada. — Ela sorriu e eu não soube dizer se as bochechas rosadas

eram de vergonha ou da maquiagem.

— Fico feliz que tenha aceitado o convite.

— Beatriz me convenceu de que eu não tinha uma roupa adequada para ir a uma festa como essa. Por isso, pensei que talvez fosse melhor eu não ir.

— Nada disso! — Eu a puxei pela cintura e trouxe para bem junto de mim. — É o meu aniversário e você é a minha namorada, não tem mais ninguém no mundo que eu queira comigo essa noite, entendeu?

— Mas e a sua família? — Cíntia se encolheu junto ao meu peito.

— Não se importe com eles. — Beije-i ela no alto da cabeça. — Nem eu me importo.

— Tá. — Ela tentou sorrir e isso me deixou mais tranquilo. — Esse é meu presente para você. — Ela me estendeu um pequeno embrulho quadrado.

— Cíntia, não precisava se preocupar.

— Não é nada caro como deve estar acostumado a ganhar, mas eu espero que goste.

Abri o embrulho e vi que era um porta-retratos com uma foto que havíamos tirado juntos há dois dias, quando estávamos tentando cozinhar juntos no meu apartamento. Cíntia havia me pedido a câmera emprestada e agora eu sabia para que.

— Eu adorei, Cíntia. Vai ficar ótimo ao lado da minha cama. Vou poder olhar para você todos os dias pela manhã, mesmo nos dias que não dormir comigo.

— Que bom que gostou. — Ela acariciou meu rosto antes de me puxar para um rápido beijo. — Vamos?

Cíntia sentou no banco do carona e eu assumi o volante. Dirigi em

silêncio até um bairro nobre afastado do centro, onde ficava a mansão dos meus pais. Passei pelo portão e fui cumprimentado com um movimento de cabeça pelos seguranças.

Estacionei na garagem e olhei para a Cíntia.

— Você está tão calada.

— Só nervosa. — A vi apertar a alça da bolsa com mais força.

— Não precisa ficar. — Fiz carinho na sua mão. — Apenas os ignore como eu fiz a vida toda; não há com o que se preocupar.

— Do jeito que você fala, parece que são uns monstros.

— A minha mãe não é tão terrível assim. — Dei de ombros.

— Eu amo muito os meus pais e eles a mim. É estranho ver a relação que você tem com os seus.

— Não se preocupe. — Coloquei um cachinho que pendia do coque atrás da orelha dela. — Já viu aqueles filmes da realeza em que são os empregados que criam as crianças? Acho que não é uma realidade assim tão distante quanto parece.

— Que horrível! — Ela abaixou os olhos, triste.

— Não se preocupe; como eu disse, estou acostumado. — Eu me levantei e abri a porta para ela. — Vamos? — Estendi a mão.

Seguimos até o salão de festas que já estava bem cheio. O primeiro que veio até nós foi o Renato. Era até estranho vê-lo metido em um terno e gravata quando sempre andava de camiseta e bermuda, como se estivesse vindo da academia o tempo todo.

— E aí, cara! — Ele me cumprimentou com um aperto de mão e um abraço. — Feliz aniversário.

— Valeu, irmão.

— Você está linda, Cíntia. — Ele se aproximou da minha namorada para cumprimentá-la e eu senti uma pontada de ciúmes, porém, mantive o sorriso. Não havia motivo para criar caso.

— Obrigada, Renato. — Ela sorriu para o meu amigo de forma gentil.

— Vitor, querido, que bom que chegou! — Olhei para trás e vi minha mãe se aproximando.

— Oi, mãe. — Abri um sorriso amarelo.

— Oi, Alice.

— Renato, querido, como você está? — Ela apoiou a mão sobre o ombro do meu melhor amigo.

— Estou bem, e a senhora?

— Já disse para não me chamar de senhora. Não quero parecer mais velha do que realmente sou.

Os dois riram enquanto eu e a Cíntia os encarávamos em silêncio.

— Que moça mais bonita, quem é?

— A minha namorada, mãe — disse sem rodeios.

— Sua namorada? — Ela arregalou os olhos. — Não tinha me falado sobre ela antes, querido.

— Não que conversemos muito a respeito de qualquer coisa, né?

— Tem razão, desculpa. — Ela se encolheu, envergonhada, diante da minha resposta. — Eu sou Alice, é um prazer conhecê-la...

— Cíntia. — Minha namorada segurou a mão da minha mãe. — O prazer é meu.

— Onde se conheceram, na faculdade?

Apenas balancei a cabeça em afirmativa, sem querer me delongar muito no assunto.

— André, vem aqui. — Ela acenou para o meu pai, que estava numa roda de conversa com associados da empresa.

— O que foi, mulher? — Ele a olhou com expressão de poucos amigos. Torci os lábios, não esperava nada de diferente vindo dele.

— Vem aqui, só um minuto.

Ele bufou, mas veio andando em nossa direção.

— Vitor.

— Oi, pai.

— Olha como é linda a namorada dele. — Minha mãe fez carinho no ombro de Cíntia, que apenas olhava sem dizer nada.

Meu pai a olhou dos pés à cabeça antes de dizer qualquer coisa.

— Bonitinha, agora, se livre dela. — Ele deu as costas e saiu andando com o ar superior e arrogante que tanto me irritava.

Furioso por ouvi-lo falar daquele jeito, cerrei os dentes, fui atrás do meu pai e o puxei pelo ombro para que me encarasse. Minha vontade era dar um soco bem no meio da cara dele e juro que teria feito isso se não tivéssemos plateia demais.

— Como ousa falar desse jeito com ela?

— Sabe que eu não tolero suas distrações. Deveria estar estudando administração nos Estados Unidos e não brincando de advogado em uma faculdade pública. Mesmo sem a minha aprovação, perde seu tempo com farras e garotas.

— Cíntia não é só uma garota e definitivamente não é uma distração. Eu

a amo.

— Veremos se continua dizendo isso na semana que vem.

— Querido, os convidados. — Minha mãe o pegou pelo braço e saiu arrastando-o para longe.

Quis ir atrás dele e exigir que pedisse desculpas à Cíntia, porém ela me segurou pelo pulso assim que dei um passo na direção do meu pai.

— Vitor...

— Ele vai se desculpar por isso. — Eu estava bufando como um touro enfurecido. Mas a pele de Cíntia na minha ia me acalmando aos poucos.

— Deixa ele, está tudo bem.

— Não, não tá!

— Calma, irmão, não vai brigar com seu pai na frente dos acionistas da empresa e dos amigos da família. — Renato me segurou pelos ombros.

— Essa merda de festa era para ser para mim, mas só reconheço amigos deles!

— Sabe um lugar mais calmo onde possamos ficar? — Cíntia entrelaçou seus dedos aos meus.

Apenas fiz que sim e a puxei comigo. Não queria sair como se meu pai houvesse me derrotado, porém, no fim, não importava quem ganhara aquele bate boca. Lembrar da ofensa feita a Cíntia, já me fazia um perdedor.

— Eu posso ir junto? — Renato deu um passo para sair conosco, mas meu olhar atravessado já foi o bastante para respondê-lo.

— Tá, vou buscar umas bebidas.

Saí com a Cíntia por um corredor lateral e a levei até o jardim. A lua estava cheia naquela noite e iluminava mais do que os poucos postes

espalhados por entre os canteiros.

— Que lugar lindo. — Ela girou, olhando em volta.

— Minha mãe faz questão de manter o jardim bem cuidado.

— O jardineiro faz um ótimo trabalho.

— Cíntia — segurei o rosto dela entre as mãos e a fiz me encarar —, não deveria ter deixado meu pai falar assim com você.

— Ei, relaxa, amor.

Ouvi-la falar daquele jeito gentil e me chamar de amor fez com que meu coração batesse de forma mais calma.

— Foi melhor do que eu imaginava, para ser sincera. Sua mãe parece um amor.

— Ela, ao contrário do meu pai, evita intrigas.

— Isso é bom. Nem todo mundo se dá bem com os sogros mesmo. — Ela deu de ombros. — A vovó, mãe da minha mãe, nunca gostou muito do meu pai. Mas eles se casaram assim mesmo.

— Então está dizendo que vai se casar comigo mesmo o meu pai sendo um escroto? — Não consegui conter o sorriso.

— Acho que ainda está meio cedo para falarmos de casamento. Eu preciso formar primeiro e ainda nem temos um ano de namoro.

— Mas eu fico feliz em saber que você está aberta a possibilidade. — A puxei para os meus braços, aninhando-a junto ao meu peito.

— Eu estou aberta, só não imaginei que logo você fosse pensar em casamento.

— Nunca tinha pensado — confessei. — Mas com você, quero viver cada etapa.

— Acho que seu pai não vai ficar muito contente com isso.

— Que se dane o meu pai! Que se dane o mundo todo! Eu só quero você. — Trouxe o rosto dela até o meu e a envolvi em um beijo.

Apertei o corpo dela contra o meu, sentindo suas curvas se moldarem as minhas. Não queria pensar em nada além do quanto eu a amava. Meu pai, a amargura, e a frieza dele não iriam destruir isso.

— Vamos para o meu apartamento, pedir uma pizza, e fazer uma maratona de filmes?

Ela se afastou para me encarar.

— Mas e a sua festa?

— Quem se importa?

Ela abriu um sorriso gentil depois de dar uma doce gargalhada.

— Só vou se me deixar escolher os filmes dessa vez.

Torci os lábios e fechei a cara, fingindo drama.

— Tá bom, te deixo escolher...

Estava prestes a arrastá-la para bem longe dali quando ouvi uma voz chamar meu nome. *Aquele pesadelo não terminaria nunca?*

— Vitor, meu amor, sua mãe falou que você estaria aqui, com *essazinha*.

Segurei Cíntia bem junto ao meu corpo, como se eu pudesse poupá-la de mais um encontro desagradável.

— O que está fazendo aqui, Dafne? — Cerrei os dentes, rosnando para ela como um cão feroz.

— É o seu aniversário, *love*. É claro que eu estaria aqui.

— A última notícia que tive de você é que havia se mudado para

Londres, que estava em Oxford.

— Quem é essa, Vitor? — Cíntia apoiou a mão um tanto trêmula no meu peito.

— Minha mãe é americana, nasceu nos Estados Unidos, meu pai a conheceu em uma temporada lá. Dafne é filha de uma das amigas da minha mãe e não deveria estar no Brasil.

— O que esqueceu de contar para a sua queridinha é que você me *pertence*.

— Pertence? — Cíntia franziu o cenho com o termo pejorativo usado pela garota.

— Você ficou louca? Nós ficamos quando éramos crianças, já tem muito tempo.

— Se esqueceu das promessas que fez para mim? — Dafne cruzou os braços e fez bico.

— Eu era um moleque.

— Está vendo, queridinha? Vitor nos ilude e depois nos abandona, vai aprendendo.

— Cala a boca, Dafne!

Tudo o que eu não precisava naquela noite era mais alguém para acabar com a minha paciência. Dafne era um passado bem distante vindo para me assombrar. Eu tinha quatorze anos quando ficamos juntos, fizemos besteira, dissemos besteiras, mas achei que estivesse livre disso.

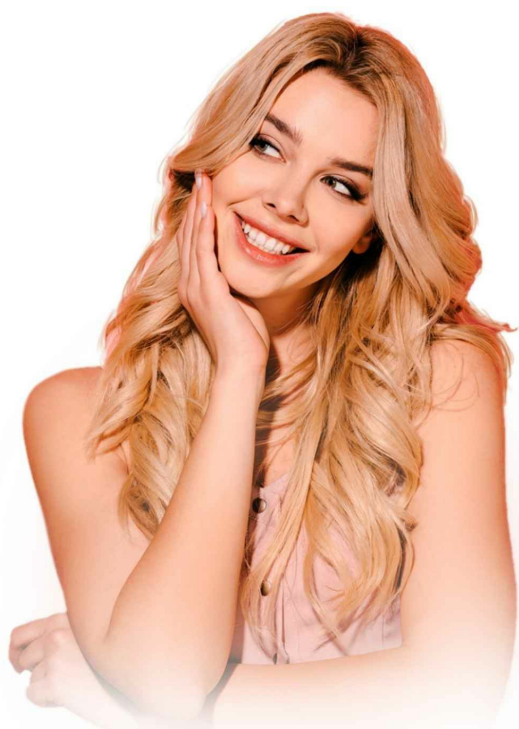
— Quando perdi minha virgindade com você...

— Vamos embora daqui, Cíntia. — Olhei para a minha namorada sem deixar que a louca da Dafne continuasse seu monólogo. — Essa casa

definitivamente já deu para mim.

— Vitor, espera! — gritou Dafne.

Continuei andando e Cíntia veio comigo para voltarmos à garagem. Nem deveria ter me dado ao trabalho de vir à festa; no máximo, deveria ter ido apenas para apresentar a Cíntia ao Philip, mas como eu não o vi, esse encontro teria que ficar para outro dia.



CÍNTIA

Capítulo 31

Abri os olhos devagar, para me acostumar com a luz do sol que entrava através das persianas. Pela intensidade já deveria ser mais tarde do que eu gostaria de pensar, porém era sábado e não precisava me preocupar com o horário da aula.

Com a cabeça sobre o peito de Vitor, eu conseguia ouvir o coração dele bater com tranquilidade. Fiz carinho no seu peito, mas permaneci imóvel.

Ele havia falado tão mal da relação com os pais que, no fim, a noite acabou não sendo pior do que eu esperava. O pai dele não era a pessoa mais agradável do mundo, porém, nem tudo poderia ser perfeito.

— Bom dia! — Ele se espreguiçou e me deu um beijo, lambendo e mordiscando os meus lábios. — Já disse que não tem coisa melhor no mundo do que acordar com você nos meus braços?

— Já, algumas vezes. Mas é sempre bom ouvir. — Dei de ombros.

— Linda! — Vitor me encheu de beijos, dos lábios aos ombros e eu me encolhi em meio ao riso.

— Sabe que preciso voltar para a moradia?

Ele fez bico, fingindo estar triste.

— Ainda é cedo demais para pedir você para morar comigo?

— Sim, é.

— Você é tão cruel, Cíntia. — Mostrou língua para mim como uma criança mimada.

— Preciso estudar, Vitor, e você é uma distração e tanto.

— Tudo bem...

— E a garota de ontem? — Havia evitado o assunto por muito tempo, mas ele estava me corroendo por dentro.

— Quem? A Dafne?

— É. O que tem de verdade com ela?

— Não tenho nada. Como disse, nem sabia que ela estava no Brasil. A mãe dela deve ter vindo visitar a minha. Nós tínhamos quatorze anos e muita curiosidade, só isso.

— Foi a primeira garota com quem fez sexo?

Ele fez que sim e eu engoli em seco, me arrependendo de começar a perguntar.

— Foi um momento, Cíntia, só isso. Não significa mais nada pra mim.

— Tem certeza?

— Claro que tenho! Quantas vezes preciso dizer que é a única garota que eu quero? Eu tenho um passado, e você sabe que eu não era um santo.

— Sim, eu sei.

— Você tem um ex-namorado.

— É, mas você foi o meu primeiro...

— Meu amor, eu não amaria menos você se tivesse transado com seu ex. Decisões do passado não podem comprometer nosso futuro. Não nos conhecíamos e cada um viveu com o que tinha. Dafne não é a única garota com que me envolvi e peço desculpas se esbarrar com mais alguma delas; não é a minha intenção machucar você.

— Eu sei. — Sorri ao acariciar o rosto dele. — Não vou mais me preocupar com isso.

— Melhor assim. — Vitor me deu um breve beijo.

Levantei da cama e fiquei envergonhada ao notar as peças espalhadas pelo quarto.

— Fica aqui. — Vitor bateu ao seu lado na cama e minha vergonha aumentou ao notar que ele também estava nu.

— Estou com fome, você não?

— Minha barriga pode doer mais um pouco se você ficar aqui na cama.

— Seu preguiçoso, levanta!

Tentei puxar ele, mas Vitor me segurou e me puxou para a cama, afastando o lençol e deitando em cima de mim.

— Vamos levantar! — Segurei seus ombros e tentei empurrá-lo para longe de mim.

— Não. — Sua voz era grave e rouca de um jeito que me fez estremecer.

Encarei seus olhos e a vastidão deles, percebendo que não me deixaria escapar, mas a verdade era que eu não queria fugir.

Passei a mão pelo seu pescoço, subindo pela sua nuca até enterrar meus dedos no seu cabelo. Quando Vitor me beijou, eu estava ansiosa por sentir os seus lábios outra vez. Havíamos passado uma noite deliciosa juntos, mas a sensação era que não nos beijávamos nem nos tocávamos daquela forma há muito tempo.

Estar nos braços dele me fazia transcender. Jamais imaginaria que aquele *playboy* arrogante poderia despertar tantos sentimentos bons dentro de mim e me deixar daquele jeito. Nos braços do Vitor eu me encontrava e não poderia estar mais feliz.

Ele beijou o meu queixo e escorregou os lábios até a base da minha

garganta, fazendo com que eu fechasse os meus olhos e parasse de pensar em qualquer outra coisa que não fosse as reações que as suas carícias provocavam em mim. Sua língua deixou um caminho molhado que me causou muitos calafrios até parar em um dos meus mamilos. Vitor abocanhoun um dos meus seios, enquanto apertava o outro com a mão. Eu me retorci sobre os lençóis.

Passei as mãos pelos seus ombros, escorregando os dedos pelas linhas da sua coluna, percorrendo as suas costas largas enquanto arqueava o corpo diante do estímulo nos meus seios. Estava muito feliz com a mulher que era nos braços do Vitor.

Puxei seu cabelo macio e trouxe a sua boca de volta para a minha em um beijo faminto. A necessidade que um sentia pelo outro crescia a cada toque. Eu não tinha vindo para Bela Vista para me apaixonar, mas Vitor apareceu no meu caminho e, naquele momento, eu já não conseguia mais me manter longe dele. Tudo o que mais desejava era passar cada minuto com o meu namorado, o que era muito perigoso, pois não poderia negligenciar a faculdade.

Ele mordiscou meu lábio inferior e levei a minha língua de volta para a sua boca, à procura da sua. Eu não conseguia respirar direito, mas não parecia necessário, seus beijos eram tudo o que eu queria.

Lentamente, Vitor desceu a mão que segurava o meu seio e a escorregou pelo meu ventre, deixando um rastro quente até colocar a mão entre as minhas pernas e eu me estiquei. Seu dedo percorreu os lábios do meu sexo, brincou com o meu clitóris, e me penetrou. Soltei um gritinho abafado pelo beijo e me espichei, torcendo os dedos dos pés. Ele começou a mover o dedo dentro de mim e eu me remexi inteira, sendo rendida por gemidos de prazer.

Sua boca voltou para o meu mamilo enquanto o seu dedo me roubava o

sossego e a racionalidade. Eu sabia muito pouco sobre sexo antes de começar a transar com o Vitor e ele estava me mostrando que era muito bom.

Para a minha surpresa, Vitor saiu de cima de mim e eu soltei um resmungo de protesto, inconformada por ele ter me incendiado e me deixado pegando fogo.

— Já quer se levantar?

— Não. — Ele umedeceu os lábios e a malícia em seu olhar me deu esperanças. — Se ajoelha e se apoia a cabeceira. — O tom de ordem aumentou a pulsação no meu peito, mas obedeci ao seu comando.

Virei a cabeça e o vi se acomodar atrás de mim, ajoelhado perto da minha bunda. Prendi a respiração enquanto as suas mãos escorregavam pelas minhas nádegas. A expectativa me deixava aflita.

Vitor pegou uma camisinha na gaveta da mesa de cabeceira e minha expectativa aumentou ainda mais, pois sabia o que viria a seguir. Com as mãos na minha cintura, ele uniu nossos corpos e me fez rebolar contra a sua pélvis. A fricção fez com que eu revirasse os olhos e cravasse as unhas na cabeceira da cama.

Ele se movia contra mim e quando escorregava para fora, eu levava o meu corpo ao dele, sem paciência para esperar que investisse de volta. A busca pelo prazer me fazia mover no pênis dele cada vez mais freneticamente. Vitor desceu uma das mãos da minha cintura e a levou até o meu clitóris, e quando ele começou a estimulá-lo, não consegui mais conter os gemidos até que sentisse a tensão que crescia no meu ventre explodir, fazendo com que eu caísse imóvel e ofegante de braços. Vitor continuou investindo contra mim até que chegasse ao ápice também.

Ele apoiou a cabeça na minha nuca e senti a sua respiração me aquecendo e me fazendo cócegas, até que ambos recuperássemos o controle

sobre nossos corpos.

— Agora deixo você se levantar. — Riu, saindo de cima de mim.

— Bobo! — Girei na cama.

Vitor se levantou e o vi ir até o banheiro.

— Vai ficar aqui o dia todo, não é?

— Não sei, as provas finais começam na semana que vem e eu preciso estudar. — Fiquei de pé, procurando pelas roupas jogadas pelo chão até que me lembrei que havia trazido roupas limpas e estavam na mochila.

— Não vejo a hora de você se formar para eu não ser mais trocado por um livro de mil páginas.

— Não, aí serão os casos no tribunal. — Ri.

— Gosta de judiar de mim, né, sua malvada?

— Dramático. — Estendi a mão para ele e sai puxando-o até a cozinha.

Assim que chegamos lá, Vitor me empurrou contra um banco e foi até a geladeira.

— Deixa que eu preparo o café para gente hoje.

— Você quem sabe. — Dei de ombros. — Vitor, eu estava pensando aqui, as férias já estão chegando. O que acha de passar um fim de semana comigo lá na roça? Posso garantir que meus pais são muito mais gentis que os seus.

— Quer que eu vá conhecer os seus pais?

— Bom... — Respirei fundo, incerta se isso era ou não uma boa ideia.

— É claro que eu vou. — Vitor sorriu e eu respirei aliviada.

— Bom, mas lá é bem mais simples do que tudo o que você está acostumado.

— Quer dizer que vou dormir no sofá?

— Não, ainda tem o quarto dos meus irmãos, que agora está vazio. Mas a comida, a forma como as coisas são...

— Acho que, por você, eu posso sobreviver a um desafio. — Ele tinha um sorriso gentil enquanto tirava as coisas para o café de dentro da geladeira.

— Tem uma cachoeira na fazenda que tenho certeza de que você vai gostar.

— Podemos ir até lá sozinhos? — Ele me encarou com um ar malicioso.

— Seu pervertido! — Joguei o pano de prato nele e Vitor gargalhou. — É melhor que meus pais não saibam sobre as nossas intimidades; eles são tradicionais, sabe?

— Depois os meus é que são chatos.

— Vitor!

— Eu vou adorar conhecer sua família, mas quanto a me comportar, eu não posso prometer nada.

— Você é impossível. — Balancei a cabeça em negativa.

— Sabe que não resisto a você, Cíntia.

— Vou nos conter, por nós dois.

— Você é má! — Ele pegou uma uva e a colocou na minha boca.

Vitor contornou a bancada e ficou na minha frente. Ele me pegou pela cintura e me sentou na pedra fria da bancada.

— O que está fazendo?

— Aproveitando, já que terei de bancar o santo na casa dos seus pais.

Apoiei minhas mãos nos seus ombros enquanto os lábios dele desciam até o meu pescoço e me faziam estremecer.

— Não! — Eu o empurrei antes que o Vitor chegasse até um ponto que eu não conseguisse mais resistir. — Temos o dia todo pela frente, não podemos ficar transando como coelhos.

— Quem disse que não? — Ele fez bico.

— Eu disse! — Saltei da bancada. — O que vamos fazer para o almoço? — Caminhei até a geladeira enquanto o Vitor resmungava baixinho.

Queria curtir o dia com ele, fazer outras coisas; poderíamos voltar para a cama mais tarde antes que eu voltasse para a moradia estudantil. Sinceramente, precisávamos aprender a nos comportar, principalmente se eu fosse apresentá-lo aos meus pais. Sabia que eles não iriam o ver com bons olhos se soubessem que eu tinha entregado a minha virgindade para ele.



VITOR

Capítulo 32

Cíntia observava a estrada em silêncio ao meu lado enquanto eu me concentrava na direção, ou tentava, pois toda vez que olhava para ela, me perdia na visão do seu cabelo loiro voando ao vento. Os raios de sol batiam nos fios e os faziam cintilar como ouro.

— Vira ali. — Ela indicou um caminho de terra.

Ri ao pensar que meu carro não era feito para esse tipo de terreno acidentado, mas esperava que não acontecesse nada de ruim no percurso.

Seguimos por uns vinte minutos na estrada de terra, até chegarmos diante de uma porteira. Essa dava entrada para uma casa há alguns metros e do outro lado da estrada também havia uma casa, as duas ficavam quase uma de frente para outra.

Cíntia desceu do carro e abriu a porteira para que eu pudesse manobrar e entrar com ele no quintal. Boa parte da lataria preta estava coberta com vermelho de terra, mas, pela primeira vez, eu não me preocupei com o carro.

A porta da casa foi aberta e uma mulher saiu de lá. Ela usava um vestido florido sob um avental encardido. Ela tinha os cabelos loiros como os de Cíntia, presos em um rabo de cavalo, e eu percebi de onde minha amável namorada havia herdado a estonteante beleza.

— Mamãe! — Cíntia foi correndo até ela e a abraçou.

Andei devagar logo atrás da minha namorada.

— Ah, filhinha, senti tantas saudades de você.

— Eu também, mamãe. — Cíntia se afastou para que eu entrasse no raio

de visão da sua mãe. — Esse é o Vitor.

— O rapaz que me falou pelo telefone?

Cíntia fez que sim.

Eu me aproximei dela e estendi a mão.

— É um prazer conhecê-la, senhora...?

— Fátima, pode me chamar de Fátima.

— É um prazer.

— Vamos entrar! — Ela fez um gesto para que eu as acompanhasse para dentro.

A sala da casa era pequena, porém muito aconchegante. Tinha uma televisão, dois sofás e vários objetos decorativos de artesanato e itens religiosos.

— Senta.

— Obrigado. — Sentei no sofá e Cíntia se acomodou ao meu lado.

— Então, você estuda com a minha filha na faculdade?

Fiz que sim.

— Sou um veterano dela. Entrei um ano antes.

— E mora em Bela Vista, mesmo?

— Sim, a minha vida toda.

— Seus pais são de lá também?

— Meu pai nasceu no Sul, e minha mãe nos Estados Unidos, mas vivem aqui há um bom tempo.

Fátima estava prestes a fazer mais uma pergunta quando Cíntia se impôs.

— Chega, mãe! Ele acabou de chegar. Vai acabar assustando ele.

— Me desculpe, rapaz.

— Tudo bem, senhora.

— Cíntia, porque não vem comigo me ajudar com o almoço? Seu pai já deve estar chegando.

Ela olhou para mim receosa e eu apenas sorri.

— Vou ficar aqui, jogando no meu celular. — Balancei o aparelho no ar.

— Já volto, então.

Segurei ela pelo pulso antes que seguisse a mãe.

— Só se me der um beijo antes.

— Vitor! — Ela ficou instantaneamente corada.

— Só um beijo.

— Tudo bem. — Ela se curvou, tocou meus lábios, depois saiu correndo como uma menina assustada e eu ri da sua vergonha.

Abri um jogo no celular enquanto esperava.

Ouvi passos de alguém entrando na sala e me virei por reflexo. Quem entrava era um homem jovem, deveria ter um ou dois anos a mais do que eu, tinha cabelos acobreados e olhos cor-de-mel. Sua pele era morena e castigada pelo sol.

— Oi, quem é você? — perguntou o cara.

— Vitor, sou o...

— Cara que está com a Cíntia — ele completou minha frase. Pelo desdém em sua fala, eu soube de imediato quem era. Eu, no lugar dele, também não sorriria.

— Você é o Léo, eu imagino.

— Cíntia falou de mim? – Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso.

— O primeiro namorado. Comentou.

Ele me olhou dos pés à cabeça, como se vasculhasse até a minha alma.

— O carro lá fora é seu?

Fiz que sim com um breve movimento de cabeça.

— Então você tem dinheiro.

— O suficiente.

— Nunca imaginei que Cíntia fosse esse tipo de garota. — Balançou a cabeça, como se estivesse muito confuso.

— Ela não é. Nunca aceitou um centavo meu.

— Fico contente com isso. Mas ainda me pergunto, por que você?

— E por que não? — Mantive minha postura firme. — Eu a amo.

— Espero que sim. Eu não sei o que diabos ela viu em você, nem porque te escolheu. Mas, se ela quis ficar com você, espero que não a machuque.

— Não precisa me ameaçar, cara. Não existe quem eu queira ver mais feliz no mundo do que ela.

— Estou contando com isso.

— Vitor... — Cíntia veio correndo até a sala, mas sua voz morreu assim que ela viu o cara parado no meio da sala. — Léo...

— Oi, girassol. — A forma como ele sorriu para a Cíntia fez com que me retorcesse de ciúmes. — Sua mãe falou que você vinha; não imaginei que estivesse acompanhada.

— Sim, estou. — Cíntia veio até mim e colocou a mão no meu ombro.

— Esse é o meu namorado, Vitor.

— Parece um cara legal. — Leonardo cruzou os braços. — Espero que tenha feito uma boa escolha.

Cerrei os punhos e respirei fundo, controlando as minhas emoções. Nunca me senti tão ameaçado na vida. Eu sempre tive todas, mas, daquela vez, era a Cíntia quem me tinha.

— O almoço está pronto. — Fátima apareceu na sala e aliviou um pouco o clima tenso que havia se estabelecido entre nós.

— Você vai adorar a comida da minha mãe. — Cíntia entrelaçou seus dedos nos meus e me puxou com ela.

— Vem comer também, Léo — Fátima convidou o cara.

— Obrigado, Dona Fátima, mas minha mãe está me esperando em casa e Cíntia já não precisa mais de mim.

— É uma pena. Mande um abraço a sua mãe por mim.

— Pode deixar. — Ele saiu porta afora e eu respirei aliviado.

— Não precisa ficar com essa cara. — Cíntia me cutucou.

— Depois você reclama do meu passado. — Fiz bico.

— Estou adorando te ver com ciúmes.

— Não me provoca. — Fechei a cara e apertei os dedos dela entre os meus.

Logo o pai da Cíntia chegou e se juntou a nós na mesa do almoço. Ao contrário da atitude do meu pai com a Cíntia, o dela fora bem gentil comigo, até mais gentil do que eu imaginava. Pelo que percebi, a ligação deles com a filha era muito forte e confiavam cem por cento no julgamento dela. Então, se Cíntia estava feliz, eles também estavam. Realmente, a realidade em que ela

vivia era muito diferente da minha.



No meio da tarde, Cíntia resolveu me levar para passear pelo lugar. Naquela altura eu achava que tudo se resumia a pés de café e mosquitos, até que comecei a ouvir o som da água caindo em grande proporção. Apertei o passo, puxando-a comigo e só parei às margens da cachoeira.

A água que caía com violência de uma altura de cinco metros espirrava em nós como pequenas gotas de chuva. A mata ao redor era virgem e espessa, que nos escondia de olhares curiosos.

— Que lugar lindo, Cíntia!

— Eu disse que valia a pena. — Ela estufou o peito, toda orgulhosa.

— Vamos entrar ou só ficar olhando?

— Entrar, claro! — Cíntia tirou a camiseta e o short, colocando-os sobre uma pedra. Percorri o corpo dela com o olhar; ficava linda só de biquíni e muito sensual. O biquíni era preto e a calcinha não era tão pequena como eu gostaria, mas o fato de ser de amarrar inundou a minha mente com cenas bastante sugestivas.

Cíntia não olhou para mim antes de pular na cachoeira, espirrando mais água.

Tirei minhas roupas também e entrei logo atrás dela. A água estava tão gelada que eu me encolhi por alguns segundos, tremendo. Afundei até a cabeça e fiquei até não conseguir mais respirar, sentindo a correnteza roçar na minha pele. Ergui de uma vez em busca de ar e balancei os cabelos como um cachorro molhado, fazendo água voar em Cíntia. Ela protegeu o rosto com as

mãos enquanto ria.

Olhei para ela. Os cabelos molhados grudavam ao corpo e nadavam ao redor dela assim que tocavam a água. As gotículas em seu rosto brilhavam como pequenos cristais ao serem banhadas pela luz do sol. Os olhos de Cíntia, com as pupilas reduzidas, se revelavam intensos, onde eu facilmente me perderia.

— Você é tão linda! — Eu me aproximei, segurando-a pelos ombros. Escorreguei as mãos até tocar sua cintura sob a água.

A trouxe para mim em um beijo que começou calmo, mas foi ganhando ferocidade à medida que se intensificava. Segurei seu cabelo em um rabo de cavalo com uma mão enquanto a outra se mantinha firme na cintura dela. Cíntia estremeceu em meus braços quando beijei a base de seu pescoço, e eu senti o fogo queimar em minhas veias; meu desejo por ela era maior do que tudo. Eu sabia, sentia, que seria eterno, maior do que nós dois.

A empurrei contra uma pedra na margem quando Cíntia cravou as unhas nas minhas costas. Soltei seus cabelos à medida que descia a mão até seu pescoço para desfazer o laço que prendia seu biquíni.

— Vitor... aqui não.

— Por que não? Acha que alguém pode nos ver?

— Não, aqui não é um lugar onde as pessoas costumam passar.

— Então não tem motivos para se preocupar.

— Você me faz cometer cada loucura. — Ela riu antes de entrelaçar os braços ao redor do meu pescoço e se entregar novamente ao meu beijo enquanto minhas mãos desfaziam os nós do seu biquíni.

Desamarrei todo o biquíni dela e o coloquei às margens da cachoeira, sobre a terra seca onde a correnteza não poderia carregá-los e Cíntia puxou a

minha bermuda, depositando a peça no mesmo lugar.

Logo voltamos a nos beijar, nus, com a água correndo por nossos corpos e nos deixando ainda mais excitados. Puxei seu cabelo molhado para o lado e o tirei do meu caminho até o seu pescoço. Eu a mordi e beijei, saboreando a sua pele, enquanto Cíntia grudava o corpo no meu. Odiei um pouco a água por ela ter diminuído a fricção, mas não pareceu afetar a nossa sensibilidade.

— Não podemos demorar muito, tenho medo do meu pai vir nos procurar — murmurou, afastando seus lábios dos meus.

— Queria curtir você na cachoeira. — Fiz bico.

— Vitor... — Silenciei-a antes que mudasse de ideia.

Virei a Cíntia de costas e fiz com que segurasse em uma pedra nas margens da cachoeira. Se não tínhamos tempo para que eu a amasse lentamente, faria com que fosse intenso.

Mordi seu ombro e ela gemeu, enquanto eu escorregava as mãos pela lateral do seu corpo, desenhando as suas curvas até chegar à sua bunda. Eu afastei as pernas dela e a puxei na minha direção, mas tive um pouco de dificuldade para penetrá-la, pois a correnteza da cachoeira me empurrava para longe.

Quando eu finalmente a invadi, nós gememos juntos. Havia uma ânsia insana de nos mover e atendemos a essa necessidade instintiva. Queria me mover com mais força, fazê-la gemer a cada impacto do meu corpo, mas a água impossibilitava isso, o que não me impedia de tentar. Com o sem água, era delicioso estar transando com ela e eu me sentia com sorte, pois, pelo que ela havia dito, cheguei a imaginar que não transaríamos durante aquela viagem por causa dos pais dela.

Tirei uma das mãos da sua cintura e apertei o seu seio, enquanto a

beijava de um ombro ao outro. Ela rebolou a bunda em mim, me cravando ainda mais no seu interior e eu gemi alto. Não consegui me conter, tirei rápido e gozei na água. Só me dei conta de que não havia usado a maldita camisinha quando ejaculei. Não tive tempo para pensar nela antes e, honestamente, não me preocupei. Eu amava a Cíntia, e se tinha que esquecer de usar a camisinha com alguma garota, que fosse com aquela com quem queria passar o restante da minha vida.

Busquei o clitóris da Cíntia com o dedo e a fiz gozar também enquanto beijava o seu pescoço. Queria que ela se sentisse tão bem e feliz quanto eu.

— Eu te amo — sussurrei, antes de beijar a sua orelha.

— Eu também amo você, Vitor.

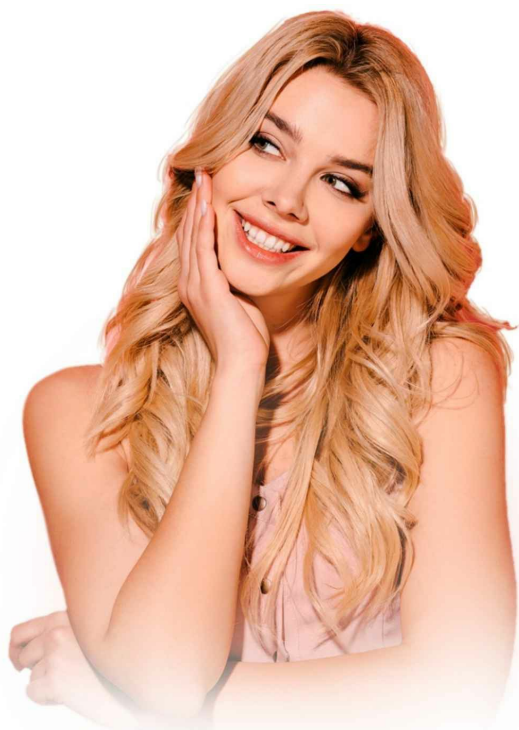
Eu a virei de frente, para que pudesse beijá-la, e ficamos assim até que ela me afastou e saiu da cachoeira para que pudesse se vestir.

— Precisamos ir.

— Tem certeza? — Fiz bico.

— Tenho. Venha logo! — Jogou a minha bermuda em mim e, por pouco, ela não foi levada pela correnteza.

Contrariado, saí da cachoeira e a segui de volta para a casa dos pais dela.



CÍNTIA

Capítulo 33

Deitei na cama e apoiei a cabeça no colo da minha mãe. Ela ficou escorregando os dedos pelos fios ainda molhados do meu cabelo em um cafuné bem gostoso.

— Ele parece um bom garoto e certamente está se esforçando.

— O Vitor, mamãe?

— Está claro o quanto nossa vida é diferente da dele. Mas parece determinado a nos agradar, por sua causa.

— Ah, nem é para tanto.

— É, sim, e isso me deixa contente. Quando me contou sobre ele, esperava um garoto arrogante e mimado, que pensasse que o dinheiro pode comprar toda a felicidade do mundo; porém, não foi bem isso que vi aqui.

— Ele melhorou um pouco. — Ri ao me lembrar do dia em que nos vimos pela primeira vez.

— Seu relacionamento com ele parece bem sério.

— É, sim.

— O quão sério?

— Mãe, não é melhor fazer logo a pergunta?

— Não queria ser intrusiva demais. — Ela desviou o olhar para as nossas sombras na parede.

— Mas já sendo...

— Suspeito que ele tenha deflorado você.

— Nossa, mãe! Que expressão é essa? — Não contive a gargalhada.

Ela voltou a acariciar meu cabelo.

— Sim. Eu tenho dormido com ele. — Fiquei mais vermelha do que um tomate ao confessar para a minha mãe minhas intimidades com meu novo namorado.

— Achei que fosse esperar, já que você não me contou nada quando namorava o Léo. Ou esse Vitor forçou alguma coisa?

— Não, mamãe! Ele não forçou nada. Só me senti à vontade e pronta com ele. Era diferente com o Léo; não que não me sentisse à vontade, mas não dessa forma.

— Mas está se cuidando, tomando as precauções necessárias?

— Estou sim, mamãe. — Fiquei ainda mais envergonhada.

— Já foi ao médico? Posso marcar uma consulta com o doutor Guilherme.

— Mãe, não vou no seu ginecologista!

— Podemos pedir uma recomendação a ele. Acho que tem uma médica que atende na cidade vizinha; podemos ir lá antes de você voltar a Bela Vista.

— Também existem médicos lá, sabia? Tem uma muito gentil no posto de saúde perto da universidade. A doutora Juliana.

— Fico muito aliviada em saber.

Eu me levantei e a abracei.

— Obrigada, mamãe.

— Sabe, Cíntia, sempre confiei em seu julgamento e em suas escolhas. Estarei aqui sempre para apoiá-la. Gosto muito do Léo, mas se acha que o cara certo é outro, torço com todo o meu coração para que seja muito feliz.

— Ah, mãe, eu te amo. — Meus olhos se encheram de lágrimas de emoção e a abracei ainda mais apertado.

— Eu também te amo, minha borboleta. Siga seu caminho, lute pelo o que você quer. Saiba que, se tropeçar em alguma pedra pelo caminho, sempre poderá contar comigo e com o seu pai.

— Eu sei, sim, mamãe, obrigada!

Ficamos abraçadas por longos minutos, até que meu pai entrou no quarto e fizeram sanduíche de mim, e eu fiquei sufocada de tanto amor.



VITOR

Capítulo 34

Eu voltei para casa e a Cíntia ficou com os pais pelo resto das férias. Olhando para o meu espelho, naquela manhã chuvosa de segunda-feira, confessei a mim mesmo que foram os quinze dias mais desesperadores da minha vida. A mercê do telefone da vizinha, cheguei a passar três dias sem ouvir a voz dela. Não tinha dúvidas do quanto a amava antes daquela viagem, porém, depois dela, cheguei à conclusão de que não conseguia mais viver sem a Cíntia.

Era estranho pensar que passara dezenove anos da minha vida sem ela, mas mal sobrevivi a algumas semanas.

Mas a espera acabaria. Não era à toa que eu acordara às cinco e meia da manhã, para fazer a barba e tomar um banho, pois, às seis, ela chegaria na rodoviária. Eu não dava a mínima se o Renato e o restante do mundo rissem de mim. Estar apaixonado era, sem dúvidas, uma das melhores coisas que tinha me acontecido.

Terminei o banho, troquei de roupa, passei a mão na chave do carro, que eu havia jogado sobre um móvel na sala, e saí rumo a rodoviária. Queria tê-la buscado no dia anterior, mas Cíntia fez questão de dizer que não precisava; eram cinco horas de viagem e ela achava cansativo demais para que eu a fizesse sozinho, mas ela não tinha ideia do quanto valeria a pena pra mim.

Dirigi até a rodoviária no trânsito tranquilo do início da manhã. Estacionei o carro o mais perto possível, me escorei na grade perto do local onde os ônibus chegavam e fiquei ali, esperando. Cada minuto de atraso meu coração se retorcia no peito; cheguei a rir de mim mesmo por tamanha

aflição, mas estava louco para vê-la logo.

Assim que o ônibus estacionou e a vi descer carregando uma pequena mala, meu coração se encheu com uma estranha felicidade e não contive o sorriso que tomou conta do meu rosto.

Fui até ela e peguei a mala de suas mãos.

— Oi! — Cíntia me dirigiu um sorriso gentil que aqueceu meu coração.
— Como foram os dias sem mim?

— Bem difíceis.

— Eu também senti saudades. — Ela se atirou nos meus braços.

Larguei a mala no chão e a beijei com todo o desejo e saudade bem no meio da rodoviária. Podia sentir os olhos da plateia pesarem sobre meus ombros, mas não dei a menor importância.

— Não faz isso outra vez, por favor.

— O quê?

— Ficar tanto tempo longe de mim.

Ela abriu um largo e lindo sorriso.

— Vou tentar.

— Não tem que tentar, tem que cumprir.

— Seu bobo! — Cíntia me deu mais uma sequência de beijos. — Vamos para sua casa ou vai me deixar na moradia?

— Para o meu apartamento, com toda a certeza. As aulas só começam amanhã e quero passar cada minuto de hoje grudado em você.

— Seu meloso!

— Como se você não gostasse.

— Nunca disse isso. — Cíntia deu de ombros.

— Vem, vamos logo. Meu carro está parado ali.

Entrelacei meus dedos aos dela e seguimos até a vaga. Coloquei a bagagem dela no meu porta-malas e, quando percebi que não havia ninguém por perto no estacionamento, puxei-a para mim e a beijei.

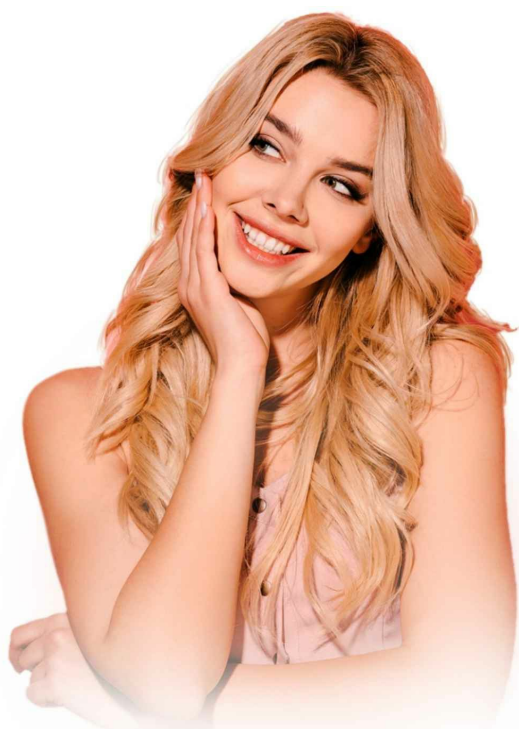
— Vitor... — tentou protestar, mas não deixei que afastasse a boca da minha. Estava com tantas saudades dela que precisava de mais da sua boca, do seu carinho, e do seu calor.

Estava prestes a apertar a sua cintura, quando ela rolou para o lado e se esquivou de mim.

— Aqui não!

— Tudo bem. — Fiz bico. — Vou levá-la para o meu apartamento.

Ela deu a volta no carro e sentou no banco do carona, colocando a bolsa sobre o colo, e esperou que eu assumisse o meu posto de motorista. Teria que esperar chegar em casa para matar toda aquela saudade que havia crescido em mim nos últimos quinze dias.



CÍNTIA

Capítulo 35

Acordei com a cabeça doendo. Abri os olhos e vi o teto acima da minha cabeça girar, como se estivesse prestes a cair sobre a minha cabeça. Algo se revirava no meu estômago, lutando para sair, e não eram belas borboletas. Levantei da cama e fui me apoiando na parede até o banheiro. Lá, abri a tampa do vaso e coloquei para fora tudo o que me perturbava.

Havia dois dias que as aulas tinham recomeçado e eu não havia ido a festas, nem comido nada fora do comum que me fizesse passar mal daquela forma.

— Cíntia, está tudo bem? — Beatriz apareceu na porta do banheiro. Sonolenta e descabelada, coçava os olhos pesados de sono.

— Eu só vomitei, mas deve ficar tudo bem... — Mal terminei a frase e botei tudo para fora no vaso outra vez.

— Cíntia, você está certinha, quero dizer, a sua menstruação?

— Sim, eu acho que sim.

— Acha ou tem certeza? — Ela cruzou os braços e me encarou com seriedade.

Engoli em seco. Com toda a euforia dos últimos dias, nem havia prestado atenção nesse detalhe e a menstruação definitivamente não era algo que eu sentisse muita falta. Sai do banheiro aos tropeços e fui até o calendário pregado em cima da escrivaninha, derrubando um lápis e algumas folhas no processo. Fiz as contas, uma, duas, três vezes... gelei.

— Estou há cinco dias atrasada.

— Cinco dias?! — Beatriz quase cuspiu o coração pela boca com o tamanho do susto que tomou. — Cíntia, você deve estar grávida.

— Grávida?! — Foi a minha vez de tomar um grande susto. — Não, Bia, está ficando louca? Deve ter outra justificativa para o meu atraso, eu não estou grávida, não.

— Então, por que a sua menstruação está tão atrasada?

— Eu não sei. — Comecei a tremer. — Mas deve ter alguma explicação. Eu e o Vitor nos prevenimos.

— Usaram preservativo todas as vezes, todas mesmo?

— Sim, todas... — A cor sumiu do meu rosto e eu caí sentada sobre a cama. — Só não usamos na fazenda dos meus pais, na cachoeira. Mas ele tirou antes...

— Ai, Cíntia, sua tonta! — Beatriz bateu com a mão na testa. — Preciso te ensinar ciências? Achei que fosse mais esperta. Saem espermatozoides antes dele terminar.

— Foi só uma vez... Estávamos na água, não imaginei que... — Cobri o rosto com as mãos para esconder meu choro. Eu estava tremendo de medo e desespero.

— Calma! — Beatriz fez carinho no meu ombro, tentando me consolar. — Também não é para tanto, vamos dar um jeito nisso. Acho que na esquina tem uma farmácia vinte e quatro horas. Vou até lá buscar um teste de gravidez e você fica bem quietinha aqui.

Apenas assenti, engolindo meus soluços de choro. Não que a ideia de ser mãe fosse uma coisa ruim, nada disso. Porém, eu não esperava que isso fosse acontecer tão cedo. Eu faria dezenove anos em um mês, ainda estava no segundo período do curso de Direito, nem tinha terminado o primeiro ano.

Como cuidaria de uma criança assim?

Enquanto eu me revirava em meus próprios pensamentos, amassando a colcha da cama entre meus dedos, Beatriz foi na farmácia com um pé e voltou no outro.

— Toma. — Ela jogou para mim uma caixinha. — Vá lá fazer xixi no potinho e vê o que dá.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — Eu ainda estava tremendo.

— Tenho certeza de que enlouqueceremos se não for lá e fizer logo esse troço.

— Tá bom. — Levantei e fui ao banheiro, cheia de receios e temerosa quanto ao resultado do teste; àquela altura, eu ainda torcia para que fosse um pesadelo e eu acordasse logo.

Segui as instruções na bula do teste e esperei, torcendo por apenas um risco. Fechei os olhos e apoiei a testa no azulejo do banheiro. Respirei fundo, várias vezes, e contei até mil de dez em dez.

Quando abri os olhos e me deparei com o resultado, o susto foi ainda maior. Na barra do teste havia dois riscos vermelhos, o sinal que, segundo a bula, indicava gravidez. Sentei no vaso, ainda trêmula e enjoada. Precisava de alguns minutos ou talvez anos para processar aquilo. *Eu estava grávida...*

— Cíntia? — Beatriz bateu na porta. — Está tudo bem aí dentro?

— Está, sim. — Eu era uma péssima mentirosa e tinha consciência disso.

— Me deixa entrar.

— Espera. — Fiquei olhando para o resultado que escorregava por minhas mãos suadas e aflitas.

— Cíntia...

Permaneci sentada no vaso; apenas estendi uma das mãos e abri a porta para que Beatriz pudesse entrar. Ela não fez perguntas, apenas olhou para o resultado em minhas mãos e me abraçou. Foi quando desabei em lágrimas e chorei rios, molhando o ombro dela.

— Calma, Cíntia, podemos dar um jeito nisso, nem o Vitor precisa saber.

— Jeito? — Eu me afastei para encarar seus olhos castanhos.

— Sim, já tive uma amiga que passou por uma situação parecida. Ela foi em uma clínica e resolveram tudo para ela.

— Não, Bia! Eu não vou fazer um aborto! — Afastei ela com um empurrão e minha amiga bateu com as costas na parede do banheiro.

— Pense bem, pode ser uma boa solução.

— Não vou tirar uma vida por uma irresponsabilidade minha. Estou muito assustada, sim, mas o aborto não é uma alternativa.

— Mas e o Vitor...

— Se ele sugerir isso é porque nunca me amou de verdade. — Levantei trôpega e caminhei pelo quarto, sem notar que estava saindo de pijama.

— Cíntia, onde está indo?

— Falar com ele.

— Espera, não faz isso vestida assim...

Deixei Beatriz falando sozinha e saí porta afora.



O porteiro estranhou a forma como eu estava vestida, mas me via ali com tanta frequência que não se opôs a minha passagem. Por medo de elevador, subi todos os andares de escada e, quando finalmente cheguei à porta do Vitor, me apoiei nela ofegante antes de enterrar o dedo na campainha para ter certeza de que ele seria acordado.

— Cíntia. — Ele arregalou os olhos verdes ao abrir a porta e dar de cara comigo. — Tão cedo? Estava com saudades?

— Adoraria dizer que é apenas isso.

— Então, o que foi? — Vitor empalideceu com meu tom de voz e minha fala.

— Posso entrar primeiro?

— Sim, mas é claro. — Ele abriu a porta e deu um passo para o lado, abrindo espaço para que eu entrasse.

Fui até o sofá macio da sala dele e me desmoronei ali. Chorava e soluçava, sem saber por onde começar.

— O que foi, meu amor? — Ele me abraçou, tentando me acalmar. Seus olhos verdes eram pura angústia enquanto ele não fazia ideia do que estava acontecendo comigo. — São seus pais? Eu fiz algo?

— Não é nada disso. — Apertei com mais força os ombros dele, tentando ficar o mais grudada possível enquanto podia.

— Diz para mim o que aconteceu. — Vitor me fazia carinho e penteava meus cabelos com as pontas dos dedos, tentando me deixar mais calma.

— Eu acordei passando mal... — comecei e Vitor não disse nada para me interromper. — Estava vomitando muito, então a Beatriz achou prudente comprar um teste de farmácia e ele deu positivo.

— Você está grávida? — Ele arregalou os olhos e abriu a boca em completa surpresa.

— Acho que sim. — Me encolhi nele, tremendo.

— Acha?

— Foi o que disse o teste da farmácia. Por favor, não me peça para tirar.

— Quê!? Não! Por que pensou isso? — Vitor sentou no sofá e me puxou para o seu colo, fazendo carinho em mim como se eu fosse uma criança assustada.

— Foi uma sugestão da Beatriz.

— Não! Pelo amor de Deus, não!

A forma enfática como ele se posicionou fez com que eu engolisse o choro e parasse de soluçar um pouco.

— Mantenha a calma, *tá*, amor?

Balancei a cabeça em afirmativa.

— Primeiro, vamos fazer um exame de sangue para ver se está mesmo. Esses testes de farmácia podem dar falsos-positivos. E se estiver, bom, não planejava ser pai agora, entretanto, sei que não há como não me apaixonar por algo que é fruto do nosso amor. Então, por favor, não chore.

— Seu pai não vai gostar nenhum pouco disso.

— Que se dane meu pai! Ele não precisa saber. Quando eu nasci, um fundo foi aberto no meu nome, um dinheiro que se tornou meu assim que fiz dezoito anos. São alguns milhões que me garantem uma vida confortável, sem precisar do meu pai ou da Alfazema. Não se preocupe; ficaremos bem.

— Vitor continuou fazendo carinho no meu cabelo e me dando beijinhos até que adormeci em seus braços.



ANDRÉ

Capítulo 36

Estava concentrado nas planilhas de papéis sobre a minha mesa quando ouvi uma batida na porta. Rosnei, prestes a dispensar quem quer que fosse, quando minha secretária entrou sem aguardar a minha permissão.

— O que foi, Juliana?

— Senhor, peço desculpas pela intromissão, mas Frederico Cerqueira, o Chefe da Junta Médica dos hospitais Vitae está no telefone. Pelo tom de voz dele, suponho que seja importante.

— Pode transferir para mim.

— Sim, senhor. — Ela saiu da sala e fechou a porta; instantes depois o telefone sobre a minha mesa começou a tocar.

— Alô, Frederico.

— André, faz tempo que não conversamos.

— Me ligou para bater papo? — Meu tom foi ríspido e direto.

— Não, claro que não. Indo direto ao ponto, como sempre.

— Não disponho de muito tempo para ser jogado fora.

— Claro! Tem razão. Liguei porque seu filho foi visto com uma garota em um dos nossos laboratórios hoje.

— Vitor em um laboratório, por qual motivo?

— Ele acompanhou a garota durante um exame de gravidez.

— Exame?

— Sim, um exame que deu positivo. Suspeito que ele seja o pai da

criança. Não sei se essa é a melhor forma de descobrir que será avô, porém imaginei que fosse do seu interesse saber o quanto antes.

— Sim. Estou grato por ter entrado em contato comigo. Peço que acompanhe bem de perto essa gravidez e que eu seja o primeiro a ser informado. Antes mesmo que o meu filho.

— Claro! A nossa parceria é fundamental para a sobrevivência dessa rede hospitalar.

— É bom saber que tem ciência disso. Quanto tempo de gravidez?

— É bem recente, três ou quatro semanas.

— Certo. Vamos acompanhar.

— Eu o manterei informado.

Desliguei o telefone e quase o joguei na parede. *Moleque inconsequente!* Tinha que ser idiota o suficiente para engravidar a garota. Aquele relacionamento já havia passado dos limites. Estava farto da vida que Vitor cismava em levar.

Já havia passado da hora de puxar as rédeas dele e mostrar quem estava no controle da situação. Havia planejado um outro futuro para o meu filho e o colocaria no caminho certo, independente dos meios que tivesse que usar para esse fim.



VITOR

Capítulo 37

segurei os dedos ainda trêmulos de Cíntia entre os meus. Entendia todo o desespero dela, por mais que não conseguisse me sentir da mesma forma. Ser pai nunca foi algo dentro dos meus planos, assim como ter uma namorada também não era.

Por um deslize, eu poderia ter engravidado outra mulher antes, mas estava contente que fosse a Cíntia e, durante a última hora, desde que tivemos a confirmação da gravidez pelo exame de sangue, eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse uma menininha com os olhos dela me chamando de papai.

Era estranho, como uma felicidade que começava com uma surpresa, de repente, tomava todos os meus sentidos. No instante seguinte, não havia nada mais que eu quisesse que não fosse o nosso bebê.

— Meus pais vão ficar loucos.

— Calma, sua mãe não teve seus irmãos quando era mais nova?

— Sim, ela tinha dezessete quando os gêmeos nasceram. Mas era outro tempo, outra vida.

— Cíntia — eu a segurei pelos ombros, forçando a me encarar —, você quer essa criança?

Ela me encarou tão profundamente por alguns minutos que eu tive medo da resposta.

— Sim. Sempre quis ser mãe, só não tão cedo, mas se veio agora, preciso lidar com isso.

— E lidaremos, meu amor, juntos. — Fiz carinho nos ombros dela.

— Queria que tivéssemos vivido as etapas com mais calma.

— Você diz casamento?

Ela assentiu com um movimento sutil de cabeça.

— Ainda temos oito meses e uma semana para nos casarmos antes que a nossa filha nasça.

— Filha? — Ela franziu o cenho. — Ainda falta um tempo para que possamos saber se é menino ou menina.

— Eu adoraria ter uma menina. — Acariciei a barriga da Cíntia, que ainda não mostrava nenhum sinal da gravidez.

— Mas, e se for um menino? — Ela me encarou ao se ajeitar no sofá.

— Vou amá-lo da mesma forma.

— Bom saber. — Ela abriu o primeiro sorriso desde que soube da possibilidade de estar grávida.

— Agora, será que não está na hora de repensar na minha proposta?

— Qual? — Cíntia torceu os lábios, pensativa.

— Se mudar para cá. Ou pretende ser orgulhosa o bastante para morar com nosso bebê na moradia estudantil?

— Não, mas...

— Sei que nunca se interessou pelo meu dinheiro, mas um pouco de luxo não faz mal a ninguém.

— Tudo bem... — Ela respirou fundo.

— Tudo bem, vai se mudar para cá?

— Sim, eu vou. — Cíntia fechou a cara ao entregar os pontos. — A

moradia não é mesmo o melhor lugar para uma criança. E não devo poder ficar lá quando trancar a matrícula.

— Mas por que vai trancar a matrícula?

— Não dá para cuidar de uma criança, trabalhar, e fazer faculdade ao mesmo tempo.

— Pera lá! Você não precisa trabalhar; eu disse que tenho dinheiro o suficiente para nós três.

— Tudo bem cuidar do bebê, ele é nosso, mas não vai me bancar.

— Ah, Cíntia, não começa... — Apoiei uma mão no joelho dela e respirei fundo.

— Eu nunca quis isso para mim.

— Pensa um pouco, pelo menos. Termina a faculdade e depois pode conseguir um emprego melhor, como era a sua intenção desde o início. Me deixa cuidar das coisas até lá.

— Mas... — Ela cerrou os dentes, mas eu prossegui.

— Se precisa de dinheiro, como disse, por que diabos não pode ser o meu?! — Alterei o tom de voz mais do que eu gostaria.

Ela engoliu em seco.

— Está certo, eu vou terminar a faculdade.

— Ótimo. — Acariciei o rosto dela e a beijei brevemente.

Cíntia pegou a minha mão e a colocou sobre a sua barriga. Fiquei acariciando enquanto pensava sobre a vida que crescia ali dentro. *Teríamos um filho!*

— Como gostaria que ela se chamasse se fosse uma menina? — Ela ergueu a cabeça a procura dos meus olhos.

— Cecília, sempre achei um nome bonito. Se tivesse uma filha, gostaria que tivesse esse nome.

— O que acha de Charlotte? — Cíntia deu uma gargalhada.

— Francês. É um nome bonito.

— É o nome de uma personagem de um filme que assisti com a minha mãe nas férias. Gostei muito; era uma mulher muito forte.

— Pode ser uma segunda opção. — Dei de ombros.

— Segunda opção?! — Ela arregalou os olhos. — Quem disse que o nome que você escolheu é melhor do que o meu?

Ri da revolta dela.

— Nem sabemos se será uma menina, amor.

— Agora você diz isso, né? — Cíntia cruzou os braços.

— Sua boba, não vamos discutir por isso.

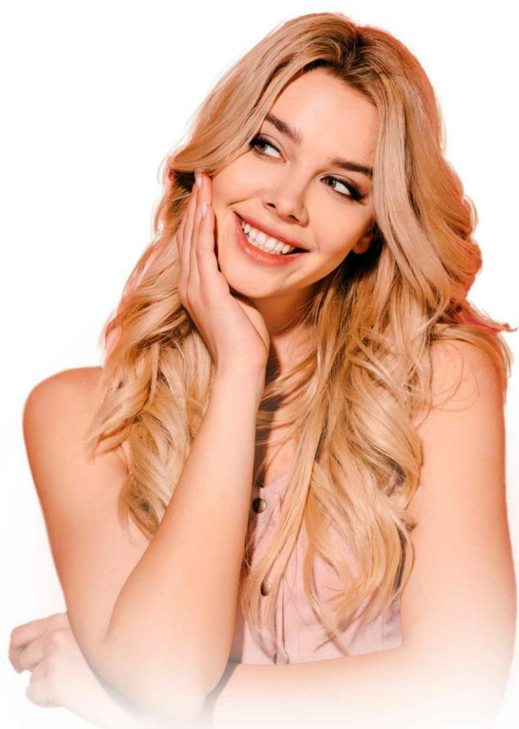
— Ainda não, só até o ultrassom quando descobrirmos o sexo do bebê.

— Por que não deixamos para saber na hora?

— Não. A Beatriz vai querer fazer um chá ou alguma frescura assim.

Balancei a cabeça em negativa e a puxei para o meu colo. Passamos o dia fazendo planos sobre o nosso bebê e nem fomos ao campus. Por fim, todos os temores de Cíntia foram convertidos em felicidade e planejamento.

Eu mal via a hora de poder segurar a minha filha nos braços, de poder olhar para ela. Ser pai era uma surpresa; Cíntia havia mudado a minha vida, mas sem dúvidas, queria uma família com ela e sabia que seríamos felizes.



CÍNTIA

Capítulo 38

À medida que os dias foram passando, eu estava cada vez mais acostumada com a ideia de estar grávida. Tinha mais certezas e menos medo. Não fora uma notícia que agradou muito os meus pais, mas eles sempre estiveram do meu lado e, daquela vez, não foi diferente. Queriam o casamento antes da barriga, mas quando viram que não tinha mais jeito, disseram que estariam lá para o que eu e o bebê precisássemos.

Depois da aula daquela manhã ensolarada, Vitor me pegou para que fôssemos ao hospital fazer um ultrassom. Finalmente saberíamos o sexo do nosso bebê na altura dos quatro meses de gravidez.

O semestre já estava acabando, e fora mais fácil passar por ele grávida do que eu imaginava. Fora um dia ou outro que estava enjoada, fora um período normal de aulas.

Parei meu devaneio e segurei a mão do Vitor ao me retorcer na maca assim que a médica passou um gel frio na minha barriga.

— Tá gelado.

— É um pouco frio... — A médica sorriu. — Podem ouvir? É o coração das...

— Das? — eu a interrompi, surpresa com o plural usado por ela.

— Não, da. É o coração da filha de vocês.

— É uma menina? — Vitor abriu um largo sorriso e segurou a minha mão com mais força.

— Sim, pai, é uma menina.

— Viu? — Ele me encarou com um ar debochado. — Eu sabia.

— Foi só um bom palpite. — Olhei torto para ele.

— Está tudo bem com a bebê, doutora? — Fitei a médica.

— Está sim, Cíntia. Mas percebi pelos exames que você tem fatores de riscos para pressão alta e as taxas de ferro no seu sangue estão baixas, beirando a anemia. Mas com o tratamento adequado, não há com o que se preocupar.

— Tem certeza, doutora? — Vitor ficou pálido por alguns segundos.

— Sim, são fatores de riscos na gestação, mas estaremos acompanhando isso.

— Não se preocupe, amor, vamos ficar bem. — Sorri para ele.

— Pode se limpar, mãe. — A médica me deu um lenço para que eu tirasse o gel da barriga.

Apoiei a mão na maca e me levantei com a ajuda de Vitor. — Vou receitar para você algumas vitaminas que são bem comuns se prescrever durante a gravidez, nada demais.

— Obrigado, doutora. — Vitor fazia carinho nos meus ombros enquanto encarava a médica.

Ela foi até uma mesa que ficava num canto externo da sala, pegou o receituário, escreveu alguma coisa, bateu carimbo, assinou e entregou a receita para o Vitor.

— Cuide bem das suas mulheres, papai.

— Obrigada, doutora.

Vitor entrelaçou os dedos nos meus e saímos para o corredor do hospital. Achava que teria o mesmo tratamento com a gentil obstetra do posto

de saúde, mas ele insistia em um pré-natal particular e paramos de discutir sobre dinheiro há alguns meses.

— Vamos até a farmácia comprar essas vitaminas e depois passaremos em uma loja de bebês.

— Mas Vitor, você já comprou um monte de coisas.

— Tudo neutro, pois ainda não sabíamos se era menino ou menina. Agora, quero comprar bonecas.

— Mas ela levará anos para poder brincar com elas.

— E daí? — Ele beijou minha testa.

— Você está muito empolgado, pai.

— Talvez, um pouco. — Ele deu de ombros. — Vamos ou não?

— Vamos. — Ergui os braços, derrotada.

Ele me puxou pela mão em direção ao estacionamento.

— Vai com calma. Minha barriga está começando a ficar pesada.

— Quer que eu a pegue no colo?

— Não seja exagerado. — Dei um tapinha no ombro dele e Vitor começou a rir.

Seguimos de mãos dadas até o carro e depois fomos ao shopping, onde ele saiu carregando várias sacolas. Minha gravidez acabou revelando nele um lado consumista que eu não fazia ideia.



Era fim da tarde quando voltamos para o apartamento dele, bom, nosso apartamento. Mesmo morando juntos há um tempo, ainda estava me acostumando a minha vida com o Vitor. Eu não tinha uma aliança no dedo, mas estávamos morando juntos e levávamos uma vida de casados. Não podia reclamar; Vitor estava cuidando muito bem de mim e da nossa filha em gestação.

— Senta um pouco. — Ele me acomodou sobre o sofá da sala. — Vou colocar essas coisas no quarto e volto para fazer um chá para você.

— Por que só não coloca essas sacolas lá e senta aqui ao meu lado? — Bati no sofá.

Vitor abriu um sorriso e atendeu ao meu pedido. Assim que colocou as sacolas no nosso quarto, voltou para o sofá e se acomodou ao meu lado. Tombei a cabeça sobre o seu ombro e ele acariciou o meu rosto. Fechei os olhos, enquanto desfrutava do momento.

— Quer alguma coisa?

— Quero. — Sorri, subindo em cima dele, acomodando-me no seu colo com as mãos sobre os seus ombros.

— Não era bem isso que eu estava me referindo. — Abriu um sorriso malicioso.

— Então, o que era? — Cogitei sair do seu colo, mas o Vitor segurou a minha cintura e me manteve ali.

— Nada mais relevante do que isso. — Subiu a mão pela minha nuca e tombou a minha cabeça na direção da sua. — Não quer ir para o quarto, amor?

— Aqui está bom. O sofá é confortável.

Eu mergulhei no seu beijo, saboreando o néctar da sua boca enquanto o Vitor me acariciava, percorrendo o meu corpo com as mãos. Levantei o braço em indicativa e ele tirou a minha camiseta, colocando-a no encosto do sofá. Segurei o seu rosto com as mãos, enquanto esfregava o meu sexo no dele. Era estranho, mas sentia que depois que havia ficado grávida, a minha vontade de transar com ele havia aumentado.

Vitor abriu o fecho do meu sutiã enquanto ainda nos beijávamos e o

tirou, colocando-o sobre a minha camiseta antes de apalpar os meus seios. Joguei a cabeça para trás quando ele abocanhou o meu mamilo erigido, brincando com ele com a ponta da língua. Esfreguei ainda mais a minha intimidade na ereção na calça dele. Estava morrendo de vontade e cada atitude minha demonstrava isso.

Ele me segurou pela cintura e nos girou até me deitar no sofá. Abriu o zíper da minha calça jeans e removeu a peça, escorregando-a pelas minhas pernas lentamente e fez o mesmo com a minha calcinha. O vi tirar a camisa e os movimentos dos músculos do seu abdômen me fizeram salivar e aumentaram a pulsação entre as minhas pernas.

Tombei o corpo para frente e estiquei as mãos para a abrir a sua calça. Estava excitada e sem paciência para esperar. Queria sentir o contato da pele dele com a minha e senti-lo se mover em meu interior. Vitor tirou a calça e a cueca, voltando a deitar em cima de mim.

Gemi quando o seu pênis roçou a entrada do meu canal e passei os pés pelas suas coxas, incentivando-o a continuar. Minha barriga ainda não estava tão grande e ele não encontrava dificuldades para se acomodar em cima de mim.

Vitor acariciou o meu rosto e me beijou com carinho enquanto deslizava para dentro de mim. Meu corpo o acolheu em êxtase e eu elevei o meu quadril, para que ele pudesse se mover mais fácil e entrar mais profundamente em mim. Eu o abracei com as pernas e Vitor segurou as minhas nádegas, enterrando os dedos na minha pele enquanto aumentava a intensidade e a velocidade dos movimentos.

Eu delirava em meio ao vai e vem, gemendo em frenesi com cada estocada. A névoa de sensações me dava a impressão de estar no paraíso. De fato, depois de todo o medo, Vitor e eu vivíamos na nossa bolha, no nosso pequeno paraíso.

Ele mordeu meu lábio e eu estremeci, sentindo-o gozar dentro de mim, mas Vitor não parou de se mover até que eu fechasse meus olhos e soltasse um gemido agudo, estremecendo.

Vitor se levantou do sofá, pegou um lenço para me limpar, e depois deitou ao meu lado, puxando-me para o seu peito.

— Estou muito feliz com tudo, Cíntia. Você aqui comigo e a nossa filha prestes a chegar. — Acariciou a minha barriga.

— Sim, a nossa menina. — Coloquei a minha mão sobre a dele. — Que bom que você acertou.

— Só estava seguindo os meus instintos. Parece que eles nunca erram quando o assunto é você.

— Isso é bom. — Segurei o seu rosto, não conseguindo olhar para outro lugar que não fosse seus olhos verdes.

Vitor havia entrado na minha vida de repente, mas seríamos pais, e eu tinha certeza de que ele nunca mais sairia dela.



VITOR

Capítulo 39

Bela Vista, 2003

— Tem certeza que quer mesmo fazer isso? — Renato segurou meu ombro antes que eu desse mais um passo à frente.

— A única certeza que eu tenho é que deveria ter feito isso antes.

— Isso, Vitor, por isso gosto tanto de você. — Beatriz bateu palmas atrás de nós.

— Não precisa de dias para correr atrás da papelada e mais um monte de burocracia?

— Renato, uma das poucas coisas que aprendi com o meu pai é que podemos fazer o que quisermos se influenciarmos as pessoas certas.

— Você comprou o pessoal do cartório?

— Basicamente. Mas não comente isso, por favor.

— Tudo bem. — Renato deu de ombros.

— Ah, vai logo! — Beatriz me empurrou pelos ombros na direção do elevador.

— Estou indo. — Engoli em seco e entrei assim que as portas metálicas se abriram.

Passei os dedos pelos meus cabelos ao me encarar no espelho. Cíntia já me deixara envergonhado e ansioso em tantas situações que já tinha perdido as contas. Assim que o elevador abriu no meu andar, levei uma eternidade para achar minhas chaves nos bolsos e abrir a porta. Quase as deixei cair no chão umas duas vezes.

— Oi, você demorou. — Ela tinha o maior sorriso do mundo nos lábios assim que me viu chegar. — Estava cheio de coisas para fazer na empresa?

Fiz que sim.

— Estou preparando o jantar. — Ela andou de um lado para o outro atrás da bancada da cozinha. Com a barriga crescendo, Cíntia já tinha certa dificuldade em passar pelos lugares. A barriga dela estava até bem grande para quem se aproximava do sexto mês de gravidez.

— Cíntia. — Parei diante dela e as segurei pelos pulsos, fazendo-a me encarar.

— Oi. — Sorriu envergonhada.

Fiquei de joelhos enquanto vasculhava por uma caixa no bolso da minha bermuda.

— O que você está fazendo, Vitor?

— Cíntia, quer se casar comigo?

— Sim! — Ela sorriu ainda mais. — Já respondi essa pergunta algumas vezes nos últimos meses.

Abri a caixa com as alianças e mostrei para ela.

— Casa comigo hoje?

— Hoje? — Ela arqueou as sobrancelhas sem entender a minha pergunta.

— É, meu amor, hoje, agora.

— Espera, Vitor, não dá para fazer as coisas assim. Eu queria que meus pais estivessem aqui. E eu nem falei nada para minha família ainda.

— Está tudo pronto para nos casarmos no cartório do centro. É só o casamento no civil. Quando a nossa filha nascer, podemos fazer uma

cerimônia religiosa com toda a pompa que você quiser.

— Ah, Vitor, eu não esperava por isso.

— A minha vida já havia sido muito bem determinada, mesmo antes de eu nascer, mas você apareceu e me surpreendeu, me fez querer um futuro diferente e lutar por ele. Eu não esperava por você, mas foi a melhor coisa que me aconteceu e quero que a nossa vida, juntos, seja sempre repleta de boas surpresas.

Cíntia estava trêmula e dava leves pulinhos, mas pelo sorriso em seus lábios, eu soube qual seria a sua resposta.

— Sim, eu vou. Mas preciso me vestir, pentear o meu cabelo, escolher alguma coisa para vestir. Com a gravidez, minhas roupas de antes não me servem mais.

— Beatriz está lá embaixo e escolheu um vestido para você. Posso deixá-la entrar? — Cruzei os braços atrás do corpo, receoso.

— A Bia sabe disso?

— Ela e o Renato. — Encolhi. — Precisamos de duas testemunhas.

— Ah, Vitor, só você mesmo. Pede ela para subir. Espero que o vestido sirva com essa barriga enorme.

Apenas olhei para ela com um sorriso bobo e apaixonado. De avental e os cabelos loiros presos em um rabo de cavalo um tanto desgrehados, eu ainda conseguia achar a mulher mais linda do mundo.

— Você vai ficar bem de qualquer jeito.

Minha fala fez as bochechas dela corarem.

— Vai lá chamar a Beatriz que eu vou tomar um banho. — Ela saiu trôpega na direção do banheiro.

— Toma cuidado!

— Eu vou. — Fechou a porta.

Peguei meu celular e liguei para o Renato.

— Podem subir, você e a Beatriz.

Deixei a porta destrancada e fui tomar meu banho no banheiro social, já que Cíntia estava na suíte. Estava nervoso e eufórico ao mesmo tempo. Desde que descobri que a Cíntia estava grávida, fiquei pensando em como nos casaríamos, já que não me restavam dúvidas a respeito disso. Pensei em grandes pedidos, em cerimônias luxuosas, mas esse nunca fora o estilo dela. Cíntia não gostava de se exhibir; preferia o que era importante para nós dois, sem chamar a atenção do restante das pessoas.

Depois de me corroer nos últimos dias, cheguei em uma solução que parecia a mais maluca, mas também a mais certa: nos casarmos e fazer disso uma surpresa para ela. Assim, evitava também que qualquer coisa indesejada pudesse acontecer, como a intromissão do meu pai. Alguém que, eu não tinha dúvidas, se oporia ao casamento.

Claro que seria apenas uma assinatura de papéis, sem nenhuma pompa. Porém, depois que estivéssemos formalmente casados, não haveria quem pudesse se opor a uma cerimônia mais bonita.

Desliguei o chuveiro e ouvi a voz do Renato e da Beatriz vindo da sala, então soube que haviam entrado sem problemas.

Passei de toalha e fui para o quarto pegar algo para vestir. Por sorte ou não, ternos era algo que não me faltava. Escolhi um novo, azul-marinho com riscas de giz, uma gravata no mesmo tom e sapatos formais. Então fui para o quarto de hóspedes me trocar e fiz um gesto para que a Beatriz pudesse entrar no quarto e ajudar a Cíntia a se vestir.

Pronto, sentei ao lado de Renato no sofá da sala. Meu melhor amigo batia freneticamente o pé no chão, parecia até mais nervoso do que eu.

— Tem certeza?

— Já é a milésima vez que me pergunta isso, cara. — Torci os lábios. — Vou ter uma filha com ela, o que mais você esperava para eu ter certeza?

— Sei lá. Só estão juntos há alguns meses.

— Sem dúvida, os meses mais felizes da minha vida.

— Mas, se casar assim, só vocês e nós dois como testemunhas?

— É tudo o que a lei exige.

— Mas e a família?

— Como se eu morresse de amores pela minha.

— Mas e a dela?

— Faremos algo religioso depois, para agradar aos pais dela. Porém, só depois que meu pai não puder mais se intrometer.

— Você é louco. — Renato balançou a cabeça em negativa.

— De todas as loucuras que fiz por ela, eu não me arrependo de nenhuma.

— Ela está pronta. — Beatriz saiu primeiro e eu me levantei do sofá, ansioso.

Cíntia veio logo atrás da amiga. O vestido branco era bonito, porém simples e delicado. Feito de renda e cetim, ele era no modelo tomara que caia e ia até a altura dos joelhos. Uma fita de cetim estava presa em um laço logo abaixo dos seios e a saia do vestido caia solta logo abaixo dela, deixando um espaço confortável para a barriga de Cíntia. Os cabelos loiros estavam presos em uma trança lateral, que caia sobre o ombro direito e a maquiagem era bem

leve, apenas para ressaltar o castanho dos seus olhos e o vermelho dos seus lábios.

— Meu amor, você está linda.

— Que bom que gostou. — Ela mexeu na saia do vestido, olhando para o chão, envergonhada.

— Sabe que sempre está bonita.

— Podemos ir, pombinhos? — Renato fez um gesto com a mão para que seguissemos até a porta.

As garotas se sentaram no banco de trás e Renato ao meu lado. Mantive a capota fechada nos últimos dias para evitar que a Cíntia adoecesse por causa do vento. Estacionei diante do cartório por volta das vinte horas. Já havia passado do horário de fechamento, mas ter um pouco mais de dinheiro fazia toda a diferença em algumas situações.

Dei a mão para Cíntia e a ajudei a descer do carro. Renato e Beatriz seguiram para dentro do cartório.

Na entrada, havia um tapete vermelho que seguia até um arco de rosas vermelhas sobre uma mesa, onde o Juiz de Paz aguardava por nós.

— Vitor?

Assenti com um movimento de cabeça.

— Que bom que vieram logo. Podemos começar?

Olhei para a Cíntia e ela sorriu.

— Sim, podemos. — Estufei o peito, confiante.

— Estamos aqui hoje para celebrar as melhores coisas da vida: a confiança, a esperança, o companheirismo, e o amor entre esse casal.

Cíntia entrelaçou seus dedos aos meus enquanto me encarava, as

palavras do Juiz de Paz eram apenas um sussurrar ao fundo.

— ... Eles escolheram um ao outro como sua família, e hoje estão celebrando o amor que já começou e que vai continuar crescendo ao longo dos anos. Pois o casamento é a união, é uma caminhada rumo a um futuro, que envolve abrir mão do que somos, separados, em prol de tudo o que podemos vir a ser, juntos.

Movi meus lábios em um inaudível: *eu amo você*, e o sorriso nos lábios de Cíntia se tornou ainda maior. Eu já havia entendido há algum tempo que não existia mais o eu sem ela. Contudo, com as palavras que eram ditas, tudo fazia ainda mais sentido para mim.

— Cíntia e Vitor, vocês já foram muitas coisas um do outro, amigos, companheiros, namorados, noivos. Agora, com as palavras que vocês estão prestes a trocar, vocês passarão para a próxima fase. Pois, com estes votos, vocês estarão dizendo ao mundo: *este é meu esposo, esta é minha esposa*.

Os olhos dela estavam vermelhos por conter o choro de emoção e eu não duvidava de que os meus também estavam assim.

Peguei a mão esquerda dela, trêmula e escorregadia com o suor frio, e segurei entre as minhas.

— Cíntia, eu nunca imaginei que um dia eu fosse olhar para uma mulher e dizer que eu seria apenas dela para o resto da minha vida. Eu não era esse tipo de cara, até você entrar na minha vida e colocar ela de cabeça para baixo. Você me fez descobrir que eu podia ser um homem melhor. Nós somos muito diferentes, mas somos diferentes de um jeito que eu acho perfeito, porque a gente se complementa. Meu amor, você era tudo o que faltava na minha vida. Eu te amo cada vez mais.

As lágrimas rolaram pelo rosto dela e eu senti meu coração expandindo naquele momento. Coloquei a aliança e beijei-a na mão, sem pressa, sentindo

com meus lábios a suavidade da pele delicada.

— Vitor — foi a vez dela segurar a minha mão —, você me mostrou que é possível encontrar o perfeito no improvável. Que opostos podem não apenas se atrair, mas se completar. — Com a outra, colocou a minha mão sobre a barriga. — Precisaremos estar mais juntos do que nunca, pois uma vida vai depender de nós, mas sei que estará aqui comigo em todos os dias do nosso para sempre.

Eu não era um homem de chorar; na verdade, não lembrava de ter feito isso nos últimos anos. Mas após aquelas palavras, eu desabei. Engoli o choro em meio ao soluço enquanto a puxava para um beijo.

Assim que nos afastamos, o juiz de paz nos entregou uma caneta para assinarmos os papéis. Cíntia e eu assinamos e depois Renato e Beatriz.

— Estamos casados. — Ela sorriu para mim.

— Sim, meu amor.

— O que acha de irmos a uma pizzaria comemorar? — sugeriu Renato.

— Acho melhor eu não me entupir de pizza. Preciso de uma dieta mais equilibrada, já que falta só mais alguns meses para a nossa filha nascer.

— Deve ter alguma saladinha lá.

Todos rimos da cara debochada do Renato.

— Já decidiram o nome da criança? — O juiz de paz se aproximou de nós ao notar que estávamos falando da gestação de Cíntia.

— Estamos entre Cecília e Charlotte. Vamos continuar em atrito até eu vir registrar a menina.

— Está falando que vai colocar o nome que quiser pelas minhas costas?
— Cíntia ficou vermelha como um dragão e eu comecei a rir.

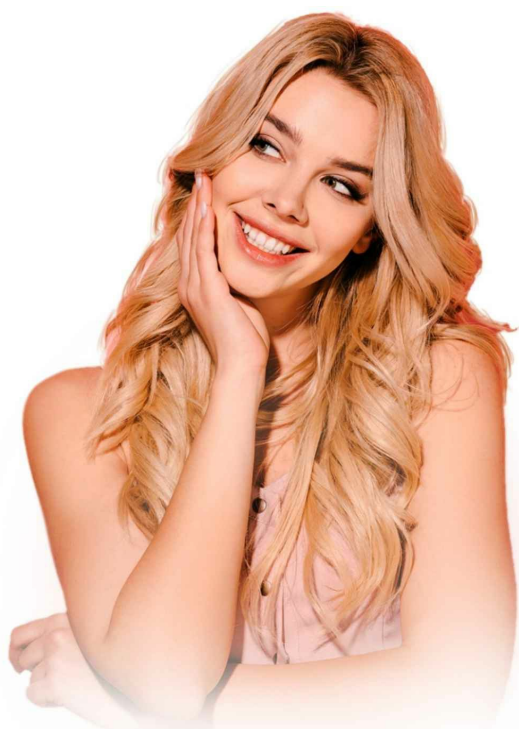
— Não, meu amor, não vou não.

— Hum! — Ela fechou a cara.

— Vamos comemorar ou não? — Renato insistiu, para que a discussão sobre o nome da menina não se delongasse.

— Acho que aceito sua saladinha. — Cíntia riu.

— Valeu! — Ele fez um gesto com as mãos para que fosse seguido.



CÍNTIA

Capítulo 40

Girei na cama sentindo o bebê mexer como se tivesse uma escola de samba dentro da minha barriga. De barriga para cima, coloquei minhas mãos sobre os ovos que se formavam na minha pele. Eu jurava sentir a cabeça dela num canto e depois em outro. Muitas vezes, durante a minha gestação, ela se mexia tanto que parecia mais de uma. Por mais que fosse apenas uma sensação, ficava pensando naquilo.

— Como pode dizer que sou arteiro se nem ao menos sabe como eu era na infância?

— Só de olhar para esses seus olhos. — Dei de ombros, debochada. Queria me virar de lado na cama, porém a barriga estava pesada demais para isso.

— Não ligo de correr atrás dela pela casa se vier tão linda como a mãe.
— Vitor se curvou para beijar a minha barriga.

— Diz isso agora, quero ver quando ela começar a andar e querer se enfiar até na geladeira.

— Não é pra tanto. — Ele revirou os olhos.

— De quantas crianças já cuidou?

— Nenhuma, mas me parece exagero.

Cai na gargalhada ao lembrar do filho de um dos meus irmãos.

— Vai ver o exagero quando ela nascer.

— Não faça tempestade em copo d'água, Cíntia. — Ele fez bico e eu não resisti em beijá-lo. — Mal vejo a hora de poder segurá-la em meus

braços. — Ele acariciou a minha barriga enquanto tentava falar com ela. — Sabe filha, estou muito ansioso para ver seu rostinho. Será que terá os olhos castanhos da sua mãe ou os meus, verdes?

— E se não for nenhuma das duas cores?

— É pouco provável, mas acho que ela será igualzinha a você; na verdade, estou contando com isso.

— Por que, qual a vantagem de ser igual a mim?

— Porque eu amo tudo em você e sem dúvidas irei amar tudo nela.

Ele não cansava de me bajular a cada minuto e isso não mudou em nada desde que trocamos os votos e nos casamos na calada da noite como dois criminosos. Não podia dizer que não havia gostado, pois não poderia ser mais lindo. Vitor sempre me surpreendia com toda a delicadeza e carinho de que eu precisava naquele momento.

Não demorei a pegar no sono outra vez com ele acariciando a minha barriga. Pelo jeito, o toque do pai também acalmou a nossa filha, que não ficou chutando pelo resto da noite. O momento tão aguardado estava chegando e logo poderíamos conhecer o rostinho dela.



VITOR

Capítulo 41

Eu estava debruçado sobre as papeladas na minha mesa quando o meu celular começou a tocar. Mesmo com a gravidez da Cíntia e nosso casamento, eu não havia me afastado das minhas atividades na Alfazema para não levantar suspeitas ou mesmo dar qualquer motivo para que meu pai criasse caso.

Assim que vi que era a Cíntia, atendi no segundo toque.

— Oi, meu amor, está tudo bem?

— Não. — A voz dela era falha e ofegante do outro lado da linha e isso me deixou desesperado.

— O que aconteceu?

— Tem uma água escorrendo por entre as minhas pernas; acho que a minha bolsa estourou.

— Mas não é cedo? Você não acabou de completar oito meses?

Ela gritou do outro lado e parei de questionar o que achava estar acontecendo. Deixei as coisas em cima da mesa exatamente como estavam e saí correndo.

— O que está acontecendo, Vitor? — perguntou Philip, ao me ver passando por ele como um cometa na direção do estacionamento.

Segui sem respondê-lo. Se a bolsa de Cíntia realmente havia estourado, não tinha tempo a perder com conversas.

Entrei no meu carro, joguei meu celular no banco do carona e manobrei para sair dali o mais rápido possível. Foram quinze minutos intermináveis da

sede da Alfazema até o meu apartamento.

Deixei o carro estacionado na rua bem diante do prédio, ignorando o enorme aviso de proibido estacionar, mas os minutos que perderia na garagem poderiam ser cruciais. Subi de escadas, pulando de dois em dois degraus até chegar à minha porta, que estava destrancada. Naquela altura, o coração no peito batia a galopes e a aflição beirava a níveis astronômicos.

Assim que abri a porta, a vi escorada na bancada da cozinha com a saia do vestido molhada, se contorcendo de dor.

— Dói muito?

— Sim... — Ela cerrou os dentes para conter o grito que emanava do fundo da sua garganta. — É uma fincada a cada contração. — Respirava ofegante, tentando buscar o ar e manter a calma.

Olhar para ela assim me deixou desesperado; queria ser capaz de tomar a dor para mim ou, no mínimo, parte dela.

O suor brilhava na testa de Cíntia, revelando seu esforço físico para se manter de pé. Eu a tomei nos braços, pegando-a no colo.

— Vamos para o hospital.

— Acho uma boa ideia. — Cravou as unhas nos meus braços ao sentir uma nova contração.

Como um pai de primeira viagem, eu não estava pronto para aquele momento, onde a calma tinha que sobrepujar o desespero.

— Precisamos da bolsa, Vitor!

— Que bolsa?

— A com as minhas coisas e da bebê, está no guarda-roupa.

— Vamos levar você para o hospital primeiro; depois eu volto para

pegar sua bolsa e o que mais seja necessário.

— *Tá, ah!* — ela gritou com mais uma contração.

Saí deixando a porta aberta atrás de mim, carregando-a com todo o esforço do mundo, pois Cíntia estava um pouco mais pesada do que o comum e meus braços estavam extremamente mais trêmulos.

Passei pela portaria e vi que o porteiro estava prestes a vir falar algo comigo, certamente pelo carro deixado na frente do prédio, mas assim que viu o estado de Cíntia, não disse nada; apenas abriu a porta para facilitar a minha passagem por ela e veio comigo até o carro, abrindo a porta do carona para que eu pudesse ajeitar a Cíntia ali.

— Posso ajudar em algo mais, senhor?

— Fecha o meu apartamento, por favor. — Joguei a chave para ele ao ligar o carro e pisar fundo no acelerador.

A cada grito de dor de Cíntia, meu coração se revirava no peito.

— Vai ficar tudo bem, meu amor... — Acariciei a coxa dela.

Parei com o carro na porta do hospital e os enfermeiros vieram com uma cadeira de rodas, tiraram Cíntia do carro, e a sentaram nela.

— O que está acontecendo? — Um deles parou ao meu lado.

— A bolsa dela estourou. Acho que o bebê está nascendo.

— Qual o intervalo entre as contrações?

— Eu não sei. — Passei as mãos pelos meus cabelos, penteando-os para trás na tentativa de conter o desespero. — Alguns minutos.

— Fica calmo, pai. Vai ficar tudo bem com a sua mulher e o bebê. — O enfermeiro tentou me tranquilizar enquanto eu observava levarem Cíntia para dentro.

— Não posso entrar com ela?

— Calma, vão examiná-la e preparar a sala de parto. Você pode vir comigo e trocar de roupa.

Assenti e deixei que ele me guiasse por um corredor até uma pequena sala, onde me entregou roupas médicas ensacadas em um plástico transparente.

— Coloque a touca na cabeça, por favor.

— Obrigado. — Comecei a tirar a camisa e o enfermeiro encostou a porta.

Troquei de roupa e saí a procura do homem. Eu sentia a tensão e o medo corroerem os meus ossos. Deveria estar feliz, pois logo conheceria a minha filha, porém nada tomava mais a minha mente do que minha preocupação com a Cíntia.

O enfermeiro me guiou por corredores e andares até chegarmos à sala de parto. Lá, Cíntia estava deitada em uma maca, suas roupas foram substituídas por uma camisola de hospital, seus cabelos loiros estavam sob uma touca. O belo rosto, que tanto me deixava apaixonado, se contorcia de dor.

Fiquei ao lado dela e segurei a sua mão.

— Eu estou aqui, meu amor; tudo vai ficar bem.

Ela apenas assentiu com um movimento de cabeça.

— Vamos precisar anestesiá-la para uma cesariana — disse para mim um dos médicos.

— Mas o parto normal não é o mais recomendado?

— Em muitos casos, sim, mas a pressão da sua esposa está muito alta. O parto normal...

— Tá, faça o que for necessário para manter as duas seguras. — Segurei com mais firmeza a mão dela entre as minhas.

Aproximaram um inalador do rosto da Cíntia e ela perdeu a consciência, fechando os olhos.

Eu nunca fui um homem religioso, mas, naquele momento, eu fechei meus olhos e fiz uma oração silenciosa.

A equipe médica se distribuiu ao redor da Cíntia e começaram os procedimentos. De pé, perto da cabeça dela, beijei-a na testa.

Foram minutos intermináveis ouvindo o aparelho que media os batimentos cardíacos dela ficarem cada vez mais frenéticos. Os médicos conversavam entre si de uma forma que eu não conseguia compreender, mas a tensão em seus olhos já me dizia muitas coisas, coisas que me assustavam.

Fizeram uma incisão com o bisturi na barriga dela e o sangue começou a fluir. Senti meu coração parar de bater no momento em que a faca cortou a pele. *Vai ficar tudo bem*, repetia a mim mesmo em pensamentos.

Assim que eu ouvi um choro, foi como se um peso tivesse sido tirado das minhas costas. Minha filha tinha nascido, mas o momento de alívio logo fui suprimido pelo bipe histérico dos equipamentos médicos.

— É melhor que você saia. — Um dos médicos começou a me empurrar pelos ombros.

— Espera, por quê?

— Estamos com algumas complicações; é melhor que não esteja aqui.

— Não estar por quê!? O que está acontecendo!?

Fui colocado para fora da sala sem resposta alguma.

Sentei num banco do corredor e cruzei os dedos das mãos, torcendo para

que tudo ficasse bem.

Estava de pé, andando de um lado para o outro, quando vi um policial surgir no corredor e vir andando na minha direção.

— Vim atrás da Cíntia. Disseram que poderia encontrá-la aqui.

— Ela está na sala de parto dando à luz a nossa primeira filha.

— Por que não está lá, com ela?

— Aconteceram algumas complicações. — Cruzei os braços e cerrei os dentes, nervoso.

— Lamento, mas eu também não tenho boas notícias.

— O que houve? — Eu o encarei e o policial desviou os olhos para o chão.

— Os pais da Cíntia sofreram um acidente quando voltavam para casa tarde da noite há dois dias. Eles foram encontrados por alguns vizinhos; desde então estamos tentando contactar os parentes.

— E os irmãos mais velhos dela?

— Um mora em outro estado e o outro estava no carro com os pais.

Deixei meu corpo cair sobre a cadeira de ferro no corredor, chocado demais para saber como reagir diante do que estava acontecendo.

— Tem certeza de que eram eles? — A possibilidade da dúvida era a única coisa que ainda me restava.

— Sim. Como disse, alguns vizinhos reconheceram os corpos. — Ele me entregou uma pasta amarela. — Aqui estão as fotos da perícia.

Vi a primeira foto e o meu estômago revirou.

— Sim, são eles. — Confirmei ao olhar para a foto.

— Conte a ela num melhor momento.

— Sim, obrigado.

— Na pasta tem meu número, caso queira saber mais sobre o caso.

Apenas assenti com um movimento de cabeça; não conseguia fazer outra coisa que não fosse fitar a porta branca de onde haviam me expulsado.

— Caso precise de mim para algo do enterro...

— Não se preocupe, outros familiares já estão providenciando. Mantenha sua atenção e energia em Cíntia.

— Obrigado, policial.

— No mais, tenha uma boa tarde.

A família de Cíntia havia morrido num estranho e trágico acidente e tudo indicava que ela não estava nada bem. Foi como ver o mundo desmoronar diante dos meus olhos. Toda a felicidade compartilhada nos últimos meses, estava esvaindo por entre meus dedos.

A porta foi aberta e por ela saiu um médico de cabeça baixa. Parei de respirar no instante que ele me encarou, prestes a dizer algo.

— Sua filha está bem, poderá vê-la em breve.

— E a minha esposa? — Mordi meu próprio punho tentando conter o nervosismo que me corroía.

— Eu lamento.

— Lamenta? — O ar foi sugado dos meus pulmões.

— Ela não resistiu. Tinha indícios de pré-eclâmpsia durante a gravidez que se complicaram no momento do parto. Eu lamento.

— Não! Não é possível! Como um hospital desse tamanho deixa uma mulher morrer no parto em pleno século vinte e um? — Não contive meus gritos que ecoaram pelos corredores do hospital. — Cíntia é jovem e sadia.

— Eu entendo, meu caro. Mas foi dito durante o pré-natal que a gravidez era de risco devido ao histórico de pressão alta dela.

— Não. — Balancei a cabeça em negativa. — Não pode ser.

— Lamento muito a morte da sua esposa, mas a filha de vocês passa bem. Ficaré na incubadora por alguns dias, mas logo poderá ir para casa com você.

— Eu quero ver a Cíntia. — Tentei entrar na sala, entretanto, o médico me impediu.

— Veré o corpo em breve, mas não recomendo.

— A mulher da minha vida está lá dentro! — Eu empurrei, mas estava tão emocionalmente desequilibrado que me vi sem forças

— Mantenha a calma, por favor, ou serei obrigado a chamar os seguranças. Vá para casa, tome um banho e descanse um pouco. Volte pela manhã e poderá ver sua filha.

O choro que pesava nos meus olhos caiu sem medidas, por mais que a minha ficha não tivesse caído ainda.

Até poucas horas, tudo estava bem. Minha felicidade não poderia ruir desse jeito.

— Vá para casa.

Por fim, ouvi o médico ou acabaria sendo expulso do hospital por perturbação do ambiente.



Não consegui pregar os olhos naquela noite, cada pedaço do meu

apartamento me lembrava a Cíntia. Não podia acreditar, eu me recusava a isso. *Que espécie de destino sádico poderia arrancá-la de mim dessa forma tão cruel?*

Fui de táxi até o hospital assim que o sol surgiu por entre as persianas do meu quarto, não tinha a menor condição emocional para dirigir.

Meu celular começou a tocar assim que paguei ao motorista pela corrida. Era o Renato e me perguntei se deveria atender, por fim, decidi que não precisava passar por tudo isso sozinho.

— Alô...

— Irmão, você sumiu, está tudo bem?

— Não. — Espremi os lábios para segurar o choro. — A Cíntia morreu. — Dizer aquilo em voz alta foi como abrir de vez a ferida na minha alma.

— Está brincando, né?

— Queria dizer que sim. — Não consegui mais evitar o choro.

— O que aconteceu? Onde você está? Quer que eu vá para aí?

— Estou no hospital na Contorno.

— Estou indo para aí. — Ele desligou o telefone.

Passei pela recepção e segui a procura do médico responsável pelo parto de Cíntia. Ele estava em sua sala e se levantou assim que me viu chegar.

— Olá, Vitor, está se sentindo melhor?

— Não. — Coloquei as mãos nos bolsos e mantive minha postura rígida.

— Ainda é recente, vai se acostumar com a perda.

— Se é o que você diz.

— Quer vê-las?

— Sim. Cíntia primeiro.

— Como preferir. Vamos até o necrotério do hospital. — Ele saiu caminhando e fez um gesto para que eu o seguisse.

Fomos em silêncio até a sala fria e gelada onde armazenavam os corpos. Eu não poderia acreditar que veria Cíntia em um lugar como aquele. Ela era tão jovem e tão cheia de vida. Tínhamos o futuro inteiro pela frente.

O médico se aproximou de uma mesa coberta por um lençol branco e o puxou.

Cambaleei para trás, como se tivesse tomado um coice invisível no peito que esmagou meus ossos.

Era ela... Havia negado sua morte durante toda a noite, mas diante do seu corpo, eu não consegui mais. Peguei o corpo nu entre os meus braços. Ela estava imóvel como uma boneca.

— Meu amor... — Chorava com minha testa grudada a dela.

— Deixe-a, Vitor. — O médico apoiou a mão no meu ombro.

— Não!

— Não há mais nada que possa fazer por ela.

— Isso não poderia ter acontecido.

— Você não poderia evitar.

— Tinha que ter um jeito. Não posso viver sem ela!

— Tem a sua filha. Por que não vamos conhecê-la agora?

— Não vou deixar Cíntia aqui. — Continuei agarrado ao corpo da minha esposa e a única mulher que eu tinha amado na vida.

— Ela será preparada e levada até a funerária. Depois poderá cuidar desses detalhes.

— Não... Não... Acorda Cíntia. Acorda, meu amor!

— Vitor, deixa ela.

— Não!

— Sua filha, não quer conhecê-la?

Nossa menininha... O que seria de nós dois sem a Cíntia? Deitei o corpo gelado e imóvel sobre a maca e o médico a cobriu novamente.

— Onde está a minha filha?

— Vamos até o berçário.

Segui o médico em silêncio e com os olhos ardendo de tanto chorar. Eu não me conformava. *Por que me permitiram amar tanto alguém para tirar ela assim de forma tão cruel?*

Passei com o médico por algumas incubadoras até parar diante de uma.

— Essa é a sua filha. Pode tocá-la pelos buracos na lateral.

Olhei para a menininha e ela abriu os olhos para me encarar.

— Oi, Charlotte!

Ela se remexeu e abriu a boca como se sorrisse para mim. Enfiei a mão para poder tocá-la e ela agarrou meu dedo.

— Sou eu, minha florzinha, seu pai.

Olhar para a bebê fez com que um calor se formasse no meu peito. Ainda estava devastado pela morte da Cíntia; sabia que nunca me sentiria inteiro de novo; porém, minha filha foi o sopro de vida para que eu me mantivesse de pé. Ela precisava de mim e era o que me restava para ter forças para continuar vivo.

— Somos só nós dois agora.

— Ela é linda, Vitor. Ainda bem que puxou a Cíntia.

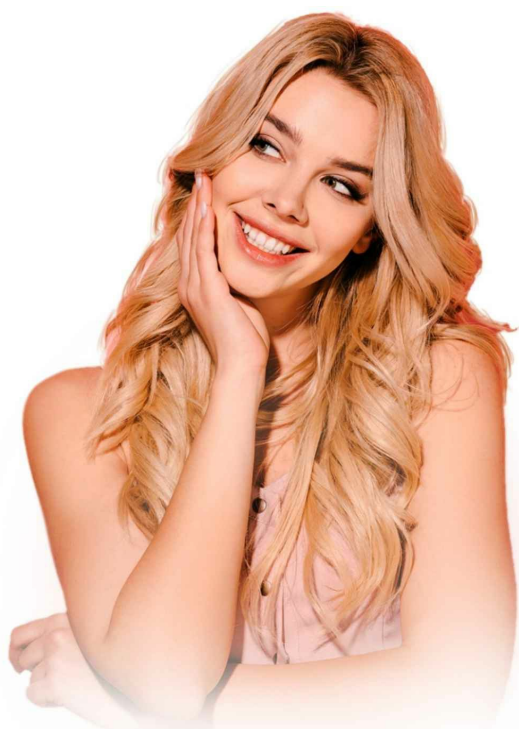
Eu me virei e vi Renato de pé atrás de mim. Fui até ele e o abracei, voltando a chorar.

— Ela era o meu chão.

— Eu sei. Não vou falar que a dor vai passar, mas estou aqui para o que precisar de mim.

— Valeu, irmão.

Aquele, sem dúvidas, foi o dia mais sombrio da minha vida. Eu nunca mais seria o mesmo homem.



CÍNTIA

Capítulo 42

Eu abri os olhos com dificuldade, meu corpo todo doía como se tivesse sido atropelada por um caminhão. Levei a mão até a minha barriga e senti os cortes e os pontos. Então me lembrei de tudo, as contrações, a dor, de ser levada até a sala de parto e depois tudo ficar escuro.

— Vitor? — Olhei em volta, tentando me levantar, mas a dor no corpo era tanta que não consegui.

Alguém entrou no meu raio de visão, mas não era quem eu imaginava. Congelei assim que meus olhos deram foco no homem em um terno preto.

— André... — Engoli em seco. — Onde está o Vitor?

— Eu conversei com o meu filho e finalmente consegui colocar um pingão de razão na cabeça do meu filho.

— Não! Cadê ele? Chama ele, por favor.

— É impossível, ele não está mais no país.

— Como assim? Não é possível, ele estava aqui comigo ontem.

— Você ficou dias desacordada. O parto foi complicado.

— Vitor não ia me deixar.

— Não só ia, como deixou. Disse para ele que, se continuasse com essa brincadeira idiota, não teria mais direito a um centavo da minha fortuna.

— Ele não me trocaria pelo dinheiro.

— Se eu fosse você, não colocaria a mão no fogo por isso.

— Onde está a minha filha? — Passei a mão pela barriga, sentindo que o

volume dela havia desaparecido quase que por completo.

— As médicas vão trazê-la para você.

— Vitor a viu?

— Não. Ele não quis.

— Não, eu não acredito em você! Quero ouvir da boca dele que não quer mais nada comigo, que prefere a maldita fortuna a mim.

— Você não está em posição de escolher nada, Cíntia. Quanto quer para sumir da cidade, você e essa criança?

— Não quero o seu dinheiro! Por mim, que você morra entalado com ele.

— Estou tentando ser gentil, mas ainda não entendeu que isso não é uma escolha. Não quero que continue na cidade.

— Ou o quê? — Cerrei os dentes.

— Ou vou tirar a menina de você.

Eu me encolhi com a frieza de sua fala e do seu olhar.

— Não pode fazer isso.

— Não? — Ele abriu um sorriso sombrio. — Eu tenho dinheiro e sou avô biológico da garota. Se decidir ficar contra mim, eu vou pegar a guarda da menina e mandá-la para um colégio na Europa, onde nunca mais voltará a vê-la.

Uma lágrima rolou dos meus olhos. Eu não fazia ideia de que alguém pudesse ser tão cruel.

— Onde está a minha filha?

— Então, parece que chegamos num consenso. — Ele apertou o botão de alerta ao lado da cama e uma enfermeira entrou no quarto com um bebê

nos braços.

— Filha? — Eu sentei na cama e estendi os braços para pegá-la.

A enfermeira me entregou ela, estava com os olhos fechados e dormia como um anjo, respirando devagar. Era tão pequenininha, se comparada a minha barriga enorme dos últimos meses.

— Oi, Cecília! — Fiz carinho nas mãozinhas dela.

— Então, de quanto dinheiro acha que precisa? — André pegou o talão de cheques e apoiou na mesa ao lado da cama.

— Eu já disse que não quero o seu dinheiro!

— A garota ainda tem o meu sangue. Não quero que ela passe fome.

— Não se preocupe. — Abracei minha filha junto ao peito. — Ela não vai.

— Seja como quiser. — Ele caminhou até a porta. — Fique até receber alta do hospital, depois saia da cidade, se ainda quiser continuar com a menina.

André saiu sem olhar para trás, me deixando sozinha com a minha filha nos braços. Olhei para a Cecília, que dormia calmamente nos meus braços. Sim, eu daria a ela o nome que Vitor queria, mesmo diante da situação em que eu estava. Ele ainda voltaria por nós, algo dentro de mim não me deixava parar de pensar nisso.

Não tínhamos vivido tudo aquilo juntos para que ele simplesmente virasse as costas para mim por dinheiro. Por mais que tivesse pensado muitas coisas dele no início, Vitor não era assim. Ele me amava e iria voltar por mim e pela nossa filha.

Capítulo 43

A chuva fina parecia apenas um reflexo da quantidade de lágrimas que haviam descido pelos meus olhos desde o momento em que arrancaram o meu coração ainda batendo do peito. Encarar aquele caixão e ver a mulher da minha vida lá dentro era o maior pesadelo de todos e eu precisava desesperadamente acordar. Me belisquei, chutei a terra sob os meus pés, mas não acordei. Era real, mas não poderia ser.

— Eu não posso viver sem ela. — Eu não me preocupei em esconder a dor, pois estava cercado apenas de amigos.

Renato, Beatriz, e Philip eram os únicos que sabiam do enterro da Cíntia naquela tarde triste e chuvosa.

— Calma! — Philip me abraçou, molhando o ombro do seu terno com as minhas lágrimas.

— Cara, doi demais.

— Eu imagino que sim. — Ele suspirou profundamente. Além de ser um parceiro de negócios na empresa, Philip era um velho amigo e tivera uma vida bem parecida com a minha por muito tempo até se apaixonar. Ele, melhor do que ninguém, sabia o que era abandonar a vida de farra para entregar o coração a uma única mulher. Contudo, ao contrário de mim, ele tinha a sorte de ter a esposa que amava e o filho com ele.

Tentei avançar até o caixão que chegara lacrado da funerária, mas Renato e Philip me seguraram, para que eu não estendesse o meu espetáculo e sofrimento.

— Ela já foi, irmão. — Renato me segurou pelos ombros. — Só se despede.

— Meu coração é daquela mulher, cara. — Mordi os lábios trêmulos, mas não foi o suficiente para parar de chorar.

— Sua filha precisa de você, Vitor. — Beatriz se aproximou de nós. — Ela já perdeu a mãe, não pode perder o pai também.

— Fica firme, cara — disse o Philip, tentando me motivar.

— Ela precisa de mim — murmurei, pensando na minha filha que ainda estava no hospital. Eu estava acabado, mas precisava encontrar forças por ela.

A Cíntia foi enterrada sob lágrimas e chuva e eu sabia que, por mais que me mantivesse de pé por causa da nossa filha, aquele buraco terrível no meu peito não iria desaparecer, não importava quanto tempo passasse.



VITOR

Capítulo 44

Alguns chegavam a dizer que ficava mais fácil. Que a dor amenizava com o tempo. Em algum momento eu queria dizer que estavam certos, que aprendemos a conviver com a dor, mas isso não aconteceu. Algumas semanas depois, quando finalmente pude tirar minha filha do hospital e levá-la para casa, a dor da perda da Cíntia ainda era tão intensa quanto no momento em que segurei seu corpo imóvel junto ao meu.

O sorrisinho alegre da minha filha no bebê conforto era o sopro de esperança na minha vida. Não sei se suportaria passar por tudo aquilo sem ela. Coloquei o bebê conforto sobre a mesa e peguei um porta-retratos com uma foto minha e da Cíntia, que fora tirada quando ela ainda nem estava grávida.

Como eu desejei poder ouvir a voz doce dela e a risada gentil. Um sorriso lindo que Charlotte havia herdado, assim como os poucos fios de cabelo que já indicavam que seriam loiros. Odiei os anjos por terem me tirado Cíntia cedo demais de mim. Ela ainda nem tinha completado vinte anos.

— Vitor.

Me assustei com a voz que veio da porta e me dei conta de que estava aberta. Minha mãe estava parada junto a ela, com a mão escorada no batente, olhando para mim.

— Ela é uma menina linda.

— O que está fazendo aqui?

— Nossa! Achei que fosse um pouco mais receptivo com a sua mãe.

— Não quando chega de surpresa.

— Surpresa foi saber que você teve uma filha e não nos disse nada. Poxa! Apesar de todos os problemas, ainda somos sua família.

— Você deve se lembrar de como o meu pai tratou a Cíntia no meu aniversário.

— Isso faz muito tempo. — Ela caminhou até o bebê conforto e pegou Charlotte nos braços. — Ela é linda. Onde está a mãe?

— Morta.

Minha mãe arregalou os olhos.

— ... No parto — completei, para responder a centena de perguntas que ela fez em pensamentos.

— Eu sinto muito, filho.

— Eu também. — Desviei o olhar e coloquei o porta-retratos de volta no móvel. Estava segurando o choro porque não queria que a minha mãe visse, mas a todo momento que me lembrava que a Cíntia não estava mais na minha vida, eu queria desmoronar.

— O que aconteceu?

— Eclampsia, segundo os médicos.

— Que horrível! É uma pena que essa menininha linda vai crescer sem mãe. Quer ajuda com o enterro?

— Já providenciei tudo enquanto Charlotte ainda estava na incubadora. Cíntia foi enterrada na semana passada.

Minha mãe me olhou triste e me abraçou com uma das mãos, mantendo minha filha entre nós.

— Por que não me contou nada, filho? Eu poderia ter ajudado em

alguma coisa. Mal apareceu lá em casa nos últimos dois anos. Só sabia se estava bem porque perguntava ao seu pai se você estava indo até a empresa.

— Eu estava bem. — Desviei o olhar para a foto e mordi os lábios para conter as lágrimas.

— Acho que esse lugar não te faz mais tão bem. Vejo que está cheio de lembranças; talvez seja a hora de ir fazer o curso em Chicago que seu pai queria tanto.

— Quê? Ficou louca, mãe? Não vou deixar a minha filha aqui! — Peguei Charlotte dos braços dela.

— Não foi isso que eu disse. Você vai levar ela e eu irei junto para ajudar a criá-la. Já tive um filho antes, acho que ainda me lembro como se troca uma fralda.

— Você nunca trocou uma fralda minha, mãe.

Ela deu uma gargalhada, que fez com que Charlotte se assustasse nos meus braços e arregalasse os olhos.

— Tá, tudo bem. Podemos contratar uma boa babá e eu a fiscalizo, prometo.

— Não sei se devo sair daqui.

— Por que não? Pense, querido, pela sua filha você precisa estar inteiro e certamente não parece assim remoendo lembranças da mãe dela.

Balancei a cabeça em negativa, mas estava pensativo. Por mais que não quisesse me afastar das lembranças da Cíntia, minha mãe tinha razão; eu precisava estar inteiro pela nossa filha.

— Mas por que vai comigo? E sua vida aqui? E o meu pai?

— Sabe que eu e ele não nos damos mais bem há um bom tempo. Estar

de volta ao meu país pode me fazer bem. Tenho alguns parentes que moram a duas horas de carro de Chicago, além da minha mãe, em Boston. Vou ficar bem lá, talvez até melhor do que aqui, e ir com você para cuidar da menina é uma desculpa que ele pode engolir.

— Por falar nisso, como soube dela já que eu não contei?

— O hospital ligou hoje lá em casa para parabenizar pela alta da nossa neta, que ela logo estaria em casa. Imagina a minha surpresa ao descobrir que era avó. Confesso que fiquei muito chateada por não ter me contado. Poderia ter ajudado.

— Então, meu pai sabe?

Ela fez que sim e apoiou as mãos na cintura.

— Sim. Não ficou muito contente.

— Não esperava algo diferente dele. Tem razão, talvez seja melhor tirar Charlotte daqui e da influência dele.

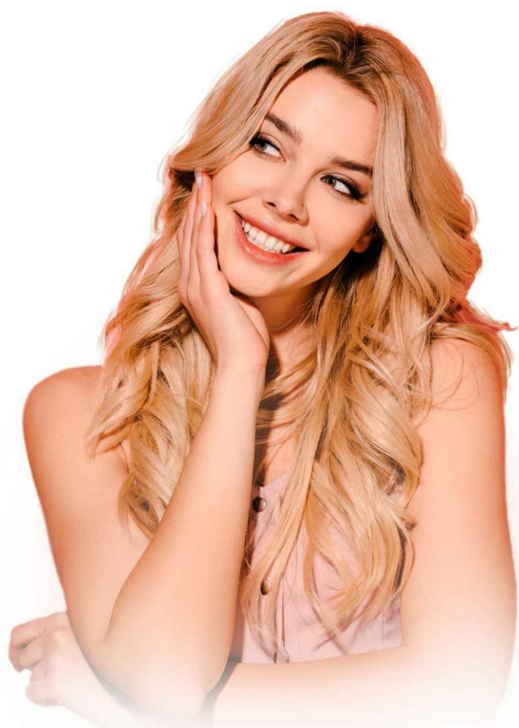
— Seu pai pode continuar influenciando em muitas coisas.

— Mas não com o meu auxílio.

— Vai gostar de passar uma temporada nos Estados Unidos, você verá.
— Minha mãe abraçou meus ombros com uma mão e com a outra ficou brincando com Charlotte.

— Espero que sim. — Respirei fundo, derrotado.

Eu não tinha mais nada no Brasil; meu apartamento, a faculdade, e cada pedaço da minha antiga vida estavam repletos de lembranças da minha vida feliz com a Cíntia, uma vida que eu não teria mais. Não gostava de admitir, mas a minha mãe estava certa; seria muito mais fácil juntar os meus cacos para ser um bom pai em outro lugar.



CÍNTIA

Capítulo 45

Eu esperei... mas ele não veio.

Depois de quase um mês de hospitalização, havia juntado as poucas coisas que tinha comigo, já que boa parte estava no apartamento dele. Não achei que fosse sensato ir lá, por mais que desejasse.

Peguei minha pequena mala, a roupa do corpo, minha filha, e entrei no ônibus no terminal rodoviário na tarde daquela terça-feira. Iria voltar para casa com um pesar terrível, e humilhada. Depois de todo o meu esforço para fazer faculdade, voltaria sem diploma e mãe solteira. As coisas seriam ainda mais difíceis depois disso, mas nem tudo fora tão ruim. Não me arrependia das minhas escolhas, mas teria que lidar com as consequências delas.

Peguei Cecília e a coloquei no banco ao meu lado enquanto prendia o cinto para em seguida pegá-la de volta no colo. Dormindo como um anjo, minha filha nem fazia ideia das batalhas que teríamos de enfrentar juntas.

No início, depois de enfrentar o pai de Vitor, eu tinha certeza de que ele estava apenas mentindo para mim, tentando fazer a minha cabeça e me jogar contra o filho dele. Jurava que o tempo ia passar e Vitor apareceria com aquele sorriso, que tinha a chave para o meu coração, e diria que não ia me deixar nunca e íamos criar nossa bebê juntos... mas ele não veio e, com o passar dos dias, as desculpas foram consumidas pelo tempo e não restava nada além do óbvio: as palavras do pai dele eram reais.

Era terrível pensar que ele foi capaz de abrir mão de tudo o que vivemos por uma chantagem do pai, ou pior, que ele havia se divertido o suficiente comigo e agora estava cansado. Engoli um soluço de choro. Estava

aterrorizada, mas, quando olhava para a minha filha, sabia que precisava aguentar por ela.

Vitor poderia ter realmente me abandonado, contudo, o que restava do nosso amor estava em meus braços e era a melhor coisa que ele poderia ter me dado. Fiquei olhando para a janela enquanto o ônibus começava a se movimentar. A dor no meu abdômen me lembrava da cesárea e era um tanto desconfortável, mas eu a ignorei. Seria uma longa viagem e eu não queria pensar em muita coisa no caminho, tampouco no meu parto.



Quando cheguei na rodoviária da cidade próxima a fazenda dos meus pais, já era tarde da noite. Peguei a mala, joguei a alça sobre o ombro, e esperei que todos descessem para passar tranquilamente com a minha filha nos braços. Porém, assim que coloquei o pé no último degrau da escada, eu quis voltar para dentro ao dar de cara com quem estava escorado em um poste, olhando para mim.

Minha mãe disse que pediria a alguém para me buscar quando contei a ela que estava voltando, mas eu não imaginava que poderia ser *ele*.

— Cíntia?

— O que está fazendo aqui, Léo?

— Vim levar você para casa.

— Não posso ir de moto.

— Não se preocupa; comprei um carro há alguns meses. Tem um bom tempo que não nos falamos. Ainda adoro a minha moto, mas o carro é útil em algumas coisas, como trazer a produção da horta para vender na cidade.

— Isso é ótimo.

Cecília começou a chorar nos meus braços e eu a apertei mais contra o peito.

— Eu posso pegar ela? — Léo estendeu os braços e eu o encarei com receio por alguns minutos, mas, por fim, acabei entregando a menina a ele. — Ela é tão linda quanto você; não tem nada daquele cara lá.

— Léo...

— Desculpa. — Ele desviou o olhar. — Só não acredito que ele foi idiota o bastante para abandonar você.

— Eu não sei direito o que aconteceu, mas parece que sim.

— Não precisa ser um gênio para enxergar isso. Se ele se importasse de verdade, você não estaria aqui, sozinha, com a menina.

— Pode me devolver? Acho que ela está com fome. — Estendi os braços, no intuito de mudar de assunto.

Leonardo assentiu e me devolveu minha filha. Por mais que ele estivesse certo em relação ao Vitor, eu não queria ficar pensando nisso.

— Podemos ir? Já está tarde.

— Tem razão. Dá a sua mala pra mim. — Estendeu a mão, tentando ser gentil e eu não recusei.

Caminhamos lado a lado em silêncio sob as luzes amareladas dos postes até o estacionamento, onde o carro dele estava. Era um modelo popular de segunda mão, contudo, bem mais confortável do que o ônibus no qual vim sacolejando pelas últimas horas.

Assim que eu me sentei no banco de trás, Cecília pegou no sono outra vez, como se soubesse que não havia nada a temer, pois estaríamos na

segurança da casa dos meus pais.

Léo dirigiu em silêncio e eu fiquei grata por isso; não queria que ele ficasse me jogando na cara as decisões que eu havia tomado e a consequência delas.

Assim que chegamos na porta da minha casa, Léo saiu do carro e me ajudou a descer.

— Obrigada; você não precisava ter feito isso. — Olhei para as nossas sombras formadas no chão pela lâmpada da varanda, incapaz de encará-lo.

— Sim, precisava. — Ele segurou a ponta do meu queixo e me forçou a fitá-lo. — Sabe que estou aqui para o que precisar de mim. Ao contrário dele, eu nunca vou abandonar você.

Engoli em seco, sem saber o que dizer.

— Obrigada!

— Sabe onde me encontrar caso precise de mim.

Apenas assenti com um movimento de cabeça e entrei em casa.



— Ela nunca deveria ter ido para lá! — Acordei com os gritos do meu pai que vinham da cozinha.

— Geraldo, não fale assim! A menina só foi atrás dos sonhos dela — interveio minha mãe em tom de súplica.

— Mas ela não estava acostumada com a cidade grande. É ingênua demais, acabou se deixando levar pelo primeiro mauricinho que contou meia dúzia de mentiras para ela, só para se aproveitar e depois deixar ela grávida.

Onde ficam os sonhos dela agora, Fátima?

— Já cuidamos de três crianças antes, e em tempos mais difíceis; não fale assim.

— A questão não é cuidar do bebê, Fátima. Onde comem três, podem comer quatro. O problema é o que esse sujeitinho fez com a nossa filha.

— Você o conheceu; parecia um bom rapaz.

— Judas também parecia um bom rapaz! Veja só o que aconteceu. Gente como a gente, não se mistura com gente como ele, pois sempre se dá mal. Cíntia deveria ter ficado aqui e se casado com o menino dos Pachecos; Leonardo, sim, é um bom rapaz. Trabalhador e honesto, jamais teria feito uma coisa dessas com a nossa menina...

— Tem razão, pai. — Apareci na cozinha, pegando os dois de susto.

Minha mãe levou a mão ao peito, como se fosse capaz de segurar o coração para que não saltasse pela boca.

— Filha, desde quando está aí? — Ele arregalou os olhos escuros.

— Tempo o suficiente. — Cruzei os braços e me apoiei na parede. — Não deveria ter me envolvido com o Vitor, foi um erro. Talvez também tenha sido um erro ir estudar na capital. Mas o que posso fazer agora? O que a vovó dizia mesmo? Ah! Lembrei: *não adianta chorar pelo leite derramado*. Eu engravidei, Cecília nasceu, e não posso abandoná-la, como o pai dela fez.

— Não estamos falando disso, filha. Claro que não iremos abandonar a menina. — Meu pai tentou sorrir.

— Vem aqui! — Minha mãe abriu os braços para que eu fosse me aninhar neles, como fazia quando era criança. — Vamos cuidar dessa menininha linda.

— Obrigada! — Abracei os dois com as lágrimas escorrendo pelos

olhos.

Ficamos assim por alguns minutos até que Cecília começou a chorar.

— Acho que alguém está com fome. — Minha mãe riu. — Vá lá amamentar a sua filha.

Sorri e voltei para o quarto.



— Ei, pequena! — Balancei um chocalho no alto. — Gosta do brinquedo?

Minha filha se remexia na cama em meio a gostosas gargalhadas. Ela ficava a coisa mais fofa do mundo a cada dia. Não havia como não amar aquele pedacinho de gente.

— Cíntia? — Minha mãe apareceu na porta do quarto.

— O que foi? — Dei o chocalho nas mãos de Cecília e olhei para a minha mãe.

— O Leonardo está aí. Quer falar com você.

— Falar comigo? — Franzi o cenho. — O que ele quer?

— Eu não sei. Só apareceu perguntando por você. — Minha mãe sentou na cama ao meu lado. — Vá lá ver o que ele quer que eu cuide da nossa bonequinha.

— Não sei se isso é uma boa ideia. — Levantei, receosa.

— Querida, é o Léo, não deve ser nada demais. — Minha mãe deu de ombros.

Eu não tinha tanta certeza, mas fui até lá assim mesmo. Segui até a varanda onde Léo estava de pé, de costas e apoiado com os braços no parapeito. Ele encarava o horizonte, escondendo seu rosto de forma misteriosa sob um chapéu de vaqueiro.

— Oi, Léo. — Senti meu estômago revirar.

Nós não nos víamos desde que ele me trouxera em casa há alguns dias.

— Cíntia — ele tirou o chapéu, colocou sobre o balaústre e se virou para me encarar —, queria falar com você.

— Aqui estou eu.

— Pensei muito em tudo desde a última vez que nos vimos. A Cecília precisa de um pai.

— Bom... O pai dela nos deixou, então não tem muito o que possa ser feito.

— Sim, tem. Pai é quem cria, quem cuida e dá amor, e eu posso ser esse pai para ela.

Dei um passo cambaleante para trás, surpresa com as palavras dele.

— O que está dizendo, Léo?

— Isso mesmo. Se aquele idiota não quis vocês, eu quero.

— As coisas não são bem assim...

— Por que não?

— Léo, tudo o que passei desde o momento em que entrei naquele ônibus rumo a universidade não pode ser simplesmente apagado.

— Não estou pedindo isso. — Ele colocou as mãos nos bolsos. — Não estou aqui para julgar suas atitudes, tampouco menosprezar o que viveu.

— Léo... — Eu sentia um gosto amargo na boca e uma dificuldade de

respirar. Ele sempre tivera essa terrível habilidade de me deixar desconcertada.

— Pelo menos pensa nisso, Cíntia. Não precisa criá-la sozinha, eu estou aqui.

— Ela tem um pai, Léo.

— Um idiota que abandonou vocês duas.

As palavras dele soaram como pequenas facadas no meu peito, porém Leonardo tinha razão. Seja lá quais foram os reais motivos, Vitor havia nos abandonado. Doía admitir isso, mas não tinha com o que brigar.

Leonardo percebeu que eu fiquei em silêncio e deu um passo em minha direção, acariciou meu rosto com as costas das mãos e eu não recuei. Foram dias tão difíceis, que um carinho era muito bem-vindo. Eu gostava dele, gostava de verdade, ao ponto de sorrir ao pensar nele. Durante boa parte da minha vida, achei que meu grande amor seria o Léo, isso até o Vitor aparecer e bagunçar tudo com o jeito dele. O que vivemos fora tão intenso quanto respirar após longos minutos submerso... porém, estava acabado.

— Não precisa me responder agora. — Ele se afastou, colocando a mão no bolso outra vez, e eu desviei o olhar para o poste de luz atrás dele. — Apenas diga para mim que irá pensar.

— Eu não posso prometer nada.

— Não prometa; apenas saiba que eu ainda te amo. Eu vou nessa! Conversamos depois, quando tiver uma resposta para mim. — Ele deu as costas e saiu andando antes que eu ousasse abrir minha boca.

Eu cambaleei para dentro de casa e apoiei minhas costas na porta, após fechá-la. Minha cabeça estava girando em círculos dentro dela mesma. Pensei que aceitar a proposta de Léo era a atitude mais egoísta que eu poderia tomar

na vida. Ele me amava intensa e estupidamente, ao ponto de se oferecer para criar a filha de outro homem; no entanto, eu jamais poderia retribuir da mesma forma, pois meu coração já havia sido roubado.

— O que ele queria? — Minha mãe apareceu na sala, segurando Cecília nos braços e encarou a palidez em meu rosto.

— Me dizer algo estúpido.

— Ele ofendeu você, filha? Pois se tiver feito isso, eu juro que...

— Não, mãe! Longe disso. Ele quer ficar comigo; disse que criaria a Cecília como se fosse filha dele.

Um largo sorriso surgiu nos lábios da minha mãe assim que ela me ouviu terminar de falar.

— Isso é ótimo!

— Não, não é. Parece bem absurdo.

— Pai é quem cria.

— Foi a mesma coisa que ele disse. — Peguei a Cecília dos braços da minha mãe para mantê-la bem perto de mim.

— E discorda dele? — Ela fez carinho na cabeça da bebê.

— Não, mas...

— Mas?

— Fazer isso me parece estar arrancando de alguma forma a verdade da Cecília.

— A verdade de um pai que não a quis é melhor do que um pai que não a fez, mas está disposto a amá-la?

Engoli em seco quando as palavras da minha mãe me pressionaram contra a parede.

— E se ele se arrepender? Está dizendo isso porque me ama, não porque realmente quer ser pai da Cecília.

— Ele alguma vez decepcionou você?

Balancei a cabeça em negativa com as lágrimas caindo dos olhos. Não, Leonardo nunca tinha me decepcionado. Pelo contrário, era eu quem o decepcionava todas as vezes e, mesmo assim, sempre continuava ao meu lado, fazendo tudo o que fosse necessário para me ver sorrindo.

— Então pense, querida. Parece uma boa solução para todos.

— Eu vou pensar. — Apertei Cecília junto ao peito e voltei para o quarto.

A verdade é que não conseguia dizer sim de imediato para o Leonardo porque eu ainda amava o Vitor. No fundo, debaixo de toda mágoa e ressentimento, tinha esperanças de que ele se tocasse do erro que estava cometendo ao nos abandonar, e que voltasse correndo para mim e para a filha que tínhamos juntos. Eu não poderia simplesmente abrir os braços e aceitar o Vitor de volta se escolhesse a proposta do Leonardo.



VITOR

Capítulo 46

Fechei meu apartamento ainda sentindo o cheiro da Cíntia no lugar, por mais que não passasse de um delírio da minha cabeça. Joguei a chave no bolso e apoiei a mão na porta. Por mais que deixar o lugar parecesse abandonar mais uma parte dela para trás, eu sabia que a Cíntia estava cravada em mim até a parte mais ínfima da minha alma e seria impossível me livrar de todos os destroços.

De um fato eu tinha toda a certeza: nunca conseguira deixar de amá-la.

— Vamos, filho, ou perderemos o voo. — Minha mãe estava parada no corredor há alguns metros de mim, segurando Charlotte nos braços.

Por um tempo, ir para os Estados Unidos havia me parecido uma boa ideia; agora eu não sabia mais o que fazer. Aquela cidade emanava a alegria da Cíntia, o sorriso e o bom humor dela; eu não queria me afastar disso.

— Mãe, acho que...

— Você não vai mudar de ideia agora — esbravejou, antes que eu fosse capaz de completar a minha fala.

— Não quero perder as memórias que tenho dela. Foi o tempo em que consegui ser feliz. — Comecei a chorar como se fosse um garoto.

Minha mãe colocou Charlotte no bebê conforto e veio me abraçar.

— Viu, é por isso que precisa ir. Ela se foi, filho, mas você não. A sua filha não. Precisa dar a volta por cima.

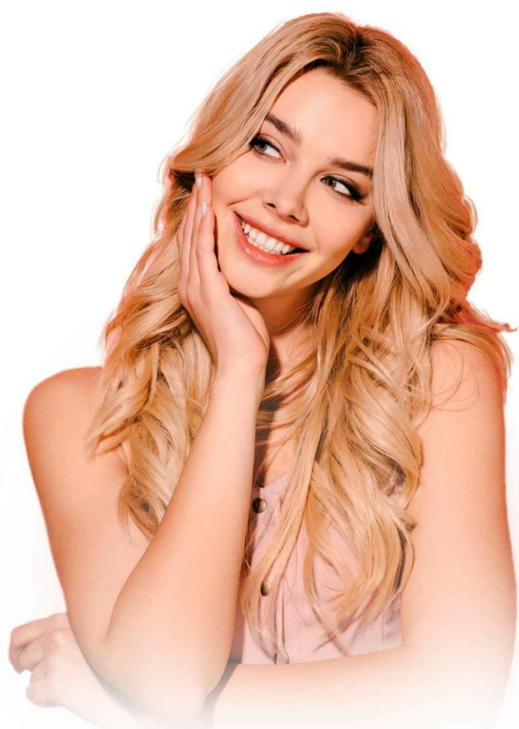
— Dói! O que há de tão errado em sofrer por isso? Estou cansado de ouvir que eu preciso seguir em frente, mas e se eu não quiser?

— Olha para ela. — Minha mãe apontou para o bebê conforto, onde Charlotte chupava uma das mãozinhas e olhava para o mundo com ar de quem não tinha com o que se preocupar. — Ela perdeu a mãe; é justo que perca o pai também?

A bronca me fez engolir em seco.

— Tá, vamos logo para o aeroporto. — Peguei o bebê conforto e segui minha mãe até o elevador.

Ela podia achar que em outro lugar, numa outra faculdade, cercado de outras pessoas, eu deixaria de pensar na Cíntia; contudo, as lembranças dela não eram um interruptor que era facilmente desligado. Além disso, Charlotte, com seus cabelos loiros, era a lembrança viva da mãe. Era a prova constante de quanto eu fui feliz e amei uma mulher mais do que a mim mesmo...



CÍNTIA

Capítulo 47

Os pensamentos me corroeram durante os dois últimos dias. Minha mãe não disse mais nada depois da conversa que tivemos quando o Léo viera me ver, mas suas palavras ainda martelavam em minha cabeça. Cecília começou a chorar e eu a peguei no berço para amamentá-la.

— Calma, minha joaninha. — Eu cantarolava com ela no colo, sorvendo meu leite. — Tudo vai ficar bem.

Por fim, enxerguei que a minha mãe estava certa; do que adiantaria Cecília crescer sabendo de um pai que a abandonou, sendo que o Léo estava disposto a cuidar dela? Às vezes, precisávamos mais de carinho do que puramente a verdade.

— Mãe!

— Oi? — Ela não demorou para aparecer no quarto.

— Pode ficar de olho nela por mim? — Entreguei a menina a ela.

— Claro, aonde você vai?

— Conversar com o Léo.

— Se decidiu, então?

Balancei a cabeça em afirmativa.

— Ter um pai não vai fazer mal para a Cecília.

Minha mãe abriu um largo sorriso.

— Então vá, antes que fique muito escuro. — Ela apontou com a cabeça para o sol que já se punha na serra além da janela.

— Obrigada, mãe. — Dei um beijo no rosto dela e saí porta afora rumo a casa do Léo.

Era uns vinte minutos de caminhada até a sede da fazenda da família dele. Uma das coisas ruins de se morar na zona rural era que tudo ficava muito longe. Cheguei lá quando o sol já havia se posto e estranhei o fato dos três irmãos mais velhos do Léo estarem na porta da casa dele, assim como um dos meus.

— Carlos, o que aconteceu?

— Léo sumiu, Cíntia. — Meu irmão respirou fundo como se esperasse pela minha reação.

— Como assim sumiu? — Senti um novelo de lã se formar dentro do meu estômago.

— Ele saiu para entregar uma produção de leite antes de amanhecer e ainda não voltou. — A mãe dele estava sentada no sofá, aos prantos.

— Tentaram conversar com o seu Pedro?

— Sim, ele disse que o Léo passou por lá no horário de costume. Tirou as garrafas da moto e voltou para estrada, como faz sempre. Depois disso, ninguém mais viu ele. — Ela cobriu o rosto para tentar esconder as lágrimas.

— Calma, dona Solange. — Sentei ao lado dela a abraçando pelos ombros. — Às vezes ele foi resolver alguma coisa, daqui a pouco aparece.

— Não. Meu caçula não é de fazer isso; sempre me avisa quando vai sair e chegar em um horário diferente. Dessa vez, ele não falou nada.

— Às vezes só se esqueceu. — Tentei consolá-la, mas também estava preocupada. Solange estava certa, Léo não fazia essas coisas, nunca.

— Vamos sair para procurar meu irmão. — Aloisio, o irmão mais velho de Léo, entrou na sala com uma lanterna na mão. — Vem comigo, Carlos.

— Eu vou também.

— Não, Cíntia! Vamos andar a pé pela estrada até a cidade, caminho por onde ele sempre passa; vou ver se encontro algo, já que ele não está na cidade, nem aqui.

— Prefiro andar atrás de notícias do que ficar aqui esperando por elas. Até parece que nunca fui andando até a cidade algumas milhares de vezes.

— Tudo bem, vou pegar uma lanterna pra você, e chamar meu pai e meus outros irmãos.

— *Tá.* — Eu me levantei e fui para o lado de fora.

Assim que todos se reuniram, saímos em uma equipe de busca. Contando apenas com a iluminação da lua, dos vagalumes, e de nossas lanternas, seguimos pela estrada de terra e depois pelo acostamento da estrada asfaltada que levava até a cidade mais próxima. Tudo estava como um dia qualquer, com alguns pés de bambu e muita grama alta. Estava prestes a dizer que não o encontraríamos ali quando Aloisio gritou.

Saímos correndo até ele, que estava com metade da turma no outro lado da estrada. A grama amassada indicava que alguém havia passado sobre ela; havia um desfiladeiro na lateral da estrada. Prendi minha respiração quando senti meu coração doer. *Léo...*

O brilho da moto lá embaixo me assombrou como um pesadelo. *Não podia ser...* Assisti Aloisio e os demais irmãos do Léo descerem pelo desfiladeiro com a ajuda de alguns cipós que cresciam na encosta.

— Achamos ele.

Aquela frase deveria me animar, mas, ao invés disso, eu caí de joelhos e comecei a chorar. *Não... Não...*

— Léo! — O grito saiu do fundo da minha garganta e ecoou pela estrada

onde não passava um único carro naquele momento.

Respirei ofegante como se o ar fosse incapaz de entrar em meus pulmões. Apoiei as mãos no joelho enquanto minhas lágrimas molhavam o chão de asfalto do acostamento. O abraço que meu irmão deu em mim foi o suficiente para comprovar todos os meus temores. *O Léo estava morto...*

Meu irmão saiu de perto de mim e ajudou os outros a içarem o corpo de volta à estrada. Léo não era o tipo de cara que bebia, tampouco o que não prestava atenção quando estava dirigindo, mas, por algum motivo, a moto dele saiu da estrada e caiu no desfiladeiro. Quando me aproximei do corpo dele, os ferimentos eram incontáveis. Mas um no pescoço me pareceu ser o fatal, ainda que eu não fosse médica.

Fiz carinho nele e o beijei na testa enquanto ainda chorava. Perder o Léo daquele jeito, da forma mais trágica possível, me fez pensar que o amor provavelmente não era algo para mim. A dor daquele momento mexeu comigo de um jeito inimaginável. Léo podia não ser o amor da minha vida, mas, antes de tudo, ele fora o meu melhor amigo, aquele que nunca me deixou, por mais que eu pisasse na bola.

Lamentei por mim mesma e por minha filha, que ainda era tão pequena e havia perdido mais um pai.



VITOR

Capítulo 48

Chicago, 2004

Deixei tudo para trás no Brasil, na tola esperança de que a dor de ter perdido a mulher da minha vida fosse diminuir, mas isso não aconteceu. A cada dia que eu passava nos Estados Unidos fazendo o curso que o meu pai queria que eu fizesse, a lembrança da Cíntia era constante e a dor também.

Antes de conhecê-la, eu era um cara de farra e festas, mas na faculdade americana eu não ia a um bar, ou frequentava uma festa sequer. Tudo o que eu queria era terminar o dia de aula e voltar para o apartamento para pegar a minha filha nos braços. Eu havia deixado de ser o *playboy* mimando, para ser o pai careta. Nem sabia qual fora a última vez que eu havia bebido.

Abri a porta da sala e larguei a chave no armário. Ouvi o som da televisão e vi que a minha mãe estava deitada na sala, vendo algum programa de culinária. Ela se levantou quando me viu entrar.

— Boa tarde, querido, como foi a aula?

— Boa.

— Que ótimo!

— Onde está a Charlotte?

— No berço.

— Vitor... — minha mãe começou a falar, mas antes que ela tivesse tempo de formular uma frase completa, segui pelo corredor e entrei no quarto onde a minha filha dormia no berço.

Eu me aproximei calmamente e ela abriu os olhos verdes, assim como os

meus, e me encarou, abrindo a boquinha em um breve sorriso.

— Oi, filha!

Charlotte chorou ao notar a minha presença e eu a peguei no meu colo.

Estávamos em outro país há alguns meses, e Charlotte estava crescendo. Ela já se sentava, fazia alguns sons, e comia papinha. Encontrar com a minha filha no fim de todos os dias era o meu estímulo diário para continuar tentando, pois a vontade de jogar tudo para o alto ainda era constante.

— Papa...

— Oi, meu amor? — Afastei-a do meu peito e a levantei para que pudesse olhá-la.

Seu cabelo loiro estava cada vez mais espesso e aquele bebê era a prova de que o que vivi com a mãe dela foi real.

Charlotte ficou me encarando e começou a chupar a mãozinha.

— Papai vai estar aqui para você sempre, filha. — Abracei-a novamente.

— Mama... — Ela esticou o bracinho e eu virei para trás por mero reflexo.

Havia um porta-retratos com uma foto da Cíntia grávida sobre a cômoda. Era pouco provável que a minha filha houvesse apontado para ele de propósito, mas fiquei com a impressão de que fora isso.

— Sim, meu amor, é a mamãe. — Peguei a foto e a trouxe para mais perto, permitindo que a Charlotte observasse a imagem melhor. — Ela era linda, não era? Tão linda quanto você.

Charlotte começou a chorar; poderia ser por algum outro motivo, como fome ou fralda suja, mas, no fundo, ainda que muito pequena, eu sentia que a

mãe dela fazia tanta falta para ela quanto estava fazendo para mim.



VITOR

Capítulo 49

Bela Vista, 2010

Olhei de longe a minha mãe jogar uma rosa branca sobre o túmulo. Havia alguns choros fingidos e algumas caras de paisagem. O enterro estava lotado, por mais que o meu pai não fosse o cara mais popular do mundo. Eu me escondia atrás dos óculos escuros enquanto segurava a mão da minha filha, que se encolhia naquela manhã gelada de domingo.

Eu havia voltado dos Estados Unidos há pouco mais de um mês; meu pai tinha sofrido um infarto fulminante enquanto dirigia e pouco depois bateu o carro de frente com um caminhão na Via Expressa, morrendo no local.

A empresa havia se tornado minha. O legado que ele tanto lutou para que eu administrasse, finalmente estava em minhas mãos, e eu só conseguia olhar para todo o maldito dinheiro e pensar no quanto eu era feliz com a Cíntia, sem os milhões a mais na minha conta.

Charlotte soltou a minha mão e foi para perto da minha mãe. Assim que vi que ela estava em segurança com a avó, eu me esgueirei pela multidão e caminhei por entre alguns túmulos até encontrar o da Cíntia.

Senti a chuva fina molhar os ombros do meu paletó preto e, no instante em que toquei a foto dela envolta pela moldura de bronze, era como se o céu estivesse chorando comigo. Tudo o que eu queria era que toda a fortuna que eu estava herdando fosse capaz de trazê-la de volta. Nem todo o dinheiro do mundo poderia comprar a felicidade que ela me proporcionava, todo o amor

que senti. Tudo o que me restava eram as lembranças e a nossa linda filha, que a cada dia estava mais parecida com ela.

Aos seis anos, Charlotte era uma réplica da mãe, os cabelos loiros e a determinação de quem poderia mudar o mundo.

— Papai, você tá chorando? — Ouvi a voz dela e me virei, engolindo o choro.

Observei Charlotte parada sobre uma sombrinha, a qual minha mãe segurava. Dei a minha filha o meu melhor sorriso e fui até ela de braços abertos para pegá-la no colo.

— É aqui que a mamãe tá? Parece horrível e abafado.

— Não, minha princesa. Sua mamãe está no céu com os anjos. — Eu a peguei no colo e a abracei junto ao peito e minha mãe me entregou um guarda-chuva.

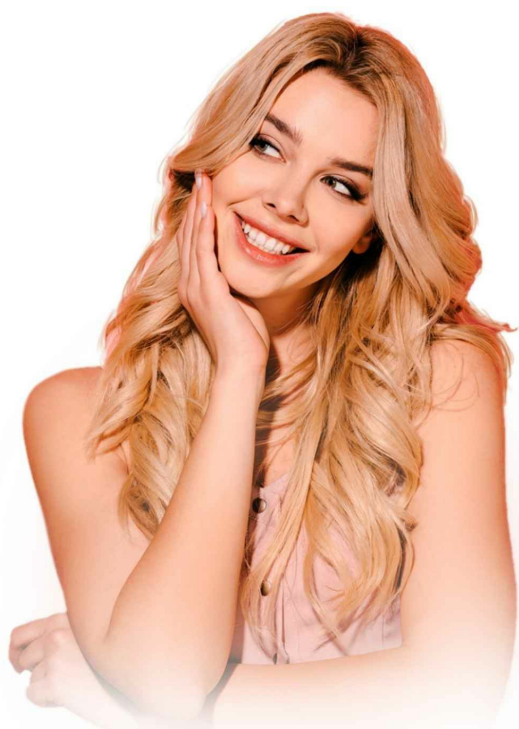
— E o vovô está com ela?

— Está, sim.

— Ah, então ele deve estar bem. — Ela deu um beijo no meu rosto e apoiou a cabeça no meu ombro.

— Sim, está, princesinha.

— Vamos embora daqui, Vitor. A chuva está engrossando e os acionistas da empresa querem você para uma reunião da diretoria ainda hoje. — Minha mãe deu um passo na direção da saída e eu a segui.



CÍNTIA

Capítulo 50

Bela Vista, 2014

Eu estava de volta depois de todos aqueles anos. Por mais que meus pais não achassem uma boa ideia, juntei dinheiro e comprei uma casa na capital. Ali, Cecília teria oportunidades com as quais nem poderia sonhar morando na roça.

Claro que ela era a maior razão, mas ali estava eu, de volta a mesma universidade encarando o prédio do curso que fui obrigada a trancar. Eu não era a advogada que sonhara ser quando colocara meus pés naquele lugar pela primeira vez, mas não estava arrependida dos rumos que a minha vida tomara. Cecília era a minha maior alegria, uma menina inteligente, amável, e muito carinhosa. Eu tinha conseguido um emprego como recepcionista de um hotel e dava aulas de inglês nas horas vagas. O dinheiro era o suficiente para manter a casa, minha filha, e uma babá para cuidar dela. A convivência com o Vitor e o embate com a família dele me mostraram que dinheiro demais subia a cabeça das pessoas e as transformava.

Deixei o meu passado e voltei para o meu carro. Dirigindo para casa, me peguei pensando no Vitor, o que era a coisa mais comum dos últimos anos, mas era algo com o que eu aprendera a conviver. Mas confesso que evitava as revistas de negócios ou as colunas de fofocas. Já fazia dez anos, ele estaria na altura dos trinta, sabe-se lá quais rumos a vida dele teria tomado. A verdade era que eu não queria ver, não queria saber se ele havia se casado de novo ou se estava de namorada nova, porque iria machucar mais do que a ideia de ele

ter me abandonado por dinheiro. Saber que haveria outra no meu lugar, destruiria a postura inabalável que eu levava anos para construir.

Parei o carro diante de casa e vi a minha pipoca saltar para o lado de fora. Vestida em um pijama rosa e segurando uma folha nas mãos, ela veio correndo até mim.

— Oi, Cecília. A Joana ainda não te colocou para dormir?

— Eu disse para ela que precisava esperar você. Eu precisava.

— Por que, filha? — Peguei minha bolsa no banco do carona e saí do carro.

— Preciso que assine essa prova e a autorização para o passeio da escola. Sabe, o de história em que vamos visitar uma cidade histórica?

— Sim. — Eu fui a empurrando para dentro.

— Eu te falei, mãe, você falou que eu podia ir.

— Sim, eu me lembro, filha, mas podia ter deixado os papéis em cima da mesa; quando eu chegasse, eu assinava.

Ela me puxou pelo ombro para que me abaixasse na altura dela.

— Olha, mamãe, na verdade, eu queria te ver. Mas é o nosso segredo. Não fala para Joana não, tá? Se não, ela nunca mais aceita as minhas desculpas.

— Sua trapaceira. — Gargalhei e a abracei apertado. — Não pode mentir para Joana.

— Ah, mãe! Foi uma mentirinha boba.

Larguei a bolsa em cima da mesa e a peguei no colo.

— Vamos para cama que já está na hora.

— Só se você ler uma história para mim.

— E qual você tem em mente?

— Branca de Neve! Adoro quando o príncipe a salva da maçã envenenada com um beijo.

— Branca de Neve, então!

— Oba!!!

Levei Cecília até o quarto e a deitei na cama. Sentei ao lado dela e peguei o livro que a minha filha, muito esperta, já havia deixado separado, como se soubesse que eu não resistiria ao seu pedido. Comecei a ler e, aos poucos, ela foi fechando os olhos, até que pegou no sono. Coloquei o cobertor na altura de seus ombros. Beije-a na testa.

— Durma bem, meu anjinho. — Apaguei a luz e fechei a porta.



VITOR

Capítulo 51

Estava de pé, ajeitando a gravata diante do espelho quando vi a cabecinha loira de Charlotte apontar no reflexo.

— Oi, filha, o que está fazendo aí?

— Aonde você vai, pai?

Virei para ela e ajoelhei no chão; Charlotte veio correndo e sentou no meu joelho, como fazia desde que começara a andar.

— Vou a uma festa.

— Vai ter mulheres bonitas lá?

Eu franzi o cenho e arqueei as sobrancelhas ao estranhar a pergunta feita pela minha filha de dez anos.

— Por que, Char?

— Ah, eu *tava* pensando aqui... você podia arrumar outra mãe para mim.

— Por que você quer outra mãe?

— Porque todas as meninas da escola têm mãe, só eu que não. A vovó nem tá mais aqui para eu dar para ela o presente de dia das mães.

Suspirei com a inocência dela e percebi que não era só para mim que a Cíntia fazia muita falta.

— Olha, filha — coloquei o cabelo loiro dela atrás da orelha e a beijei na testa —, o papai amou muito, muito mesmo, a sua mãe. Não dá para colocar qualquer outra mulher no lugar, não adianta ela só ser bonita.

— Nenhuma outra, nem se ela for muito, muito, muito bonita, mesmo?

— Ela tombou a cabeça de lado e seus olhos verdes brilhavam para mim.

— Sabe quem é muito bonita, mesmo?

— Quem?

— Você! — Eu a abracei apertado. — Você já é o amor da minha vida, filha.

— Ah, pai! — Ela me afastou com seus bracinhos. — Assim não vale.

— Ah, vale sim! Mas podemos mandar os presentes para a vovó pelos Correios, o que acha?

— Podemos ir vê-la pessoalmente? Gosto de viajar.

— Podemos, sim.

— Eba! — Ela saiu correndo para fora do quarto. — Boa festa, pai.

Voltei a me olhar no espelho e o meu sorriso passageiro desapareceu. Olhei para a minha foto com a Cíntia, que estava sobre um móvel do meu quarto. Eu era metade daquilo que fui com ela e continuaria assim para sempre. Eu não iria colocar uma mulher que só estava interessada no meu dinheiro, na minha casa, com a minha filha. Doía, iria doer para sempre, não havia como lutar contra isso.

Por mais que Charlotte às vezes achasse que sim, nenhuma mulher iria tomar o lugar da mãe dela, nem nessa casa e muito menos no meu coração.

Meus envolvimento foram rasos e superficiais nos últimos anos, porque a cada boca que eu beijava ou com cada mulher com quem eu transava, eu só me sentia ainda pior. Por mais que o meu corpo sentisse necessidades físicas, o sexo sempre era vazio, não importava se fosse com prostitutas ou com mulheres cultas.

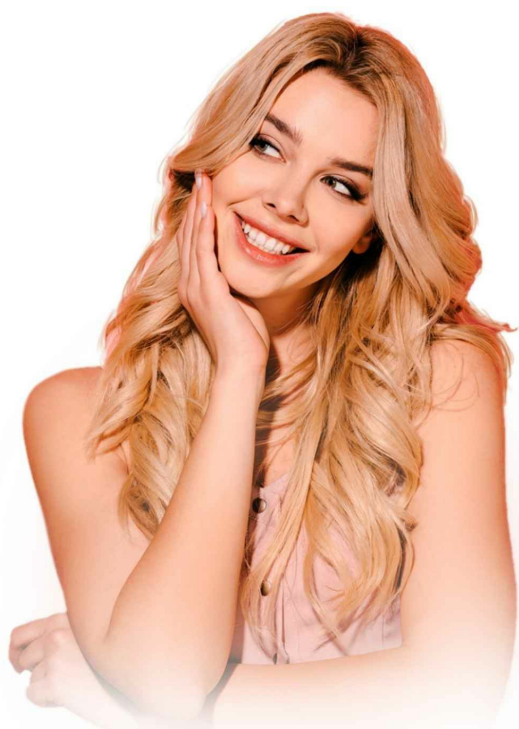
Eu até tentei, pela Charlotte, ou até por mim mesmo, mas ora ou outra

eu acabava me tocando da falta que a Cíntia me fazia, e percebia que eu não era mais inteiro. Eu havia entregado o meu coração para a Cíntia, e morta ou não, ele seria dela para sempre. Jamais conseguiria me entregar a uma relação com outra mulher, pois não importava quanto tempo passasse, eu só pensava em como seria vê-la de novo, nem que fosse em outra vida. Embora parecesse cruel, eu havia convivido com essa dor na última década, e sobreviveria a mais algumas.

Limpei as lágrimas dos olhos, já tão comuns desde que eu a havia perdido, acabei de me vestir, e saí para a festa da empresa, fingir sorrisos, e voltar para casa com o mesmo vazio.

Eu só queria que todo o meu dinheiro fosse capaz de me comprar uma máquina do tempo, pois sentia que nunca havia dito para a Cíntia *eu te amo* o suficiente para que ela soubesse o quanto era importante para mim.

Era naqueles momentos que eu pensava em como o destino era cruel. Ele judiava e torturava sem piedade. Havia colocado a mulher da minha vida no meu caminho, deixado que ela me mudasse, que eu me apaixonasse, e fosse um homem melhor por ela, mas a arrancou de mim com a mesma rapidez e me reduziu a cacos.



CÍNTIA

Capítulo 52

Bela Vista 2018

sentada na cama naquela manhã de sábado, eu deixava as horas passarem por estar cedo demais, porém também não pegava no sono. Cometi o erro de pegar no jornal da portaria do prédio no dia anterior. O caderno de negócios caiu como se fosse um fantasma querendo me assombrar. Não havia nada demais na matéria de capa, algo sobre o investimento de capital estrangeiro na Alfazema, mas a foto... respirei fundo. A foto era uma imagem do Vitor apertando a mão de um japonês. *Vitor...*

Então ele era o presidente da empresa agora? Isso não me surpreendia, mas deixava claro que o pai dele tinha falado a verdade; Vitor tinha preferido a empresa a mim, preferido a empresa a filha.

Uma lágrima escorreu dos meus olhos e eu a enxuguei com as costas da mão. Às vezes, eu achava que a dor tinha ido embora, mas toda vez que eu pensava nele, no que vivemos ou na possibilidade de estarmos de novo na mesma cidade, o sofrimento me dava um coice no peito. Eu percebia que, apesar de tudo, eu ainda o amava.

Cecília perguntava pouco sobre o pai. Entendia que aquilo doía para mim. Porém, à medida que ela crescia, ficava cada vez mais difícil evitar o assunto. Nunca tinha dito o nome dele para ela, apesar de ter falado a verdade sobre Vitor ter nos deixado. Na verdade, estava tentando protegê-la. Não queria que confrontasse o pai; nem mesmo eu tive coragem para fazer isso. Primeiro, porque tinha medo do que ele poderia me dizer e destruir ainda mais meu coração despedaçado. Segundo, ele tinha dinheiro; poderia tirar

minha filha de mim num piscar de olhos. Depois de tudo, Cecília era a única coisa que eu tinha.

Eu queria ter o poder de arrancá-lo do meu coração e apagar da minha mente o quanto eu o amei, e infelizmente, ainda amava. Porque eu me sentia uma viciada, recaindo sempre em um círculo vicioso de tortura. Depois de ter perdido o Léo, nenhum homem quis tentar catar os cacos do meu coração despedaçado. Confesso que eu também não me esforcei para isso.

Era sempre a mesma história; alguém me chamava para sair, eu aceitava, pois me sentia na obrigação de seguir a minha vida sem o cara que havia me abandonado. No entanto, as recaídas vinham: uma foto, uma matéria, ou mesmo ouvir o nome dele. Mesmo tendo sido abandonada, sentia que o meu corpo e o meu coração ainda pertenciam ao Vitor. Era idiota, só estava me fazendo sofrer, mas eu era fraca. Quatorze anos depois, ainda não havia conseguido arrancar aquele homem do meu peito.

— MÃE! — Quase pulei da cama com o grito dela. — Eu ganhei, mãe! Eu ganhei!

Saí da cama de pijamas e fui até a sala onde Cecília pulava na frente do computador, histérica.

— O que foi, filha?

— O prêmio, mãe, de jovem cientista, meu projeto ganhou!

Abri um enorme sorriso e a abracei.

— Que ótimo, filha! Eu estou muito orgulhosa de você. — Beije-a na testa.

— Eu não acredito!

Os olhos verdes da minha pequena adolescente estavam brilhando de felicidade. Ainda que fossem os mesmos olhos do pai, isso desfez qualquer

sentimento ruim que estava assombrando o meu dia.

— Ganhei uma bolsa para o ensino médio e para a faculdade.

— Que ótimo, filha! Em qual escola?

— Na Academia Estive, é aqui na cidade, e dizem que é uma das melhores da América.

— Uau! Mais parabéns ainda, filha. Você é muito inteligente! Estou tão orgulhosa, pipoquinha. — Abracei-a bem apertado.

Comemorar a alegria de uma conquista tão importante para a minha filha era tudo o que eu precisava para afastar a dor que sentia no meu peito ao me recordar do pai dela. Mesmo sem ele, eu havia feito um bom trabalho e criado uma filha incrível.

— Tive a quem puxar. — Ela deu de ombros.

— Tenho certeza que sim. Por que não vamos tomar um sorvete para comemorar?

— Jura, mãe? — Ela abriu um largo sorriso.

— Sim, vamos tirar o pijama e ir até a sorveteria.

— Eba! — Ela saiu saltitando até o quarto e eu fui para o meu me trocar. Um dia com a minha filha iria fazer muito bem para mim e iria me lembrar que nem tudo era só mágoa. Vitor tinha me abandonado, mas me deixou com a melhor parte dele: a nossa filha.



VITOR

Capítulo 53

cheguei em casa naquela tarde, depois de uma semana viajando, e só havia uma coisa que eu queria ver.

— Filha? — Abri a porta do quarto de Charlotte, mas ela não estava lá.

Fui até o banheiro, o closet, mas nada da menina.

— Dalva? — gritei a empregada. — Onde está a minha filha?

— Senhor Vitor — ela apareceu na porta do quarto — a menina não está.

— Isso eu já percebi. Quero saber onde ela está. — Cruzei os braços e a encarei de cara fechada.

— Foi ao salão de beleza já tem um tempo, não deve demorar para chegar.

— Ah... Com quem ela está?

— O motorista.

— Ótimo. — Sentei na cama dela. — Vou esperar ela aqui, mande-a subir assim que chegar.

— Sim, senhor. — Dalva assentiu com um movimento de cabeça e se retirou.

Enquanto esperava, olhei em volta. Charlotte estava crescendo e eu mal me dera conta, pois não conseguia olhar para ela sem enxergar ali a minha garotinha. As fotos dela com os amigos tomavam os porta-retratos por todos os cantos do quarto. Havia uma ou outra comigo. Percebi também que o lugar estava cada vez menos rosa. Não quis olhar para as maquiagens, muito menos

para os vestidos curtos.

— Oi, pai! — Ela entrou no quarto e eu me virei para encará-la.

Arregalei os olhos e afastei o corpo um pouco para trás assim que a enxerguei bem.

— O que você fez com o cabelo? — Cerrei os dentes.

— Ah, pintei. Gostou? — Ela balançou os fios que antes eram loiros e agora estavam tão cor de ébano, tanto quanto os meus próprios.

— Por quê?

— Gosto de preto, você não?

— Sim eu gosto, você fica linda de qualquer jeito. Mas...

— Mas... — Ela deu um passo na minha direção e me colocou contra a parede com as palavras.

— O loiro era igual ao da sua mãe — balbuciei, e não consegui mais esconder a tristeza. A Charlotte era a maior lembrança que eu tinha da Cíntia.

— Eu sei. Por isso eu pintei de preto, assim fico mais parecida com você.

Engoli em seco e fiquei calado por alguns minutos. Por mais que ela não tivesse dito diretamente, ficou claro o motivo dela ter pintado o cabelo. Charlotte era cada dia mais igual a mãe e ela sabia que eu notava isso.

— Ficou linda, filha — disse, por fim. — O que acha de ir fazer alguma coisa comigo? Podemos ir ao cinema ou qualquer coisa. A sua escolha.

— Não precisa ir para empresa?

— Não! Hoje é meu dia de folga e quero passá-lo com a minha filha.

— Então vamos ao cinema! Tem um filme legal que quero ver. Ia com os meus amigos da escola, aproveitar que estamos de férias, mas já que você

vai comigo, vou ligar para eles e combinar um passeio outro dia.

— Perfeito!

— *Tá*, eu vou me trocar e já vamos.

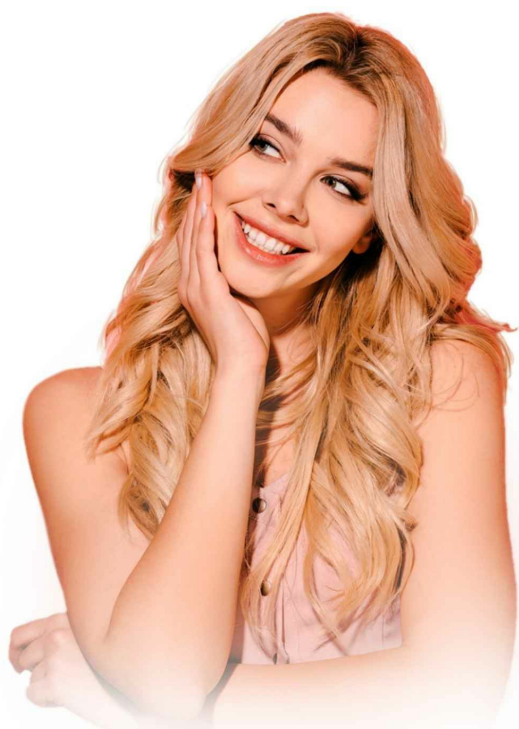
Ela ficou olhando para mim, me esperando sair do quarto. Por fim, me levantei e fui até o meu.

— Dez minutos lá embaixo?

— Pai, com dez minutos eu não passo nem meu batom.

— Tudo bem, vou ficar esperando. — Ri.

Certo... talvez ela não fosse assim tão parecida com a mãe.



CÍNTIA

Capítulo 54

Acordei bem cedo naquele dia. Havia avisado que chegaria um pouco atrasada no trabalho para me dedicar à minha filha. Era um dia muito importante para ela e eu estava disposta a torná-lo ainda mais. Cecília era a melhor parte de mim e a coisa que mais me fazia feliz.

Minha menininha, que já estava quase do meu tamanho, iria começar em uma escola nova naquele dia e estava muito empolgada com isso, assim como eu. Era uma escola com um valor exorbitante de mensalidade. Sempre a mantive em boas escolas nem que tivesse que dar meu suor por isso, mas aquela estava fora das minhas possibilidades. Mas eu via um pouco de mim nela; a determinação de chegar aonde queria. Graças ao prêmio que a Cecília ganhara no ano anterior, iria estudar na escola com todos os custos pagos pela Fundação.

Peguei os mistos quentes na sanduicheira e os coloquei ao lado do suco de laranja e do leite antes que ela surgisse na cozinha.

— Bom dia, mamãe! — Ela me abraçou por trás, fazendo-me dar um pulinho de susto.

— Bom dia, querida! — Eu me virei para ela e retribui ao abraço.

Ela se sentou na mesa da cozinha para tomar o seu café da manhã e eu fiquei a encarando.

— Estou muito orgulhosa de você.

Era verdade. Não cansava de dizer isso para ela. Não era a primeira vez que Cecília ia para uma escola particular com bolsa integral de estudos, e iria comemorar cada conquista com ela, para que soubesse o quanto eu a

admirava pelo seu esforço.

— Vamos, filhinha! — Peguei minha bolsa sobre a mesa e a joguei no ombro. — Vou deixar você na escola.

Cecília pegou seus materiais e seguimos para a garagem. Ela estava tão empolgada que saltitava e não havia nada que mais me deixasse feliz do que a felicidade dela. Liguei o carro e manobrei para dar ré; minha filha ficou em silêncio e foi assim durante todo o percurso.

Assim que parei o carro, ela desceu em frente à escola e me deu um beijo no rosto.

— Nos vemos à noite.

— Boa sorte, filha.

— Obrigada, mãe! — Fechou a porta e saiu saltitando como uma coelhinha.

Andando para o portão da escola estava toda a minha alegria e felicidade.

Após deixar minha amada filha na escola, segui para o hotel onde trabalhava. Deixei minhas coisas no armário dos empregados e fui cumprimentada no caminho, com um aceno de cabeça, pelo gerente.

— Como está sua filha, Cíntia?

— Muito empolgada com a escola nova, senhor. Obrigada por permitir que eu a levasse hoje no primeiro dia.

— Você nunca se atrasa. Um dia não ia fazer tão mal. Mas agora vá logo para a recepção, porque a Rebeca está louca para ir embora.

Ri da careta que ele fez e apressei meu passo.

— Desculpa. — Abri um meio sorriso assim que entrei no raio de visão

de Rebeca.

— Aceito um açaí como compensação.

— Trarei sorvete para você amanhã. — Ajeitei meus cabelos e me certifiquei que a placa com meu nome estava pregada na camisa.

— Serve. — Ela deu de ombros ao passar por mim e seguiu por um corredor lateral.

Respirei fundo e me apoiei no balcão. Estava preocupada com a Cecília; sabia que não existia a menor necessidade disso; era apenas uma escola nova, não era a primeira vez que a minha filhinha tinha que se acostumar com isso; porém, ainda sim, havia algo se revirando dentro de mim.

— Moça, bom dia! — Um hóspede se aproximou atraindo a minha atenção e parei de me revirar com pensamentos sobre a minha filha por alguns minutos. — Eu tenho uma reserva para hoje.

— Seu nome?

— Ricardo.

Conferi as reservas no computador e realmente havia um Ricardo. Dei a ficha para ele enquanto procurava a chave do quarto reservado.

— Aqui está. — Abri um sorriso no intuito de parecer gentil e receptiva. Era sempre bom tratar bem os hóspedes.

— Obrigado. Já sabe qual é o meu quarto caso queira fazer uma visita. — Piscou para mim com um sorriso malicioso.

Fingi não ter ouvido. Não era o primeiro hóspede que dava indiretas para cima de mim; infelizmente, era algo muito comum.

— Uma mulher tão bonita sem aliança é quase um pecado. A não ser que tenha um namorado.

— Não, não tenho. Mas também, não estou à procura. Quer que eu chame alguém para ajudá-lo com as bagagens?

— Não precisa, mas adoraria ter ajuda com minhas roupas.

— É uma pena, mas não estou disponível; porém, tenho certeza de que encontrará alguém para te ajudar na lista telefônica.

Ele abriu um sorriso amarelo diante da minha resposta.

— Nos vemos por aí.

— Claro.

Ele pegou a mala no chão, a chave comigo, e saiu pisando duro, furioso com a minha resposta. Apenas dei de ombros e fui cadastrar o novo hóspede no sistema. Talvez eu devesse tentar de novo sair com outro cara, mas, no fundo, eu não queria. Tinha a minha filha e estava contente em me dedicar apenas a ela.



VITOR

Capítulo 55

ouvi uma batida na porta e ergui minha cabeça, desviando os olhos antes concentrados em um relatório. Minha garotinha estava de pé, na porta, usando roupas curtas demais para uma menina, porém tentei me conter para não dizer nada. Eu ficava muitas vezes em um limiar muito tênue de um pai que a mimava e a protegia. Charlotte já tinha quatorze anos; era o momento de deixá-la descobrir o mundo com suas próprias pernas.

— Já vai, querida?

— Sim, pai. Vou sair com a Kat e o resto do pessoal. Vamos lancha e ver um filme, depois iremos a uma boate.

— Boate? — Franzi o cenho e fechei a cara. É, tinha que admitir que não estava tão preparado para deixar a minha garotinha sair para o mundo. — Ainda é muito nova para isso, mocinha.

— Ah, pai, relaxa! É uma daquelas matinês que só vai menor de idade e não servem bebidas. — Ela jogou a alça da bolsa sobre o ombro.

Abri um sorriso amarelo. Levei alguns segundos me decidindo se deixava ela sair ou se inventava uma desculpa para que ficasse em casa. Por fim, vi que não havia nada demais em deixá-la ir.

— Tome cuidado, querida, e não volte tarde.

— Não vou. A boate fecha às dez da noite. — Ela fez careta e eu ri.

— Dez horas já é bem tarde para uma menininha.

— Não sou uma menininha!

— É sim! Minha *menininha*. — Eu ri. — Paulo e Jorge já estão

esperando por você.

— Pai! — Cruzei os braços e fechei a cara, em protesto. — Já passei da idade de precisar de uma babá para cuidar de mim.

— Paulo não é a sua babá; ele é o seu guarda-costas, e é para a sua proteção.

— Mas isso não muda o fato de que ele parece uma babá.

— Ele é para a sua proteção. Não se esqueça, Char, você é a coisa mais importante do mundo para mim. Preciso que esteja em segurança para não ficar preocupado.

Sorri ao ver que ela fez bico, mas parou de reclamar. Eu faria de tudo para manter a minha pequena em segurança, não deveria haver mal nisso.

— Muito bem, papai. — Ela veio até mim e me deu um beijo no rosto. — Nos vemos amanhã.

— Tome cuidado!

— *Tá bom, pai!* Vou só sair com os meus amigos. Fica tranquilo.

Tentei dizer alguma coisa, mas Charlotte saiu do meu raio de visão antes que eu conseguisse.

— Amo você, filha... — Ela já havia saído antes que eu terminasse a frase.

Abri uma gaveta da escrivaninha onde estava debruçado e tirei dela uma foto minha com a Cíntia. Ela estava grávida da nossa filha e eu segurava a sua barriga.

— A nossa filha cresceu, meu amor. Temo que ela logo vai se tornar uma mulher e não sei se estou preparado para isso. Precisava de você aqui. — Uma lágrima escorreu pelo meu rosto e caiu sobre a foto. — Precisava

muito. A Charlotte também precisa de você.

Fiquei olhando para a foto por intermináveis minutos. A Cíntia havia sido arrancada de mim jovem demais e talvez eu nunca conseguisse aceitar isso.



Virei a noite trabalhando e quando acordei, percebi que havia apagado sobre o teclado do computador, marcando minha testa com algumas teclas. Olhei para o relógio na tela e já estava bem tarde, por sorte era uma manhã de sábado.

O telefone começou a tocar e o barulho ardeu no fundo da minha cabeça; apenas mexi o braço e peguei o aparelho, atendendo no segundo toque.

— Alô!

— Dormindo até agora? Achei que fosse um pouco mais comprometido, presidente — ressoou uma voz debochada do outro lado.

— É sábado, dá um tempo, Philip! Os relatórios estarão na mesa do diretor administrativo na segunda de manhã.

— Relaxa, não liguei para falar de trabalho.

— Então, do que é? Estava aqui tirando um cochilo em cima da minha mesa de escritório.

— Desse jeito, fica parecendo que a sua cama não vê nenhuma ação — debochou.

— E não vê. Ultimamente, nem dormir direito eu tenho dormido.

— Por causa do consórcio com a empresa de cosméticos americana?

— É uma oportunidade única que não podemos perder.

— Tem razão, mas mudando de assunto: Charlotte falou para você alguma coisa sobre o Peter?

— Não. — Arqueei as sobrancelhas. — Por que ela falaria?

— Então, parece que os *sites* de fofocas estão sabendo antes de nós.

— Quê? — Abri um site de fofocas qualquer e me deparei com uma notícia que me fez cair para trás na cadeira.

A herdeira adolescente dos Doneli pode estar namorando com o filho de um sócio da família.

Mordi os lábios para conter o palavrão.

— Já falei para esses *paparazzis* idiotas ficarem longe da minha filha. Quantos processos terão que receber?

— Calma, cara! Nem dá para ver ela direito na foto; só liguei para saber se estava sabendo de algo, porque meu filho chegou hoje de manhã cedo e ainda não me falou nada.

Achei que Philip fosse tripudiar, tirar sarro sobre algo que ele havia falado muitos anos atrás, sobre o filho dele namorar a minha filha. Algo que ele havia comentado quando eu ainda nem pensava em ser pai, mas talvez nem se lembrasse disso.

— Eu não sei. — Engoli em seco com o amargor daqueles pensamentos.

Os primeiros minutos foram assustadores. *Minha menininha estava namorando?* Porém, depois que o ciúme exacerbado de pai passou, respirei

fundo e tentei ver as coisas com um pouco mais de racionalidade. Charlotte já tinha quatorze anos; com essa idade, eu já tinha aprontado bastante coisa. Pensar em minha própria vida não me deixou menos preocupado como imaginei.

Não disse isso para ele, mas ao menos pensar que era o filho do Philip me tranquilizava, pois o Peter era um bom garoto. Sempre acompanhei o menino de perto desde o seu nascimento e ele era um adolescente bem mais responsável do que eu e o pai dele fomos.

— Não, Philip, não estou sabendo de nada — respondi após longos minutos analisando.

— Certo, vamos esperar que eles falem conosco ou, às vezes, pode ser algum exagero desses *sites*, sabe como eles distorcem as coisas. Porém, me deixaria feliz saber que eles estão juntos.

— Eles ainda são crianças, Philip.

— Sua filha cresceu, Vitor, e você precisa se dar conta disso.

— Cara, vai estudar os relatórios!

Philip gargalhou do outro lado da linha.

— Até segunda-feira, amigo. — Ele esperou pela minha resposta, entretanto, quando se deu conta de que ela não viria, desligou o telefone.

Respirei fundo e me levantei. Cíntia estava fazendo mais falta do que nunca. Uma lágrima escorreu pelos meus olhos e eu senti um aperto no peito. Charlotte não era mais uma criança e eu cada vez menos sabia o que fazer. Queria que a mãe estivesse aqui para conversar com ela, orientá-la a respeito do mundo e dos namorados. Era uma conversa a qual eu não podia mais evitar ter com ela. Na ausência da mãe, o dever era meu.

Saí pelo corredor à procura dela e, quando entrei em seu quarto, vi que

Dalva estava arrumando a cama da menina, mas não havia nenhum sinal dela ali.

— Charlotte não voltou para casa ontem?

— Voltou, sim, senhor. — Ela bateu nos travesseiros para afofá-los antes de colocá-los de volta na cama.

— E onde ela está?

— Acho que na sala.

— Obrigado. — Soltei o batente da porta e desci pela escada.

Assim que cheguei na sala, vi uma cena para qual ainda não havia me preparado. Charlotte não era mais uma menininha e meu mundo caiu por terra. Abraçado a ela e a beijando estava um garoto do qual eu não me recordava.

— Charlotte?

Eles se afastaram com o susto da minha voz e eu apoiei as mãos na cintura para encará-los.

— Papai? — Olhou para o chão, muito envergonhada. Não pareceu mais tão à vontade ao notar que eu era a plateia.

Eu os encarei com fúria e minha filha se colocou na frente do garoto como se quisesse protegê-lo de um rompante meu, então entendi que estava exagerando. Soltei os braços, no entanto reparei bem no garoto. O descendente de oriental, com bochechas redondas e olhos puxados, definitivamente não era o filho do Philip.

— O namorado não era outro?

— Felizmente, não. — Ela segurou a mão do menino e estufou o peito.
Tão valentona quanto a mãe...

— Charlotte?

Ela manteve os olhos verdes me encarando. Se não a amasse tanto, talvez estivesse um pouco mais irritado.

— O que estão falando de mim e do Peter foi um mal-entendido. Estávamos dançando juntos ontem e deduziram coisas. Não tenho nada com ele.

— Pelo que acabei de ver, espero que sim. Não quero nenhum conflito com o pai dele.

— Não tenho nada com o Peter, papai. Eu juro.

— E com ele? — Apontei para o garoto que se encolheu.

— Bem... — Charlotte engoliu em seco.

Ri internamente ao me dar conta do tamanho do drama que estava fazendo por ver minha filha com um rapaz. Boa parte de tudo era exagero meu por não conseguir notar que a minha filha estava crescendo. No fundo, pensar nisso doía; ela era tudo o que me restava...

— Cuidado com a minha moça, rapazinho. — Apontei o dedo para o menino e fechei a cara outra vez. — Nós conversamos depois, filha. — Passei por eles e segui para o escritório. Precisava pensar no que era prudente falar com ela e o que era apenas ciúmes de pai.



— Charlotte! — chamei assim que a vi passar pelo corredor.

Ela engoliu em seco e levou longos minutos para responder.

— Oi?

— Vem aqui, filha.

Ela continuou parada. Pareceu um tanto trêmula enquanto esfregava as mãos no short do pijama.

— Charlotte?

— Estou indo, papai...

Pelo tempo que minha filha demorou a chegar, notei o medo que estava sentindo. Desejei que o tempo voltasse; desejei segurá-la em meus braços, como fazia quando era um bebê, e protegê-la do mundo. No entanto, lembrei de como o meu pai tinha tratado a Cíntia e não queria tratar o garoto que gostava da minha filha da mesma forma.

Ela se apoiou no batente da porta, cruzou os braços, e olhou para o chão.

Estava sentado atrás da comprida mesa de madeira escura; me levantei e fui até ela.

— Então, não está namorando o filho do Philip como estão dizendo por aí?

Charlotte fez que não.

— Ao invés disso, é com o filho do Hiroshi Kojima? — Não foi difícil descobrir quem era o pai do garoto após uma rápida busca nos contatos da escola.

— É... — Ela se encolheu, abraçando a si mesma.

— Bom, os dois garotos parecem merecer você. A escolha é sua.

— Ah, obrigada, pai! — A vi sorrir pela primeira vez naquele dia.

Não adiantava brigar com ela; por mais que fosse meu primeiro instinto. Gostar de alguém era algo natural e acontecia mesmo que não nos déssemos conta. Como fora comigo e com a mãe dela. Mas ela ainda era a minha

menininha...

— Tenha cuidado e vá com calma. Você só tem quatorze anos.

Ela revirou os olhos, brava comigo. Pressionei os lábios para conter o riso e manter minha postura autoritária.

— Eu vou fazer quinze logo.

— Mas ainda não fez. Já tive a sua idade, com toda a curiosidade e hormônios.

— Pai...

— Char, não falo por mal. Lamento sua mãe não estar aqui. Mas pode e deve contar comigo. Quando você nasceu, eu era um moleque e não foi fácil, mesmo com todo o dinheiro.

— Pai, só estava beijando o Henry. Não exagera! E, quando nasci, você já tinha vinte anos.

— Só quero dizer para conversar comigo, se precisar.

— Tudo bem.

— Sei o quanto uma mãe faz falta. Lamento todos os dias por não a ter salvado. — Engoli em seco e tentei não chorar. Não queria parecer mais fraco do que já me sentia na frente da minha filha.

— Papai, se nem os médicos conseguiram, você não tinha nada a fazer.

— Eu sei. — Respirei fundo para conter a lágrima que teimou em pesar meus olhos...

— Por que não arruma outra esposa? Candidatas nunca faltaram.

Aquela pergunta outra vez. Podia parecer simples seguir em frente, como era trocar de roupa. A verdade era que eu não queria trazer para casa, colocar como madrasta de Charlotte, uma mulher que eu não amasse como

amava a mãe dela. *Sim, amava...* podia soar estúpido, mas nenhum desses anos tiraram de mim o que eu sentia pela Cíntia. Se não fosse por ela, talvez eu nunca tivesse me casado, nunca tivesse tido uma filha. Por muitos anos eu não tinha sido esse tipo de homem. A vida solitária me era melhor do que tentar encontrar em outras mulheres o que só achei nela.

— Eu temo que não sejam boas para você.

Era mentira, mas talvez eu fosse covarde demais para admitir que não queria outra mulher, mesmo que isso significasse que Charlotte não teria outra mãe.

— Só isso? — Ela franziu o cenho, desconfiada. — Já estou grandinha, pai. Acho que posso cuidar de mim mesma.

Ri sem graça. Minha filha me conhecia melhor do que eu gostaria.

— Além disso, tenho a Dalva. Você precisa mais de uma namorada do que eu de uma mãe.

— Ah, é? — Eu a peguei pela cintura e a balancei no ar, assim como fazia quando era um bebê.

— Pai, me põe no chão! — Balançou os braços com medo de cair.

— Ah, minha pequena. Para que preciso de uma namorada se já tenho a mulher da minha vida bem aqui?

— Não começa! Sou a sua filha e você precisa de uma namorada.

Eu ri, por mais que aquilo doesse no meu coração. *Eu não preciso de uma namorada, preciso da sua mãe.* Jamais admitiria isso em voz alta, pois acabaria sendo arrastado para a terapia, como minha mãe fizera há alguns anos atrás. Serviu para aprender a fingir bem.

— Sério, pai! Me coloca no chão.

Depois dela espernear bastante, a coloquei de volta no chão.

— Não quero outra pessoa. Sei que é ridículo, mas ainda sinto que sua mãe espera por mim — confessei; entretanto, logo me arrependi da besteira que disse. Cíntia estava morta. Eu tinha segurado a mulher da minha vida morta nos meus braços, e contra isso não havia como lutar.

— Ai, pai, para com isso! A mamãe está morta.

— Eu sei. — Abri um sorriso amarelo.

— Ah, papai! — Ela me abraçou apertado. — Não fica assim. Sabe que essa coisa de alma gêmea é bobagem, né? Vai amar outra mulher tanto quanto amou a mamãe.

— Deu meia dúzia de beijos e agora acha que pode me dar conselhos amorosos? — Gargalhei.

— Acho que nem chegou a tantos. — Riu.

— Não se preocupe, filhota. Estarei bem enquanto tiver você.

— Vai me ter para sempre. — Ela me abraçou de novo. — Eu te amo, papai.

— Eu também te amo, Char. — Afaguei o cabelo preto dela. Confesso que sentia falta do loiro, mas entendia que minha filha precisava da própria personalidade.

— Vou tomar café da manhã, quer vir comigo?

— Eu adoraria.

— Amanhã vou sair com o Henry, tá bom?

Fechei a cara. Tá, não era tão fácil lidar com Charlotte saindo com garotos.

— Vamos conversar sobre isso depois.

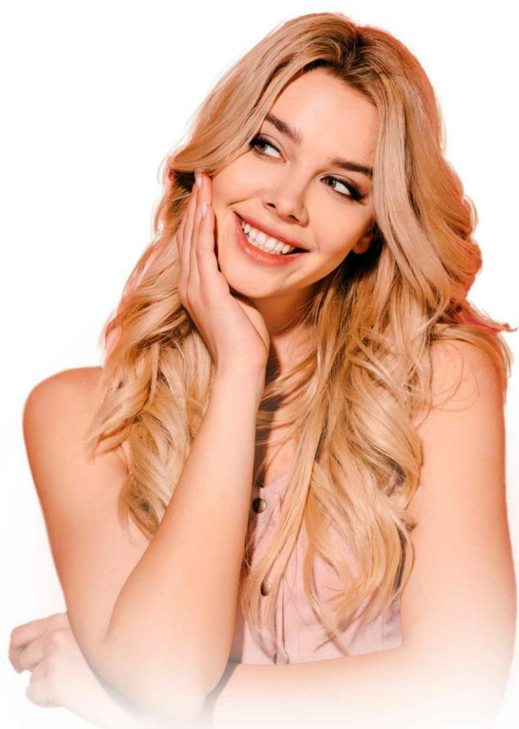
— Pai!

— Tudo bem, mas nada de voltar tarde ou ir para a casa dele, muito menos dispensar o guarda-costas.

— Sério que ele vai ficar em cima?

— Ou ele vai ou você fica aqui. — Eu me impus. Ela nunca venceria o meu impulso de protegê-la com uma cara feia.

— *Tá...* — choramingou ela, enquanto íamos para a sala de jantar.



CÍNTIA

Capítulo 56

Sophia era a minha aluna de inglês naquela manhã. Quando cheguei na sua casa, a menina estava sentada na mesa da sala, com uma revista cobrindo o rosto enquanto ela passava de uma folha para outra.

— Bom dia!

— Bom dia, Cíntia! — Ela abaixou a revista e olhou para mim.

— Parece interessante a revista. — Coloquei a pasta com livros e atividades sobre a mesa e a bolsa pendurei na cadeira antes de sentar.

— Na verdade, nem tanto. Só tem fofoca de adolescentes famosos e testes sem pés nem cabeça.

— Então por que fica lendo?

— Porque é divertido. — Ela deu de ombros.

Olhei para a revista e engoli em seco ao me deparar com o título de uma das reportagens.

Filha adolescente de Vitor Doneli é flagrada em suposto enlace amoroso com o filho do sócio do pai.

Apertei uma caneta em minhas mãos e acabei partindo-a ao meio. *Filha do Vitor?* Eu precisei de toda a força que ainda existia em mim para não começar a chorar. A foto estava borrada, não dava pra ver a garota direito, apenas uma parte do rosto e os cabelos escuros como os dele.

Para que ele tivesse uma filha adolescente, a menina não podia ser muito

mais nova do que a Cecília. Os cálculos me devastaram; ele teve outra filha depois que me abandonou. Era provável que estivesse casado com outra mulher. Gostava de viver com a dúvida de que ele não havia desfeito o nosso casamento para se casar com outra, por isso sempre fugi de notícias sobre a vida pessoal dele. Foi estupidez alimentar qualquer esperança por tanto tempo, mas a realidade me acertou, ainda que tarde. Tantos caras por aí, por que eu ainda o queria? A esperança que carregava comigo foi enfim esmigalhada no meu peito.

— Cíntia, está tudo bem? — Sophia tombou a cabeça para me encarar.

— Está sim. — Engoli em seco e esfreguei os olhos para afastar as lágrimas que lutavam para cair. — Vamos começar a aula? — Peguei um livro em cima da mesa, empurrei a revista discretamente para o lado e a fechei.

— Vamos. — Sophia assentiu.



— Mãe! — O grito da minha menininha inundou a casa e fez com que eu abrisse um largo sorriso assim que cheguei.

— Estou indo, Cíntia. — A babá de Cecília passou por mim assim que entrei na sala.

— Obrigada, Joana. Tenha um bom fim de semana.

Ela sorriu para mim antes de seguir porta afora.

— Cecília, filhota! — Deixei a bolsa cair no chão assim que minha pipoquinha se atirou em meus braços. Tudo o que eu precisava era do carinho dela depois do dia terrível que tive ao me deparar com uma notícia sobre o

Vitor.

— Estava com saudades, mamãe! — Ela apertou ainda mais o abraço, estava ficando forte.

— Mas nós nos vimos ontem, querida.

— Eu sempre sinto saudades. — Fechou a cara e eu ri.

— Como foi seu dia? — Eu me afastei e peguei a bolsa no chão.

— Bom. A escola é mesmo boa e os professores são sensacionais. Pena que não posso dizer o mesmo das pessoas.

— Ceci, você é sempre tão doce. Não arrume confusão.

— Ah, mamãe, a culpa não é minha se eles implicam comigo.

Olhei para ela em um tom recriminatório e Cecília desviou o olhar, colocando uma mecha do cabelo loiro atrás da orelha. Sorri para ela. Confesso que era do tipo de mãe protetora e queria Cecília longe de qualquer confusão.

— Vamos ver um filme juntas? — Os olhinhos dela até brilharam em súplica. Era difícil resistir aos olhos verdes do pai, os mesmos olhos que me seduziram anos atrás.

— Querida, você tem que estudar.

— Por favor, mamãe! Amanhã é sábado e já estudei um pouco hoje.

Torci os lábios e fiquei a encarando.

— Por favor, mamãe... — Cecília poderia não saber o motivo, porém tinha conhecimento do quanto era difícil para mim dizer não quando encarava os olhos dela, e usava isso contra mim.

— Tudo bem! — Acabei sorrindo para a minha pequena pilantra.

— Obrigada! Eu te amo.

— Também te amo, Ceci. Escolhe o filme e faz a pipoca enquanto eu tomo um banho.

— Tá! — Ela me deu um beijo e correu para a cozinha.

Fui até meu quarto, coloquei a bolsa sobre a cama, e peguei uma camisola confortável na porta do meio do guarda-roupa. Segui para o banheiro. Tomei um banho longo e agradável, lavando os cabelos.

Após pentear meus cabelos diante do pequeno espelho, saí seguindo o cheiro de pipoca que vinha da cozinha.

— E aí, vamos lá?

— Vamos! — Cecília me entregou o refrigerante e a pipoca.

Coloquei as coisas sobre a mesa de centro e me ajeitei no sofá, com uma almofada no colo. Enquanto isso, Cecília escolhia um dos DVD's arranhados, devido as nossas maratonas de filmes favoritos. Sentou ao meu lado e se aconchegou em mim, assim como fazia desde que era bebê. O filme começou e fiquei fazendo cafuné na cabeça dela enquanto assistíamos as cenas e comíamos pipoca.

— Mãe?

— O que foi? — Olhei para a minha filha, ignorando a cena do filme que passava na televisão.

— Você é tão bonita. Por que depois que eu nasci nunca mais você teve um namorado?

— Preciso cuidar da minha menininha. — Esfreguei meu nariz no dela, do mesmo jeito que a fazia rir quando era um bebê.

— Já vou fazer quinze anos. Isso não é mais desculpa. — Cecília deu de ombros.

— Achei que ainda colasse. — Ri, sem graça.

— Não mesmo! — Fiz uma careta. — Ainda sente falta do meu pai?

— Isso não faz diferença.

Não fazia diferença naquela época e não faria anos depois. Todo o amor que dei a Vitor não foi o suficiente para que ele ficasse comigo e com a filha recém-nascida. Doía pensar nisso, mas era a triste verdade. Eu sentia raiva ao lembrar da notícia. Ele não precisou da gente antes e, definitivamente, não se importaria quase quinze anos depois. Já possuía outra esposa, outra filha, e outra vida. Era difícil, mas eu precisava aceitar isso.

— Ah, faz, sim. Se não fizesse, você teria seguido em frente.

A verdade era que relacionamentos definitivamente não eram para mim. Talvez tudo tivesse sido melhor se o Léo não tivesse morrido naquele terrível acidente de moto. Cecília teria um pai, eu teria um companheiro, e talvez não me remoesse a cada notícia que recebia do Vitor.

— Isso não é assunto de criança, mocinha.

— Não aja como se eu não entendesse, mamãe! — Ela cruzou os braços e fechou a cara.

— Não é isso, Ceci... — Ela abaixou o rosto e desviou o olhar. Estava lutando com todas as minhas forças contra as lágrimas que queriam cair desde o momento em que vira a reportagem sobre a filha do Vitor. — É difícil de explicar.

— Para mim, parece bem simples: você nunca o esqueceu.

— Cecília... — Respirei fundo. — Não esqueci, claro que não! Ele me deu você.

Meia verdade era melhor do que nada. Sim, Vitor havia me dado Cecília, o maior bem que eu tinha na vida e, de certa forma, não me

arrepentia de tudo o que vivemos, mesmo diante do trágico fim que tudo tomou.

— Qual era o nome dele, mamãe?

Ai, Cecília... se tinha uma coisa que ela havia herdado de mim e do pai, e tinha em dobro, era determinação. Ela era do tipo que não largava o osso.

— Por que quer saber disso agora, Cecília?

— Porque nunca me contou.

— Mas não faz diferença saber ou não. Não precisa sofrer com isso.

Eu queria protegê-la e, talvez, a mim mesma também. Eu podia ter sobrevivido ao abandono do homem que mais amei na vida, contudo, era incapaz de permitir que ele e a família tirassem Cecília de mim, e recurso para isso, tinham de sobra.

— Ele é meu pai, afinal. Tendo me abandonado ou não, continua sendo meu pai. Acho que mereço saber.

Cecília não me daria trégua, percebi isso em seu olhar. Eu poderia mentir, dizer um nome aleatório, uma pista falsa com a qual nunca chegaria a lugar nenhum. No entanto, Cecília merecia a verdade, ou ao menos, parte dela.

— Vitor. — Dei um longo e doloroso suspiro, mas, no momento seguinte, foi como retirar um peso das costas. — O nome do seu pai é Vitor. Mas não quero saber da senhorita atrás dele, entendeu? Não quero que se machuque.

— E o sobrenome?

— Cecília! — rosnei, quase como uma urso brava e Cecília se jogou nos meus braços, abraçando-me bem apertado.

— Te amo, mamãe.

— Também te amo, minha macaquinha. — Respirei por um longo minuto o perfume dela enquanto permanecíamos abraçadas.

Por fim, ela desistiu de fazer mais perguntas e se virou para assistir à televisão. Temia que a curiosidade e a busca por respostas de Cecília só pudessem trazer dor a nós duas. Estávamos bem assim, não precisávamos do Vitor em nossas vidas.



VITOR

Capítulo 57

Girei uma caneta entre os dedos enquanto encarava Lúcio e Philip sentados diante de mim no meu escritório.

— Não tenho dúvidas de que a compra da empresa de cosméticos que domina o sul do país será um ótimo investimento.

— Dominando os medicamentos, teremos um ótimo monopólio...

Parei de prestar atenção no que Lúcio estava falando no momento em que a foto da minha filha brilhou na tela do celular largado sobre a mesa. Charlotte nunca me ligava no horário em que eu estava na empresa, a não ser que fosse muito importante.

— Desculpem, é minha filha, vou ter que atender.

— Entendo como é. — Philip deu um sorrisinho amigável.

— Oi, filha, o que foi?

— Papai, socorro! Mataram o Jorge! — Gelei no momento em que ouvi aquela frase.

— Espera, Charlotte, o que você está falando?

— Vem para cá, pai, agora!

— Eu preciso ir. — Meus sócios não contestaram diante da expressão de choque que tomou meu rosto.

Só tive o trabalho de pegar a chave do carro na primeira gaveta da mesa e jogá-la no bolso antes de sair correndo porta afora.

Minutos depois, dirigindo feito um louco, parei o carro ao lado de uma viatura policial e caminhei até a escola. Uma ambulância passou em

disparada pela rua, como se a vida que carregavam lá dentro precisasse de o máximo de urgência para ser salva.

Vi um amontoado de policiais e Charlotte no meio deles. Abri passagem com os braços.

— Charlotte! — Eu a abracei apertado e ela se aninhou junto a mim. Podia senti-la tremer contra o meu peito e estava gelada; imaginei que pelo tamanho susto que tomara.

— O Jorge está indo para o hospital, papai.

— Eu sei, mas ele vai ficar bem. O tiro não pegou em nenhum órgão vital. — Era mentira, eu não fazia ideia da gravidade do ferimento do motorista, porém queria que minha filha parasse de tremer de medo.

— Tinha tanto sangue, papai! Tanto sangue. — Ela soluçava, dando pulinhos contra o meu peito.

— Vai ficar tudo bem, filhinha. Está aqui comigo, agora. — Acariciava seu cabelo, tentando tranquilizá-la.

— Eu preciso recolher o depoimento. — Um policial se aproximou de nós.

— Ela está muito assustada. Precisa ser agora? — Olhei para Charlotte e ela ainda tremia.

— Encontramos o motorista dos Castelli morto a três quilômetros daqui e não encontramos o garoto. Precisamos entender o que está acontecendo aqui.

Respirei fundo tentando manter a calma e não deixar o meu desespero de pai sobressair a sensatez diante daquela situação, contudo, temo ter falhado miseravelmente nisso.

— Tentaram matar um empregado meu e deixaram minha filha em

choque. Foi isso que aconteceu! — Eu não deveria ter gritado com o policial, a culpa não era dele, mas gritei, enquanto abraçava a minha filha apertado. Sabia que se algo acontecesse a ela, eu perderia o meu único vínculo com a sanidade.

— Cecília!

Aquela voz...

Fui paralisado pelo grito e achei que, em meio a todo o meu desespero, havia começado a delirar. O medo de que algo houvesse acontecido com a Charlotte estava me fazendo ouvir a voz da mãe dela, uma voz que foi silenciada cruelmente há quatorze anos.

— Cecília!

Ouvi novamente e, mesmo achando que estava delirando, eu me virei no sentido do som. Era uma voz carregada de desespero, mas eu a conhecia tão bem como a minha própria, e a reconheceria em um milhão de anos.

A voz foi apenas o primeiro choque, porque eu vi a Cíntia, a minha Cíntia, deixar o carro no meio do estacionamento e correr até os policiais.

— Onde está a Cecília? Quero saber onde está a minha filha? A van que veio buscá-la só encontrou o homem baleado, e a motorista chamou a polícia e ligou para mim. Estou tentando ligar para a minha filha, mas ela não atende. Eu estava trabalhando; larguei tudo e vim para cá.

— Não sabemos da sua filha. Quem ela é, senhora?

— Cecília, Cecília Zanette. Eu sou Cíntia, a mãe dela. Preciso achar a minha filha!

— Acalme-se, senhora. — O policial tentou ser gentil.

Foi como estar diante de uma miragem. Um jogo sádico produzido por minhas próprias lembranças. Fantasmas não existiam, tampouco

esbravejavam com policiais. Minhas pernas se recusaram a se mover, travaram assim como meus músculos, enquanto meu cérebro tentava processar o que estava diante de mim. *Eu a havia segurado morta em meus braços...* Como ela poderia estar ali diante dos meus olhos? Mais velha, porém radiante e viva como nunca.

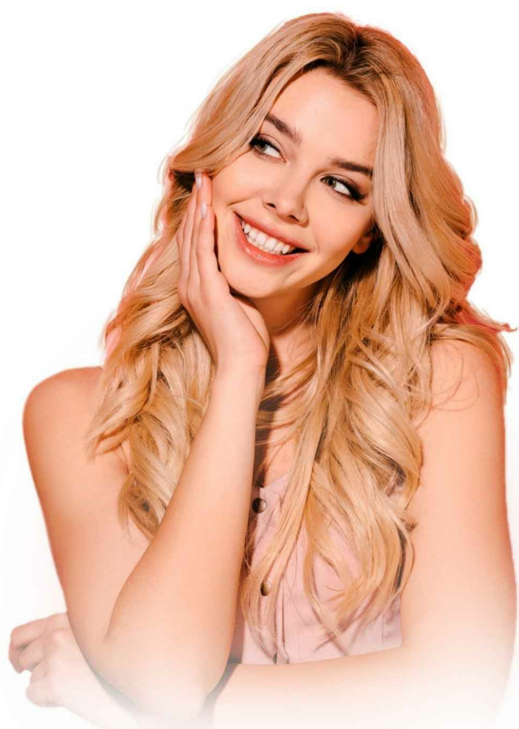
As pessoas e o estacionamento giraram ao meu redor. Tive medo de perder o equilíbrio e cair de joelhos. Eu deveria estar sonhando; não era o primeiro sonho que tinha com a Cíntia, e era óbvio que era isso diante de toda aquela situação.

— Pai, o que foi? — Ouvi a voz de Charlotte, mas a ignorei.

— Cíntia... — dizer o nome dela em voz alta me fez estremecer e tornou tudo estranhamente mais real.

— Pai?

— Fique aqui. — Soltei Charlotte e corri até a mulher dos meus sonhos que parecia mais real do que nunca. — Cíntia!



CÍNTIA

Capítulo 58

Eu estava na recepção do hotel, vendo o tempo passar, quando senti um calafrio que me paralisou. Achei que não tivesse sido nada, até que, uma hora depois, a responsável pelas crianças no escolar ligou para mim. Perguntou se alguma outra pessoa havia buscado a minha filha, pois ela não estava na escola. *Não!* A resposta era óbvia, ninguém tinha ido buscar a minha filha; essa era uma responsabilidade deles. Ainda assim, liguei em casa e perguntei a Joana sobre Cecília, mas a menina não estava lá. Naquela altura, meu coração estava em frangalhos no peito de tanto que a preocupação o espremeu.

Por fim, mal avisei o gerente e sai correndo do hotel. Uma colega de trabalho achou tolice meu desespero; ela poderia ter ido para casa de uma amiga, mas não! Ela não conhecia Cecília como eu. Minha filha sabia bem o tamanho da minha preocupação. Jamais faria uma coisa dessas sem me avisar.

Cheguei na escola parando o carro de qualquer jeito, deixando a chave no console assim que vi os policiais. Odiei estar certa naquela situação. Policiais e minha filha desaparecida eram uma combinação desesperadora.

Chamei por ela, perguntei aos policiais sobre o paradeiro dela, até que um deles resolveu se aproximar de mim. Mas nada ajudou, pois ele nem fazia ideia de quem era a minha filha.

Foi então que ouvi a voz que parou meu coração desde o primeiro instante. *Não poderia ser...* O que ele estava fazendo ali? Será que Vitor sabia do desaparecimento da nossa filha? Mas, se ele não tinha dado a mínima para

ela nos últimos anos, por que se importaria agora?

— Cíntia... — Os dedos trêmulos dele deslizaram pelo meu rosto, como se ele quisesse ter a certeza de que era possível me tocar.

Ele estava pálido como se tivesse tomado o maior susto da vida.

— Vitor?! É você? — Estava estupefata com a reação dele.

— Sim. Me disseram que você estava morta. Dois médicos no hospital me disseram que você estava morta! Você está aqui, como é possível? — Os olhos dele estavam carregados de lágrimas que não podiam ser falsas.

Morta...?

— Disseram para mim que você tinha ido embora, que não queria mais saber de mim ou da criança. Nem me deixou um bilhete seco. Abandonou a mim e a nossa filha. Achei que nos amava. — Não consegui conter as lágrimas, que lutei para segurar nos últimos dias. Eu havia suprimido tantas vezes as lembranças de quando ele me deixou, inventando tantas histórias para mim mesma que, após quatorze anos, não lembrava mais dos fatos com clareza.

Toquei o rosto dele de volta. Estava mais velho, o cabelo tão negro tinha fios brancos como gotas de neve.

— Não abandonei nossa filha. — As mãos de Vitor que seguravam meu rosto ainda tremiam. — Ela é tudo de mais importante que me restou. — Ele apontou para uma menina a metros de distância.

Olhei para ela. *Os olhos, o rosto...*

— Cecília?

O cabelo preto. Era aquela a menina na reportagem que vi falando sobre a filha de Vitor. Não podia ser.

— Não. Charlotte. — Vitor balançou a cabeça, confuso. — Lembro que você queria esse nome e que eu preferia Cecília. Eu a batizei como Charlotte, do jeito que você queria.

— Não, ela cresceu comigo.

A minha filha estava comigo, ela sempre esteve comigo. Fiquei tonta ao sentir o mundo ruir sob meus pés.

— Os médicos me entregaram ela assim que nasceu. Disseram que só ela havia sobrevivido, e você, não.

— Não acredito que os médicos do seu pai esconderam isso de mim. — Perdi o equilíbrio e tombei para frente, mas Vitor me segurou. — Sempre suspeitei que a minha barriga estava grande demais para um bebê só, mas me disseram que era só uma menina. Eram duas...

Não deveria ser uma surpresa; gêmeos eram comuns na minha família. Muitas vezes eu sentia as duas...

— ...Mãe?

Quando ela chamou por mim, tentei recuperar o equilíbrio. *Minha filha!*

— Mãe?! — Ela correu até mim e parou ao meu lado.

Eu me desvencilhei dos braços do Vitor e abracei a minha filha. Não era a Cecília, o jeito e a personalidade era certamente outros, porém, ainda assim, era a minha filha.

— Charlotte? — Afastei-me um pouco para poder encará-la.

Ela fez que sim com a cabeça enterrada no meu abraço.

— Mamãe...

Beijei-a no alto da cabeça e a apertei ainda mais contra o meu peito. Não queria que ela se afastasse nunca mais do meu enlace.

— Minha menina, achavam que era louca quando dizia que tinha duas crescendo dentro de mim. Mas aqui está você. — A beijeí milhares de vezes, talvez tentando recuperar os quatorze anos de beijos que eu não pude dar nela.

— É muito bom saber que você não está morta, mamãe.

Estava feliz por ter Charlotte em meus braços, porém, essa felicidade não durou muito, pois logo me lembrei do motivo pelo qual estava ali.

— Mas onde está a Cecília?

— Não sei. As coisas dela estão jogadas ali no chão. — Charlotte apontou para a frente do carro. — Não sei onde ela está.

— Vitor... — As lágrimas tomaram meus olhos outra vez. — Procure por ela...

— Vamos encontrá-la, Cíntia, eu prometo.



VITOR

Capítulo 59

quando meu telefone tocou, ainda estávamos no estacionamento da escola. Abraçado a Cíntia, que tremia muito, eu tentava conversar com os policiais enquanto não tirava os olhos de Charlotte. Não poderia perder duas filhas no mesmo dia. Era um número desconhecido e todos ficaram em silêncio quando atendi e coloquei o celular na orelha.

— Alô!

— Estamos com a sua filha — começou uma voz distorcida do outro lado da linha.

— Não ousem tocar num fio de cabelo dela ou eu juro... — Um excesso de raiva subiu na minha cabeça. Eu podia nunca ter visto Cecília antes, mas só o fato de saber que ela era minha filha, acionou em mim todos os instintos paternos, inclusive o medo da perda.

— Nada acontecerá com ela se pagar o nosso preço.

— Quanto é?

— Dez milhões de reais. Mantenha a polícia longe disso ou a sua filha sofrerá as consequências. Entraremos em contato para marcar o local e o horário da troca.

Ele desligou antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

Cíntia ergueu a cabeça e olhou para mim com súplica e perguntas.

— Sequestraram a nossa filha. Pediram dez milhões por ela. Vão ligar para combinar a troca.

Ela apoiou a cabeça no meu peito outra vez e voltou a chorar. Aquilo me

partiu em dois. Eu acabara de reencontrar o grande amor da minha vida e ela estava devastada pelo sequestro da nossa filha. Tudo o que eu podia dizer era que tudo ficaria bem, ainda que não tivesse certeza disso.

— Vamos para casa, papai. — Charlotte cutucou meu braço.

Sim, o melhor era ir para um lugar confortável e familiar enquanto esperávamos aqueles desgraçados darem alguma notícia.

— Vamos para minha casa, Cíntia. — Beijei-a no alto da cabeça enquanto acariciava seus ombros.

— O apartamento?

— Não, a mansão que pertencia ao meu pai.

Eu a vi empalidecer e a apertei ainda mais contra o meu peito.

— Não se preocupe. Ele morreu há quase dez anos; apenas Charlotte e eu moramos lá.

Ela engoliu em seco.

— Foi seu pai quem me disse para nunca procurar por você ou ele tiraria Cecília de mim.

— Aquele... — Mordi os lábios para conter um palavrão. Por mais furioso que eu estivesse, isso não me surpreendia. Meu pai era exatamente esse tipo sujo de homem.

— Vamos pra casa, amor. — Puxei ela comigo e Cíntia não contestou.

Ela estava desesperada e eu também. Nos momentos em que sonhei com reencontros impossíveis entre nós dois, apenas corríamos um para os braços do outro e toda a dor era apagada, mas na vida real, as coisas eram bem diferentes. A situação em que nos reencontramos não me permitia sequer beijá-la.

Ela e Charlotte foram em seu carro. Por mais que não quisesse nunca mais me separar, foi bom uns minutos a sós. Conectei o celular no sistema do carro e fiz uma ligação.

— Vitor, filho, há quanto tempo não conversamos? Estava com saudades de você. — Minha mãe atendeu no segundo toque.

— Cíntia está viva.

— Oh, céus! Sério? Como assim?

— Não finja que não sabia de nada. — Nunca fui tão ríspido com ela.

— Querido...

— Estou farto de mentiras, Alice!

— Seu pai não a achava boa o suficiente para você.

— Não era ele quem tinha que decidir isso.

— Mas tentou. Lamento querido.

— Se ele estivesse vivo, eu juro que o mataria de novo. — Apertei o volante com toda a força, espremendo o couro entre meus dedos. — O corpo que eu enterrei...

— Uma boneca.

Cerrei os dentes e tentei me concentrar na estrada enquanto certamente tentava me ater ao pequeno fio de sanidade que ainda me restava.

— Seu pai soube da gravidez no momento em que você levou a Cíntia para fazer o exame na clínica, e acompanhou de perto cada avanço. Ele soube das gêmeas, mas garantiu que os médicos não contassem isso a vocês, porque a melhor forma de manter você quieto era deixar que ficasse com uma das meninas. Assim como para deixá-la longe, usaria a outra criança. Estava tudo combinado com a equipe médica; iriam tirar você da sala de parto e simular o

óbito. Usaram uma substância para parar o coração dela e deixaram que a segurasse pela última vez para que acreditasse.

— Você sabia disso o tempo todo e não me falou nada! — Quis espremê-la entre os meus dedos de tamanha raiva que estava sentindo. — Viu cada lágrima minha e me deixou sofrer. Deixou que a Charlotte crescesse sem mãe.

— Sabe como seu pai era. Ele também me ameaçou para não dizer nada.

— Ele morreu tem quase dez anos. DEZ ANOS! Poderia ter me dito.

— Achei que fosse melhor não reabrir velhas feridas. Você precisava estar bem para assumir a empresa.

— A família da Cíntia também não morreu no acidente de carro, não é?

— Seu pai pagou o policial para mentir. Era óbvio que levaria a menina para conhecer os avós e acabaria descobrindo toda a verdade.

— Não consigo acreditar o quão baixo vocês conseguiram ser.

— Vitor, seu pai...

— *FODA-SE!* Não culpa só ele como se você fosse inocente. Eu chorei cada minuto da minha vida longe daquela mulher. O quão doentes vocês dois poderiam ser, ao ponto de pensar que todo o sofrimento que eu passei era a melhor coisa para mim?

— Achei que você fosse superar. Iria encontrar outra pessoa.

— Estava nos meus olhos todos esses anos que eu não superei.

— Era só uma mulher qualquer, filho.

— Cala a boca! — O carro tremeu com o meu grito. — Eu quero você e toda essa farsa bem longe de mim, das minhas filhas, e da Cíntia. Pode ter a certeza de que eu vou mandar caçar a licença de cada maldito médico que

confabulou com isso.

— Vitor...

Desliguei a chamada.



Assim que cheguei em casa, Bernardo Castelli ligou para mim. Pelo visto, o filho dele foi pego junto com a Cecília. Eu o convidei para se reunir comigo na minha casa enquanto pensávamos no melhor plano para trazer nossos filhos de volta.

Estávamos reunidos na sala de jantar, Cíntia estava sentada ao meu lado enquanto eu segurava uma de suas mãos e a abraçava pelos ombros. Ela ainda tremia e chorava, eu apenas sussurrava um: *vai ficar tudo bem*. Ela não sentia tanta certeza em minhas palavras, e não era a única.

— Será que eles machucaram a Cecília? — Cíntia tirou a cabeça do meu peito e olhou para mim.

— Calma, Cíntia. — Beije-a na testa. — Ela vale mais para eles viva. Só querem o meu dinheiro. Vão devolver a nossa filha.

— Mas dez milhões é muito dinheiro...

— Não se preocupe. Eu tenho.

— O meu filho deve estar desesperado. — Lucinda, mulher do Bernardo, colocou as mãos na cabeça e começou a chorar também.

— Vitor, vamos até o banco. — Bernardo se levantou num rompante. — Logo vão ligar para combinarmos o local da troca. Não importa quanto tenha que pagar, eu quero o meu filho de volta.

— Eu também! — Se era dinheiro o que queriam, eu iria pagar. Pelo menos a herança do meu pai serviria uma única vez para manter a minha família unida.

— Vamos ter cuidado. — Levantou um dos policiais vestido como um homem comum. — Acompanharemos vocês.

— Se eles suspeitarem que a polícia está envolvida... — Lucinda estava tão desesperada quanto Cíntia e eu não tirava a razão das duas.

— Acalme-se, senhora. Vamos parecer meros seguranças. Mas esses caras não podem sair impunes.

— Se o meu Caio...

— Nosso filho vai voltar em segurança, meu amor. — Bernardo apertou o ombro da mulher.

Fiz um gesto com a cabeça para que Bernardo me seguisse.



Ter dinheiro e influência tinha as suas vantagens. Bernardo e eu teríamos qualquer quantia que fosse necessária para trazer nossas crianças de volta para casa, porém, não apenas isso; assim que os criminosos ligaram agendando o local e a hora da troca, um grupo inteiro de atiradores de elite da polícia foi direcionado para o local, camuflado na noite que já recaia sobre nós. Fossem lá quem fossem aqueles bandidos, iriam se arrepender de terem mexido com as nossas famílias. Do alto de toda a minha raiva pela revelação dos acontecimentos que me separaram da Cíntia, queria que ao menos alguém tivesse a punição mais severa possível.

Minha mão suava frio na alça da bolsa de couro que eu carregava. Nela,

não estavam os milhões prometidos; apenas um grande amontoado de papel de notas falsas. A princípio, eu e o Bernardo achamos aquilo uma grande loucura, porém fez sentido quando nos garantiram que nossos filhos já estariam em um local seguro quando colocassem as mãos nas bolsas.

Desci do carro no assombroso local indicado. Bernardo saiu pela porta do carona e se colocou ao meu lado. Olhei em volta; estávamos diante de uma fábrica abandonada, além dos limites da cidade; por mais que soubesse que os atiradores estavam ali, eu não conseguia vê-los.

Ouvi o chiado de um carro e uma van cinza parou a vários metros de distância. Um homem desceu dela segurando uma garota pelo braço. Soube de imediato que era Cecília, porque tinha a mesma estatura e formato de corpo que a Charlotte. Ela cambaleou, contudo, o sujeito a manteve de pé. Ele removeu o capuz da cabeça dela e ela chacoalhou os cabelos loiros. Outro sujeito segurava um menino ao lado dela.

— Filho... — Ouvi Bernardo balbuciar.

Cecília pareceu arregalar os olhos e me encarou dos pés à cabeça. Ela não sabia quem eu era; não me surpreendia o seu espanto.

— Pai?

— Vai ficar tudo bem, filha. — Soltei a mala de dinheiro falso no chão. — Aqui está o dinheiro. Agora, me entregue a minha filha.

— Espere. — O homem que segurava Cecília encostou o cano da arma na cabeça dela e eu senti meu peito se revirar por dentro. — Vá conferir o dinheiro. — Ele fez um movimento de cabeça para ordenar ao outro que fosse pegar a bolsa.

— Aqui está o combinado! Me entreguem a minha filha — insisti. Não podiam tocar na mala antes que Cecília estivesse nos meus braços.

— Não está no direito de dar ordens aqui, doutor. Ela vai quando nós decidirmos que sim.

— Soltem ela! Parem de apontar essa arma para a minha filha. Prometeram devolvê-la em segurança caso eu trouxesse o dinheiro.

Ouvi um tiro e o homem que a segurava caiu para trás.

Eu senti medo e imaginei o quanto a minha filha poderia estar assustada, tudo o que queria era tirá-la dali o mais rápido possível.

— Filha, corra para mim! Não olhe para trás, só corra. — Abri os braços esperando por ela.

Ela hesitou um pouco, porém, logo que fitou o fundo dos meus olhos, ela começou a correr.

Os sequestradores também dispararam, mas, por sorte, não tinham uma mira tão precisa quanto os atiradores à espreita.

Cecília tropeçou pouco antes de tocar os meus braços, porém a peguei no ar antes que caísse e a apertei junto ao meu peito.

— Pronto, Cecília! Acabou! Você está segura agora. — Beije-a no alto da cabeça e a abracei, protegendo-a com o meu corpo.

— Sabe quem eu sou? — Ela se afastou para me encarar. Os olhos tão verdes quanto os meus estavam carregados de lágrimas.

— Sim, mas não sabia até ver sua mãe. Por quatorze anos acreditei que ela estava morta e que só tivéssemos a Charlotte, mas vai ficar tudo bem agora.

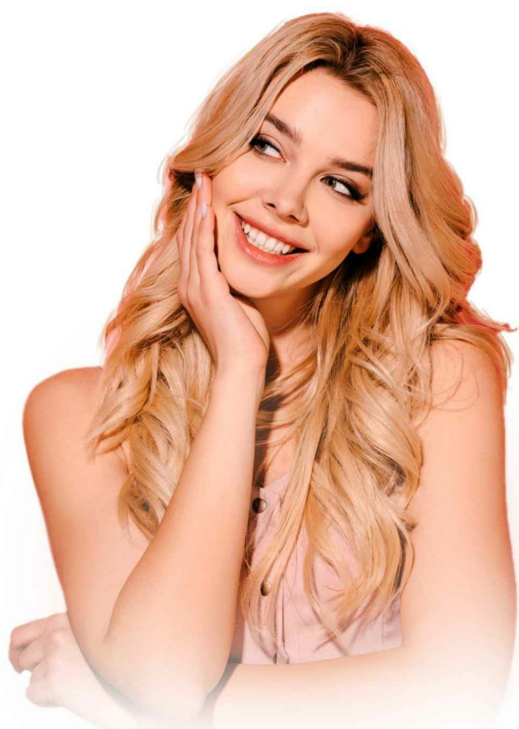
— Cecília? — O garoto chamou por ela e a menina se desvencilhou dos meus braços.

— Você está bem? — Ele a abraçou.

— Estou, e você?

— Também.

— Vamos embora daqui. — A puxei pelos ombros e a guiei até o carro.



CÍNTIA

Capítulo 60

Eu estava abraçada a Charlotte, quando ouvi o som da porta da sala sendo aberta. Meu coração quase veio a boca quando um policial passou por ela e em seguida Vitor, carregando a nossa filha. Ela estava tão suja e descabelada que o meu desespero não se tornou menor.

— Cecília!

— Mamãe! — Ela saiu dos braços do Vitor e correu até mim. Desabei em lágrimas enquanto a abraçava o mais forte que podia sem machucá-la. Sentia cheiro de poeira nela, mas não de sangue, o que amenizou um pouco o meu desespero.

Apesar de tudo, ela finalmente estava na segurança dos meus braços.

Eu desvencilhei a cabeça dos cabelos de Cecília e olhei para o pai dela.

— Obrigada, Vitor, por trazê-la de volta para mim.

— Ela também é minha filha. Faria qualquer coisa para que ficasse em segurança.

— Os sequestradores... — Engoli em seco ao pensar naqueles monstros.

— Nunca mais vão se aproximar das nossas filhas. Me assegurarei disso.

Abri um pequeno sorriso para ele e Vitor me devolveu outro.

— Cecília! — Charlotte estendeu a mão para ela. — Por que não vem comigo para o meu quarto? Pode tomar banho e colocar roupas limpas.

Cecília olhou para a irmã, mas ficou em silêncio. Ainda tremia de medo; para uma menina, depois de tudo pelo o que tinha passado, não era esperado uma reação diferente, mas, talvez ficar um pouco com a irmã a fizesse se sentir melhor.

— Vá com ela, filha. — Dei um empurrãozinho em Cecília.

Ela assentiu em silêncio e seguiu a Charlotte.

Vitor me encarou assim que as meninas sumiram de vista e, finalmente, nós nos vimos de verdade depois de todo o tempo em que passamos separados. Minhas pernas vacilaram, mas me contive para não desmoronar.

— Ainda acho que é um sonho ter você aqui. Não teve uma coisa que eu quis mais nos últimos anos do que você.

— Não tem outra mulher? — Aquele era o tipo de pergunta que eu não deveria fazer, pois a resposta acabaria comigo.

— Nunca teve espaço para outra no meu coração.

Fiquei sem ação; esperava qualquer outro tipo de resposta, mas aquela me desmoronou. Fiquei anos achando que ele tinha virado as costas para mim e para nossa filha, que tivesse jogado o nosso amor no lixo. Entretanto, ali estava ele, olhando para mim com o mesmo ar apaixonado e tudo o que eu queria fazer era me atirar em seus braços.

— Não faz ideia do quanto eu pedi por isso, por uma chance de ter você de novo.

— Bom, aqui estou eu. — Abri um sorriso; depois de todo o estresse que havíamos passado, estávamos ali.

Parecia irreal, mas estávamos diante um do outro, depois de tanto tempo. Nossos olhos se encaravam fixamente e, mesmo sem palavras, sabíamos que ainda éramos donos do coração um do outro.

— Sim... — Vitor me agarrou pela cintura e me puxou para o sofá com ele, me sentando no seu colo. — Nem mesmo a morte foi capaz de nos separar, pois mesmo achando que você estava morta, eu não conseguia deixar de te amar.

— Ah, Vitor. — Cruzei os braços ao redor do pescoço dele. — Fiquei todos esses anos achando que você não me amava mais.

Ele acariciou meu rosto com as duas mãos e colocou meu cabelo atrás das orelhas.

— Não tem nada que eu ame mais do que você e as filhas que me deu. — Ele encarou profundamente meus olhos de uma forma que me fez estremecer.

Vitor enlaçou a minha cintura e me puxou para ele pegando-me de surpresa pela urgência. Porém, não me espantei com a necessidade em seu olhar, passamos tempo demais longe um do outro e tudo o que nossos corpos almejavam eram estar juntos novamente.

Curvei meu rosto na direção do dele e Vitor apertou meu corpo mais junto ao seu enquanto me beijava. Enrolei meus dedos em seu cabelo negro, intensificando nosso beijo. Sua língua ainda tinha o mesmo sabor doce e seu toque ainda me provocava o mesmo calafrio seguido de um calor que ia subindo.

Ele apertou mais a minha cintura antes de descer com as mãos. Mordi seus lábios e soltei um gemidinho devido a forma como ele me tocava. As mãos grandes e pesadas ainda se lembravam exatamente de cada parte de mim. Eu estava em chamas; havia me esquecido de como o homem que eu amava me fazia sentir.

Os lábios de Vitor escorregaram até o meu pescoço e eu fechei os olhos, jogando a cabeça para trás. Fazia tempo demais desde a última vez em que ficamos daquele jeito e meu corpo estava sedento.

Assim que ele escorregou as mãos para dentro da minha blusa, eu o afastei.

— Vitor... aqui não! As meninas podem ver.

— Tem razão. Vamos para o meu quarto. — Ele passou as mãos atrás dos meus joelhos e, com um movimento rápido, me pegou no colo.

Observei seus olhos verdes enquanto ele subia a escada comigo. Meu coração não sabia se galopava ou se parava de bater. O seu cheiro, a sua pele, os pelos começando a crescer em sua barba não eram apenas mais um dos delírios que eu tive nos últimos anos; eu estava de volta aos braços dos quais nunca queria ter saído.

— Se for um sonho não me deixa acordar. — Sentou-me na sua cama e começou a abrir com urgência os botões da sua camisa social branca.

Eu me aproximei dele, sem tirar os olhos dos seus, e abri o seu cinto, puxando a fivela e o jogando no chão. Achei que teria uma síncope com a necessidade de ficarmos nus logo. Por muito tempo, eu me esforcei para fazer com que o que eu sentia por aquele homem ficasse apenas no meu passado, mas, diante dele, tudo havia saído do fundo e emergido em erupção, me levando ao colapso. Não havia mais contra o que lutar; meu corpo sempre foi do Vitor e eu queria que ele o tomasse de novo.

Ele tirou a camisa e a jogou em algum canto do quarto e eu abri o zíper da sua calça, puxando-a para o chão juntamente com a sua boxer preta. Vitor agarrou o meu cabelo no momento em que eu segurei o seu pênis entre meus dedos e o abocanhei. Eu não tive calma nem para sugá-lo. Enquanto o Vitor segurava o meu cabelo, eu introduzia o seu membro na minha boca, chupando, sorvendo, e o fazendo gemer cada vez mais alto ao deslizar a minha boca por toda a sua extensão. Estava sedenta e a cada movimento dele para dentro da minha boca, eu esfregava mais as pernas uma na outra; já não estava mais aguentando aquela espera.

Vitor me empurrou pelos ombros e fez com que eu caísse deitada na

cama para que ele pudesse tirar a minha calça e o restante das minhas roupas em segundos, quase rasgando-as no processo, tamanha a ânsia que sentia. Eu não era a única que não aguentava mais ficar com a minha pele longe da dele.

Ele subiu em cima de mim, segurou a minha cintura, e enfiou em um tranco firme e sem qualquer hesitação. Meu gemido foi abafado pelos seus lábios, enquanto Vitor se movia freneticamente. Ele queria cravar o seu corpo no meu e eu entendia a sua necessidade, pois era a mesma da minha. Tínhamos pressa, muita pressa. Eu o abracei com braços e pernas, querendo que o corpo dele ficasse o mais grudado possível ao meu.

O sexo era faminto, esfomeado e intenso. Todos aqueles anos sem tocar o corpo um do outro, havia nos deixado sedentos. Eu não queria que ele tivesse calma, nem que fosse cuidadoso, apenas que aplacasse aquela fome insana que estava se mostrando voraz.

Vitor segurou as minhas coxas, enterrando os dedos na minha pele de forma dolorida, e as manteve abertas. Os movimentos da sua pélvis eram investidas que quase beiravam a violência. Seu corpo estalava ao se chocar contra o meu e arrancava de mim gemidos cada vez mais altos. Ele me devorava sem qualquer cuidado, porém, o momento estava acima de qualquer cautela.

Ele mordeu a minha boca e vi seu olhar paralisar no momento em que jorrou dentro de mim, quase gritando, eliminando a frustração, a dor, e a saudade. Logo eu me juntei a ele, sendo extasiada pelo prazer que tinha quase certeza que jamais sentiria novamente. Estava flutuando sem sair do colchão, completamente nas nuvens.

Como eu senti falta desse homem...

Vitor parou de me beijar, se deitou ao meu lado, entrelaçou seus dedos aos meus, e encostou a cabeça na minha.

— Senti falta disso também.

— Eu nem me lembrava mais como era.

— Não? — Ele se virou ficando de lado para me encarar melhor. — Não teve namorados durante esses anos?

— Não! Bom... — Minha voz sumiu no meio da frase.

— Bom? — Ele insistiu para que eu continuasse.

— Quando seu pai me convenceu a nunca mais procurá-lo e você não veio até mim, eu voltei para a casa dos meus pais com a Cecília recém-nascida. O Léo me propôs cuidar dela, a assumir como filha dele. Mas ele morreu dias depois em um trágico acidente de moto.

— Como filha dele? — Vitor arqueou as sobrancelhas e cerrou os dentes.

— É melhor um pai de mentira do que pai nenhum.

— Não sabe a raiva que eu tenho por saber que o direito de criar ela foi tirado de mim.

— Esconderam de mim a existência de uma criança que saiu do meu ventre. Definitivamente, o que aconteceu com a gente não foi nada justo.

— Depois do Léo, não teve nenhum outro?

— Não me envolvi com o Léo. Não desse jeito. — Passei a mão pelo peito dele. — E depois, não fui para frente com nenhum outro cara. Confesso que eu também não me esforçava.

— Por que não?

— Porque eu ainda amava o idiota que havia me abandonado — falei com um tom de deboche, mas acabei sorrindo, porque era mentira e o meu coração talvez sempre tivesse sabido disso. Vitor não tinha me abandonado.

Vitor passou a mão pelo meu rosto e me beijou.

— Também nunca deixei de te amar. Não quero que saia de perto de mim de novo.

— Eu não vou; Charlotte precisa da mãe e a Cecília do pai.

— E eu preciso de você. — Me puxou para um beijo pelo queixo. — Afinal, se não está morta, ainda somos casados. — Ele passou a língua no bico do meu seio e eu me contorci.

— Acha que o que fizemos no cartório naquele dia ainda vale?

— Acredito que meu pai nunca soube, então, sim. Se não valer, eu me caso com você agora mesmo. — Ele subiu em cima de mim e me beijou, fazendo com que o meu corpo se aquecesse novamente.

— Nossas filhas vão achar isso estranho. — Franzi o cenho e segurei os seus ombros.

— Não fizemos o casamento no religioso com a sua família como eu havia prometido. Podemos fazer agora e ter as duas como damas de honra.

Abri um sorriso e meus olhos lacrimejaram.

— Você ainda é meu... — Acariciei o seu rosto.

— Eu sou. — Pegou a minha mão e colocou sobre o seu peito. — Eu era na primeira vez em que eu disse que amava você e continuarei sendo para sempre. Eu amo você, Cíntia.

— Eu também amo você. — Eu o beijei apaixonadamente, deixando que sentisse a minha necessidade e todos os sentimentos que cultivei enquanto ele estava longe.

— Também amo as nossas filhas.

— Por falar em nossas filhas... — Eu me levantei. — Quero ver como

elas estão.

— Sim, vamos ver elas.

A vontade de permanecer na cama era forte, mas nós éramos pais e a Cecília havia passado por um momento muito traumático.

Vitor foi até o closet, pegou uma camisa dele pra mim e vestiu uma bermuda. Andamos pelo corredor até o quarto de Charlotte. Abri a porta sem bater e vi minhas meninas dormindo na cama, uma ao lado da outra, como deveriam ter ficado a vida toda.

Vitor me abraçou por trás e beijou meu ombro.

— Elas não deveriam ter sido separadas nunca. — Balancei a cabeça em negativa, triste.

— Nem nós dois. — Ele me acariciou. — Mas isso nunca mais vai acontecer.

Assenti e fechei a porta devagar para não as acordar.

— Vamos voltar para o quarto.

— Vitor! — Fechei a cara.

— Fiquei quase quinze anos sem você. Que culpa eu tenho se estou morrendo de saudades?

Ri dele antes de estender a mão, permitindo que me levasse. Eu também estava morrendo de saudades. Ele poderia estar mais velho, mas ainda continuava o cara estupidamente lindo da época em que nos conhecemos.

Voltamos para o quarto e escorei na porta após fechá-la. Vitor segurou a gola da camisa dele que eu estava vestindo e aproximou a sua boca da minha orelha. Seu hálito quente fez com que eu me arrepiasse toda.

— Quero fazer amor com você a noite toda — sussurrou num tom sexy

que me incendiou.

— Faça, não só nessa, como em todas as próximas noites, porque eu vou ser para sempre sua.

— Assim como eu sou seu.

Vitor me beijou, dessa vez com mais carinho. Suas mãos foram parar no meu rosto, enquanto sua língua explorava cada canto da minha boca. Em meio a suspiros, eu me perdia na suavidade daqueles lábios.

— Eu deveria ter vindo atrás de você, ter enfrentado o seu pai.

— Cíntia, não se culpa, nós fomos vítimas. Você tinha medo de perder a Cecília e ele sabia disso; usou as nossas filhas para nos manipular e espero que ele esteja apodrecendo no inferno. Quero parar de remoer o quanto eu sofri e comemorar o fato de você estar de volta. Demorou, mas estamos juntos de novo.

— Estamos juntos — repeti, passando os braços ao redor dele. Poderia ter sofrido muito com a separação, mas, só por estar com ele novamente, eu sabia que tudo iria ficar bem.

Sua boca tomou o caminho de volta para minha e suas mãos abriram os botões da camisa dele que eu estava vestindo, um por um, lentamente, até que a peça de roupa fosse parar no chão. Senti um pouco de vergonha pelas mudanças que o meu corpo havia sofrido com o passar do tempo, inclusive os quilos a mais que eu havia ganhado, mas, quando o Vitor desceu os lábios pelo meu pescoço e abocanhou o meu seio, me beijando com a mesma devoção de anos atrás, soube que, para ele, não importava as pequenas mudanças.

Calmamente, sem a ânsia da primeira vez, Vitor passou as mãos pelo meu corpo, tocando as minhas coxas, a minha bunda, apertando os meus

seios, e causando um incêndio em mim, como se as pontas dos seus dedos fossem inflamáveis. Sua boca saiu de um dos meus mamilos e foi parar no outro e eu soltei um gemido rouco, mordendo o lábio.

Ainda era difícil acreditar que aquele toque carinhoso, os lábios quentes, e a sua doce presença, fossem reais. Porque, por muitas vezes, eu fantasiei com aquilo, em tê-lo me beijando e tocando com todo aquele amor.

Vitor foi descendo, beijando a minha barriga até se ajoelhar diante de mim.

— Afasta as pernas, amor — pediu com jeitinho, e eu acatei sem pensar duas vezes.

Brandamente, Vitor contornou com as mãos a face interna das minhas coxas e aproximou a sua boca da minha vagina. A sua respiração era quente, entretanto me provocava calafrios que me deixavam estremeando. Dessa vez, ele não teve pressa e eu senti que ele queria se relembrar, ou me conhecer novamente.

Com a língua, seguiu pelos lábios da minha intimidade e eu fui ficando cada vez mais úmida. Eu já estava preparada para que ele me penetrasse, mas não seria tão rápido daquela vez. Acariciei o seu cabelo, deixando que ele me lembrasse de como era magnífico ter a cabeça dele entre as minhas pernas. O calor, a pressão, e até o frio me deixavam rendida pelo prazer que era ter a sua língua explorando o meu sexo.

Eu não relutei em afastar as minhas pernas o máximo possível quando ele me introduziu um dedo. Espichei-me contra a porta e puxei o seu cabelo quando a sua língua tomou o caminho para o meu clitóris e seus lábios o envolveram. De boca aberta, rendida aos gemidos de prazer, já estava com a garganta seca.

Vitor me saboreou enquanto agitava o dedo dentro de mim. A sua

língua, os seus lábios, seu hálito, e até mesmo os seus dentes me enlouqueceram. Eu me retorci ao sentir que era penetrada por mais um dedo, que se movia ao compasso da língua do Vitor. A sutil pressão dos dedos aumentava a tensão deliciosa. Eu queria mais, muito mais. Meus olhos se retorceram, girando nas órbitas, quando a tensão finalmente explodiu. Eu estremeci com todo o êxtase, gemendo, enquanto gozava sob a pressão da língua dele.

Vitor se levantou com um sorriso nos lábios, um sorriso que eu amei por quinze anos e amaria pelos próximos anos, enquanto existisse, e voltou a me beijar.

Ele me segurou pela cintura e me girou, colocando-me de costas para ele. Pegou o meu cabelo, o enrolou e o acomodou sobre um dos meus ombros, deixando as minhas costas e o meu pescoço livres. Senti o calor úmido da sua boca na minha nuca e todo o meu corpo estremeceu ainda mais. Ainda estava em êxtase por ter gozado com o oral dele, mas Vitor tinha razão, havíamos passado muito tempo separados, queríamos mais, precisávamos de mais.

Enquanto recuperava o fôlego, os dedos dele percorriam as minhas costas e suas mãos pararam abertas sobre as minhas nádegas, puxando a minha cintura para ele. Ouvi o som da sua bermuda caindo no chão e a sua ereção roçou em mim. Rebolei nele, pedindo em silêncio, a necessidade já estava ultrapassando a minha vontade de aproveitar o momento. Teríamos outros momentos ao longo da noite para recomeçarmos.

Vitor encostou a glândula na minha abertura e eu arfei, rebolando até que ele me penetrasse. Ele soltou um longo e satisfatório gemido de prazer ao sermos rendidos pela doce fricção. O som e o ritmo do embalo em que meu corpo era levado ao dele era viciante. Com a boca aberta e os olhos revirando,

eu me embrenhava pelo caminho de prazer pelo qual o sexo com o Vitor me levava. Se não fosse pelas nossas filhas, era provável que nós dois não saíssemos do quarto pelos próximos dias.

Ele me puxou e me fez cair de quatro, mas não parou de se mover. Estávamos suando, a nossa pele colava uma na outra, mas a fricção era deliciosa. Vitor se inundou em mim por longos minutos e o prazer foi muito intenso. Ao gozar novamente, eu desmoronei na cama, como se toda a força tivesse sido sugada de mim, mas sentia que aquela não era a última rodada da noite.



VITOR

Capítulo 61

O sol da manhã lutava para entrar pelas pesadas cortinas, mas eu fiquei imóvel, apenas olhando-a dormir. Quinze anos depois, Cíntia ainda parecia a mesma garota com a qual eu começara a namorar. O mesmo cabelo loiro perfumado, a pele macia, e os olhos que faziam com que eu me perdesse todas as vezes que os encarava. Parecia que o tempo nem havia passado; Cíntia ainda era linda ao ponto de me deixar sem ar.

— Bom dia! — Ela abriu os olhos e se revirou na cama. — Eu deveria estar trabalhando. — Se encolheu.

— Depois de tudo o que passamos, você merece tirar o dia hoje para descansar. — Beijei-a na testa.

— Eu amo você.

— Eu também. — Fiz carinho nela.

— Precisamos levantar. As meninas já devem ter acordado.

Olhei para o relógio sobre o móvel de cabeceira e fiz uma careta.

— Só se for a Cecília, porque a Charlotte ainda deve estar dormindo. Para ela acordar, a Dalva quase tem que jogá-la da cama para que vá para escola de manhã.

— Você mimou ela demais.

— Fiz o melhor que pude. — Cruzei os braços. — A toda certinha sempre foi você.

Ela balançou a cabeça em negativa, porém riu logo em seguida.

— Ela é um amor de menina. Mas por que o cabelo preto?

— Ela pintou. Queria que eu lembrasse menos de você. Não deu certo, mas ela gostou da cor.

— Vamos descer. — Cíntia saiu da cama e procurou suas roupas pelo quarto. Lamentei não ver ela de novo em uma das minhas camisas, mas não disse nada.

Descemos para a sala de jantar e, como eu imaginava, as meninas ainda não estavam ali. Sentei-me na cabeceira e Cíntia ao meu lado. Entrelacei meus dedos na mão dela enquanto com a outra pegava uvas da bandeja à minha frente.

Cecília e Charlotte apareceram na entrada da sala e Cíntia e eu nos afastamos quase que por puro reflexo.

— Bom dia, meninas. — Cíntia sorriu para elas enquanto se servia de um copo de suco. — Vocês duas estavam dormindo tão bem ontem que me recusei a acordá-las.

— Dormi bem, mamãe. — Cecília sorriu para ela.

— Está tudo bem? — Cíntia estendeu o braço para abraçá-la.

— Sim, estou bem.

— Se eu tivesse...

— Não se culpe, Cíntia. — Segurei outra vez a mão dela. — A culpa é minha. Se não fosse o meu dinheiro, as meninas estariam seguras.

— Nós vamos ficar bem, papai. — Charlotte sorriu e deu um beijo em mim. — É só arranjar uns *sombras* para a Cecília também.

— Sombras? — Cecília arqueou as sobrancelhas.

— Guarda-costas. — Charlotte deu de ombros.

— Acha isso necessário? — Cíntia me encarou com receio.

— É pela segurança dela, Cíntia.

— Tudo bem. — Ela assentiu.

Cecília não pareceu muito contente com a ideia. Porém, era algo que eu não abriria mão, principalmente após o sequestro.

— O aniversário de vocês duas é daqui a duas semanas. Estava pensando em fazermos uma grande festa. Além dos quinze anos, quero comemorar a volta de vocês para minha vida — mudei de assunto, para que nenhuma das duas tentasse me convencer do contrário a respeito da importância dos seguranças.

— Queria viajar, pai. — Cecília se encolheu, chegando mais perto da mãe, mas eu fiquei contente ao ouvi-la me chamar de pai com tanta facilidade.

— Podemos fazer os dois.

— Sério? — Ela abriu um largo sorriso.

— Sim. — Eu me inclinei na direção dela. — Seria ótimo viajar em família. Afinal, nunca fizemos isso antes.

— Ah, pai, vou adorar!

— Para onde quer ir? — Charlotte pegou um copo de suco e se sentou ao lado da irmã.

— Adoraria conhecer Londres. Parece tão bonito pela televisão. — Os olhos de Cecília brilharam com a possibilidade e fiquei contente de poder realizar um desejo dela.

— Ah, lá é incrível. Você vai adorar. — Charlotte quase pulou da cadeira de empolgação. — Eu amo a terra da rainha. Podemos ir juntas ao *London Eye*, uma das maiores rodas gigantes do mundo. Dá para ver a cidade inteira lá do alto.

— Sim! Tenho muita vontade de ir lá.

— Então, vai ser isso. Depois da festa, vamos viajar. Nós quatro. —
Sorri para as três mulheres da minha vida.

— Obrigada, pai!

Sorri para ela.

Ficamos conversando sobre a festa e a viagem. Cíntia fazia algumas caras feias e me dava cutucões por eu não impor limites as garotas enquanto fantasiavam, mas apenas ri disso. Charlotte sempre teve tudo, não via mal algum em Cecília experimentar um pouco disso.

Na parte da tarde, os garotos apareceram. Mal tinha encontrado a minha filha e o moleque do Bernardo já estava rondando ela. Não imaginava que teria que aceitar dois namorados em um período tão curto de tempo. Porém, fiz a minha melhor cara de paisagem para os dois e tentei não parecer um mala. Tentei.

Eu me afastei para atender um telefonema do Philip, pois, desde a ligação da Charlotte, eu não tinha aparecido na empresa e nem dava notícias. Os negócios da família já haviam sugado tanto de mim por tanto tempo que não vi problema em deixá-los de lado.

— Alô!

— Vitor, tudo bem? Peter me contou sobre a confusão na escola. Parece que o motorista da Charlotte foi balado e um garoto da turma dela desapareceu. Cara, fiquei preocupado, mas você não me atendia.

— Sequestraram a minha filha e o filho do Bernardo Castelli, aquele jogador de futebol, mas agora está tudo bem.

— A Charlotte?! O Peter me disse que estava tudo bem com ela.

— Está tudo bem com a Charlotte, sim. A Cecília foi sequestrada no

lugar da Charlotte.

— Cecília? Que história é essa?

— Parece maluco, eu sei, mas eu tenho gêmeas. A Cecília estava com a Cíntia e as duas acabaram na mesma escola.

— Espera! A Cíntia? A sua Cíntia? — Eu não podia vê-lo, mas tinha certeza de que meu amigo e parceiro de negócios estava pálido.

— Sim, a minha Cíntia! — Não contive o sorriso enquanto olhava para ela sentada no sofá.

Expliquei para ele rapidamente todo o plano ardiloso que o meu pai tinha traçado que manteve a mim e a mulher que eu amava separados por todos aqueles anos.

— Porra, Vitor! Seu pai foi muito filho da puta. Nem sei o que te dizer. Acompanhei de perto todo o seu sofrimento; fico tentando imaginar como você está.

— Eu só quero pensar que ela está comigo agora. Não posso mais voltar e mudar o que aconteceu no nosso passado. Acredite, se fosse possível, eu já teria dado um jeito. Ela está aqui, cara! Vai ser o meu presente e o meu futuro.

— Estou muito feliz por você.

— Obrigado.

— Depois podemos sair eu, a Cristal, e vocês dois.

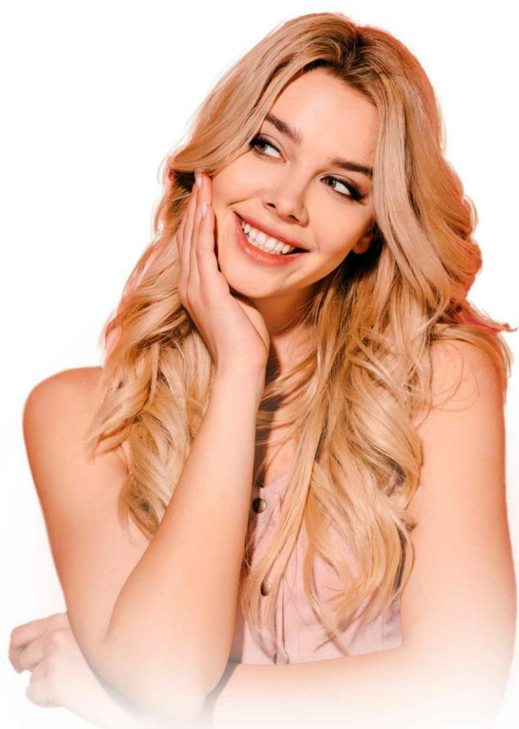
— Claro, marcamos depois.

— Vai ficar com ela. Vocês têm muito tempo perdido para recuperar. Pode deixar que eu cuido das coisas na Alfazema por você; curte a volta da sua esposa e a filha que você não sabia que tinha.

— Obrigado, cara.

— Por nada. Sei que sempre posso contar com você e é bom poder retribuir. Até mais, Vitor. — Ele desligou a chamada.

Fiquei aliviado em saber que o Philip iria cuidar da empresa para mim. Abandonei o meu celular em um canto e fui para o sofá onde a Cíntia estava; só queria recuperar um pouco do tempo perdido.



CÍNTIA

Capítulo 62

— Meninas! — chamei Cecília e Charlotte, assim que elas passaram pelo corredor.

Fiz um gesto com a mão e bati na minha frente para que elas se sentassem na cama também. As duas vieram com o rostinho escondido entre os cabelos, envergonhadas. Eu segurei a mão de cada uma e sorri, demonstrando que não precisavam ter medo.

— Sei que não fui presente na sua vida, Charlotte, mas saiba que darei o melhor de mim para reparar isso.

— Obrigada, mãe! — Ela abriu um sorriso e me abraçou.

— Minha menina... — Afaguei o cabelo pintado de preto dela. — Seu pai me contou que está namorando um colega de escola.

Ela fez que sim, ainda me abraçando e me impediu de ver seu rosto.

— Pelo pouco que vi dele hoje, me parece um bom garoto.

— Ele é, mamãe — foi Cecília quem respondeu. — É meu melhor amigo desde que entrei na escola e gosta muito da Charlotte. Tipo, muito mesmo.

Ri da forma como ela enfatizou as coisas.

— Isso me deixa muito contente, Ceci. E você? O garoto que foi sequestrado junto com você também estava aqui hoje. Estão namorando também?

Coloquei as duas deitadas no meu colo, uma de cada lado de uma forma que pudesse fazer carinho em ambas ao mesmo tempo.

— Nós nos beijamos. Na verdade, ele me beijou. Estamos conversando, paramos de brigar como cão e gato, mas não estamos namorando. Não tipo a Charlotte e o Henry.

Pela carinha da minha filha, que eu já conhecia tão bem, percebi que ela não estava tão confortável com a situação quanto gostaria. Talvez esperasse mais do garoto do que estava recebendo.

— Sabe, meninas, quando eu e o pai de vocês nos conhecemos, também brigávamos como cão e gato. Éramos uma combinação impossível de tão improvável. Mas cada um acabou mudando um pouquinho o outro para que déssemos certo. — Beije a testa de Charlotte depois a de Cecília. — Aqui estamos nós, depois de tudo. Ceci, não se preocupe com isso, se ele tiver de ser seu namorado, será.

Ficamos em silêncio por alguns minutos e quando eu percebi que não iriam falar nada, prossegui.

— Vocês ainda vão fazer quinze anos, têm muito o que descobrir e aprender. Mas só façam o que estejam confortáveis em fazer e nunca deixem ninguém forçar vocês a nada, tudo bem?

Elas assentiram.

— Qualquer pergunta ou sempre que precisarem de mim, eu estarei aqui.

— Obrigada, mamãe. — Elas me abraçaram.

— Agora, vou deixar vocês dormirem porque amanhã tem aula. — Levantei e caminhei até a porta.

— Mamãe? — chamou Charlotte.

— Oi. — Escorei no batente da porta e a encarei.

— Amo você; amo ter você aqui.

Abri um enorme sorriso ao ouvir isso da filha com a qual convivia a menos de uma semana.

— Também amo você, Char. Amo vocês duas. — Saí do quarto e encostei a porta.



As semanas haviam se passado e Vitor não tinha me deixado arrastar os pés para fora daquela casa, a não ser que fosse para trabalhar. Dalva e Joana disputavam espaço para cuidar das meninas, que acabariam mal-acostumadas com tanta atenção, porque eu e o Vitor também não saíamos de cima delas.

Em algum momento, eu senti vontade de voltar para a simplicidade da minha casa. Aquela mansão era ainda pior e me deixava mais oprimida do que o apartamento em que ele morava quando namorávamos. Porém, facilmente fui colocando o meu orgulho de lado para estar perto dele e manter minhas filhas juntas. Poderia não voltar para a minha casa, no entanto, não abriria mão do meu trabalho, porque fora com ele que eu criara Cecília.

Acordei de manhã assim que o despertador tocou e me sentei na cama. O sol ainda estava bem fraco e mal conseguia adentrar as frestas da cortina.

Joguei os cabelos para trás e respirei fundo. Vitor se remexeu na cama e olhou para mim.

— Bom dia, meu amor.

— Bom dia, amor. — Eu me curvei para beijá-lo, quando senti tudo girar.

— Está tudo bem? — Ele viu minha cara pálida quando apoiei minhas costas na cabeceira da cama e se sentou ao meu lado.

— Só um pouco tonta e enjoada; deve ser o calor.

— Mas, meu amor, nem está tão quente. — Vitor me encarou por alguns segundos. — A última vez que me lembro de ver você assim, estava grávida das meninas.

— Não. Eu nem estou atrasada... — Perdi a voz assim que olhei para o relógio sobre a mesa de canto. — Talvez uns dois dias...

— Atrasos são comuns?

— Só atrasei tanto quando estava grávida.

Ele abriu um largo sorriso e se debruçou em cima de mim, beijando a minha barriga.

— Acho que as gêmeas vão gostar de ter um irmãozinho ou irmãzinha.

— Vitor, elas mal descobriram que são irmãs. — Balancei a cabeça em negativa.

— Não quer mais filhos comigo? — Ele torceu os lábios, fazendo careta.

— Não é isso. — Balancei a cabeça em negativa.

— Então, qual o problema?

Engoli em seco ao ser encarada por aqueles tão desafiadores olhos verdes.

— Da última vez em que fiquei grávida...

Ele cobriu meus lábios com os seus, impedindo-me de continuar.

— Dessa vez vai ser diferente, eu juro para você.

Abri um sutil sorriso.

— Eu espero que sim.

— Vamos a outro hospital, com outros médicos. — Vitor saltou da cama. — Vou até a farmácia comprar um teste. Fique bem quietinha aqui.

— Vitor!

Ele saiu porta afora sem dar ouvidos.

Quando Vitor retornou, o resultado positivo no exame não foi uma surpresa para nenhum de nós. Ainda que eu sentisse medo, a felicidade foi inevitável.

— Falando sobre responsabilidade com nossas filhas e cá estou eu, grávida, de novo, e por pura falta de cuidado. — Passei as mãos pelos meus cabelos loiros e me apoiei no batente da porta que levava a suíte do quarto.

— Eu gosto desse tipo de surpresa. — Vitor se ajoelhou diante de mim e beijou a minha barriga.

— Bobo. — Acariciei os cabelos dele. — A festa de aniversário das meninas é daqui a algumas horas, precisamos nos concentrar nisso.

— Por falar em meninas... — Ele se levantou e me puxou pela cintura. — Ainda não conversamos com elas sobre nós dois. Elas são muito espertas, claro que já entenderam que estamos juntos, mas ainda não falamos isso abertamente.

— Estamos juntos, é? — Torci os lábios.

— Cíntia!

Gargalhei e ele me empurrou contra a parede, roubando um beijo.

— Acho que deveríamos dizer a elas que vamos nos casar e fazer uma cerimônia enorme. Para deixar claro para todos que ninguém mais irá separar a gente.

— Não precisamos de uma cerimônia enorme.

— Então isso é um sim?

— Nossos filhos não precisam ser separados outra vez. — Esbocei um sorriso ao acariciar a minha barriga.

Vitor segurou meu rosto entre suas mãos e me beijou intensamente. Derreti no calor dos seus braços enquanto o empurrava até que ele caísse sentado na cama.

— Não quer conversar com as gêmeas antes da festa?

— Elas podem esperar um pouco mais. — Subi no colo dele, aprofundando o beijo.

Não pretendia demorar muito, mas já que estava grávida, queria aproveitar melhor o sexo delicioso com o meu marido. Ele subiu a barra da minha camisola até a minha cintura, no momento em que eu puxava a sua boxer e tirava o seu pênis de dentro dela. Rebolei no colo do Vitor e puxei a minha calcinha, acomodando-o dentro de mim.

Com as mãos sobre os seus ombros, eu subia e descia, sem desviar os meus olhos dos seus. O tempo estava passando e eu já tinha provas o suficiente para perceber que não era mais um sonho.



VITOR

Capítulo 63

— Você parece nervoso. — Cíntia ajeitou a gravata no meu pescoço e deu uns tapinhas no meu ombro.

— Foi como se as meninas tivessem nascido ontem. Mal peguei a Charlotte no colo pela primeira vez e ela já fez quinze anos.

— O tempo passou. — Ela contornou meus olhos com a ponta do dedão, sentindo as pequenas rugas que surgiram ali em algum momento dos últimos quinze anos.

— Sim, passou. — Segurei as mãos dela entre as minhas. — Não quero que meus anos passem mais sem você.

Cíntia sorriu e esticou o pescoço para encostar seus lábios nos meus.

Alguém pigarreou e olhamos para a porta.

— Estão prontos? — A mulher do cerimonial deu uma batidinha na porta já aberta.

Eu e Cíntia nos afastamos e assenti com um movimento de cabeça.

Entrelacei meus dedos aos dela e saímos do cômodo, caminhando em silêncio até a entrada do salão alugado especialmente para a festa das gêmeas. Eu estava visivelmente emocionado, ainda que tentasse manter a minha postura. As minhas filhas, minhas meninas, já não eram mais tão meninas assim.

Fomos levados pela mulher do cerimonial até a mesa da família. O lugar estava lindo e muito bem decorado, variando em tons de roxo e rosa. Era uma festa para um número menor de convidados com o qual estava acostumado,

mas fora um bom meio termo entre os gostos da Cecília, da Charlotte, e da Cíntia.

Olhei para o fogo que trepidava nas velas no arranjo sobre a mesa, quando voltei a sentir um certo frio na barriga.

— Vitor, Cíntia?

Virei assim que ouvi a voz familiar.

— Renato! — Sorri ao ver meu velho amigo de faculdade.

— *Qualé*, irmão? — Ele me puxou e me deu um abraço apertado.

Havia muitos anos que eu não o via. Depois de ter me mudado para Chicago, Renato continuou na universidade e se formou como advogado. Assim como Beatriz, que estava ao seu lado. Eles haviam se casado alguns anos depois, quando acabaram indo trabalhar na mesma firma de advocacia.

— Todos nós sofremos muito quando achávamos que estava morta. — Beatriz abraçou Cíntia apertado.

— Foi apenas um terrível engano. — Cíntia abriu um sorriso amarelo diante do seu eufemismo com a situação que passamos.

— Que bom, senti sua falta, amiga!

— Gêmeas? — Renato finalmente me libertou do seu abraço de urso. — Quem diria! Você não brinca mesmo em serviço, não é?

Apenas sorri para ele.

— Elas são lindas, Cíntia.

— Obrigada, Bia.

Assim que as meninas apareceram no topo das duas escadas, uma em cada lateral do salão, eu fiquei em silêncio, paralisado. Eram as minhas princesas e estavam vestidas de acordo. Um feixe de luz foi jogado na

direção de cada uma, elas piscaram e depois começaram a sorrir. Elas brilhavam, ou talvez fosse a minha felicidade que as fazia parecer assim.

Cíntia entrelaçou seus dedos aos meus enquanto observávamos nossas filhas, emocionados.

Os namoradinhos delas, sim, namorados... Confesso que era mais difícil não sentir ciúmes do que eu imaginava, saíram da multidão de convidados, vestidos como príncipes, arrancando gritinhos e suspiros das outras meninas e foram até as minhas filhas. Entregaram um buquê de flores para cada uma e elas abriram um largo sorriso, felizes. Eu entendi que enquanto eles fizessem as minhas garotas felizes, não havia motivos para me impor. Jamais faria com elas o que meu pai fez a mim e a Cíntia.

— Vitor! — O pai de Cíntia apareceu ao meu lado.

— Geraldo. — Estendi a minha mão para ele, contudo, para a minha surpresa, ele me puxou e me deu um abraço.

— Cíntia me contou o que aconteceu. Sinto muito por todo mal que vocês sofreram. Fico feliz que tenham se reencontrado a tempo de reparar um pouco disso.

— Agradeço ao senhor. Infelizmente, não tive um pai como o senhor.

— Estarei aqui pelos próximos anos, se Deus quiser.

— Obrigado!

— Vamos. — A cerimonialista nos chamou para a valsa com as meninas.

Seguimos elas em silêncio. Parei ao lado de Cecília e Geraldo ao lado da nova netinha, Charlotte.

Assim que Caio a girou, eu segurei Cecília e começamos a dançar. Eu a encarava com a mão em sua cintura e ela me encarava de volta.

— Está linda, filha!

— Você também está, papai.

— Estou muito feliz por ter você e sua mãe de volta na minha vida. Nunca mais vou perdê-las de novo.

Sim, não havia nada no mundo que me fizesse mais feliz do que Cíntia e as duas filhas que ela me deu. Ter as três na minha vida fez com que, finalmente, eu me sentisse completo.

Após alguns minutos de dança, sendo observados por todos e sob as luzes do salão, entreguei Cecília ao avô e peguei Charlotte pela mão.

— Oi, minha menina.

— Papai! — Ela parou de dançar por alguns segundos e me abraçou apertado.

— Ainda me recuso a admitir que você cresceu.

— Ah, não começa! — Ela fez bico em meio a dança.

Eu ri.

— Sabe o quanto eu amo você, não é?

— Sim, papai, eu também te amo.

Dei um beijo na testa dela e me afastei, assim que o namoradinho cutucou meu ombro.

— Estou de olho em você — ameacei em meio a uma risada.

Cíntia esperava por mim parada ao lado da pista de dança. A puxei pela mão e a trouxe para bem perto. Começamos a dançar enquanto nossas filhas dançavam com os namorados.

— Eu estou muito feliz. — Cíntia ergueu os olhos, encontrando os meus.

— Não só você.

Assim que a valsa foi substituída por uma música eletrônica, puxei Cíntia de volta para a mesa onde fomos colocados. Fiz um sinal de mão para uma das cerimonialistas e pedi para que trouxessem minhas filhas até nós.

— Vamos falar para elas agora? — Cíntia apertou meu ombro, tensa.

— Sim. — Tirei um anel do bolso e entreguei a ela. — Os médicos me entregaram isso quando me disseram que você estava morta. É seu.

— Meu anel de noivado! — Os olhos dela se encheram de lágrimas enquanto eu segurava a sua mão trêmula e colocava de volta algo que nunca deveria ter saído dali.

Fiquei de mãos dadas com ela até que nossas filhas se sentassem na mesa.

— Meninas, temos duas notícias — começou Cíntia, com um sorriso no rosto.

— Quais? — Charlotte se inclinou em nossa direção, curiosa.

— Nós vamos nos casar. — Beije a mão de Cíntia onde acabara de colocar o anel de volta.

— Finalmente! — Elas disseram juntas, e eu e Cíntia rimos.

— Tem mais uma coisa. — Ela segurou a mão de nossas filhas. — Vocês duas vão ter um irmãozinho.

— Ou uma irmãzinha — corrigi.

— Vocês estão falando sério? — Charlotte ficou boquiaberta.

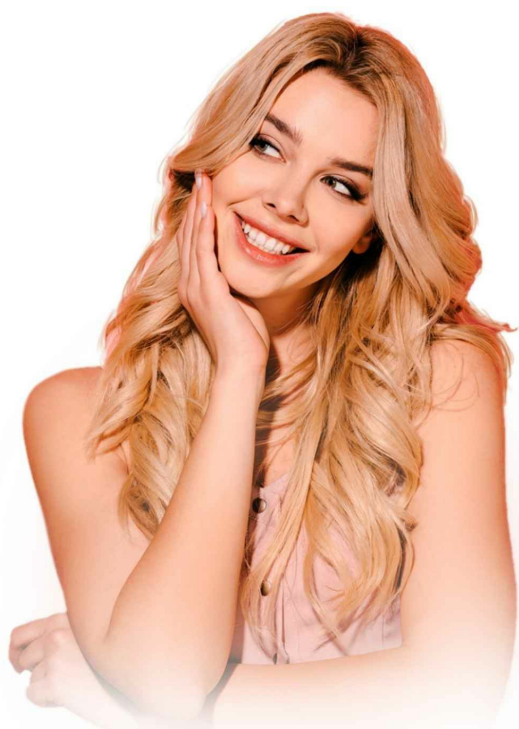
— Sim. — Cíntia se encolheu, surpresa com a atitude de Charlotte. — Descobrimos hoje de manhã.

— Vai ser incrível!

Charlotte sorriu e Cíntia respirou aliviada.

Estendi os braços e abracei as três. Nunca mais deixaria que fossem tiradas de mim.

— Ninguém mais vai nos separar. Seremos sempre uma família...



CÍNTIA

Capítulo 64

senti minhas pernas tremerem no momento em que as portas da igreja foram abertas. Ajeitei meu braço no do meu pai e dei um passo para o tapete vermelho. Olhei no rosto de cada um dos convidados, que se apinhavam nos longos bancos de madeira, além dos enfeites e flores. Então, olhei para frente e meu coração parou...

Vitor estava de pé ao lado do padre, olhando para mim. Por quinze anos, achei que nunca viveria aquela cena, mas ali estava eu, ali estava ele. Por mais que já fôssemos casados no civil, aquilo era como se começássemos outra vez.

Minha barriga já começava a aparecer no vestido, por mais que eu estivesse apenas com poucos meses de gravidez. A certeza agora ninguém tirava de mim, eram gêmeos, outra vez, e, ao contrário das irmãs, eles seriam criados juntos.

Por mais que eu estivesse trêmula dos pés à cabeça, a certeza de que amava Vitor me manteve de pé e me levou até o altar.

Meu pai me entregou ao Vitor e trocou um aperto de mão caloroso com ele.

Para sempre, Vitor moveu os lábios em uma inaudível promessa enquanto nos ajoelhávamos diante do altar e as gêmeas traziam as nossas alianças.



VITOR

Epílogo

— Calma, Cíntia, respira! — Ajudei minha esposa a se sentar no carro enquanto as meninas jogavam as coisas no banco de trás.

— Vai ficar tudo bem, mãe! — Cecília segurou as mãos dela.

— É, logo vai trazer nossos irmãos pra casa — completou Charlotte.

— Comportem-se, meninas! — Entrei no carro e bati a porta. Demonstrei mais a minha aflição do que gostaria.

Cíntia respirava fundo ao meu lado a cada contração. Sai da garagem da mansão e dirigi numa mescla de cautela e pressa até um hospital, mais longe, porém, sem qualquer influência da administração que separou nós dois. Por mais que eu não tivesse descansado até que cada um dos médicos tivesse sua licença caçada, nunca mais voltaria a confiar naquele lugar.

Parei em uma vaga reservada, dei a volta e peguei Cíntia nos braços. Duas enfermeiras vieram empurrando uma cadeira e ajeitamos Cíntia nela.

Eu ouvia o ranger das rodas de metal pelos corredores com piso de porcelanato enquanto não tirava minhas mãos dos ombros de Cíntia. Ela não parava de acariciar a barriga, que estava enorme.

Entramos na sala de parto onde a equipe médica já esperava por nós. Coloquei uma touca e uma capa sobre a minha roupa, sem ousar arredar o pé de perto dela.

As enfermeiras prepararam Cíntia e a colocaram sobre a mesa de parto.

Fiquei ao lado dela, sentindo seus dedos gelados grudarem nos meus com mais força a cada contração.

Os médicos vieram com a anestesia e ela se retorceu.

— Não sai do meu lado. — Apertou com força meus dedos antes de apagar.

— Nunca mais. — A beijei.

Eu assisti todo o parto; não soltei a mão dela por um único instante e a equipe médica não se atreveu a tentar me tirar de perto da minha esposa. Eu vi nossos filhos nascerem de cesariana, os dois.

Depois de todos os procedimentos, eles seguiram para o berçário e a Cíntia foi levada para um quarto. Ela estava inconsciente, mas quando abriu os olhos, horas depois, eu estava sentado em uma poltrona ao lado da sua cama.

— Vitor! — Seu tom de voz externava o seu cansaço, mas um longo sorriso tomou conta dos seus lábios.

— Estou aqui, meu amor. — Segurei suas mãos entre as minhas e a beijei. — Vou estar aqui sempre.

Ela suspirou e eu fiquei fazendo carinho nela até que a enfermeira veio trazendo os nossos gêmeos para que eles fossem amamentados pela primeira vez. Mais tarde, naquele mesmo dia, o motorista trouxe as meninas para que pudessem nos visitar e conhecer os irmãos.

Eu me afastei um pouco da cama e contemplei a cena da Cíntia com os nossos quatro filhos, as meninas e os recém-nascidos. Por muito tempo eu amaldiçoei o destino; acreditava que a culpa era dele por ter tirado a Cíntia de mim, mas, naquele momento, eu estava grato, pois ele havia trazido a razão da minha felicidade de volta para que ela nunca mais ficasse longe de mim.

Fim!

A série infanto juvenil das filhas

Jéssica Macedo

'OUTRO LADO' de mim

E SE A GAROTA
MAIS CHATA DA
ESCOLA TIVESSE A
SUA CARA?



Jéssica
"OUTRO
de

Macedo
"LADO"
mim

LIVRO 2

CONFUSÕES NA TERRA
DA RAINHA



Sobre a autora

Jéssica Macedo é mineira de 24 anos, mora em Belo Horizonte com o marido e três gatos, suas paixões. Jéssica escreve desde os 9 anos, e publicou seu primeiro livro aos 14 anos. Começou na fantasia, mas hoje escreve diversos gêneros, entre romance de época, contemporâneo, infanto juvenil, policial, e ficção científica. Com mais de trinta livros publicados, é escritora, editora, *designer* e cineasta. Tem ideias que não param de surgir, e novos projetos não faltam.

Acompanhe mais informações sobre outros livros da autora nas redes sociais.

Facebook - www.facebook.com/autorajessicamacedo/

Instagram - www.instagram.com/autorajessicamacedo/

Página da autora na Amazon - <https://amzn.to/2MevtwY>



  autorajessicamacedo

Outras obras

A Virgem e o Cafajeste (Im)perfeito (Minha Redenção Livro 1)



link => <https://amzn.to/3dDdHi2>

Sinopse:

William e Elizabeth são completos opostos, mas cresceram juntos e se tornaram inseparáveis.

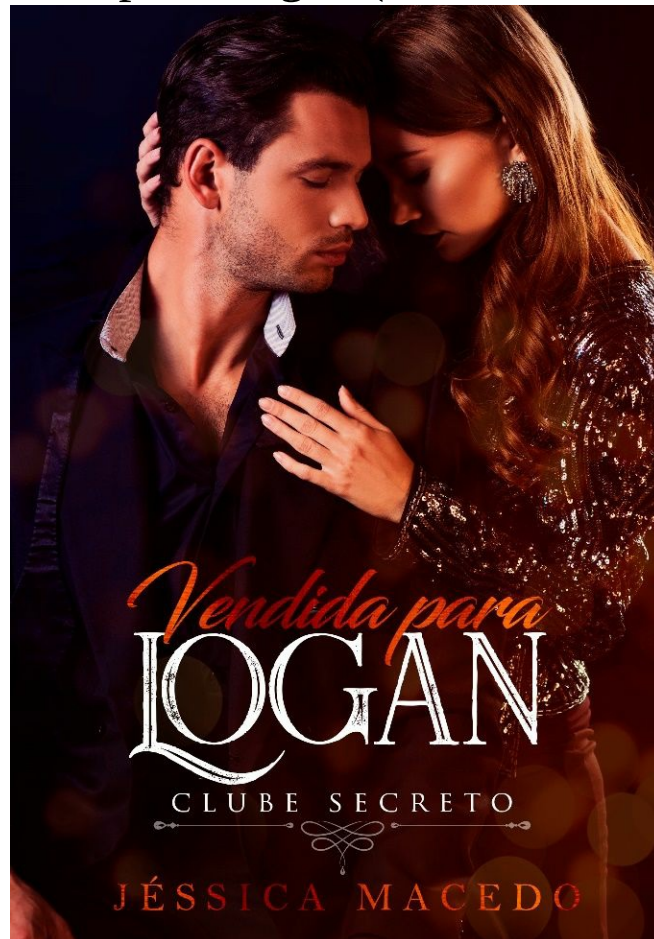
Ele é um *playboy* rico que sempre teve tudo o que quis e está assumindo os negócios da família, ficando à frente de uma rede de hotéis de luxo. Ela, uma moça humilde, filha dos empregados, e apaixonada por história, vive de seus ganhos em uma pequena loja de antiguidades.

Uma amizade forte entre uma virgem, que espera encontrar o homem dos sonhos, e um cafajeste com incontáveis conquistas. Porém, a relação deles está prestes a mudar quando Elizabeth sofre uma decepção ao ver o noivado perfeito da sua melhor amiga acabar e percebe que esse homem idealizado, pelo qual tanto esperou, pode não existir. Decidida a

curtir a vida de um jeito que não fazia antes, percebe que precisa fazer algo primeiro: perder a virgindade.

Elizabeth vai ver no seu melhor amigo o cafajeste perfeito para a sua primeira noite de sexo casual. Preocupado com a amizade, William a faz prometer que a transa não mudaria a relação deles, mas será que vão conseguir cumprir a promessa de continuarem melhores amigos?

Vendida para Logan (Clube Secreto)



link => <https://amzn.to/3fxXI6J>

Sinopse:

Logan Mackenzie é o herdeiro de um império secular que rege com maestria. No entanto, por trás do excêntrico e recluso homem de negócios, que vive em um isolado castelo no interior da Escócia, há muitos segredos e desejos obscuros. Ele não se rende a uma única mulher, tem várias, e com elas explora a sexualidade ao máximo.

Um convite inesperado o levará ao exclusivo Clube Secreto, um lugar onde todos os pecados podem ser comprados. O que não imaginava era que se depararia com um leilão de mulheres. Logan nunca foi uma alma caridosa, mas até os mais egoístas vivem um momento de altruísmo. Ele decide salvar uma delas, e por tê-la comprado tem direito a tudo, inclusive a libertá-la.

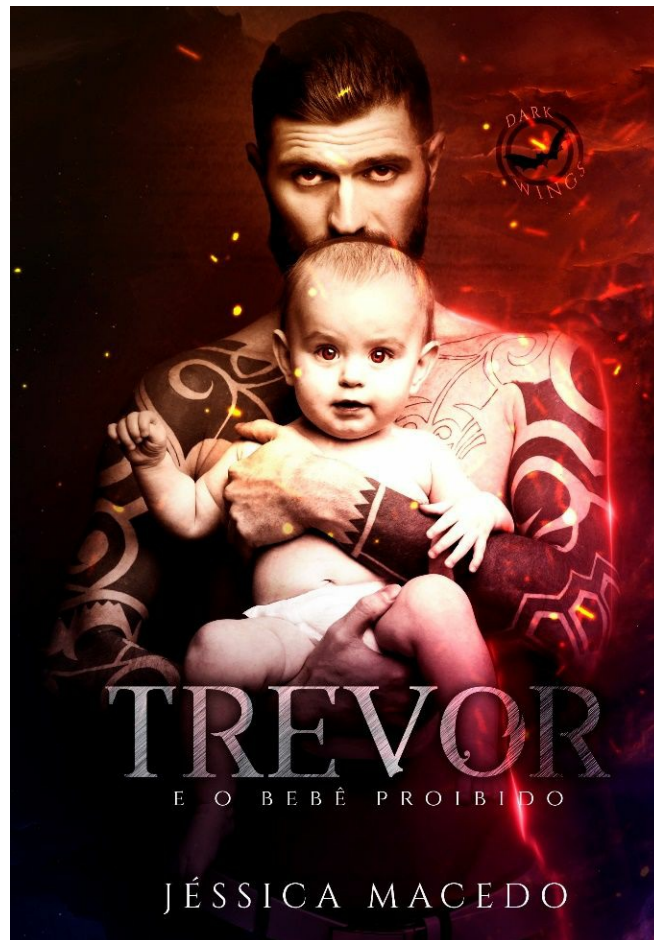
Camila já havia experimentado o medo nas suas piores formas. Lançada a um terrível destino, não esperava acordar no jato particular de um milionário a caminho do nada.

Ele já havia feito a sua cota de boa ação, só esperava que ela fosse embora, mas o que se fazer quando Camila se recusa, pois não há para onde ir? O lar que ela tinha havia se transformado em pesadelo e aquele que imaginou que cuidaria dela, roubou sua inocência e a vendeu para o tráfico humano.

Logan não queria protegê-la, não estava disposto a baixar seus muros por mulher nenhuma. Porém, enquanto ele a afasta, Camila descobre o lado mais obscuro daquele homem frio, mas também vai perceber que existe uma chama que pode salvar ambos.

ATENÇÃO! Essa história contém cenas impróprias para menores de dezoito anos. Contém gatilhos, palavras de baixo calão e conduta inadequada de personagens.

Trevor: e o bebê proibido (Dark Wings Livro 1)



link => <https://amzn.to/2YPhhAw>

Sinopse:

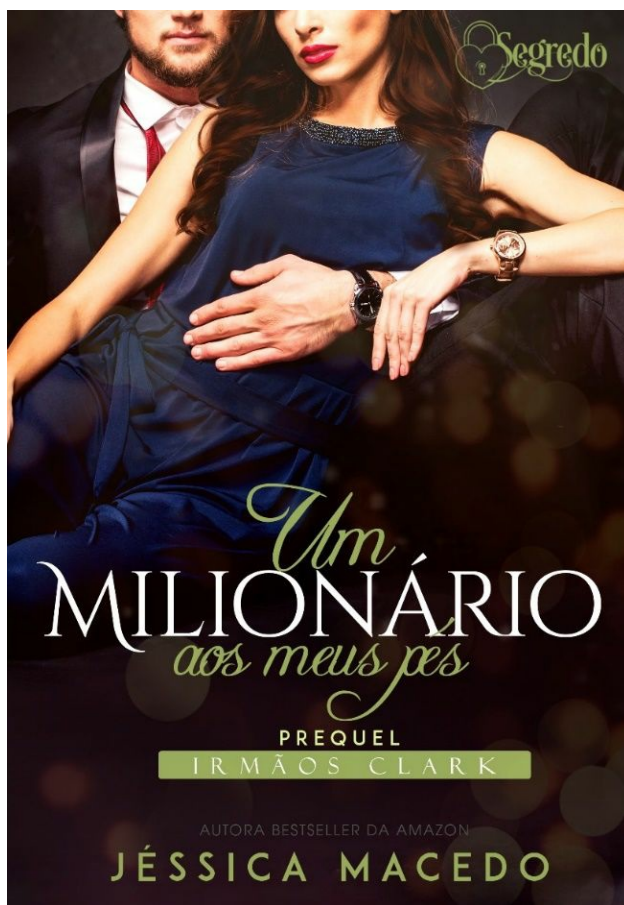
Diana era o motivo de orgulho para os seus pais adotivos. Esforçada, estudiosa, cursava medicina, com um futuro muito promissor, mas um convite para visitar o Inferno vai mudar tudo.

O Inferno era apenas um bar pertencente a um moto clube, ao menos era a imagem que passava a quem não o frequentava. Porém, ele era uma porta para o submundo, um lugar de renegados, como Trevor. Um dos irmãos que lidera o Dark Wings é a própria escuridão, nascido das trevas e para as trevas, que acabará no caminho de Diana, mudando a vida da jovem para sempre.

Uma virgem inocente que foi seduzida pelas trevas...

Uma noite nos braços do mal na sua forma mais sedutora, vai gerar uma criança incomum e temida, além trazer à tona um passado que Diana desconhecia, e pessoas dispostas a tudo para ferir seu bebê.

Um milionário aos meus pés (Irmãos Clark Livro 0)



link => <https://amzn.to/2WcewsR>

Sinopse:

Harrison Clark abriu uma concessionária de carros de luxo em Miami. Se tornou milionário, figurando na lista dos homens mais ricos do Estados Unidos. O CEO da Golden Motors possui mais do que carros de luxo ao seu dispor, tem mulheres e sexo quando assim deseja. Porém, a única coisa que realmente amava, era o irmão gêmeo arrancado dele em um terrível acidente.

Laura Vieira perdeu os pais quando ainda era muito jovem e foi morar com a avó, que acabou sendo tirada dela também. Sozinha, ela se viu impulsionada a seguir seus sonhos e partiu para a aventura mais insana e perigosa da sua vida: ir morar nos Estados Unidos. No entanto, entrar ilegalmente é muito mais perigoso do que ela imaginava e, para recomeçar,

Laura viveu momentos de verdadeiro terror nas mãos de coiotes.

Chegando em Miami, na companhia de uma amiga que fez durante a travessia, Laura vai trabalhar em uma mansão como faxineira, e o destino fará com que ela cruze com o milionário sedutor. Porém, Harrison vai descobrir que ela não é tão fácil de conquistar quanto as demais mulheres com quem se envolveu. Antes de poder tirar a virgindade dela, vai ter que entregar o seu coração.

Quando a brasileira, ilegal nos Estados Unidos, começa a viver um conto de fadas, tudo pode acabar num piscar de olhos, pois nem todos torciam a favor da sua felicidade.

Uma virgem para o CEO (Irmãos Clark Livro 1)



link => <https://amzn.to/2vYccvj>

Sinopse:

Dean Clark nasceu em meio ao luxo e o glamour de Miami. Transformou a concessionária de carros importados que herdou do pai em um verdadeiro império. Ele é um CEO milionário que tem o que quer, quando quer, principalmente sexo. Sua vida é uma eterna festa, mas sua mãe está determinada a torná-lo um homem melhor.

Angel Menezes é uma moça pacata e sonhadora que vive com a mãe em um bairro de imigrantes. Trabalhando como auxiliar em um hospital, sonha em conseguir pagar, um dia, a faculdade de medicina. As coisas na vida dela nunca foram fáceis. Seu pai morreu quando ela ainda não tinha vindo ao mundo, e a mãe, uma imigrante venezuelana, teve que criá-la sozinha. Porém, sempre puderam contar com uma amiga brasileira da mãe, que teve

um destino diferente ao se casar com um milionário.

Laura mudou de vida, mas nunca deixou para trás a amiga e faz de tudo para ajudar a ela e a filha. Acredita que Angel, uma moça simples, virgem, e onze anos mais jovem, é a melhor escolha para o seu filho arrogante e cafajeste, entretanto, tudo o que está prestes a fazer é colocar uma ovelhinha ingênua na toca de um lobo.

Dean vai enxergar Angel como um desafio, ele quer mais uma mulher em sua cama e provar que ela não é virgem. No jogo para seduzi-la, ganhará um coração apaixonado que não está pronto para cuidar...

Será que o cafajeste dentro dele se redimirá ou ele só destruirá mais uma mulher?

Uma noiva falsa para o popstar (Irmãos Clark Livro 2)



link => <https://amzn.to/3cgPYnU>

Sinopse:

Dylan Clark sempre teve o mundo aos seus pés. Dono de uma voz cativante e um carisma ímpar, ele é um astro do pop famoso mundialmente, com uma legião de fãs apaixonadas. Lindo, sexy e milionário, ele tem uma lista interminável de conquistas. Entretanto, seu estilo de vida cafajeste está ameaçado pelo noivado do seu irmão gêmeo.

Caroline Evans é determinada e uma profissional impecável. Viaja o mundo como parte da equipe do astro do pop. Produtora, ela cuida para que tudo corra bem durante as turnês, mas Dylan, o estilo de vida dele e sua personalidade egocêntrica, talham o seu sangue e a tiram do sério.

Com o casamento do seu irmão, Dean, Dylan sabe que sua mãe tentará fazer o mesmo com ele, mas não quer abrir mão da vida que leva. Acha que a melhor solução é dar a mãe

o que ela quer, um noivado. A primeira mulher que vem a sua mente é Caroline, ninguém o conhece melhor do que ela e é a candidata perfeita para convencer sua mãe da farsa.

Será que o cafajeste vai ser livrar de um casamento ou cair na própria armadilha?

Um canalha para a estrela (Irmãos Clark Livro 3)



link => <https://amzn.to/2KXKrGW>

Sinopse:

Daphne Clark é uma aclamada atriz de Hollywood que nasceu em berço de ouro e tem tudo a um estalar de dedos: dinheiro, luxo e glamour, exceto um grande amor. As relações a sua volta são superficiais, prezam muito mais pelo que ela tem do que pelo que é. Imersa em um mundo onde apenas as aparências importam, ela só viveu relacionamentos vazios. Vendo seus irmãos casados e apaixonados, pensa que o seu dia nunca vai chegar.

Adan Watson já acreditou no amor, mas não acredita mais. O magnata, dono de uma destilaria de uísque e um hotel de luxo, foi traído, abandonado e fechou seu coração para sempre. Sua vida se resumiu a dinheiro e sexo. Seu único motivo de felicidade é o filho de seis anos.

O destino fará com que a vida dos dois se cruze. A estrela vai se hospedar no hotel do canalha para as gravações de um filme. Em meio a uma relação explosiva, podem descobrir

que são exatamente o que o outro precisa, mas fantasmas do passado podem voltar e por tudo a prova.

Será que Daphne está pronta para brigar pelo amor de verdade ou o deixará ir?

Meu primeiro amor é o meu chefe



link => <https://amzn.to/3cBvEys>

Sinopse:

Jeniffer nunca acreditou no destino, mas ele parece sempre unir ela ao Leonardo...

Depois de tê-lo conhecido na escola quando ainda eram adolescentes, tê-lo desprezado e visto tudo desmoronar quando finalmente confessou seus sentimentos a ele, Jeniffer achou que nunca mais voltaria a vê-lo. Contudo, o destino gostava de juntar os dois.

Ao começar a trabalhar em um grande projeto, Jennifer se depara com o chefe que menos esperava: o primeiro homem que ganhou seu coração e que não via há mais de uma década. Entretanto, muitas coisas aconteceram nesses anos longe um do outro.

Será que ainda há amor entre eles ou já seguiram em frente?

E se... Ele fosse real?



link => <https://amzn.to/39B03LT>

Sinopse:

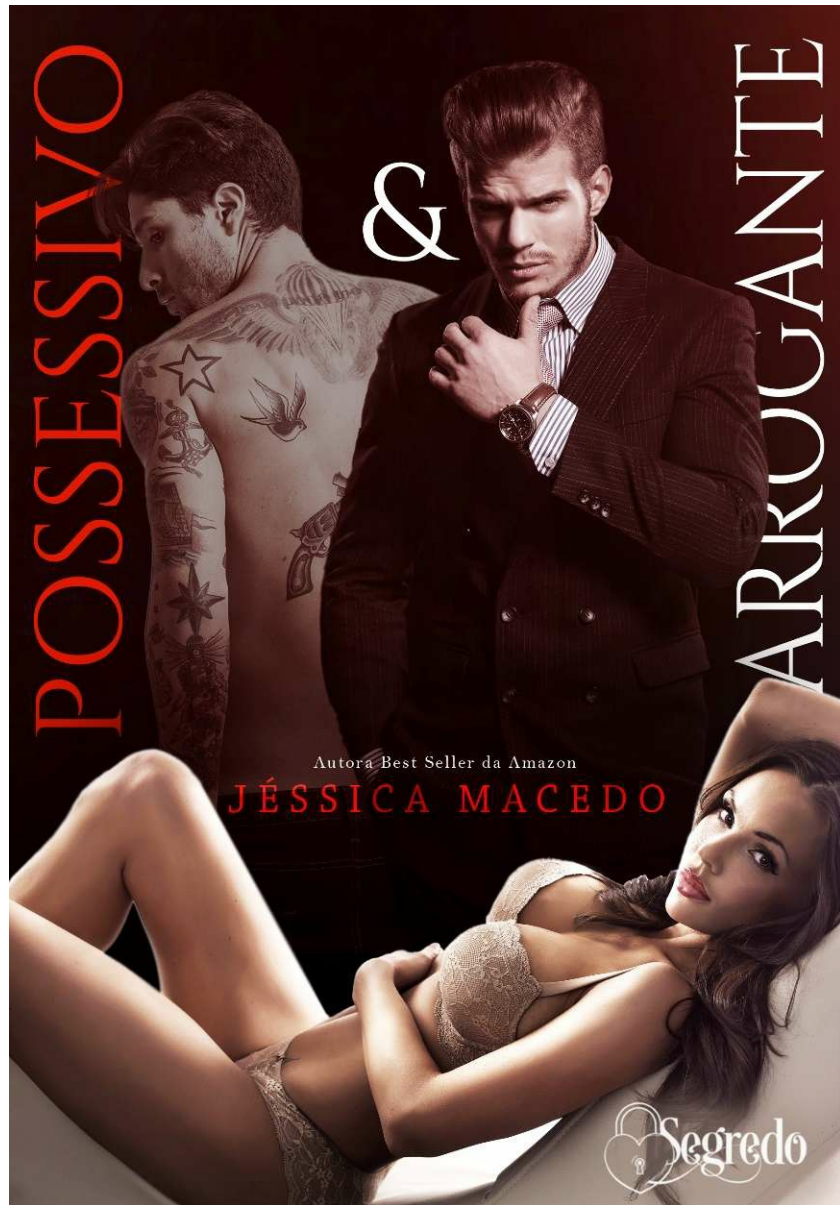
Kalina Richter é uma aclamada escritora de romances, mas seus próprios relacionamentos não tiveram tanto sucesso. Divorciada e com uma filha, sua maior paixão, focou apenas nos livros, nos quais os homens podiam ser "perfeitos". Quando um dos seus livros se torna filme, tudo pode mudar.

Jake Montagu é um herdeiro inglês que desistiu de tudo para se tornar galã de Hollywood e vê no filme "Paixão Avassaladora" a oportunidade de se tornar um grande astro. Está determinado a fazer desse o seu maior papel.

Com jeito de lorde inglês, cavalheirismo e charme, Kalina pode acabar se deparando

com o "homem dos seus sonhos" de carne e osso.

Possessivo & Arrogante



link => <https://amzn.to/2uaNx5L>

Sinopse:

Atenção: Esta é uma obra de ficção imprópria para menores de 18 anos. Pode conter gatilhos, incluindo conteúdo sexual gráfico, agressão física e linguagem imprópria. Não leia se não se sente

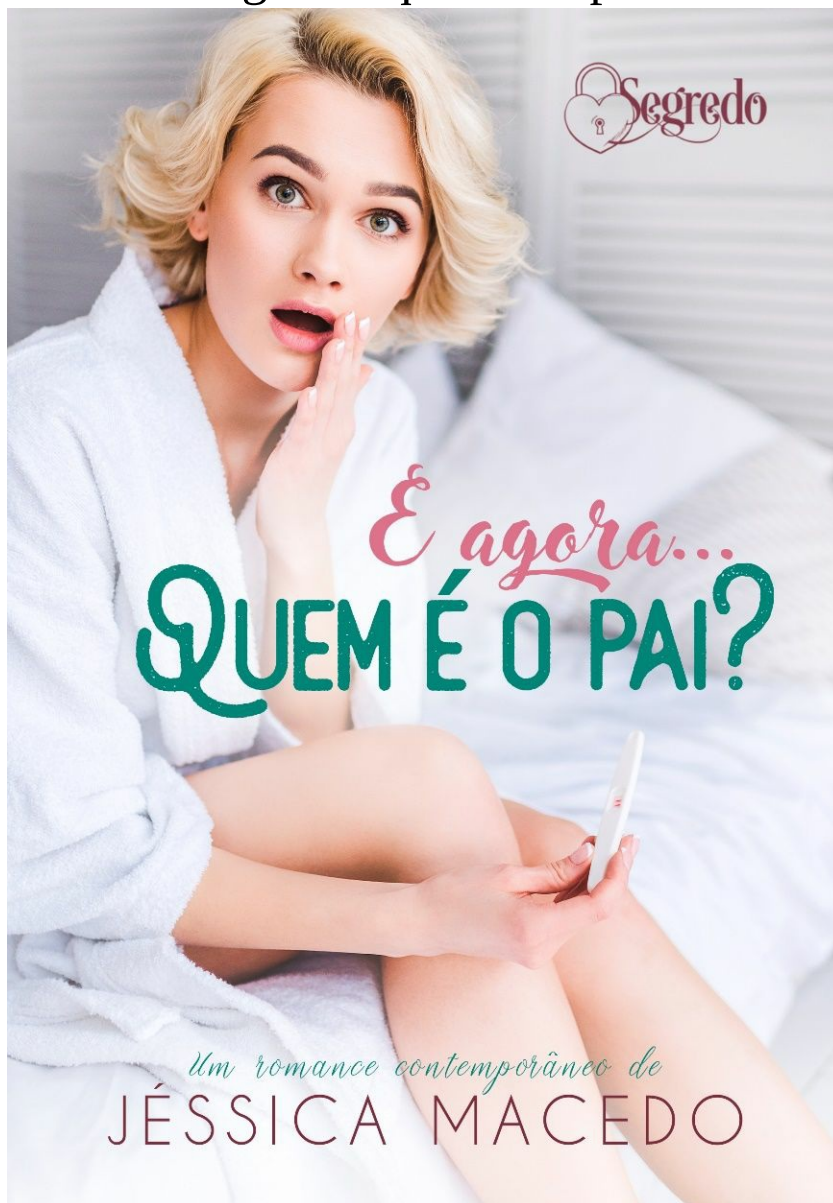
confortável com isso.

"Entre a cruz e a espada." Esse ditado nunca fez tanto sentido para Vânia.

Uma mulher brilhante, uma advogada admirável, mãe de um adorável bebê, mas que não consegue se livrar de um relacionamento abusivo com o pai da criança. Entretanto, a vida está prestes a brincar com o seu destino.

Um caso polêmico a levará a defender o CEO Franklin Martins, um homem arrogante, excêntrico e extremamente sexy... Suas próprias feridas farão com que ela duvide da inocência dele, contudo, haverá provas irrefutáveis e uma atração quase explosiva. Porém, qualquer envolvimento entre os dois pode colocar a vida de ambos em risco.

E agora... quem é o pai?



link => <https://amzn.to/322G7gz>

Sinopse:

Quantas burrices você pode fazer quando tá muito triste depois que pegou seu futuro marido transando com uma aluna dele?

Cortar o cabelo, comer uma panela de brigadeiro sozinha, torrar o limite do cartão de crédito no shopping com as amigas... Eu fiz a maior besteira de todas! Transei com meu melhor amigo e um tempo depois eu descobri que estava grávida. Agora não sei se é dele ou do ex babaca.

Esse filho é meu!



link => <https://amzn.to/2pqvB4U>

Sinopse:

Ter um filho sempre foi um sonho para mim, mas não significava que eu precisava de um homem para isso. Decidi que teria meu bebê sozinha, produção independente, mas eis que um cara bonito e rico cisma de sacanear a vida de uma mulher bem-sucedida e cheia de si. Foi exatamente o que pensei quando aquele sujeito arrogante decidiu que tinha qualquer direito sobre o meu filho. Ele não deveria passar de um doador de esperma, mas ao que parece, a clínica que fez a minha inseminação artificial usou uma amostra que não deveria,

e um juiz sem noção determinou uma guarda compartilhada. Terei que conviver com ele como "pai" do meu filho, até conseguir reverter essa situação insana.

Minha bebê coreana



link => <https://amzn.to/34qjdQW>

Sinopse:

Minha viagem para a Coreia não deveria passar de uma experiência cultural e artística, mas ela mudou a minha vida inteira.

Como artista plástica, eu sempre me encantei pelas cores e formas do oriente, mas isso não foi a única coisa que me seduziu por lá. Conheci o Kim Ji Won, um médico gentil que evitou vários micos meus pela diferença de cultura. Ou, pelo menos, tentou... Passamos algumas noites juntos e, como toda viagem tem um fim, voltei para o Brasil. Só que, ao chegar aqui, descobri que estava grávida e não contei para o pai do outro lado do mundo.

Um CEO enfeitiçado



link => <https://goo.gl/HX62bL>

Sinopse:

Ela é uma mulher determinada, que tem um único objetivo: tê-lo aos seus pés.

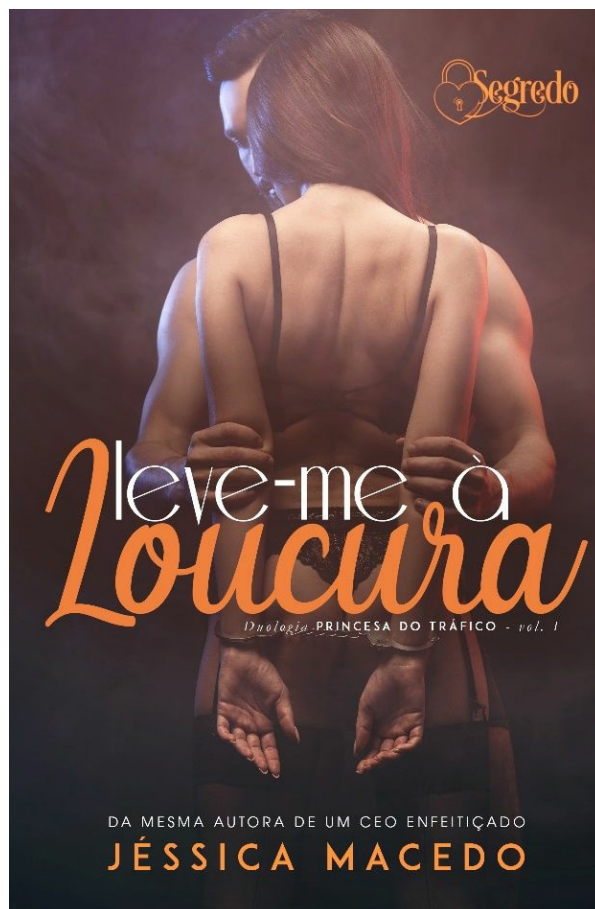
Marcus Werner é o CEO de uma grande empresa de games. Dono de uma beleza sedutora e carisma ímpar, é o homem perfeito para as pretensões de Melissa, que está disposta a fazer de tudo para tê-lo.

Trabalhando como recepcionista na empresa, nunca foi notada até que consegue ir a uma festa e ter uma chance de ficar a sós com Marcus. A química entre eles é intensa e evidente. Melissa estava certa de uma ligação no dia seguinte, mas isso não aconteceu...

Chateada por tudo apontar para apenas o caso de uma noite, ela se vê desesperada e encontra em um cartaz na rua a única solução para tê-lo aos seus pés.

E a ligação acontece...

Leve-me à loucura



Lucas sempre foi um policial exemplar, em todas as áreas, mas ele nunca imaginou que a sua beleza e charme um dia seriam usados como arma.

Trabalhando para a narcóticos na luta constante contra o tráfico em São Paulo, ele receberá uma missão um tanto inusitada: se infiltrar entre os bandidos para seduzir e conquistar a princesa do tráfico, filha de um dos maiores líderes de facção criminosa no país.

Era simples, pegue, não se apegue e extraia as informações necessárias para prender todos os bandidos, porém em jogos que envolvem o coração as coisas nunca saem como esperado e Patrícia o levará à loucura.

[Clique aqui...](#)

Jéssica Macedo possui vários outros títulos na Amazon, confira!

[Clique aqui](#)